UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara

CARLITOS MACA

AS INFLUÊNCIAS LÉXICO-SEMÂNTICAS DAS LÍNGUAS ÉTNICAS E DO CRIOULO GUINEENSE NO PORTUGUÊS FALADO PELOS DOCENTES DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU: O CASO DE "TCHICO TÉ"

Araraquara

2026

CARLITOS MACA

AS INFLUÊNCIAS LÉXICO-SEMÂNTICAS DAS LÍNGUAS ÉTNICAS E DO CRIOULO GUINEENSE NO PORTUGUÊS FALADO PELOS DOCENTES DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU: O CASO DE "TCHICO TÉ"

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Teoria, Descrição e Análise de Línguas Naturais.

Orientador(a): Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa

Fomento: CAPES - PROPG

Araraquara

2026

M113i

Maca, Carlitos

As influências léxico-semânticas das línguas étnicas e do crioulo guineense no português falado pelos docentes da Escola Superior de Educação da Guiné-Bissau : O caso de "Tchico Té" / Carlitos Maca. -- Araraquara, 2026

171 p. : il., tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Juliana Bertucci Barbosa

1. Diversidade linguística. 2. Guiné-Bissau. 3. Português. 4. Contato linguístico. 5. Variação léxico-semânticas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A presente investigação possui impacto social relevante, especialmente no que tange à promoção de uma educação linguística mais inclusiva e sensível à diversidade cultural e linguística da Guiné-Bissau. Ao analisar as influências léxico-semânticas das línguas étnicas e do crioulo guineense no português falado pelos docentes da Escola Superior de Educação da Guiné-Bissau, enquanto classe letrada, este estudo revela a confluência dessa variedade do português com as línguas locais e outras línguas presentes no país — o que pode favorecer, futuramente, a adoção de materiais pedagógicos adequados às realidades multilíngues e multiculturais, bem como a promoção de um ensino inclusivo e contextualizado. O levantamento e o reconhecimento dessas características não apenas ampliam a compreensão acadêmica sobre as particularidades dessa variedade linguística, como também oferecem subsídios práticos para professores e instituições de ensino, considerando as realidades sociolinguísticas do país, permitindo, assim, o desenvolvimento de estratégias e práticas pedagógicas alinhadas às vivências sociais guineenses. Dessa forma, a pesquisa contribui para a construção de um *corpus* de falantes do português culto da Guiné-Bissau, especificamente do português falado na Escola Superior de Educação — Unidade "Tchico Té". Além disso, o estudo dialoga com a Agenda 2030 da ONU, sobretudo no que se refere aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis 4 (Educação de Qualidade) e 10 (Redução das Desigualdades), uma vez que busca contribuir para a equidade no ensino, reconhecendo e legitimando a pluralidade de usos linguísticos. Ao apresentar um *corpus* dessa variedade do português, que representa a pluralidade sociolinguística guineense, a pesquisa propõe não apenas a adoção de materiais pedagógicos para as áreas de Língua Portuguesa, mas, também, a construção de um ambiente educativo que acolhe e valorize a diversidade linguística e cultural dos aprendizes de português como língua não materna da maioria da população. Além disso, a pesquisa propõe a adoção de medidas que promovam o reconhecimento dessa variedade por outras comunidades de língua portuguesa.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research has a relevant social impact, especially with regard to promoting a more inclusive linguistic education that is sensitive to cultural and linguistic diversity. By analyzing the lexico-semantic influences of ethnic languages and Guinean Creole on the Portuguese spoken by teachers at the Guinea-Bissau Higher Education School, as a literate class, this study reveals the confluence of this variety of Portuguese with local languages and other languages present in the country — which may favor, in the future, the adoption of pedagogical materials suited to multilingual and multicultural realities, as well as the promotion of inclusive and contextualized. The survey and recognition of these characteristics not only expand academic understanding of the particularities of this linguistic variety, but also offer practical subsidies for teachers and educational institutions, considering the sociolinguistic realities of the country, thus allowing the development of pedagogical strategies and practices aligned with Guinean social experiences. In this way, the research contributes to the construction of a corpus of educated Portuguese speakers from Guinea-Bissau, specifically the Portuguese spoken at the Escola Superior de Educação — Tchico Té Unit. Furthermore, the study is in line with the UN Agenda 2030, especially with regard to Sustainable Development Goal 4 (Quality Education) and 10 (Reduction of Inequalities), as it seeks to contribute to equity in teaching, recognizing and legitimizing the plurality of linguistic uses. By presenting a corpus of this variety of Portuguese, which represents the Guinean sociolinguistic plurality, the research proposes not only the adoption of pedagogical materials, but also the construction of an educational environment that welcomes and values the linguistic and cultural diversity of learners of Portuguese as the non-mother tongue of the majority of the population. Furthermore, the research proposes the adoption of measures that promote recognition.

CARLITOS MACA

AS INFLUÊNCIAS LÉXICO-SEMÂNTICAS DAS LÍNGUAS ÉTNICAS E DO CRIOULO GUINEENSE NO FALAR DE DOCENTES DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU: O CASO DE "TCHICO TÉ"

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.
Área de Concentração: Teoria, Descrição e Análise de Línguas Naturais.

Data da defesa: 27/07/2026

Banca Examinadora:

TITULARES

_____

Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" – Araraquara, SP/Universidade Federal do Triângulo Mineiro - Uberaba, MG.

_____

Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – SP.

_____

Prof. Dr. Alexandre António Timbane
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Universidade Estadual de Feira Santana.

SUPLENTES

_____

Prof.ª Dr.ª Rosane de Andrade Berlinck

Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" – Araraquara, SP.

_____

Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – SP.

Dedico este trabalho à memória dos meus pais, Faustino Maca e Genaba Quadé, que ajudaram a construir o meu destino;

À minha orientadora – fonte da minha inspiração.

À minha família em geral – a quem tenho o dever de compromisso e lealdade.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida que me deu.

Ao governo guineense, através da Escola Superior de Educação /Unidade “Tchico Té”, pela concessão da vaga de estudo.

Ao governo brasileiro, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudo sem a qual não tornaria real este trabalho.

À Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAr pelo apoio que me deu durante todo o tempo da minha estadia no Brasil.

À minha orientadora, Professora Doutora Juliana Bertucci Barbosa, pela humildade, orientação científica e pelo apoio, incentivo e confiança que me deu para concretizar este trabalho.

Aos professores do Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa, particularmente, Prof. Dr. Guilherme Duarte Garcia, Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa, Profa. Dra. Caroline Cornielli Biazolli, Prof. Dra. Gladis Massini-Cagliari, Profa. Dra. Cristina Fergetti Martins, Profa. Dra. Alessandra Del Re, Profa. Dra. Rosângela Nogarini Hilário, Profa. Dra. Christelle Dodane; Profa. Dra. Aline Gomes Garcia, o meu muito obrigado!

Aos meus grupos de pesquisas, nomeadamente Núcleo de pesquisas em Sociolinguística – SOLAR – FCLAr – UFSCar e Grupo de Estudos Variacionista – GEVAR/UFTM – UFU pelos apoios e auxílios que me deram durante o tempo dos meus estudos.

Ao Mestre Ibraima Djaló, Diretor Geral da Unidade de Ensino “Tchico Té” quem me deu toda a oportunidade de me tornar quem hoje sou. Sempre será o meu companheiro e irmão para sempre!

À doutoranda Simony Alves de Oliveira a quem o programa do curso indicou para auxiliar-nos durante o período da nossa integração social e universitária – quem tanto amamos, passando a ser a nossa verdadeira companheira e irmã para sempre!

A todos os professores informantes da Unidade de Ensino “Tchico Té” pela disponibilidade e colaboração em responder os questionários aplicados no estudo deste trabalho.

Aos professores Mestre Vladimir Augusto Djata e Xavier Afonso Bunha (professores do Departamento da Licenciatura em Língua Portuguesa – IC/ UTT), quem me representaram na aplicação de questionários das entrevistas, os meus especiais agradecimentos!

Aos colegas, quem sempre partilhamos apartamentos, especialmente, aos doutorandos Júlio Mário Siga, Abudo Danfa e Domingos Nhanga, amigos, irmãos e companheiros, pela força e fé nos momentos mais duros desta caminhada.

Gostaria de dedicar o meu profundo agradecimento, em particular, aos que me apoiaram direta ou indiretamente para concretização deste sonho. Obrigado!

“Uma língua é um dialeto com um exército e uma marinha”
(Weinreich, 1945, p. 13).

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo principal investigar as influências léxico-semânticas das línguas étnicas e do crioulo guineense no português falado, variedade de Guiné-Bissau, de docentes que lecionam na Escola Superior de Educação da Guiné-Bissau. Partimos, principalmente, da teoria variacionista, como pesquisas de Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1972, 1974, 1982, 1994), Guy (2000), em discussões sobre normas e políticas linguísticas (Faraco, 2008; Freitag, Severo e Görski, 2016; Bagno, 2001, 2002, Lagares, 1971, Lagares e Bagno, 2011, entre outros), e em estudos já realizados no contexto de Guiné-Bissau, como de Cabi (2023). Cabe mencionar que entendemos por influência a presença de aspectos linguísticos de uma língua (neste caso, de estruturas lexicais) na utilização de outra. Já línguas étnicas, as diferentes línguas faladas por pessoas de diferentes estruturas sociais presentes na Guiné-Bissau, e o crioulo guineense, a língua que surgiu por meio do contato do português com as várias línguas africanas, facilitando a comunicação não só entre os povos grumetes, tangomãs (residentes nas feitorias europeias), como também, entre os povos locais, devido à diversidade linguística da região (Embaló, 2008, p.124). Partimos da hipótese de que o contato permanente entre essas línguas favorece a incorporação de unidades lexicais e significados específicos ao Português da Guiné-Bissau (PGB), contribuindo para a consolidação de uma variedade linguística própria e socialmente reconhecida. Segundo a evolução do termo "criuolo" por se apresentar muitas conotações semânticas referente a esse termo, segundo Scantamburlo (2002), o termo "crioulo" em português, "*criollo*" em espanhol e "*créole*" em francês possui significados pejorativos nessas línguas. Tais palavras são utilizadas para nomear as pessoas, as plantas e os animais. No sentido corrente, é semelhante ao ser criado em casa, quer dizer nascido nas Colônias, mas não indígena. Por essas razões, obtemos usar o termo "Língua Guineense" ou simplesmente" Guineense" em vez de "crioulo". Para a coleta de dados, elaboramos um roteiro semiestruturado e, a partir dele, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, realizamos gravações de falas de dezesseis (16) docentes, pertencentes às etnias Fula, Balanta, Mandinga e Manjaco, da Escola Superior de Educação - "Unidade Tchico Té". De posse desse material, foram selecionados e analisados o léxico que apresentam influências das línguas étnicas e do Guineense de Guiné-Bissau. Para análise, foram utilizados dicionários bilingues - português crioulo guineense de Guiné-Bissau, como de Scantamburlo (2002) e Stein (VI e VII, 2021), e consideramos o campo lexical (alimentação, localidade etc.), contexto e significado das palavras. Por meio deste estudo, observamos algumas influências léxico-semânticas das línguas étnicas e do guineense no português falado em Guiné-Bissau por pessoas escolarizadas, ou seja, falantes da variedade culta do português da Guiné Bissau. Assim, esta pesquisa proporciona uma reflexão sobre a realidade sociolinguística da Guiné-Bissau e contribui para o reconhecimento da diversidade linguística da Guiné-Bissau e características lexicais do português desse país. Tais reflexões podem auxiliar no planejamento de políticas linguísticas e em ações que reflitam sobre como a língua portuguesa pode/deve ser ensinada perante o contexto multilíngue e multicultural deste país.

Palavras-chave: Diversidade linguística; Guiné-Bissau; Português; Contato linguístico; Variação léxico-semânticas.

ABSTRACT

The main aim of this Master's research is to investigate the lexical-semantic influences of the ethnic languages and the Guinean Language (formerly referred to as Guinean Creole) on the spoken Portuguese variety of Guinea-Bissau as used by lecturers at the Higher School of Education. This study is primarily grounded in Variationist Sociolinguistics, drawing on the work of Weinreich, Labov and Herzog (1968), Labov (1972, 1974, 1982, 1994), and Guy (2000), as well as discussions on linguistic norms and language policies (Faraco, 2008; Freitag, Severo and Görski, 2016; Bagno, 2001, 2002; Lagares, 1971; Lagares and Bagno, 2011, among others), and previous studies conducted in the context of Guinea-Bissau, such as Cabi (2023). In this study, *influence* is understood as the presence of linguistic features from one language (in this case, lexical structures) in the use of another. *Ethnic languages* refer to the various languages spoken by different ethnolinguistic groups in Guinea-Bissau, while the *Guinean Language* refers to the language that emerged through contact between Portuguese and the various African languages, facilitating communication not only among the *grumetes* and *tangomãs* (residents of European trading posts), but also among local communities, owing to the region's linguistic diversity (Embaló, 2008, p. 124). The study is based on the hypothesis that sustained contact among these languages promotes the incorporation of lexical units and specific meanings into Guinea-Bissau Portuguese, thereby contributing to the consolidation of a distinct and socially recognised linguistic variety. The term *Crioulo* carries several semantic connotations. According to Scantamburlo (2002), the terms *crioulo* in Portuguese, *criollo* in Spanish, and *créole* in French have acquired pejorative meanings in these languages. These terms have historically been used to refer to people, plants, and animals and, in their common usage, denote something or someone raised or born in the colonies rather than indigenous. For these reasons, this study adopts the term *Guinean Language*, or simply *Guinean*, instead of *Creole*. For data collection, a semi-structured interview guide was designed and, following approval by the Research Ethics Committee, recordings were made of sixteen (16) lecturers from the Fula, Balanta, Mandinga and Manjaco ethnic groups at the Higher School of Education – *Unidade Tchico Té*. From this corpus, lexical items displaying influences from the ethnic languages and the Guinean Language were selected and analysed. The analysis drew on bilingual Portuguese–Guinean dictionaries, particularly those by Scantamburlo (2002) and Stein (Vols. I and II, 2021), while also considering lexical fields (e.g. food, locality, etc.), context, and the meanings of the lexical items. The findings reveal lexical-semantic influences of the ethnic languages and the Guinean Language on the Portuguese spoken in Guinea-Bissau by educated speakers, that is, speakers of the educated variety of Guinea-Bissau Portuguese. This research therefore provides a reflection on the sociolinguistic reality of Guinea-Bissau and contributes to recognising the country's linguistic diversity and the lexical characteristics of its Portuguese variety. Such reflections may support the planning of language policies and inform initiatives concerning how the Portuguese language can and should be taught within the multilingual and multicultural context of Guinea-Bissau.

Keywords: Linguistic diversity; Guinea-Bissau; Portuguese; language contact; lexical-semantic variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da localização geográfica da Guiné-Bissau no continente africano 24
Figura 2 - Divisão Administrativa de República da Guiné-Bissau 25
Figura 3 - Mapa etnográfico antigo da Guiné-Bissau 30
Figura 4 - Unidade de Ensino “Tchico Té” 83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Subgrupos étnicos da Guiné-Bissau 29
Quadro 2 - Línguas da subfamília Oeste-Atlântica 31
Quadro 3 - Línguas da subfamília MANDE 32
Quadro 4 – Quadro descritivo de informantes 88
Quadro 5 - Modelo do cabeçalho da planilha do Excel para a extração dos dados 90
Quadro 6 - Dados do grupo étnico *Fula*, encontrados nos dicionários Guineense-português (Scantamburlo, 2002; Stein 2021, V. I e II) 98
Quadro 7 - Os itens ou unidades lexicais das línguas presentes nas falas dos informantes *Fulas*, no PGB 101
Quadro 8 – Dados do grupo étnico *Balanta*, encontrados nos dicionários Guineense-português (Scantamburlo, 2002; Stein 2021, V. I e II) 107
Quadro 9 – Os itens ou unidades lexicais das línguas presentes nas falas dos informantes *Balantas,* no PGB 109
Quadro 10 – Dados do grupo étnico *Mandinga* encontrados nos dicionários Guineense-português (Scantamburlo, 2002; Stein 2021, V. I e II) 116
Quadro 11 – Os itens ou unidades lexicais das línguas presentes nas falas dos informantes *Mandingas,* no PGB 119
Quadro 12 – Dados do grupo étnico *Manjaco*, encontrados nos dicionários Guineense-português (Scantamburlo, 2002; Stein 2021, V. I e II) 126
Quadro 13 – Os itens ou unidades lexicais das línguas presentes nas falas dos informantes *Manjacos,* no PGB 129
Quadro 14 - Quadro léxico-semântico comparativo entre as variedades do PGB com PP e PB 137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de habitantes por regiões da Guiné-Bissau nos anos 1979, 1991 e 2009.....26
Tabela 2: Tabela dos falantes das línguas étnicas por regiões 41
Tabela 3: Números de falantes por línguas com base nos INE/RGPH de 1979 e 2009..... 41
Tabela 4 - Índice do analfabetismo na Guiné-Bissau em 1958 55
Tabela 5 – Dados da Educação Colonial nos anos 1962 - 1973 55
Tabela 6 - Números dos informantes da pesquisa por etnia 82
Tabela 7 - Dados dos fenômenos de informantes do Grupo étnico *Fula* 102
Tabela 8 - Informantes do grupo étnico *Balanta* 110
Tabela 9 - Informantes do grupo étnico *Mandinga* 120
Tabela 10 - Informantes do grupo étnico *Manjaco* 130
Tabela 11 - Classificações gerais das línguas com maiores influências lexicais no PGB.....132

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagem de falantes de diversas línguas na Guiné-Bissau 46
Gráfico 2: População de nacionalidade guineense segundo a religião praticada 50
Gráfico 3: Distribuição de Línguas por Grupo Étnico da Guiné-Bissau 142

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

ANP – Assembleia Nacional Popular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDEAO – Comunidades dos Estados da África Ocidental

CENFA – Centros de Formação Administrativa

CENFI – Centro de Formação Industrial

CPLP - Comunidade dos Países das Línguas Oficiais Portuguesa

DPVTT – Destacamento Pedagógico de Vanguarda "Tchico Té"

EBU – Ensino Básico Unificado

ENA – Escola Nacional de Administração

ENEFD – Escola Nacional de Educação Física e Desportos

ESE – Escola Superior de Educação

FCLAr – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

GEVAR – Grupo de Estudos Variacionista

IA – Inteligência Artificial

IC – Instituto Camões

INE – Instituto Nacional de Estatística

L1 – Língua Primeira ou Primeira Língua

L2 ou **SL** – Segunda Língua

L3 – Terceira Língua

L4 – Quarta Língua

LA – Língua Alvo

LC – Língua de Comunicação

LE – Língua Estrangeira

LF – Língua Francesa

LG – Língua Guineense

LGG – Língua Gestual Guineense

LI – Língua Inglesa

LM – Língua Materna

LN – Língua Nacional

LNM – Língua não Materna

LO – Língua Oficial

LP – Língua Portuguesa

MENCD – Ministério da Educação Nacional, Ciência e Desporto

MEPIR/GB – Ministério da Economia do Plano e da Integração Regional da Guiné-Bissau

ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável

OGE – Orçamento Geral do Estado destinado

ONGs – Organizações Não Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PB – Português Brasileiro

PGB – Português da Guiné Bissau

PIB – Produto Interno Bruto

PIDE – Polícia Internacional para a defesa do Estado

PP – Português de Portugal

RGPH – Recenseamento Geral da População e Habitação

RTA – Religiões Tradicionais Africanas

SOLAR – Núcleo de pesquisa em Sociolinguística

UA – União Africana

UCB – Colinas de Boé

UE"17F" – Unidade de Ensino "17 de Fevereiro"

UAC – Universidade Amílcar Cabral

UEAC – Unidade de Ensino Amílcar Cabral

UEDM – Unidade de Ensino "Domingos Mendonça"

UEDR – Unidade de Ensino "Domingos Ramos"

UEPFP – Unidade de Ensino Provincial de Formação de Professores Serifo Fall Camará

UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

UFU – Universidade Federal de Uberaba

ULG – Universidade Lusófona da Guiné

UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

UTT – Unidade Tchico Té

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 21
2. O CONTEXTO DA GUINÉ BISSAU: DIVERSIDADES LINGUÍSTICAS, CULTURAIS E EDUCATIVAS 24
2.1 Contexto geográfico da Guiné-Bissau 24
2.2 O contexto étnico e sociolinguístico da população Guineense 27
2.3 Classificação das línguas da Guiné-Bissau 30
2.4 A Guiné-Bissau: Língua Guineense de base das línguas étnicas e portuguesa 35
2.5 Os conceitos de Língua Oficial (LO), Língua Nacional (LN), Língua Materna (LM), Língua Segunda (L2), e Língua Estrangeira (LE) 44
2.5.1 Língua Oficial (LO) 44
2.5.2 Língua Nacional (LN) 44
2.5.3 Língua Materna (LM) 47
2.5.4 Língua Segunda (L2) 48
2.5.5 Língua Estrangeira (LE) 49
2.6 O sistema político, religioso e econômico guineense 51
2.7 O sistema educativo guineense 51
2.7.1 O ensino no Período Pré-Colonial 51
2.7.2 O ensino no Período Colonial 54
2.7.3 O ensino no Período Pós-Colonial 58
2.8 Estudos Variacionistas sobre variedade do português de Guiné-Bissau 61
3 REFERENCIAL TEÓRICO 69
3.1 A relação entre a Língua e Sociedade 69
3.2 A Língua como Fato Social e Heterogêneo 70
3.3 Normas Linguísticas e o reconhecimento da variedade do PGB 72
3.4 Léxico e Cultura: a relevância de estudar o léxico de uma língua 73
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 80
4.1 Participantes da Pesquisa 81
4.2 Contextualização e perfil da Unidade "Tchico Té" 82
4.3 Constituição de *corpus* das entrevistas 85
4.4 Instrumentos de coleta de dados 86
4.5 Critérios de análise dos dados 89
5 ANÁLISES E RESULTADOS DOS DADOS DA PESQUISA 92
5.1 Análises por etnias 94

5.1.1 Os informantes do grupo étnico *Fula* 94
5.1.2 Os informantes do grupo étnico *Balanta* 104
5.1.3 Os informantes do grupo étnico *Mandinga* 112
5.1.4 Os informantes do grupo étnico *Manjaco* 121
5.2 Considerações gerais sobre as análises por etnias 140
5.3 Considerações sobre aspectos morfossintáticos observados no *corpus*..... 145
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 153
APÊNDICE 1 – Pedido de Autorização 159
APÊNDICE 2 - Termo de Consentimento Livre após Esclarecimento 160
APÊNDICE 3 – Questionários de informações e roteiro de entrevista semiestruturada 161
APÊNDICE 4 - Trechos textuais de cada informantes dos áudios transcritos 162

1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau caracteriza-se como um país multiétnico e multilíngue, no qual coexistem diferentes grupos étnicos, línguas e culturas. Segundo dados do III Recenseamento Geral da População e Habitação/Instituto Nacional de Estatística (III RGPH/INE, 2009), os grupos étnicos *Fula*, *Balanta*, *Mandinga*, *Papel*, *Manjaco* e *Beafada* representam mais de 80% da população guineense. Nesse contexto, convivem a língua portuguesa, língua oficial do Estado, Crioulo Guineense (doravante Língua Guineense [LG])[1], considerada a principal língua de comunicação nacional, e diversas línguas associadas aos diferentes grupos étnicos.

Embora o português seja a língua oficial (LO) e a principal língua da escolarização, sua utilização cotidiana permanece restrita a uma parcela da população. Dados do III RGPH/INE (2009) indicam que apenas 27,1% dos habitantes utilizam o português, enquanto a Língua Guineense é falada por cerca de 90,4% da população. Dessa forma, para grande parte dos guineenses, o português é adquirido como segunda, terceira ou até quarta língua, sendo utilizado principalmente nos espaços institucionais, administrativos e educacionais.

Essa realidade sociolinguística favorece intensos processos de contato linguístico entre o português, a Língua Guineense e as demais línguas faladas no país. Diversos estudos (Embaló, 2008; Bachmann, 2014; Timbane & Cá, 2021) apontam que esse contato influencia diferentes níveis da estrutura linguística do Português da Guiné-Bissau (PGB), incluindo aspectos fonológicos, morfossintáticos, discursivos e, especialmente, léxico-semânticos. Como resultado, observamos a constituição de uma variedade linguística com características próprias, que a distinguem de outras variedades da língua portuguesa.

Neste trabalho, entendemos por influência linguística a presença de elementos de uma língua na utilização de outra, manifestando-se, neste estudo, sobretudo por meio de unidades lexicais e semânticas. Partimos do pressuposto de que as particularidades observadas no léxico do PGB constituem importantes indicadores dos processos históricos, sociais e culturais que caracterizam a formação dessa variedade linguística.

Diante desse cenário, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa: de que forma as línguas étnicas e a Língua Guineense influenciam a constituição léxico-semântica do PGB

[1] Sobre o termo *"crioulo"*: segundo Scantamburlo (2002), essa palavra teve a sua origem no século XVI e foi utilizada, pela primeira vez, em espanhol "*criollo*", no ano de 1590, constando no dicionário francês "*créole*" a partir de 1680. O termo era utilizado para nomear pessoas, plantas e os animais e, mais tarde, passou a designar os indivíduos que não eram autóctones, ou seja, nascidos nas colônias africanas. Segundo Bull (1989), num primeiro momento, a palavra era empregada no sentido de servidor, escravizado nascido na casa do seu dono, depois passou a designar os filhos dos pretos nascidos na Índia e na América, com o objetivo de os diferenciar dos africanos. Por essas razões, obtemos usar o termo "Língua Guineense" ou simplesmente" Guineense" para fazer referência a essa língua.

utilizado por docentes da Escola Superior de Educação/Unidade "Tchico Té" (ESE/UTT)? Partimos da hipótese de que o contato permanente entre essas línguas favorece a incorporação de unidades lexicais e significados específicos ao PGB, contribuindo para a consolidação de uma variedade linguística própria e socialmente reconhecida.

Com base nessa problemática, nosso objetivo geral consiste em investigar as influências léxico-semânticas das línguas étnicas e da Língua Guineense no PGB utilizado por docentes da Escola Superior de Educação/Unidade "Tchico Té". Como objetivos específicos, buscamos: (i) analisar as características léxico-semânticas presentes na fala desses docentes; (ii) identificar quais línguas étnicas e a Língua Guineense exercem maior influência na constituição do léxico empregado pelos participantes da pesquisa; e (iii) organizar um *corpus* de fala representativo da variedade culta do PGB, constituído por gravações de docentes pertencentes aos diferentes grupos étnicos.

A escolha do tema justifica-se pela necessidade de ampliar o conhecimento científico sobre o PGB, variedade ainda pouca descrita quando comparada a outras variedades da língua portuguesa. Além disso, contribuímos para o campo da Sociolinguística e da Linguística do Contato ao evidenciar como o multilinguismo e o contato entre línguas influenciam a constituição de novas variedades linguísticas. Do ponto de vista educacional, acreditamos que esta pesquisa pode subsidiar futuras reflexões sobre o ensino de língua portuguesa em contextos multilíngues, contribuindo para a valorização das identidades linguísticas e culturais locais.

A relevância social desta investigação também se relaciona à promoção da diversidade linguística e ao reconhecimento das variedades do português faladas nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Nesse sentido, nosso estudo dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente o ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 10 (Redução das Desigualdades), ao defender uma educação linguística mais inclusiva e sensível às especificidades socioculturais dos falantes.

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva, de âmbito da Sociolinguística Variacionista, uma vez que procura identificar, descrever e analisar as influências léxico-semânticas das línguas étnicas e da LG no português falado pelos docentes da Unidade "Tchico Té" (UTT). A pesquisa baseia-se na identificação e caracterização de itens e unidades lexicais e seus valores semânticos que apresentam as influências do contacto entre as diferentes línguas presentes no contexto sociolinguístico guineense.

Nessa ótica, a pesquisa busca descrever como itens e unidades lexicais provenientes das línguas étnicas e Guineense se manifestam no português falado pelos informantes (docentes da

UTT) da pesquisa, tomando em conta os contextos de uso, os significados atribuídos às formas linguísticas e as possíveis adaptações ou ressignificações decorrentes do contacto linguístico.

Portanto, a natureza descritiva da pesquisa se centra na intenção de registrar, sistematizar e interpretar os fenômenos léxico-semânticos observados, auxiliando para uma compreensão mais alargada das especificidades do PGB e das mudanças resultantes do contacto entre português, línguas étnicas e Guineense.

Esta pesquisa, para além de contribuir para a descrição do PGB, também busca ampliar a compreensão dos processos de contato linguístico que caracterizam a realidade sociolinguística guineense. Ao identificar e analisar influências léxico-semânticas das línguas étnicas e da LG no português utilizado por docentes da Escola Superior de Educação, pretendemos colaborar para o reconhecimento científico dessa variedade linguística, bem como para a valorização da diversidade cultural e linguística do país. Esperamos, ainda, que os resultados possam subsidiar futuras investigações sobre o PGB, contribuir para a elaboração de materiais didáticos mais sensíveis à realidade linguística local e fomentar reflexões acerca das políticas linguísticas e educacionais voltadas ao contexto multilíngue guineense.

Esta dissertação está organizada em seis seções. Após esta introdução, na segunda seção, apresentamos um panorama histórico, social, cultural, linguístico e educacional da Guiné-Bissau, bem como discussões sobre a formação da Língua Guineense e estudos anteriores sobre o PGB. Na terceira seção, reunimos os referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa, abordando questões relacionadas à Sociolinguística Variacionista, às normas linguísticas, ao contato linguístico e às relações entre léxico e cultura. Na quarta seção, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados na investigação, incluindo os participantes, os instrumentos de coleta e os critérios de análise dos dados. Na quinta seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos, com foco na análise léxico-semântica do *corpus* constituído. Por fim, na sexta seção, apresentamos as considerações finais da pesquisa, seguidas das referências bibliográficas utilizadas.

2. O CONTEXTO DA GUINÉ BISSAU: DIVERSIDADES LINGUÍSTICAS, CULTURAIS E EDUCATIVAS

Nesta seção, apresentamos um panorama sócio-histórico, linguístico, econômico e educativo da Guiné-Bissau desde o período pré-colonial ao pós-colonial.

2.1 Contexto geográfico da Guiné-Bissau

A República da Guiné-Bissau é um país independente desde 24 de setembro de 1973[2], cuja capital é Bissau. É uma pequena nação, situada na costa da África Ocidental, banhada ao Oeste pelo oceano Atlântico, com uma extensão territorial de **36. 125 km²**, localizada entre os meridianos 13° 38’ e 16° 45’ Oeste e os paralelos 10° 55’ e 12° 40’ Norte, tendo como meridiano central 15° a Oeste do meridiano de Greenwich. Faz fronteira com o Senegal ao Norte e Leste e ao Leste e Sul com a República da Guiné Conacri. O mapa que se segue apresenta o país em relação aos países vizinhos.

Figura 1: Mapa de localização geográfica da Guiné-Bissau no continente africano



[2] Salienta-se que 1973 é a data que foi proclamada unilateralmente a independência da Guiné-Bissau pelos gerrilheiros do Partido Africano para a Independência da Guné e Cabo Verde, na Madina de Boé. Só um ano depois que, em 10 de setembro de 1974, Portugal reconheceu a independência da Guiné-Bissau.

Fonte: Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ca/Guinea_Bissau_Map.jpg. Acesso em: 20 set. 2026.

É composta por duas partes, uma continental com uma área de 34.625 km² e outra insular com cerca de 88 ilhas e ilhéus com uma área de 1.500 km², que constitui o Arquipélago dos Bijagós, das quais 21 ilhas são habitadas.

Segundo a definição de Santos (1989, p. 191), "o atual território da Guiné-Bissau foi delimitado em 1886", constituído por oito regiões, nomeadamente, Bafatá, Biombo, Bolama-Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara, Tombali, para além de Setor Autónomo de Bissau (SAB), capital do país que é a cidade administrativa.

O clima do país é quente e húmido, característico das regiões tropicais, em que apenas se assinalam duas estações do ano: a **estação seca** e **a chuvosa**; a primeira começa em 16 de novembro e se estende até 15 de maio, a segunda em 16 de maio e vai até 15 de novembro, respectivamente. A zona Leste é caracterizada como sendo a parte mais quente, constituída por planaltos e montanhas, enquanto na parte Sul, o relevo é essencialmente plano (zona costeira) recortada por braços do mar, com grande abundância de água e com a maior reserva da biosfera do país e a zona Norte apresenta grandes quantidades de rios e rias, possui paisagens de diferentes tipos de vegetações, ricas em **Fauna** e **Flora**. Apresenta floresta seca, com savana arbórea com grandes arbustos.

Figura 2: Divisão Administrativa de República da Guiné-Bissau



Fonte: Disponível em: https://www.worldometers.info/img/maps/guinea_bissau_physical_map.gif. Acesso em: 20 set. 2026.

Os dados do último censo populacional de 2009[3], apresentados pelo Ministério da Economia do Plano e da Integração regional/Instituto Nacional de Estatística, afirmam que a população guineense se estima em 1.520.830 habitantes, com maior densidade populacional na região SAB, comparativamente com os Recenseamento Geral de População por Habitação de 1979 e 1991.

A tabela a seguir ilustra essa diversidade populacional em todas as regiões do território nacional:

Tabela 1 - O número de habitantes por regiões da Guiné-Bissau dos anos 1979, 1991 e 2009

Região	Cidade	Ano		
		1979	**1991**	**2009**
Biombo	Quinhamel	57 973	59 827	97 120
Cacheu	Cacheu	133 277	146 570	192 508

[3] Disponível no Banco de Dados desta instituição governamental, publicado pelo Instituto Nacional de Estatística. Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH/2009)**.** Bissau, 2009. Disponível em: https://www.stat guinebissau.com/Menu_principal/IV_RGPH/RGPH.html#. Acesso em: 20 set. 2026. Os dados também podem ser acessados por outro *site*. Disponível em: https://stat-guinebissau.com/Menu_principal/IV_RGPH/rgph1/caracteristicas_socio_cultural.pdf. Acesso em: 20 set. 2026.

Oio	Farim	137 227	155 312	224 644
Bafatá	Bafatá	119 234	145 262	210 007
Gabú	Gabú	105 911	136 101	215 530
Tombali	Catió	59 009	71 065	94 939
Quinara	Fulacumda	37 759	42 960	63 610
Bolama-Bijagós	Bolama	26 594	26 891	34 563
SAB	Bissau	112 140	195 214	387 909
	Total	789 124	979 202	1 520 830

Fonte: Instituto Nacional de Estatística - INE, 2010. 1/III RGPH/2009.

Essa tabela evidencia também um aumento do êxodo-rural principalmente da camada juvenil em busca de melhores condições de vida ou de estudos avançados. Além disso, devemos ainda considerar a centralidade das universidades nessa região e o fato de que quando muitos conseguem empregos ou concluir estudos permanecem nas regiões mais urbanas e centrais, como Bissau.

2.2 O contexto étnico e sociolinguístico da população Guineense

Conforme destacamos anteriormente, a população da Guiné-Bissau caracteriza-se por sua heterogeneidade étnica, linguística e cultural. Segundo Santos (1989, p. 191), nesse território constituiu-se, ao longo da história, uma população formada por diferentes grupos étnicos, portadores de organizações sociais, culturais, religiosas, econômicas e políticas distintas. Entendemos por grupo étnico um conjunto de indivíduos que compartilham elementos históricos, culturais, linguísticos, religiosos e identitários comuns, constituindo formas próprias de organização social e de pertencimento coletivo.

Em sociedades multilíngues, como ocorre na maioria dos países africanos, a diversidade étnica está frequentemente associada à diversidade linguística. Nesse sentido, Djata (2022, p. 28) observa que a classificação das línguas normalmente ocorre em contextos nos quais coexistem diferentes grupos étnicos e linguísticos. De modo geral, cada grupo social encontra-se associado a uma língua ou variedade linguística específica, as quais coexistem com uma língua de maior alcance social ou nacional. Na Guiné-Bissau, essa função é desempenhada pela Língua Guineense (LG), principal língua de comunicação interétnica do país.

Como mencionamos anteriormente, coexistem, no território guineense, diversas línguas associadas aos diferentes grupos étnicos. Segundo Scantamburlo (2002) e Embaló (2013), existem mais de trinta (30) grupos etnolinguísticos na Guiné-Bissau. Entre as principais línguas faladas no país destacam-se o *Balanta*, o *Fula*, o *Mandinga*, o *Pape*l, o *Manjaco*, o *Bijagó*, o

Mancanha, o *Nalú*, o *Biafada*, o *Felupe*, o *Cassanga*[4], entre outras. Além dessas línguas, compõem o repertório linguístico nacional a Língua Guineense (LG), a Língua Portuguesa (LP) e a Língua Gestual Guineense (LGG).

Cumpre salientar que não há consenso entre os estudiosos acerca do número exato de línguas existentes na Guiné-Bissau. Tal divergência decorre, entre outros fatores, das diferentes metodologias utilizadas para a classificação linguística, bem como da escassez de levantamentos sistemáticos sobre a diversidade linguística do país. Conforme observam Couto e Embaló (2010, p. 28), "algumas dessas variedades pertencem a famílias linguísticas distintas, enquanto outras podem ser compreendidas como variedades ou dialetos de uma mesma língua".

Além da diversidade entre as línguas, observamos também significativa variação interna em cada uma delas. Muitas apresentam variedades regionais, frequentemente denominadas dialetos, bem como formas de uso específicas associadas a determinadas comunidades locais. A língua *Balanta*, por exemplo, apresenta variedades como *Contohe*, *Nhacra*, *Patch*, *Naga*, *Manés* e *Dame* (Intumbo, 2007; Scantamburlo, 2013). Dentro dessas variedades, também podem ser identificados os interletos, isto é, subvariedades decorrentes de diferenças geográficas, sociais ou de contato linguístico, por exemplo, dialeto *Nhacra* (*Balanta Nhacra* de Norte e do Sul), etc.

Com base em critérios históricos, culturais, econômicos e sociopolíticos, Scantamburlo (2013) organiza os grupos etnolinguísticos guineenses em três grandes conjuntos. O primeiro corresponde aos chamados paleo-sudaneses do litoral e do interior, caracterizados tradicionalmente pela agricultura, pela pesca e pela prática das religiões tradicionais africanas (RTA). Em geral, esses grupos apresentam formas de organização sociopolítica descentralizadas. O segundo conjunto engloba os grupos *mandinga* e *fula*, historicamente associados ao islamismo, à pecuária, ao comércio e a formas mais centralizadas de organização política. Por fim, o terceiro conjunto corresponde ao grupo crioulo ou "*criston*", formado por populações fortemente influenciadas pelos processos de urbanização, pelo contato com a administração colonial e pela presença de grupos oriundos de outras regiões, como cabo-verdianos e libaneses.

Cabe mencionar que essa divisão em três conjuntos, chamada também de "tríplice subdivisão", segundo Lino Bicari (1990), é

[4] Na Guiné-Bissau, o nome de cada língua étnica se refere quer à língua quer à(s) pessoa (s) e ao povo. Nesta dissertação, quando nos referimos exclusivamente à língua, usamos as consoantes inicias maiúsculas da língua em causa.

> [...] baseada em elementos culturais que não são e não devem tornar-se antagónicos, podem, aliás integra-se ou relacionar-se harmoniosamente para originar um conjunto mais rico e, por isso, factor mais eficaz de desenvolvimento... Há por fim nos povos da Guiné-Bissau características culturais que os identificam como sendo todos colonizados por Portugal... A grande maioria faz parte da grande família dos povos Sudaneses ocidentais e as minorias, crioulas convivem pacificamente com ela há séculos e, por fim, todos são povos africanos (Bicari, 1990, p. 5).

O quadro abaixo apresenta um panorama das divisões dos grupos e subgrupos étnicos, as suas tradições, religiões e estruturas políticas e/ou governativas de cada língua.

Quadro 1: Subgrupos étnicos da Guiné-Bissau:

GRUPOS E SUBGRUPOS ÉTNICOS DA GUINÉ-BISSAU				
DIVISÃO ÉTNICA: antiguidade e local	**GRUPOS E SUBGRUPOS**	**TRADIÇÃO (sedentária ou nómada)**	**RTA: (Religião Tradicional Africana)**	**ESTRU-TURA**
PALEO-SUDANESES do LITORAL (Os mais antigos habitantes da Guiné-Bissau)	- Balantas "de dentro": Nhacra - Balantas "de fora" - Balantas Bravos (Cuntohe) - Balantas Nagas - Balantas Mansoancas (Grandes e Pequenos) - Balantas Mané	Todos são "Sedenta-rizados"	- RTA - RTA - RTA - RTA - Islão	Todos sem Estado
	- Mancanhas (Brames) - Papeis (Bissau) - Manjacos	Todos são "Sedenta-rizados"	- RTA - RTA - RTA	Todos sem Estado
	- Beafadas - Bijagós - Nalus	Todos são "Sedenta-rizados"	- Islão - RTA - RTA-Islão	Todos sem Estado
	- Felupes (Djolas) - Baiotes (Djolas) - Banhuns (Djolas) - Cobianas (Djolas) - Cassangas (Djolas)	Todos são "Sedenta-rizados"	- RTA - RTA - RTA - RTA - Islão	Todos sem Estado
	- Landumas - Cocolis - Bagas	Todos são "Sedenta-rizados"	- RTA-Islão - Islão - RTA-Islão	Todos sem Estado
PALEO-SUDANESES do INTERIOR	- Padjadincas - Tandas - Oincas	Todos são "Sedenta-rizados"	- Islão - Islão - Islão-RTA	Todos sem Estado
PALEO-SUDANESES (Grupo MANDINGA)	- Mandingas - Saracolés - Sossos - Jacancas - Bambarãs - Jaloncas - Soninkés	Todos são "Sedenta-rizados"	- Islão - Islão - Islão - Islão - Islão - Islão-RTA - Islão	Todos com Estrutura Vertical (Estado)
NEO-SUDANESES (Grupo FULA)	- Torancas (Fulas Toros) - Fuladjaloncas - Tuculores - Fulas Forros (Fulacundas) - Fulas Pretos	- Nómadas - Nómadas - Sedentários - Nómadas - Sedentários	- Islão - Islão - Islão - Islão - Islão	Estrutura Vertical e Camadas Sociais (Estado)
GRUPOS VINDOS OU NASCIDOS com a Colonização	- Cabo-verdianos - Mestiços e Mulatos -"Kristons" - Libaneses - Sirianos - Mauros - Portugueses	Todos são "Sedenta-rizados"	- Cristãos - Cristãos - RTA e Cristãos - Cristãos - Islão - Islão - Cristãos	

Fonte: Scantamburlo, 2013, p.19.

Em relação às tríplices divisões das línguas étnicas apresentadas por Scantamburlo (2013), cada uma apresenta uma língua e estas, por sua vez, apresentam dialetos distintos entre elas, mas que, de modo geral, são dialetos de uma única língua comum para todos os falantes dessa língua. Por exemplo, *Papel*, de *Bissau*, *Prabis*, *Safim*, *Bijimita* e *Biombo*, são dialetos da língua étnica *Papel*. Essas sub-variações linguísticas perpassam em todas as línguas étnicas guineenses, incluindo a LG.

Como mencionado anteriormente, cada língua étnica guineense, antes do período pré-colonial, ocupava sua zona de habitação própria, contudo, apesar disso cada língua vive

passivamente no seu território. Segundo Rubio e Cá (2019, p. 150), “muito antes dessa chegada dos europeus nesses locais, já se podia verificar a ocorrência do contato linguístico, já que essas regiões abrigavam povos de diferentes etnias” a se conviverem. Informa-se que também havia pequenos conflitos sociais, étnicos ou religiosos com vista a expansão dos pequenos territórios ou da fé[5]. Observemos o mapa a seguir:

Figura 3: Mapa etnográfico antigo da Guiné-Bissau:



Fonte: Scantamburlo, 2013, p. 20.

Como pode ser observado no mapa acima, existem diferentes grupos étnicos e em diferentes zonas de habitações dentro do território nacional da Guiné-Bissau. Essa diversidade étnica, cultural e linguística constitui um dos principais elementos para compreendermos a realidade sociolinguística da Guiné-Bissau. É nesse contexto de intenso contato entre línguas e culturas que se desenvolve o PGB, variedade que incorpora elementos provenientes da LG e das demais línguas faladas no país, refletindo a complexidade histórica, social e cultural da sociedade guineense.

2.3 Classificação das línguas da Guiné-Bissau

[5] Trata-se de conflitos étnicos como, por exemplo, entre os Mandinga e Fula, ambas da religião muçulmana.

Para além das divisões e subdivisões étnicas e interétnicas que anteriormente apresentamos, Scantamburlo (2013), continuado no debate das línguas étnicas e guineense, faz saber que elas são formadas por duas grandes subfamílias: a subfamília **Oeste atlântica** e a subfamília **Mande**. A Subfamília **Oeste Atlântica** está dividida em três grupos – do Norte, Bijagós e Sul – e apresenta as características de "prefixos de classe e de concordância", de origens das línguas Bantu. Pelo que são denominados também de "Semi-Bantu", possuem números de prefixos de classes reduzidos ou de palavras Bantu. Classificam-se de seguintes formas:

1. No grupo de Norte, a seguinte subdivisão:

- Do Senegal: Fula, Jollof e Serere;
- Do Bak subdivide-se em: Balanta de Nhacra, de Fora, Bravos, Naga, Mané; Jola-Felupe e Djola-Baiote; Mandjaco/Mancanhe/ Pepel;
- Do Tanda-Jaad-Num possui os seguintes povos: Tanda, Conhagui; Beafada, Padjadinca (Badjaranca); Banhum, Cobiana, Cassanga;
- Do Nalú: Nalú;

2. No grupo Bijagós encontra-se uma única língua falada que é Bijagós;

3. No grupo Sul formado por: Baga; Landumã, Timenés; Mansonca (grandes e pequenos: que vivem perto de Mansoa) (Scantamburlo, 2013, p.22).

Pode-se constatar abaixo os grupos e subgrupos dessas línguas da subfamília Oeste-Atlântica no quadro ilustrativo das línguas da subfamília Oeste atlântico:

Quadro 2: Línguas da subfamília *Oeste-Atlântica*

GRUPO NORTE	LÍNGUA
- do Senegal	- Fula, Jalofo (Wolof), Serere (Nhominca).
- Bak	- Balanta de Nhacra, de Fora, Bravos, Naga, Mané; - Djola-Felupe, Djola-Baiote; - Manjaco/Mancanha/Pepel.
- Tanda-Jaad-Nun	- Tanda, Conhagui; - Beafada, Padjadinca (Badjaranca); - Banhum, Cobiana (Caboiana), Cassanga.
GRUPO BIJAGÓ	- Bijagó (Língua falada no Arquipélago homónimo, com diferenças dialectais marcadas, conforme cinco grupos de ilhas: Canhabaque Bubaque, Orango-Uno, Formosa, Caravela-Caraxe, Soga-Ilha das Galinhas).

GRUPO SUL	- Baga, Landumã, Timenés (ou línguas *"Mel"*, uma raiz comum que significa "língua"); - Mansoanca (ou Mansonca ou Sua), grandes e pequenos: vivem perto de Mansoa e no tempo colonial eram erroneamente denominados também "Cunantes".

Fonte: Scantamburlo, 2013, p. 22-23 (grifos do autor).

O autor conclui que a subfamília **Mande** está dividida em dois grandes subgrupos: o **Mande Tan** (Norte) e o **Mande Fu** (Sul), este último abrangendo inclusive territórios que atualmente pertencem à Guiné-Conacri. No grupo Mande Tan encontram-se os **Bambarãs, Mandingas**, **Saracolés** e **Jacancas**, enquanto no grupo Mande Fu estão incluídos, entre outros, os **Sussos** (**Jaloncas**) (Scantamburlo, 2013). O quadro a seguir mostra as subdivisões da família **Mande**:

Quadro 3: Línguas da subfamília *MANDE*

GRUPO	LÍNGUA OU POVO FALANTE
- Mande tan (Norte)	Mambarãs, mandinga, saracolés, Jacancas
- Mande fu (Sul)	Sosso (jaloncas)

Fonte: Scantamburlo, 2013, p. 23 (grifo do autor).

Com a realização da Conferência de Berlim em 1884-1885, que aprovou a lei de definição das fronteiras dos países a serem colonizados pelos colonialistas europeus, Portugal e França, em 1886, na África, decidiram fazer trocas dos territórios dentro dos três países, nomeadamente Guiné-Bissau (colônia portuguesa), Senegal e Guiné Conacri (colônias francesas). Portugal cedeu Casamansa à França, fazendo parte de Senegal, e a França, por sua vez, cedeu o território Cacine a Portugal, anexando-o ao território guineense. Os falantes de Guiné-casamansa, hoje em dia, já não pertencem ao território guineense. Algumas línguas faladas nessa localidade, quer na Guiné-Bissau e quer no Senegal, permaneceram intactas como os povos nesses territórios, tornando, assim, dialetos da mesma língua presentes no território Bissau-guineense. Segundo Bull (1989, p. 80):

> As fronteiras foram estabelecidas em 1886 através de uma Convenção entre o Governo Português e o Governo Francês: naquela altura Portugal cedeu a região de Casamansa (Sul do Senegal) para a França e esta entregou a Portugal a região de Cacine (Norte da Guiné francesa): a capital da Casamança, Ziguinchor, fundada em 1645 pelo primeiro capitão-mor de Cacheu, Gonçalo Gamboa Ayala, é até ao presente um centro importante do falar Crioulo (Bull, 1989, p. 80).

A LG é o exemplo dessas línguas, apresenta diferentes falares (a LG, no território da Guiné-Bissau e língua casamanssense[6]/Senegal) em ambos os territórios pertencentes a então Guiné Portuguesa. Para Bull (1989, "todavia, no século passado o Crioulo de Ziguinchor, adstrito à língua francesa, começou a distinguir-se do Crioulo falado na então Guiné Portuguesa, com algumas características gramaticais e lexicais próprias".

Para Scantamburlo (2013), a LG apesar do pouco valor que, como "língua", lhe foi atribuído pelas autoridades oficiais da então colônia, tende a ganhar novos espaços na sociedade até se tornar a língua veicular de mais de trinta grupos étnicos. Assim sendo, "o crioulo, língua veicular do povo guineense" (Cá, 2000, p.7) se torna a língua nacional (LN) e língua materna (LM) ou língua segunda (L2) de mais de metade da população. É a língua do entendimento pela maioria da população e é símbolo de identidade nacional – conceitos que vamos trazer nas próximas abordagens.

Para além das línguas étnicas africanas faladas por diferentes grupos em diferentes lugares de suas habitações, como atrás se constatou, também, elas coexistem com a Língua Portuguesa (LP). Segundo afirma Virgínia José Baptista Cá (2015, p. 92), "o cenário linguístico em Guiné-Bissau tem mostrado o resultado do processo de colonização, onde se impôs também a colonização linguística da língua oficial", língua que, no período colonial, foi adotada pela autoridade como língua de ensino. Depois da independência, o Estado guineense veio a manter o uso dessa língua em todas as instituições educativas do país. Fonseca (2011, p. 92) revela que "a política linguística em Guiné, através de um decreto-lei nº 7/2007 de 12 de novembro de 2007, obriga a utilização da língua portuguesa em todas as instituições públicas, nomeadamente nas escolas e, especialmente, dentro da sala de aula e no recinto escolar". Para Djaló e Rubio (2024, p. 10997), "na Guiné-Bissau, a oficialização da língua portuguesa foi anunciada por uma minoria de indivíduos que não levou em consideração a opinião da população", pelo que, até pelas formas conscientes, continua a ver fortes resistências dos guineenses no uso da LP.

Segundo Couto (1990) e Scantamburlo (2013), para além da LP, também existe a LG com o estatuto de língua nacional (LN) e língua materna (LM) da maioria da população. Apesar de não possuir uma grafia institucionalizada[7] e uma gramática normativa ou descritiva, a LG é considerada símbolo de identidade nacional por ter mais falantes que o português e se determina

[6] O território denominado Cassamanca, hoje pertencente a Senegal, era território da Guiné-Portuguesa, atual Guiné-Bissau, mas que em 1886, sendo passado pela Colônia Portuguesa à Colónia Francesa, passando a anexar, assim, ao território senegalês.

[7] A língua guineense não tem grafia unificada, adotada pela autoridade do país. Mas existem duas propostas de escritas: a proposta da Igreja Católica e a de Scantamburlo, adotada pela Igreja Evangélica e outros escritores nacionais. Ambas propostas são bem distintas uma da outra.

com este estatuto no país. Para Couto (1990 p. 51), "o portugues [português], por seu turno, não tem legitimidade nenhuma, pois é a língua do colonizador, imposta. A única língua que representa a união pas-estado [paz-estado] na Guiné-Bissau é o crioulo uma vez que ele surgiu justamente da convergência das diversas línguas locais sob o policiamento português".

Também o país tem falantes das línguas francesa (LF) e inglesa (LI). Estas línguas são ensinadas nas escolas com estatutos de línguas estrangeiras. Também, para além dessas línguas, existe a língua Gestual Guineense (LGG) e é falada pela comunidade surda. De acordo com Martins e Morgado (2008), "[...] foi em 2006 é que se adotou esta última, devido ao aumento considerável de alunos surdos". O governo criou a Escola Nacional de Surdos-mudos em Bissau para, assim, atender às demandas. O inglês e o francês, devido à exigência dos mercados sub-regionais e internacionais, são línguas exigidas em algumas empresas privadas e/ou organizações internacionais. Para concorrer a uma vaga de emprego em algumas instituições privadas no país, sub-regionais e até internacionais é exigido o domínio de uma dessas línguas. Sempre é de vantagem o(a) concorrente que tiver conhecimentos das duas línguas e adicionada à LP enquanto LO do(a) concorrente.

Para além das línguas guineenses (as étnicas e o guineense) e português, os guineenses, no seu grosso modo, são mais fluentes em francês do que em inglês (Scantamburlo, 2013). Suponha-se que, talvez que seja por questões geográficas e geopolíticas com países da ex-colônia francesa, resultado de contatos permanentes com países vizinhos[8] ou com outros países da sub-região, dada a livre circulação de pessoas e bens[9] nos Estados-membros das Comunidades dos Estados da África Ocidental - CEDEAO[10], organização a que o país é membro. Scantamburlo (2013) faz saber que:

> A língua francesa, que tem ocupado um lugar de prestígio na Guiné-Bissau, sobretudo depois da liberalização do Comércio, e, em 1997, a adesão do País à União Económica e Monetária da África ocidental, adoptando o franco CFA como moeda. A forte imigração dos países vizinhos, maioritariamente francófonos, tem levado alguns a afirmar que essa língua está a igualar, em percentagem de locutores, a língua portuguesa (Scantamburlo, 2013, p. 29).

Para a justificação de tal pressuposto linguístico, o autor ainda afirma que são implementados neste país Cursos em LF, disponibilizado pelo "*Centre Culturel Français*", o

[8] Senegal e Guiné-Conacri.
[9] Protocolo ao tratado que estabelece a comunidade econômica africana em matéria de livre circulação de pessoas, direitos de residência e direitos de estabelecimento (adaptado pela trigésima sessão ordinária da conferência, realizada em Adis Abeba, Etiópia, em 29 de janeiro de 2018). Disponível em: https://au.int/sites/default/files/treaties/36403-treaty-protocol_on_free_movement_of_persons_in_africa_p.pdf. Acesso em: 20 set. 2026.
[10] Organização Sub Regional da África Ocidental.

ensino do Francês como língua estrangeira (LE) no Ensino Secundário e em várias escolas privadas. A LI é também uma língua com função de disciplina integrante dos currículos guineenses tanto quanto a LF. Ela também é aprendida nos centros de línguas, como o centro juvenil "*Youth for Christ -YFC*" (Jovens para Cristo).

2.4 Guiné-Bissau: A Língua Guineense de base das línguas étnicas e portuguesa

A língua é um instrumento de expressão da vida cotidiana. Ela, como sendo elemento fundamental da comunicação, também é utilizada na manifestação cultural de uma determinada comunidade. A língua cria e adapta-se às várias circunstâncias sociais, sendo "veículo", instrumento e produtora de todas as culturas.

Há uma relação intrínseca entre a cultura e a língua. Cada língua é "instrumento" duma cultura particular, pelo fato de a língua ser obrigada a adaptar-se a esta cultura para poder transmiti-la por meio de signos linguísticos, é também "produtora" da própria cultura, porque, através da comunicação entre os seus locutores, formam e se transformam as várias representações e os comportamentos coletivos face às realidades sociais.

Como referimos no ponto anterior, há a existência de mais de trinta (30) grupos étnicos nesse pequeno território (Scantamburlo, 2013), cada um com a sua língua e tradição cultural próprias, umas com "sub variações", denominadas "dialetos", e outras com "interletos". Os dialetos e interletos interétnicos surgiram por necessidades de deslocamentos internos de alguns grupos familiares e de pessoas da mesma língua dentro das regiões de suas pertenças em busca de melhores condições de sobrevivências, como, por exemplo, agricultura, pesca, pastagens de gados ou outras de natureza social e/o humanas, como, por exemplo, perseguições, pragas, pastos etc. Sabe-se que cada grupo étnico habitava particularmente em suas zonas de herança, espalhados quase por todo o território nacional, "[…] uma vez que a distribuição geográfica dos povos nativos tinha a ver com questões históricas, a partir de agrupamento étnico", de acordo com Siga (2022, p. 9). Antes das invasões coloniais, as migrações eram feitas dentro das mesmas esferas geográficas de cada grupo étnico.

Com a invasão portuguesa nesse território, ou seja, período do início da colonização, as atividades comerciais e as trocas a vários níveis com alguns povos nativos guineenses obrigavam a presença de uma língua de contato comum. Tudo isto era a forma de europeizar o povo, bem como de se terem acesso ao interior do país e construir "entrepostos comerciais" nas zonas litorais da Guiné. Para Intipe e Timbane (2019, p. 36), "tendo acesso o [ao] Sul e a costa da Alta Guiné, os portugueses se fixaram por volta de 1456, com o estabelecimento de relações com os marinheiros biafada, especialmente no rio Geba", construíram acampamentos afastados

das povoações dos povos nativos por razões de segurança, impeliram os habitantes destes fortins a utilizarem um falar entendido por todos, diferente das línguas de cada um, já que nenhum grupo de falantes era suficientemente numeroso para impor ou conservar na íntegra a sua própria língua. Para Scantamburlo (2013, p. 18), "é um grupo minoritário, mas, junto com alguns imigrantes Cabo-verdianos, chegados à Guiné Portuguesa no início do século XX, tiveram uma grande influência na luta pela libertação nacional e um certo poder económico e político na formação do Estado da Guiné-Bissau".

A exigência dessa língua comum da parte do colonizador aos povos residentes de fortins, os "assimilados", era a forma de os impor a cultura europeia e aceitação à cultura europeia era um dos requisitos básicos de se aproximar do colonizador e receber o título de "assimilado" ou "civilizado". Para Djaló e Rubio (2024), os colonizadores Portugueses na África Ocidental tinham como objetivo a Europeização da cultura Africana. Este objetivo falhou, contudo, e os Portugueses é que foram absorvidos pela cultura e maneira de vida Africanas... por volta de 1620 os Portugueses eram quase todos indistinguíveis dos residentes africanos ao longo do Gâmbia.

A partir destes grupos étnicos minoritários e alguns emigrantes cabo-verdianos é que surgiu "Pidgins". Nesta fase da língua, uma ocorrência de palavra remetia ao sentido completo do enunciado. Para Lucchesi (2016), Djaló e Rubio (2024) e Rubio e Cá (2019) pode-se compreender que entre pidgins e crioulos existem outras etapas importantes, como **os jargões**, **os pré-pidgins** e **os pidgins** que se tornam estáveis ou expandidos. "Os jargões e os pré-pidgins ocorrem na fase inicial, devido à necessidade do contato entre pessoas de línguas diferentes, ao passo que os pidgins estáveis ou expandidos aparecem após a consolidação dos jargões e pré-pidgins" (Lucchesi, 2016, p. 73).

O "jargão" remete-nos ao momento inicial da formação de uma língua, formados com segmento de palavras étnicas ou português, completando o seu sentido semântico com o gesto referencial da palavra ou da ocorrência frásica. Para Scantamburlo (2013), neste esforço de convivência entre os povos das diferentes etnias africanas presentes no território e os imigrantes lusitanos (comerciantes, "lançados", "filhos da terra", "grumetes" etc.) surgiu uma língua veicular, a LG. O autor ainda afirma que era um "grupo minoritário" chamado de "Cristão", mas que tinha certos poderes fundamentais no processo socioeconômico e político na construção da "identidade nacional". Scantamburlo (2013, p. 18) continua: "este grupo compreende todos aqueles que conseguiram conservar ou integrar elementos culturais extra-africanos. São descendentes de pessoas vindas do exterior, como os Cabo-verdianos e os Libaneses". Estes povos decidiram integrar às feitorias coloniais onde havia centros comerciais

e de civilizações humanas, nomeadamente, Cacheu e Farim, no Norte, Geba: Bafatá e Gabú, no Leste, Bolama e Bubaque, no Sul insular, e Bissau, no centro do país. Eram lugares considerados "fortificados" e "armados", cujos lugares centrais da "administração colonial" e do "domínio comercial". O linguista salienta ainda que estes povos "não abandonaram completamente a sua própria língua, as suas próprias tradições religiosas, mas aceitaram alguns elementos da cultura europeia". Os "Lançados/Cristons" possuíam poderes econômicos, começaram a criar relações de amizade e de interajuda ao povo dominado, uniam-se e formavam identidade "Língua Guineense" enquanto veículo de comunicação.

Segundo Scantamburlo (2013), os lançados e seus descendentes tomavam como auxiliares para o comércio, autóctones, sobretudo, entre aqueles que se tinham convertido ao cristianismo. Dada a sua forma de viver, a sua adaptação ao costume do país e a sua grande influência junto dos autóctones – muitas vezes eram ligados maritalmente a famílias nobres locais –, os lançados contribuíram significativamente para a miscigenação e foram veículos valiosíssimos, embora clandestinos, de aculturação nos dois sentidos. Pode-se afirmar que constituíram um fator positivo na formação do crioulo, meio de comunicação entre os próprios lançados e os autóctones. O contato e convivências entre línguas étnicas na Guiné-Bissau tem também um papel fundamental na formação dos pidgins e LG.

Alguns estudiosos, como Siga (2025) em sua nota preliminar, discordaram da opinião de Scantamburlo. A saber:

> Muitos desses nativos que se assimilaram à cultura e à língua do colonizador foram renegados pelos outros compatriotas, ou seja, eles mesmos renegaram as suas próprias raízes culturais e linguísticas, sendo penalizados por isso pelos outros membros do seu povo, não podendo ter acesso às terras nas suas comunidades nativas (Siga, 2025, p. 19).

Daí, pode-se compreender o papel imprescindível dos "lançados" na formação da LG, os modos de convivência e/ou relacionamentos com os povos "indígenas" ou "nativo". Os nativos assimilados de uma ou outra maneira, para além de possuírem estatutos de assimilados, mantinham contatos permanentes com os povos das suas comunidades étnicas, visto que, a expansão da LG por todo o território nacional aconteceu graças aos contatos de ambas as partes. Para Scantamburlo (2013):

> [...] lançados na formação do Crioulo Guineense consistiu sobretudo na sua capacidade de viverem à maneira africana, construindo as habitações, verdadeiros fortins cercados por paliçadas chamadas "*tabanka",* segundo o vocabulário da língua Temne [*Timené*]; casavam-se com mulheres africanas, chamadas, "*tangomãs"*, nome que as distinguia das outras mulheres africanas; este tipo de casamento foi o melhor processo para estabelecer relações de parentesco com os régulos e os fidalgos africanos, os "donos do chão", que tinham a responsabilidade, quase "divina", porque

> entregue pelos antepassados, de legalizar frente às comunidades africanas a criação duma nova aldeia, dentro do seu território (Scantamburlo, 2013, p. 46, grifo do autor).

Os autores Cá (2015); Luchesi (2016) e Djaló e Rubio (2024) concordaram com a visão de Scantamburlo (2013) em dizerem que quando "os filhos da terra" aprendem a LG como a sua LM, daí que ela se transforma numa LG nativizada, uma língua que se aproxima da língua do superstrato e se modifica em direção a uma língua com uma estrutura linguística própria. Com o desaparecimento do pidgin nativizado, surgiu o substrato guineense na boca dos filhos da terra. Os termos "filhos da terra" e "Crioulo", como atrás referimos, eram empregados de formas pejorativas pelos colonialistas. A primeira, refere-se às crianças nascidas das relações entre soldados europeus, lançados (um grupo de portugueses condenados à justiça portuguesa, os que estavam em fuga da justiça e aos que se sentiam ameaçados com o então regime instalado em Portugal), indígenas assimilados com tangomãs (mulheres indígenas) nas feitorias e entrepostos comerciais; a segunda, para se referir aos que estavam nas crias, quer dizer, criadas. As expressões que eram igualadas para nomear aos "animais" ou "plantas".

Bechara (1973 *apud* Djaló e Rubio 2024) ressalta que o termo "pidgin" teve sua origem na China e foi usado para nomear o pidgin inglês e, posteriormente, para se referir às línguas que têm as mesmas características. Segundo Lucchesi (2016),

> [...] as línguas pidgins e "crioulos" resultam do processo de estruturação gramatical do *código de comunicação emergencial* que os falantes utilizam para a comunicação interétnicas no momento social de contato (*o jargão ou pré pidgin*) que consiste de um reduzido elenco de itens lexicais utilizados para formar frases praticamente desprovida de elementos gramaticais. Assim o pré-pidgins funciona essencialmente de *modo pragmático*, dependendo crucialmente do contexto (Lucchesi, 2016, p. 73, grifos do autor).

A autora ainda afirma que, nas línguas pré-pidgins, os "indivíduos do grupo colonizador e do grupo colonizado se comunicam com a única intenção de dar e receber ordens ou trocar informações básicas" (Lucchesi, 2026, p. 73). A partir daí, vêm-se multiplicando os termos lexicais de pidginização até o surgimento da LG da base pidgins "estáveis" ou "expandidos", apesar de estas últimas possuírem estruturas de uma língua, mas elas não foram LM de muitos de seus falantes. Para Hamers e Blanc (2000):

> Pidgins são línguas auxiliares (forma) desenvolvidas com o propósito de comunicação mínima entre indivíduos/grupos falando vernáculos mutuamente ininteligíveis (função). No processo de pidginização, formas linguísticas limitadas e simplificadas são desenvolvidas. Conforme a necessidade de comunicação aumenta na sociedade (função), novas formas são criadas pelos falantes. Gradualmente, essas novas formas servem a funções estendidas. Eventualmente, o pidgin evolui para um crioulo (forma), torna-se a língua materna da próxima geração e, portanto, serve a novas funções (Hamers e Blanc, 2000, p. 12).

Os autores afirmam que a grande maioria dessas línguas “pidgins" e “crioulas” surgiram nos séculos XVI e XIX, períodos de contatos europeus e outros povos em diferentes partes do mundo.

Voltando aos cenários das línguas étnicas e guineense, Scantamburlo (2013) e Namone (2020), por um lado, apontam as diferentes posições que cada uma dessas línguas ocupa nas sociedades guineenses e, por outro, também fazem saber que, nas “línguas majoritárias[11], nas comunidades guineenses, existem falantes “monolíngues”, “bilíngues” e/ou “multilíngues”.

Estes fatos devem-se às diferentes formas de cruzamentos étnicos no país, como, por exemplo, as isoglossas (as fronteiras geográficas que delimitam as etnias ou línguas), partilha de uma zona única ou bairro de habitação entre grupos de etnias diferentes, casamentos interétnicos, comércios etc. Nascendo uma criança cujos pais são de etnias diferentes, ela acaba dominando ambas as línguas dos pais ou até da sociedade em que os seus pais vivem.

A teoria do surgimento da LG é uma questão que constitui, há muito tempo, a preocupação de muitos autores e, por isso, corresponde ao objeto de estudos de muitos deles. Intumbo (2007, p. 6-9), declara existir quatro teorias (4) que explicam a origem da LG. Uma delas, a primeira, diz que ela surgiu em Cabo Verde, que era um lugar onde diferentes culturas e línguas se encontravam. Essa origem estaria relacionada ao fato de que os indivíduos capturados, muitas vezes de diferentes etnias, eram mantidos em reclusão juntos, sem uma língua ou cultura em comum. Para se comunicarem, surgiu a “língua jargão”, entre os séculos XV e XVIII. Essa forma de comunicação usava expressões específicas ou recortes de palavras, sendo usadas nas feitorias entre escravos e senhores.

A segunda teoria defende que a LG teve origem na então Guiné Portuguesa, atual Guiné-Bissau, especialmente nas cidades de Cacheu e Geba. Essa teoria argumenta que o contato entre a LP e as línguas locais foi fundamental para o surgimento dessa língua. Essa teoria leva em conta que os portugueses chegaram à região por volta de 1446 e que só após o retorno, em 1460, é que se descobriu o território de Cabo Verde. Assim, acredita-se que a LG tenha surgido na Guiné Portuguesa, devido à chegada de pessoas chamadas de “degenerados” ou “lançados”, que, buscando riqueza, se aventuraram pelo interior da região, com grumetes (marinheiros) como auxiliares. Somente depois disso começaram os processos de escravização com alguns sendo levados para Cabo Verde.

[11] Línguas com mais número de falantes. As treze línguas abaixo apresentadas.

A terceira teoria, defendida por Naro em sua obra “Estudos sobre as Origens da Pidginização” (Naro, 1978), sugere que os nativos da África Ocidental foram capturados por ordem do príncipe Henrique com o objetivo de aprenderem a língua. Dessa forma, eles poderiam atuar como tradutores durante as viagens. Por isso, o autor acredita que a “crioulização” não aconteceu apenas pelo contato entre colonizadores e colonizados, mas também por esse processo de captura e aprendizado das línguas.

A quarta e última teoria contradiz a opinião defendida por Naro. Essa teoria defende que ambas as línguas têm uma origem comum, um proto-crioulo. Segundo Scantamburlo (2013), essa origem teria ocorrido por meio do contato entre lançados, grumetes e tangomãs. As tangomãs, como atrás referimos, eram mulheres nativas que se cruzaram com os lançados, formando mestiços, conhecidos como “filhos da terra”, que mais tarde eram denominados de “Crioulos”.

A comunicação entre esses filhos e as duas realidades linguísticas – a dos nativos e a dos colonizadores – era bastante difícil. Lucchesi (2016) explica que o jargão criado nesse processo não era suficiente para atender às necessidades funcionais, o que levou, de certa forma, ao aumento de elementos gramaticais na língua. Isso aconteceu porque o desgaste e a insuficiência da língua do colonizador fizeram com que a língua do colonizado precisasse se adaptar para reconstruir ou estabilizar sua gramática, especialmente pelos adultos.

Esses adultos, muitas vezes incapazes ou sem oportunidade de falar sua língua materna, passaram a consolidar e transformar o jargão em um pidgin (uma língua simplificada) entre os séculos XVIII e XX. Esse pidgin se espalhou e evoluiu, seguindo regras gramaticais próprias. Assim, surgiu uma língua que nasceu no contexto do multilinguismo, tanto pelo contato com as línguas nativas das comunidades guineenses, quanto com a Língua Alvo (a língua dos colonizadores).

A situação sócio-histórica enfrentada pelo povo guineense durante o período de domínio e expansão colonial portuguesa, embora não seja algo desejável para quem vive essas condições, acabou favorecendo de forma significativa a nativização do pidgin. Isso aconteceu principalmente entre os adultos, que precisavam se comunicar usando o pidgin, transmitindo essa língua aos seus filhos. Com o tempo, essa transmissão fez com que o pidgin se tornasse uma língua nativa, ou seja, uma língua que passou a ser falada de forma natural pelas comunidades locais.

A tabela a seguir mostra os cenários dos quatro principais grupos de falantes das línguas nacionais em todas as regiões, de acordo com os dados do RGHP de 1979.

Tabela 2: Tabela dos falantes das línguas étnicas por regiões

Nº	Grupo	Total
1	Falando 1 só língua	429.843
2	Falando 2 línguas	239.701
3	Falando 3 línguas	94.460
4	Falando 4 e mais línguas	24.460
5	Números inválidos nas 9 regiões	381
Total		**789.124**

Fonte: Scantamburlo (2013, p. 25).

Do cenário linguístico apresentado neste país, pode-se perceber que boa parte do povo é poliglota, o que representa uma boa relação do mosaico étnico existente entre os povos por um longo período de tempo. Para Djaló (1987),

> Estima-se que cerca de 30% da população seja bilingue e 12% trilingue. Entre os bilingues, 26% fala o crioulo mais uma língua africana. O número da população bilingue do crioulo-português é de 2% e só 1,9% da população fala duas línguas africanas fora do crioulo e do português. De entre os monolingues, cerca de 17% são falantes do fula, 15% do balanta, 7% do mandinga, 5% do manjaco, 4% do crioulo e 0,3% do português. O total dos monolingues, excluindo os do crioulo, é de 44%, percentagem igual à da população falante do crioulo (Djaló, 1987. p. 106).

A tabela comparativa que agora vamos apresentar de falantes das treze (13) principais línguas da Guiné-Bissau, incluindo a LG e português com base nos dados publicados pelo INEC/RGPH de 1979 e 2009, ilustra estatutos que cada uma das línguas determina, assim como o poliglotismo da população guineense.

Tabela 3: Números de falantes por línguas com base nos INE/RGPH de 1979 e 2009

Língua	**%**	**Nº de falantes**	
Ano	**1979 e 2009**	**1979**	**2009**
Crioulo guineense	(44,31%)	349.638	673.880
Balanta	(24,54%)	193.722	373.212
Fula	(20,33%)	160.499	231.774
Português	(11,08%)	87.464	168.408
Mandinga	(10,11%)	79.790	153.756
Manjaco	(8,13%)	64.194	123.643
Papel	(7,24%)	57.202	110.108
Beafada	(1,97%)	15.551	29.960
Bijagó	(1,97%)	15.546	29.960

Mancanha	(1,86%)	14.682	28.287
Felupe	(1,48%)	11.771	22.508
Nalú	(0,31%)	2.491	4.715
Inválido	(0,05%)	381	760
Total	**(133,38%)**	**1.052.861**	**1.951.071**

Fonte: Scantamburlo, 2013, p. 28.

Com base nestes dados de RGPH de 1979 e 2009, pode-se perceber que a LG representa 44,31% dos falantes, seguidos de línguas étnicas Balanta com 25,54%, Fula com 20,33% e o Português, na quarta posição, com 11,8% da população total de 1.951.071. Esses dados incluem, como atrás referimos, falantes de uma ou mais línguas, a posição que cada uma das línguas representa em termos de importância e presença no território Bissau-Guineense.

A LG, apesar de ser a língua mais falada pela maioria da população guineense (falada por 90,4% da população [RGPH/INE, 2009, p. 38]), ainda é considerada uma língua menorizada pelas autoridades políticas do país, tal qual às línguas étnicas. Segundo Calvet (2002), a adoção da língua portuguesa como língua oficial acabou inferiorizando a língua guineense, bem como as línguas étnicas. Todavia as línguas étnicas e, principalmente, LG apesar de serem línguas maioritárias, quer dizer, línguas com mais falantes na Guiné-Bissau, enfrentam enormes desafios na sua adoção no setor educativo guineense como as línguas do ensino. Segundo Scantamburlo (2013), sabe-se que, em 1987, o Ministério da Educação Nacional, Ciência e Desporto (MENCD) tentou criar um documento chamado **"Proposta de uniformização da Escrita do Crioulo"**, com o objetivo de estabelecer uma forma padrão de escrita, intitulada ***"Ntindimentu ku ocado pa skirbi kriol di un manera son"***.

Apesar de um acordo inicial para padronizar a escrita, a proposta da grafia é adotada posteriormente por alguns autores e instituições, como o Departamento de Alfabetização de Adultos, a Igreja Evangélica da Guiné-Bissau, Fernando Júlio e o próprio Scantamburlo. Embora, segundo o linguista, essa proposta tivesse algumas falhas em certos aspectos fonéticos, ela foi útil, especialmente para ajudar alunos e escolas experimentais na alfabetização de adultos.

Em 1998, o Ministério da Educação se reuniu com várias organizações para desenvolver e definir uma nova grafia para a LG. Essa proposta foi então submetida à Assembleia Nacional Popular (ANP) para discussão, votação e promulgação. No entanto, infelizmente, a guerra de 7 de junho daquele ano impediu que essa iniciativa fosse concluída. Ainda hoje, essa língua

carece de um instrumento legal e de um consenso que regulamente sua grafia (Scantamburlo, 2013). Diante dessa situação, o autor recomenda que,

> [...] quando as duas línguas são utilizadas, em situação de bilinguismo, como é o caso do projeto de Ensino Bilíngue, é mais didático preparar os sistemas gráficos de duas línguas como um conjunto: cada fonema comum às duas línguas deve ser escrito com o mesmo grafema, evitando assim aos leitores o inconveniente de serem obrigados a mudar de registo (Scantamburlo, 2013, p. 244).

Sobre a proposta de 1987 do MENCD, é importante destacar que ela buscava respeitar a convivência e a autonomia da língua crioula. Por isso, propôs substituir, na escrita, palavras que inicialmente eram escritas com as letras **"C":** *"cu, ca, co"* pela letra **"K"**: *ka, ko, ku* (Scantamburlo, 2013).

Luigi Scantamburlo apresentou algumas sugestões de regras, pois acredita que a proposta do MENCD tinha imperfeições ou insatisfações. Ele defende, por exemplo, que, primeiro, deve-se seguir o princípio da **"não contradição"**, ou seja, cada fonema deve ser representado pelo mesmo símbolo gráfico. Assim, o fonema /ñ/, por exemplo, adotado pelo MENCD para representar o segmento nasal palatal **[ɲ]** que em português é escrito com **/nh/** (como em **"nha")**, também deveria ser grafado assim na Língua Guineense.

Outro aspecto importante é a orientação pelo sistema fonológico, que busca representar o som com o menor número possível de letras. Por exemplo, para o som da consoante africada palatal sonora **[tʃ]**, o autor sugere usar o dígrafo **/tc/** (como na palavra "otca") ao invés de três letras /tch/ (como em "otcha"). Ainda que essa orientação seja válida, ele acredita que essa proposta deveria ser revista ou modificada.

Se o próprio autor defende o princípio da **"não contradição"**, por que não o priorizar sobre o princípio do sistema fonológico? Afinal, se a adoção dessas regras foi motivada pelo ensino bilíngue "Língua Guineense-português" e a proposta ainda é bastante popular, por que não a deixar em vigor?

Outro aspecto ainda discutido foi a "aceitação de cinco novos fonemas" – **/z/, /ch/, /j/, /x/ e /lh/** – que o MENCD rejeitou. O último dígrafo, **/lh/**, foi substituído por **/li/**. Por fim, há a regra da **"harmonização das grafias das línguas do país"**, que, embora mencionada por Scantamburlo (2013), não nos interessa tanto aqui.

Vale destacar que, até hoje, a proposta de Scantamburlo é a mais consistente e utilizada por algumas instituições e autores na escrita da LG. No entanto, apesar de haver várias tentativas de institucionalizar a LG, até então, não existe um instrumento regulador formal adotado pelo Estado da Guiné-Bissau.

2.5 Os conceitos de Língua Oficial (LO), Língua Nacional (LN), Língua Materna (LM), Língua Segunda (L2) e Língua Estrangeira (LE)

Compreender os conceitos dessas línguas torna-nos fácil distinguir os diferentes estatutos que cada uma das línguas ocupa na sociedade guineense. Esta subseção é dedicada às abordagens dos conceitos linguísticos acima apresentados, permitindo, assim, compreender, doravante, o debate linguístico promovido e as influências destas línguas locais (as línguas étnicas e guineense) no falar da variedade do português guineense, sendo o foco da nossa pesquisa.

2.5.1 Língua Oficial (LO)

A Língua Oficial (LO) é a língua adotada pelo Estado como "língua de "Direito[13]". Para Azeredo *et al*. (2014, p. 15), "é a língua usada no contato de um cidadão com a administração do seu país". Na Guiné-Bissau, a LP foi imposta ao colonizado como a língua do direito desde o período colonial. Para Couto e Embaló (2010, p. 49), "a constituição do país está redigida em português". Siga (2022, p. 3), por seu turno, afirma que "com a independência, o país adotou o português como língua oficial (LO), sendo, até ao momento, a única utilizada no processo de ensino-aprendizagem, num contexto multilíngue".

Nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP[14], as línguas francesa e inglesa em contextos plurilíngues, reconhecem o português nesses países como a LO, tendo em conta as suas concorrências, nos espaços lusófonos e demais organizações. Nos PALOP, o português também se posiciona com o estatuto de L2. A LO não é a LM de maior parte da população guineense; ela, na maioria dos casos, determina com o estatuto de L2.

2.5.2 Língua Nacional (LN)

A Língua Nacional (LN) é a língua da identidade e da unidade nacional, da afirmação cultural e dos valores de um povo. É a língua da união entre a população. O conceito da LN, para Azeredo *et al*. (2014, p. 15), é o seguinte: "é a principal língua falada pelos habitantes de uma nação". Se partirmos desses conceitos e tomando em conta as posições das línguas guineenses como era visto, a LG é considerada de LN tanto quanto o português. "Amílcar Cabral assume o português como um património nacional, um instrumento de comunicação que pertence aos seus falantes" (Siga, 2022, p. 3). Embaló e Couto (2010, p. 28), "o crioulo, língua

[13] Língua de ensino, administração, comércio, justiça, dentre outros.
[14] Os países são: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

veicular e de unidade nacional e, com o português, ambas resultantes do património da colonização portuguesa" neste território. "[…] um mosaico de línguas, de culturas e de economias, onde o Crioulo Guineense domina como língua de comunicação, língua veicular e língua nacional" (Scantamburlo, 2013, p.8). Nos estudos linguísticos, como aponta Bull (1989, p. 44), a LG se tornou língua materna e língua principal de uma comunidade. No entanto, para Augel (1997, p. 251), "a língua Franca da Guiné-Bissau é o crioulo."

Nos PALOP, a Guiné-Bissau, para além de ter línguas étnicas como em Moçambique e Angola e também LG como em Cabo-Verde (língua caboverdiana) e em São-Tomé e Príncipe (língua sãotomense); ela é o único país dos PALOP que possui os três processos linguísticos (línguas étnicas, LG e o português), caso que outros países acima mencionados não possuem. Ou seja, todos eles possuem dois (2) casos: o étnico e o português (Angola e Moçambique) ou o crioulo e o português (Cabo Verde e São-Tome e Príncipe). Em cada um desses países que tem o "crioulo", ela determina com o estatuto de LN, falada pela maior parte da população nessas comunidades.

Na Guiné-Bissau, a LG possui falantes muito superiores aos de LP. Segundo os dados do último Recenseamento do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2009, p. 38), a LG é falada por 90,4% populacional, ao passo que a LP, hoje, é utilizada por pouco mais de 27,1% da população. Estes dados determinam a LG com o estatuto da LN quanto ao português.

A supremacia da LG em relação ao português, na Guiné-Bissau, advém de muitos fatores sociais. As razões basilares desses fatores constituem as profundas preocupações de análises de muitos autores. Para Siga (2022, p. 3), as "exigências impostas aos cidadãos nativos considerados *indígenas* (que representavam a maioria da população) eram motivos fortes para lhes limitar o acesso à cultura portuguesa e à própria língua portuguesa".

Na mesma sequência de ideia, Namone (2020, p. 29) discorre acerca do que considera serem os fatores de insucesso da LP no país, considerando que, apesar de ter sido adotada como a LO, ela possui poucos falantes. O autor afirma que esses fatores podem ser resumidos em quatro motivos principais: (i) a maneira como foi levado a cabo o processo da colonização não permitiu que essa língua se expandisse por todo território; (ii) a forma seletiva de acesso à educação formal, adotada pelo colonizador, não permitiu a adoção da LP; (iii) as irresignações e as resistências dos povos nativos de diferentes territórios (diferentes grupos étnicos) face à presença dos invasores colonialistas, das práticas ligadas à usurpação dos seus direitos, nomeadamente aos seus territórios e dos seus poderes, os trabalhos escravocratas e pagamentos de impostos de palhota; e (iv) os permanentes usos de línguas étnicas pelos falantes de diferentes comunidades étnicas, nas zonas rurais, e a difusão das línguas locais pelos

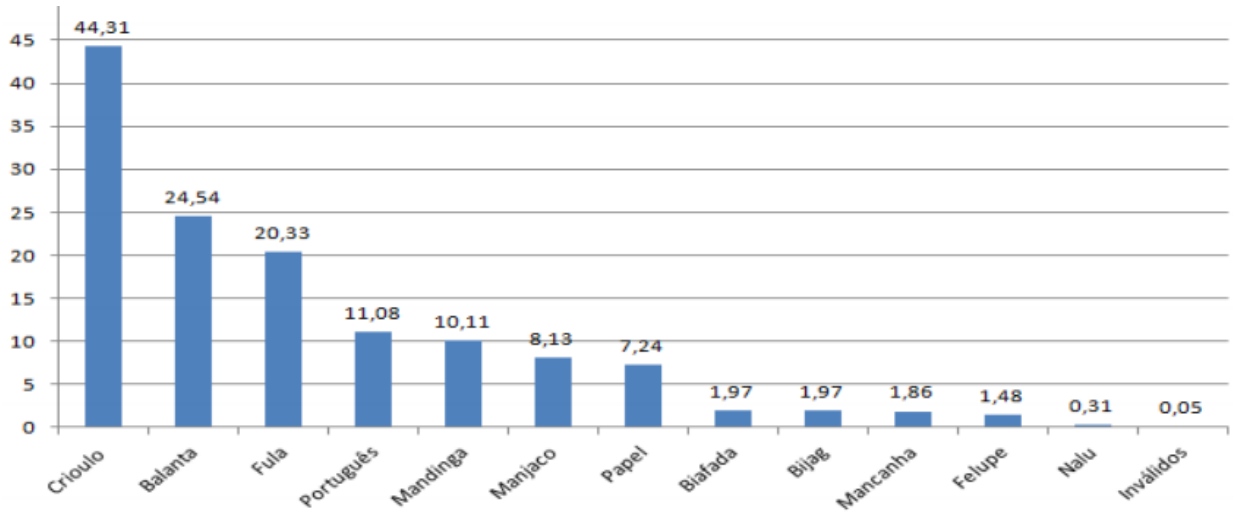
guerrilheiros do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (doravante PAIGC), no processo da luta pela independência, criaram barreiras para a divulgação/expansão da LP.

A razão da LG ganhar o estatuto de LN, como afirmam outros pesquisadores, se deve ao desinteresse do colonizador em não se importar em colonizar este povo logo após à sua ocupação no interior do país, sendo o único país dessa colônia cujo regime político era de ocupação e exploração e não de ocupação e colonização. Na Guiné-Bissau, a LP sempre era vista como a língua do inimigo. Para Couto e Embaló (2010):

> Devido ao fato de a Guiné-Bissau ter sido apenas uma fonte de fornecimento de escravos e de algumas mercadorias para os exploradores portugueses até praticamente o século XIX, sua ocupação e colonização sempre foi muito precária. Só no século XX houve uma efetiva exploração da região da costa da Guiné, inclusive de regiões do interior. Por isso a língua portuguesa nunca se implantou efetivamente nessa região africana, chegando mesmo a se mesclar com as línguas nativas e a dar lugar ao crioulo (Couto e Embaló 2010, p.48).

O gráfico a seguir ilustra os cenários e estatutos linguísticos de doze línguas majoritárias dentro do contexto linguístico guineense.

Gráfico 1: Percentagem de falantes de diversas línguas na Guiné-Bissau



Fonte: Namone (2020, p. 27).

A LG vem ganhando gradativamente o estatuto de LN, língua de "identidade nacional" e de afirmação logo ao seu surgimento como a língua de entendimento interétnicas no período da colonização. Foi um "instrumento fundamental" no processo de "luta pela independência" de Guiné e Cabo-Verde, desencadeado pelo Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC), decorrido entre os anos de 1963 a 1973.

Em estado de emergências ou de ordens sociais, para Scantamburlo (2013), ao Língua Guineense tem facilitado muito o povo guineense comunicação, nos diálogos e se entenderem, em situação de disputas de terras ou outro tipo de desentendimentos".

Após a independência e a abertura do período democrático no país e com a adoção da nova Constituição da República guineense para esta data, os fatores de emigrações para as zonas urbanas, por grande maioria populacional, o comércio livre, aumentos de escolas da rede pública por todo o território nacional, a guerra civil de 1998, disseminação das mídias, dentre outros, são elementos importantes na difusão da LG por todo o território nacional. Couto e Embaló (2010) afirmam que:

> Nos programas radiofónicos, seja em nível da estação oficial (Rádio Difusão Nacional) ou das rádios privadas (Pindjiguiti, Bombolom...) ou comunitárias, que têm proliferado pelo país nestes últimos anos, a presença do crioulo é preponderante, o que levou a Assembleia Nacional Popular a impor, em 2007, uma quota de 50% entre o crioulo e o português nas emissões da rádio (Couto e Embaló, 2010, p.50).

Ainda, os autores continuaram a abordar, entre outras razões que estão na base da LG, como conseguir superar o estatuto de português neste país, entre as tais, evocaram como exemplo: o uso relativo e frequente desta língua em determinados níveis de reuniões dos trabalhos, a nível do governo em diferentes ministérios; no parlamento, é a língua mais utilizada, mesmo porque há deputados que não falam o português ou que não têm domínio ativo nem mesmo da LG; em casa, nas escolas, nas ruas, nos bairros populares com pessoas de diferentes etnias é a LG a mais utilizada. Em consonância com Augel (1997, p. 251), "basta ouvir os debates da Assembleia Nacional para constatar que a língua do país é o crioulo". O que vemos, hoje, na realidade linguística na Guiné-Bissau, é o resultado de um crescimento contínuo da LG. Para além de ser utilizada nos contextos ora evocados, também é utilizada nos atos de celebrações matrimoniais, nos cartórios, na igreja, em diferentes cerimônias étnicas e nas atividades culturais, nos julgamentos oficiais em todos os tribunais do país, dentre outros, permitindo, assim, à LG, cada vez mais, a sua difusão progressiva em todo o território nacional. Por último, a televisão, a música guineense, o desporto, a cultura e o comércio são, entre outros meios, também importantes para a propagação do LG por todo o território nacional.

Face ao exposto, Couto e Embaló (2010, p. 50) concluíram que "isso poderíamos inverter a formulação, dizendo que o crioulo é a única língua de todos os guineenses". Diante do exposto, podemos afirmar que a LG é a língua adquirida pela maioria e corresponde, hoje, a LM da maioria parte da população.

2.5.3 Língua Materna (LM)

Entendemos por LM ou Língua Primeira (L1) a primeira língua pela qual a criança aprende espontaneamente, no ambiente familiar, em meio natural de aquisição, ou seja, a primeira língua adquirida na infância pelo sujeito (Siga, 2025). Neste caso, tanto as línguas étnicas quanto a LG são consideradas a LM da maioria da população guineense, como se pode ver ao longo das nossas abordagens. De acordo com Spinassé (2006), Grosso (2010) e Azeredo *et al*. (2014), o conceito da LM refere-se à língua da primeira socialização de uma criança, que normalmente é transmitida pelos pais ou pela sociedade. Em outras palavras, é a primeira língua que uma criança aprende a usar em seu contato com os pais e que emprega de forma mais natural na comunicação.

A adoção de uma LM por uma criança varia de sociedade em sociedade. A(s) LM(s) pode(m) ser ou não a(s) dos pais ou da(s) comunidade(s) em que estão inseridos os pais da criança ou por outros motivos naturais. Na inexistência de uma única fórmula à sua adoção por diferentes crianças, Spinassé (2006) explica:

> Muitos outros aspectos lingüísticos e não-lingüísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1 (Spinassé, 2006, p. 5).

Na Guiné-Bissau, há crianças que nasceram em casa dos seus pais ou numa comunidade linguística cujos pais, por razões da lei natural[15], levam-nas a orfanatos, lugares em que adquirem as LMs dessa comunidade que, em certos casos, não são as mesmas dos seus pais ou comunidades em que nasceram ou onde moravam com os pais.

Destaca-se que, em Bissau, apenas um pequeno número da população, especialmente entre a classe elite, possui a LP como a LM.

3.5.3 Língua Segunda (L2)

Entendemos a(s) L2 como a(s) língua(s) adicionada(s) por um falante através do processo de ensino-aprendizagem. Para Grosso (2010), o conceito de L2 possui uma longa história e é plurissignificativo. Ela é definida como a língua utilizada na educação. A L2 desempenha um papel importante no desenvolvimento psico-cognitivo da criança em um contexto em que a língua-alvo é a LO. Assim, seu uso como meio de comunicação é necessário no ambiente em que a criança está inserida. O autor também menciona que a L2 tem um significado específico, sendo entendida como uma língua estrangeira (LE) reconhecida como

[15] Morte dos pais ou até de um dos pais, insuficiências financeiras, apadrinhamento da criança por missionário(a), realidades externas ou internas familiares, entre outros.

oficial, como é o caso do português nos PALOP, que apresentam contextos plurilingues ou multilíngues.

Na Guiné-Bissau, o português é considerado a L2 por ser a língua aprendida nas instituições escolares, língua utilizada nos órgãos de comunicação social, nas administrações públicas e privadas. "A L2 é também entendida como a segunda língua, que, a seguir à LM, melhor se domina" (Grosso, 2010, p. 64), de acordo com Grosso. Para Spinassé (2006, p. 5), "[a] aquisição de uma Segunda Língua (L2 ou SL), por sua vez, se dá, quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a(s) sua(s) L1, ou seja, quando ele já está em um estágio avançado da aquisição de sua LM". A partir desses conceitos, apesar das línguas étnicas e a guineense[16] não são aprendidas por um processo de ensino-aprendizagem. Supomos também que, em certos casos, elas podem ser consideradas a L2 de alguns(mas) falantes guineenses quanto o português.

3.5.3 Língua Estrangeira (LE)

Entendemos por LE a língua que é aprendida ou não no ambiente de uma aula de língua, tal como a L2/LO, na qual o falante adquire competência comunicativa e escrita dessa língua. Para Grosso (2010), "no entanto, a LE indicava sobretudo a língua não nativa, que tinha de ser aprendida e ensinada de acordo com determinados procedimentos metodológicos".

A LE para Azeredo *et al*. (2014):

> é aquela que, num determinado país, não é a língua de nenhuma comunidade antiga, e, por isso, não é reconhecida nesse país como LO. Aprende-se uma LE com o objetivo de comunicar fora do país ou em circunstâncias em que se contacta com falantes dessa língua (Azevedo *et al*. 2014, p. 15).

O processo de ensino-aprendizagem de LE é apresentado como uma organização sistêmica composta por diversos fatores, que, por sua vez, servem de base para a definição futura dos conteúdos programáticos das línguas vivas. Para Grosso (2010):

> A língua estrangeira não é a língua da primeira socialização, é uma outra língua com a mundividência de uma outra sociedade. É a língua e a cultura do outro que, por várias razões, sempre suscitaram grande curiosidade; a testemunhá-lo estão os vários métodos de ensino das línguas e a procura, durante séculos, do método ideal de ensino da língua estrangeira (Grosso, 2010, p. 63-64).

O autor, ainda, ao definir os conceitos de línguas, mostra que a L2 e a LE não ocupam o mesmo lugar da LM; são línguas do outro, aprendidas no contexto formal. A LE é considerada

[16] Termo que também se utiliza para se referir a(s) pessoa(s) e nacionalidade e língua crioula.

Língua não Materna (LNM) que se aprende por meio de uma metodologia de ensino. Spinassé (2006) afirma:

> Língua Estrangeira (LE), uma Segunda Língua é uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização. A situação tem que ser favorável: um novo meio, um contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação e para a integração social (Spinassé 2006, p. 5).

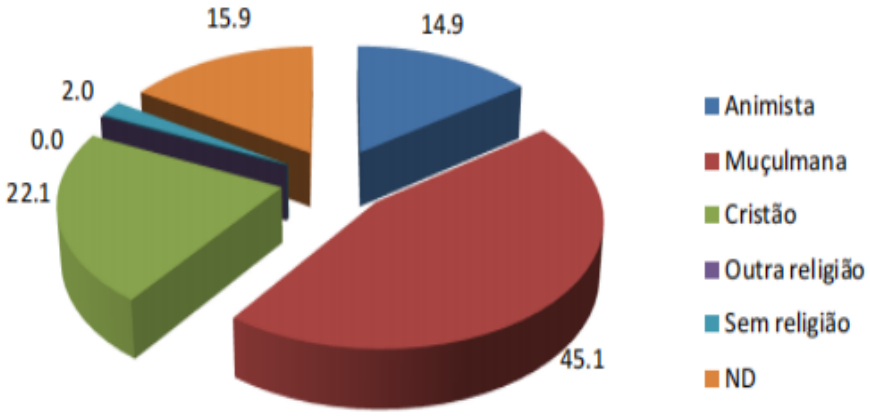
Na Guiné-Bissau, a relação com a LP é profundamente influenciada pelo seu passado colonial. Como país que foi colonizado por Portugal, a população local muitas vezes associa o português a esse período de dominação, o que contribui para que o idioma seja percebido principalmente como uma LE. Essa percepção não é apenas uma questão de história, mas também se reflete na prática diária, onde o uso do português é relativamente limitado e muitas vezes resistido, seja de forma consciente ou inconsciente. Essa resistência pode estar relacionada ao desejo de manter as línguas e culturas locais, bem como ao impacto emocional e social que a colonização deixou na sociedade. Assim, a relação com o português na Guiné-Bissau é marcada por uma complexa mistura de história, identidade cultural e resistência, que influencia a forma como a língua é percebida e utilizada atualmente. Salienta-se que a resistência face à LP não só é vista no campo acadêmico como também em todas as estruturas organizacionais do país.

2.6 O sistema político, religioso e econômico guineense

A Guiné-Bissau configura-se como um Estado soberano e de matriz cultural heterogênea, estruturado politicamente sob o regime semipresidencialista e juridicamente pautado pela separação de poderes. Economicamente, o país mantém forte dependência do setor primário, a agricultura, com destaque para a exportação da castanha de caju, da pesca e da extração florestal – atividades que contrastam com uma industrialização ainda incipiente, representando apenas 13,1% do Produto Interno Bruto (PIB).

Além da dinâmica econômica, a diversidade guineense reflete-se em seu panorama confessional. Conforme os dados do III Recenseamento Geral da População e Habitação (III RGPH/INEC, 2009), a distribuição das principais crenças religiosas praticadas no território apresenta-se da seguinte forma:

Gráfico 2 - População de nacionalidade guineense segundo a religião praticada



Fonte: RGPH/INEC, 2009, p. 26.

Os dados deste recenseamento mostram que a maioria da população pratica as religiões pertences à religião muçulmana (45,1%). Seguem-se os cristãos (22,1%) e os animistas, ou seja, os praticantes das RTA (14,9%). Informa-se que, na Guiné-Bissau, apara além das principais religiões acima apresentadas, existem outras confissões religiosas e os não declarados de suas religiões.

2.7 O sistema educativo guineense

Esta subseção, é dedicada exclusivamente às abordagens dos cenários e desafios educativos na Guiné-Bissau, começando pelos períodos pré-colonial, colonial e pós-colonial. Falaremos sobre como o processo foi conduzido por diferentes atores, quer dizer, entre o colonizador e o nativo nos períodos pré-colonial e colonial e o nativo após o período colonial.

2.7.1 O ensino no Período Pré-Colonial

A ocupação portuguesa na Guiné-Bissau criou a ideia de aculturar os povos nativos e os impor à sua cultura, tendo em conta as fortes resistências destes povos face aos colonizadores. Os europeus compreenderam tais resistências nos momentos de contatos com os povos indígenas no território guineense, já falantes de inúmeras línguas autóctones e de culturas diferentes, tiveram contatos de formas mais aprofundadas com alguns nativos, os “assimilados” – que eram impostos a usar uma língua comum de contatos entre eles e o colonizador. Na fase destes contatos, houve resistência do povo nativo. E, à medida que o tempo se ia passando, os contatos entre os colonizadores e os colonizados se aumentavam de modo que poucos deles adquiriram a língua do colonizador. Com base no fraco conhecimento que o colonizador tem dos povos guineenses e de suas culturas, os colonialistas europeus afirmaram que os povos africanos não tiveram uma “instrução mínima”, só pelo fato de os africanos não conseguirem

falar e escrever na língua do colonizador e, muito menos, vestir a forma deles. A instrução mínima mencionada refere-se à educação escolar formal; a ausência dessa estrutura implicaria a carência de profissionais qualificados para o processo de ensino-aprendizagem.

Uma das ferramentas de aculturação que foi usada pelos colonizadores era ensinar a ler e a escrever. O sistema educativo, nessa primeira fase, era, segundo Cá (2000), confiado às autoridades administrativas e às missões católicas, que se encontravam em contato mais direto com a população e se serviam dos meios mais cruéis para impor a mentalidade portuguesa e para transformar as pessoas segundo os "padrões europeus". O objetivo desse ensino para o povo nativo era restaurá-lo de um estado "primitivo" para uma sociedade civilizada. A aceitação da educação e da fé católica era considerada condição indispensável para que o indígena se tornasse "civilizado". Para o autor, foram essas as circunstâncias que deram origem às escolas onde eram utilizados os métodos mais desumanos, como a violência, castigos corporais, intimidação, injúrias e o total desrespeito pela "dignidade africana". Bortoni-Ricardo (2005) repudia esta forma de ensino através da opressão nos estados em colonização, sobretudo nos estados em que os fenômenos plurilíngues são observados. A autora afirma:

> A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

Para Cá (2000, p. 5), "a igreja católica contribuiu grandemente para assegurar as vantagens de assimilação de técnicas europeias, sem que fossem ocorridos os riscos de exploração económica". A presença dos missionários não só católicos, mas também evangélicos, em 1440, na Guiné-Bissau, bem como nos outros países africanos, era pela expansão do cristianismo. As religiões tradicionais africanas (RTA) eram desconsideradas pelos europeus, permitindo, assim, estabelecer o sistema colonial. O país tem vindo a examinar com perspicácia esta questão, sob o ângulo do ensino e cristianização informais. Ainda segundo Cá (p. 5-6), "a igreja colabora em uma aculturação estritamente limitada e controlada", os "indígenas" recebiam a "cultura branca" e dos princípios cristãos o suficiente para se tornarem hábeis, com um "espírito independente". Sabe-se que os missionários (Jesuítas), a fim de difundirem a fé cristã, criaram missões católicas, escolas etc., mobilizando e dando as condições necessárias para que as comunidades se tornassem cristãs.

Salienta-se que, antes da invasão europeia no território Bissau-guineense, o papel do professorado na Guiné-Bissau se iniciou há vários séculos, ou seja, desde que existe a humanidade. Pode-se perceber isto nos ditos do velho "Amadou Hampâté Bâ" que na sua

filosofia da tradição oral se diz: **“Na África, quando um ancião morre, uma biblioteca se queima”**. Isto quer dizer que os velhos são instrutores das novas gerações. Nas comunidades tradicionais africanas, até hoje em dia, nas vilas e aldeias, numa noite de fogueira, os mais velhos reuniam/reúnem crianças, jovens e adolescentes, contando histórias de modo a transmitir as experiências e instruções de boca em boca – os fatos que os europeus desconheciam.

Segundo Cá (2000) e Sané (2018), a falta de instituições escolares formais nas sociedades africanas tradicionais não implica a ausência de processos de ensino-aprendizagem, uma vez que o conhecimento era transmitido por meio da tradição oral. No entanto, posteriormente, as sociedades são suprimidas pela cultura escrita europeia. Cá (2000) caracteriza o estado em que o colonizador colocou a população guineense das convivências habituais construídas há muito tempo, sendo patrimônio tradicional da sociedade, afirmando que:

> [...] ao impor um destino preestabelecido de escravatura e de domesticação aos africanos, o colonialismo foi o grande fator externo de ruptura e de deslocamento do equilíbrio da deslocação tradicional. Assim, não havia mais condição de uma aprendizagem ligada à comunidade, considerando que a vivência comunitária havia sido apropriada por uma potência externa (Cá 2000, p. 5).

Reiterando a ideia da civilização, um africano era considerado “civilizado” quando negava na sua plenitude a sua cultura, legitimando, assim, a cultura do colonizador. Cá (2000, p. 5) lembra, ainda, que “era então, um mínimo de europeização para impor uma ordem social que facilitasse uma economia. Assim, se os africanos assimilassem a cultura e as técnicas europeias com demasiado acesso, poderiam construir uma ameaça à dominação colonial”. Com essa filosofia de permitir que os indígenas recebessem o suficiente da cultura europeia é que o colonizador português tentou desenvolver uma política de “assimilação”. Essa ideia perpassa até mesmo na representação imagética que o “EU” tem do “OUTRO” (Bakhtin, 2006). Vale lembrar que nesse processo de assimilação os portugueses tiveram pouco sucesso devido à resistência deste povo que, outrora, eles chamavam de “indomáveis”. Para o europeu, “indomáveis" quer dizer que os povos africanos apresentavam/apresentam características desumanas.

Nesse período inicial, pode-se compreender que a religião católica tinha mais poderes que a muçulmana dada seu estatuto especial que tinha do colonizador. Os muçulmanos reconhecem esta supremacia visto que, independentemente do estatuto especial que a católica tinha, também são possuidores da “Língua Alvo” (LA), língua do colonizador, e do poderio comercial. Os jesuítas, para além de serem um dos protagonistas do ensino formal neste período, tinham também a liberdade de fazer comércio e de expandir a fé cristã nos centros de

fortins portugueses, estatutos que não só as RTA não tinham, mas que eram impedidos de as manifestar.

2.7.2 O ensino no Período Colonial

Os colonialistas, durante quase cinco séculos de suas ocupações no território guineense, não tinham o mínimo interesse em instruir o povo, apenas o de continuar a explorar fortemente este povo e seu território.

Mesmos com algumas exigências do PAIGC, o sistema e o formato de acesso às escolas portuguesas, como afirma Sané (2018, p. 55), continuam a ser de "carácter elitista e seletivo do ensino colonial" e, este, "[...] teve um efeito negativo e deplorável em nível de alfabetização da população guineense e para o desenvolvimento do país, o que favoreceu grandes movimentos pela libertação" (Sane, 2018, p. 55). A falta da vontade política educativa pelo colonizador obrigou o PAIGC a implementar um sistema educativo em paralelo ao do colonizador nas zonas libertadas, realidade que obrigou o partido a intensificar cada vez mais a guerra para a independência. A falta do interesse da parte dos colonialistas era o que Cá (2000) caracterizou com os verbos como "manter", "reforçar" e "dar", que resumem bem os principais propósitos da colonização no contexto do colonialismo nesse país. O autor fez saber ainda que:

> Não havia, portanto, a intenção de instruir ou educar as populações subjugada, mas pelo contrário, extrair do seu seio uma maioria de homens letrados, indispensáveis para o funcionamento do sistema colonial de espoliação e reduzi-los a uma assimilação que devia tirar-lhes quaisquer possibilidades de desvendar o processo de civilização, despersonalização a que estavam submetidos (Cá, 2000, p. 5).

A partir do mesmo autor, pode-se perceber que, por um lado, antes da dominação colonial na sociedade primitiva africana não havia instituição escolar tal como existe hoje e, por outro lado, no período colonial, a educação era limitada para a população guineense. Entendemos que ela devia consistir em obtenção de certos conhecimentos e preceitos de conduta como em qualquer sociedade. Para Cá (2000, p. 5), "[...] a ausência das instituições escolares na sociedade africana tradicional não significava a inexistência de ensino-aprendizagem, pois se tratava de uma cultura oral, que veio a ser sobreposta pela cultura escrita europeia.

A falta desses interesses de instruir o povo foi o que os levou a ensinar conteúdos escolares fora da realidade guineense ou até mesmo assuntos que não dizem respeito aos aspetos sociocientíficos, o que, de certa maneira, pode ser considerado inadaptado àquele contexto. Segundo Sané (2018, p. 57), "o sistema português de educação na Guiné Portuguesa limitou-se, durante muito tempo, ao que os administradores coloniais anunciaram em dezembro de

1941: ‘ensinar o indígena a falar português e a rezar como os portugueses'". O autor afirma ainda que o ensino colonial guineense, para além de ensinar conteúdos escolares fora de realidades, “[...] também o contrariava e o destruía, porquanto não respondia às necessidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural, pois estava divorciado da comunidade” (Sané, 2018, p. 57).

O setor educativo guineense, desde o início de sua existência, nunca conheceu um período de precariedade tal qual ao que aconteceu e que o país viveu no período colonial. Como se pode entender ao longo das nossas abordagens, o regime instalado na então Guiné Portuguesa não se preocupava em escolarizar o povo, era falsa questão da colonização. A Guiné-Bissau, a par das outras colônias da CPLP, foi o primeiro país invadido, em 1446, pelos colonizadores portugueses no período de expedições marítimas, porém, foi o último país, antes da independência, a possuir liceu nacional, o liceu “Honório Barreto”, atual Kwame Nkrumah, em 1958.

Ao observar a tabela ilustrativa a seguir, pode-se perceber o papel desempenhado pelo colonizador e deduzir seu objetivo ao longo dos anos da sua ocupação no interior desse país:

Tabela 4: Índice de analfabetismo na Guiné-Bissau em 1958

População total	Número de analfabetos	Percentagem de analfabetismo
510.777	504.928	98,85

Fonte: Cá, 2000, p. 7.

A partir desse quadro, pode-se perceber, até 1958, as insuficiências das escolas formais ao longo de cinco séculos da ocupação portuguesa na Guiné-Bissau. Numa população total de 510 777 habitantes, 98,85% da população não tinha acesso à escola, o que demonstra claramente o desinteresse do colonizador em não oferecer um ensino formal à toda população guineense. Davidson (1975, p. 26 *apud* Cá, 2000, p. 9), mostra que “a estrutura educacional montada pelos portugueses não foi mesmo criada para os guineenses terem acesso. Quando muito, 1% de toda população podia contentar-se em possuir alguma educação elementar.

Ainda nas palavras de Cá (2000, p. 9), neste modelo educativo introduzido pelo colonialismo apenas 10% a 15% dos alunos que iniciavam a escola primária conseguiam chegar ao secundário, conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 5: Dados da Educação Colonial nos anos 1962-1973

Anos	Ensino primário Alunos	Pessoal docente	Ensino secundário Alunos	Pessoal docente
1962/1963	11827	162	987	46
1963/1964	11877	164	874	44
1964/1965	12210	163	1095	45
1965/1966	22489	192	1293	42
1966/1967	24099	204	1039	43
1967/1968	24603	244	1152	40
1968/1969	25213	315	1773	111
1969/1970	25854	363	1919	147
1970/1971	32051	601	2765	110
1971/1971	40843	803	3188	158
1972/1973	47626	974	4033	171

Fonte: Cá 2000, p. 8.

Suponha-se que essa situação (a vontade em escolarizar o povo dominado) não só aconteceu na Guiné-Bissau em particular, mas também ocorreu em outros países africanos de uma vez. Na década de 60, todas as colônias portuguesas em África entraram em conflitos armados com Portugal para as suas independências, nomeadamente, Guiné-Bissau/Cabo Verde, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe. Mendy (1994 *apud* Lopes, 2012, p. 21) afirma que "a natureza brutal do domínio colonial português na Guiné-Bissau, assim como em Cabo Verde, revoltou Amílcar Cabral e lhe deu uma determinação maior para lutar pela destruição do colonialismo". Após o primeiro congresso do PAIGC, organizado em Cassacá, em 1964, foi que definiu-se o sistema educativo almejado para o povo guineense. Os objetivos mais fundamentais eram a reforma do ensino, desenvolvimento do ensino secundário e técnico, criação do ensino universitário e de institutos científicos e técnicos, erradicação rápida do analfabetismo, instrução primária obrigatória e gratuita, formação e aperfeiçoamento urgente de quadros técnicos e profissionais. Amílcar Cabral mobilizou muitos jovens, alguns com nível de escolaridade mínima para atuar na alfabetização. Esses jovens foram colocados para alfabetizar nas zonas ocupadas pelo PAIGC. Conforme Sané (2018, p. 58), "o desenvolvimento do sistema escolar foi lento durante os anos 50 e 60. No princípio dos anos de 1960, só havia 12.500 alunos inscritos no ensino básico de uma população de, aproximadamente, 800.000 habitantes, cuja maioria era praticamente analfabeta".

Durante a luta pela libertação nacional, Cabral e outros camaradas não estavam só preocupados com a luta pela independência, mas, principalmente, com a questão da educação,

com vistas a formar "novos cidadãos". Paulo Freire (1978), em sua obra *Cartas à Guiné-Bissau*, declara que seu esforço educativo realizado no interior do país alcançou resultados significativos, promovendo a escolarização de muitas crianças a partir dos 10 anos de idade – limite mínimo estabelecido para admissão escolar, dadas as circunstâncias impostas pelo contexto de guerra. Freire (1978) ainda fez saber que:

> No ano letivo de 1971-1972 o PAIGC tinha nas zonas libertadas um total de 164 escolas, onde 258 professores ensinavam a 14.531 alunos). [...] Além disso, o PAIGC, tendo em conta as exigências da reconstrução nacional e não obstante as condições da luta armada que obrigava a dedicar muitos jovens à preparação militar, cuidou, particularmente, da formação de quadros a nível médio e superior. Para isso, contou com apoio de países amigos, de tal maneira que durante os anos de luta um número muito maior de guineenses atingiu os cursos superiores em comparação com o período de ocupação portuguesa. Em 10 anos o PAIGC formou muito mais quadros que o colonialismo em 5 séculos (Freire, 1978, p. 17-18).

Segundo Paulo Freire (1978), durante o período da luta de libertação do jugo colonial, o PAIGC, com apoios de povos da China, Rússia, Brasil e Cuba, criou escolas nas zonas libertadas. Foram criadas dez (10) escolas em regime de internato e semi-internatos, assumindo o compromisso de escolarizar o povo enquanto preocupação principal de Cabral e do partido libertador. Vale ressaltar que, nesse processo de formação do novo homem, Cabral sentiu grande necessidade e responsabilidade em formar seu povo e, para isso, precisaria formar alguns quadros que pudessem assumir o compromisso de ensinar aos que precisassem e formar os quadros que iriam governar o país pós-independência. Foi por isso que Amílcar Cabral lançou a palavra de ordem: *"*os que sabem devem ensinar aos que não sabem*"*. Portugal não tinha complacência nenhuma em levar civilizações para as colônias, principalmente em matéria de educação. Ressalta-se que os colonialistas, nesse contexto, criaram, em 1958, o primeiro liceu nacional Honório Barreto, em Bissau (atual Liceu Nacional Kwame N´krumah), a escola de formação de professores Arnold Shwlld, em Bolama, 1966, formando professores para o Ensino Básico. Treze (13) anos depois (em 1979), período depois da independência, foram criadas as escolas Vanguarda Pedagógica Tchico Té e o Destacamento/"17 de fevereiro", em Bissau, formando professores para Ensino Secundário e Ensino Básico, respetivamente.

O partido PAIGC, para assegurar a gestão desse sistema educativo, criou, em 1965, o Instituto de Amizade, tendo a missão de formar quadros – homens responsáveis e cientes de seus deveres, que desempenharão um papel fundamental na reconstrução do país após a guerra. Essa instituição concretiza seus objetivos criando e gerindo jardins de infância, internatos e escolas agrícolas. Freire afirma que em 1970 foi criado o Instituto que administrava com dez internatos e semi-internatos, Escola Piloto em Conacri e a Escola de Terranga em

Ziguinchor/Senegal para a formação secundária. As instalações dessas redes escolares foram favorecidas graças ao partido libertador, ao contrário do regime colonial.

Mesmo com essas novas dinâmicas do partido libertador nas zonas libertadas, o setor educativo, como foi anotado por Paulo Freire, o acesso ao ensino do colonizador e o sistema continuaram da mesma forma que a inicial nas zonas não libertadas.

Freire (1978) faz saber que:

> A escola colonial, a primária, a liceal, a técnica, está separada da anterior, antidemocrática nos seus objetivos, no seu conteúdo, nos seus métodos, divorciada da realidade do país, era, por isso mesmo, uma escola de poucos, para poucos e contra as grandes maiorias. Selecionava até mesmo a pequena minoria dos que a ela tinham acesso, expulsando grande parte deles após os primeiros encontros com ela e, continuando a sua filtragem seletiva, ia aumentando o número dos renegados. Renegados em quem enfatizava o sentimento de inferioridade, de incapacidade, em face de seu "fracasso" (Freire, 1978, p. 15).

Segundo Freire (1978), pode-se compreender que a educação não era para todos. Sabe-se que, nas zonas não libertados, ou seja, zonas em que os colonialistas portugueses se ocupavam, só tinham acesso às escolas coloniais os filhos de funcionários da administração colonial, de colaboradores de Polícia Internacional para a Defesa do Estado (PIDE), de comitês e de chefes de tabancas (aldeias) ao serviço de portugueses e os adotados, batizados pelos portugueses.

As fortes repreensões do regime, os assédios sexuais às mulheres indígenas, escravaturas no interior e exterior do país, o "Massacre de Pindjiguiti", em 1959, deram motivos fortes a Cabral e mais outros camaradas a desencadear a luta armada contra os colonialistas portugueses durante o período de 1963 a 1973 – data que colocou o fim na ditadura colonial. A partir desta data, as autoridades atuais da Guiné independente assumiram as rédeas governativa e educativas do país.

2.7.3 O ensino no Período Pós-colonial

O sistema educativo guineense, antes da independência, foi assumido pelos colonialistas por um período de, aproximadamente, cinco séculos. Após a independência, em 1973, as autoridades locais assumiram-no enquanto fator de emancipação e do desenvolvimento do país. Nesse recente período, a Guiné-Bissau enfrentou inúmeros desafios, desafios esses que Amílcar Lopes Cabral, pai da nacionalidade guineense e caboverdiano, numa das suas passagens, chamou de "programa maior", ou seja, programa que, exclusivamente, se dedicava ao desenvolvimento do país. Nesta altura, o país tinha como desafios manter a soberania nacional recém-conquistada, projetar-se no cenário mundial e garantir o bem-estar social da sua

população, através de acesso aos serviços públicos (educação e saúde) de qualidade para todos. De acordo com Cá (2017), o governo da Guiné-Bissau tinha como meta preparar cidadãos de forma politicamente completa, intelectualmente e economicamente, para que pudessem participar de forma ativa na reconstrução nacional e na mudança das estruturas então vigentes.

Pode-se compreender que, após a independência do país, as autoridades nacionais adotaram o português como a única língua de ensino e, não só, mas também a metodologia do ensino da LP foi sempre inspirada nas estruturas eurocêntricas (metodologia do ensino de português como a Língua Materna). Este fato tem dificultado o ensino-aprendizado dos discentes em todas as áreas curriculares guineenses, visto que a maioria dos estudantes não têm o domínio do português, por não ser a LM da maior parte da população, de acordo com Siga (2022). Também, com excepção dos professores da LP, esta língua constitui uma barreira para a maioria dos professores na transmissão dos conteúdos programáticos.

Ademais, ao longo dos anos, com a promulgação da Lei de Base do Sistema Educativo, aprovada na Assembleia Nacional Popular (ANP), em 21 de maio de 2010, o processo educativo guineense passou a ser regido por este instrumento jurídico. O sistema educativo guineense tem sofrido mudanças consideráveis, com o objetivo de provocar mudanças num processo mais democrático e menos tradicional ou bancário, como defende Paulo Freire.

Daí, surgiu a necessidade de alargar o ensino formal para todo o território nacional, mas a situação era ainda preocupante, visto que apenas três centenas dos professores diplomados trabalhavam no Ensino Básico unificado (EBU). Dos professores que atuavam no ensino secundário, a maioria só tinha o curso geral do liceu completo.

Diante dessa situação, foi necessário investir na formação de professores ou, como alternativa, contratar professores estrangeiros oriundos de diferentes países: Cuba, Brasil, Portugal, Rússia (Cá & Cá, 2017). Sabe-se ainda que eram também enviados outros cidadãos para formação superior, em diferentes domínios, nos países acima mencionados, pelo que, hoje em dia, o país conta com um número elevado de quadros com níveis superiores.

Já com a independência do país (em 1973), período que colocou fim ao processo de colonização e exploração que durou cerca de cinco (5) séculos, foram firmados alguns acordos diplomáticos e o governo da época decidiu enviar professores portugueses para poderem facilitar o processo de formação do guineense e, consequentemente, "[…]ajudar no processo de ensino-aprendizagem" (Pereira e Moita, 1976, p. 20). Daí, houve a necessidade de esses professores conhecerem a realidade do contexto local para, desta forma, poderem ajudar nessa transformação da realidade educativa do país.

A criação de escolas por todo o território nacional, dando acesso à educação para todos, implicou a contratação de um número elevado de professores, para poder cobrir as necessidades educativas. Porém, nem todos os professores contratados para lecionar estão devidamente qualificados para a atividade da docência, pois a maioria não possui uma formação superior e nem sequer tem a formação pedagógica.

O português sendo a língua não materna (LNM) da maioria da população e de pouco uso na comunidade guineense, politicamente ocasionada pela falta de investimento no setor educativo por parte de sucessivos governos, é um dos principais fatores que contribuíram para os baixos índices de sucesso escolar na Guiné-Bissau. Somente em 2014, o Orçamento Geral do Estado destinado à educação foi elevado para 14% (OGE, 2014). Além disso, a adoção de uma metodologia de ensino da língua portuguesa pouco adequada à realidade sociolinguística do país, marcada pelo forte enraizamento dos guineenses nas suas línguas étnicas, revelam persistências, "irresignações" do português como língua de ensino. Esses e outros fatores têm sido determinantes para os insucessos escolares. Já no período da independência, foram criadas as escolas técnicas no país, com maiores destaques à Escola de Enfermagem em Bolama, situada na região de Bolama/Bijagós, e à Escola de Enfermagem em Tite, situada na região de Quínara.

Cinco (5) anos depois da independência (em 1978), foram criadas as escolas "Destacamento Pedagógico de Vanguarda Tchico Té" - DPVTT e "Destacamento" - "17 de Fevereiro, atual Unidade Tchico Té/UTT e Unidade "17 de Fevereiro", em Bissau, formando professores para Ensino Secundário e Ensino Básico, respectivamente.

Com a abertura de um novo cenário no setor educativo pelos governantes nativos a partir de uma Guiné independente, ainda, de iniciativas governamentais, foram criadas, em Bissau, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), Faculdade de Direito de Bissau, criada em 1980, coadjuvada pela Universidade Portuguesa. Na década de 90, foram criados os Centros de Formação Administrativa (CENFA), a atual Escola Nacional de Administração (ENA) e o Centro de Formação Industrial (CENFI). Existe também uma Faculdade de Medicina, criada através de uma cooperação com o governo e os médicos cubanos e alguns centros técnico profissionalizantes, criados por algumas organizações não governamentais (ONGs). Em 2002, foi criado o curso de Licenciatura em Língua Portuguesa, na Unidade Tchico Té, projeto apoiado pelo Instituto Camões-IC/Portugal.

Em 2003, houve a génesis de duas primeiras universidades no país, uma Universidade pública, a "Amílcar Cabral - UAC" e a outra privada, a Universidade "Colinas de Boé – UCB". Em 2007, a UAC foi suspensa temporariamente, pelo governo de Aristides Gomes, já no

surgimento da Universidade Lusófona da Guiné (ULG), o que levou o governo a transferir todos os recursos materiais, técnicos e humanos para a nova instituição em imersão. Em 2013/2014, já com a criação da lei do ensino superior, em 2011, a UAC retomou, formalmente, as suas atividades educativas.

Em 2018, foram criadas três outras escolas públicas de formação de professores para o EBU o Serifo Fall Camará - UPFPSFC em Buba, na região de Quinara, Unidade "Domingos Mendonça" - UDM/Cacheu, na região de Cacheu e Unidade "Domingos Ramos" - UDR/Bafatá, na região de Bafatá, integrando, assim, a ESE.

A ESE é uma instituição governamental, de cariz pedagógica e científica pertencente à estrutura orgânica do Ministério da Educação Nacional, Ensino Superior e Investigação Científica, do decreto do governo de 19 de julho de 2010, anexada na lei nº 3/2011, publicado no Boletim Oficial nº 13 de 29 de março de 2011. A ESE tem um (1) Diretor Geral e sete (7) Subdiretores das unidades de Ensino, a saber: Tchico Té - UTT, "17 de Fevereiro" - UE17Fev., Escola Nacional dos Desportos - ENEFD/Bissau; Amílcar Cabral - UAC/Bolama, Cerifo Fall Camará - UEPFP/Buba, Domingos Mendonça - UEDM/Cacheu e Domingos Ramos - UEDR/Bafatá.

Para além destas instituições universitárias, há, ainda, a "Lusófona da Guiné", a "Jean-Piaget", a "Católica", a "Benhoblo", a "Livre de Bissau" e outros institutos politécnicos, como SOS/Bissau e Instituto Internacional *Management and Technology School* "Bimantecs".

Observa-se uma tendência crescente não apenas na criação de novas instituições de ensino superior, mas também na ampliação da oferta de cursos de pós-graduação. Esse movimento ganhou impulso especialmente após a adoção, em 2024, de um instrumento legal por parte das autoridades políticas, que orienta e incentiva as instituições de ensino superior do país a implementarem programas de pós-graduação.

Todas essas razões e realidades de contatos linguísticos acima apresentadas que a Guiné-Bissau viveu/vive levam os guineenses a adquirir o português de variadas formas, o que os faz adquirir fonologias variadas no PGB, tendo como o resultado uma variedade bem diferente das demais variedades lusófonas. O capítulo a seguir vai abordar as particularidades dessa variedade linguística.

2.8 Estudos Variacionistas sobre variedade do português de Guiné-Bissau

A formação sócio-histórica do PGB foi profundamente marcada pelos múltiplos contatos linguísticos entre os colonizadores e os povos nativos da Guiné-Bissau, falantes de diversas línguas locais. Nesse contexto, muitos nativos "assimilados" passaram a adquirir o

português como L2, predominantemente por meio da oralidade e fora do sistema de educação formal.

Apesar da existência de condições que poderiam favorecer o surgimento de uma língua franca “LG”, levanta-se a hipótese de que o PGB seja resultado das interferências combinadas de um modelo da LG e das línguas étnicas locais (Couto e Embaló, 2010). Essa hipótese justifica o nosso interesse em adotar uma abordagem variacionista, dialogando com autores que já se debruçaram sobre a diversidade linguística presente na Guiné-Bissau.

Conforme apontam Scantamburlo (2009) e Namone e Timbane (2017), o processo de aquisição e difusão linguística do PGB foi irregular e deixou marcas visíveis na oralidade, especialmente entre falantes das camadas populares. Por essa razão, a partir desta subseção, intentamos apresentar estudos comparativos e variacionistas que analisam o PGB em relação ao Português de Portugal (PP), Português Brasileiro (PB) e às demais variedades dos países de PALOP.

Nosso objetivo, portanto, não é apenas evidenciar os elementos linguísticos mais relevantes dessa variedade do português, mas também contribuir para o debate sobre a importância do contato linguístico na constituição sócio-histórica do PGB. Dessa forma, buscamos enriquecer a discussão em torno da emergência e da consolidação dessa variedade linguística.

Nas variedades do PP e do PGB, como adiante se vê, é possível observar diferenças sutis nos sistemas vocálicos, influenciadas pelas línguas étnicas locais e pela LG, tanto no plano fonético-fonológico quanto nos níveis lexical, semântico, morfossintático, entre outros. Com influências linguísticas queremos dizer a presença de elementos de uma língua na utilização de outra, manifestando-se, neste estudo, sobretudo por meio de unidades lexicais e semânticas. Segundo Cá (2015, p. 77), “[...] na África não foi diferente; a diversidade cultural das línguas étnicas dificultou o processo de extermínio dessas línguas [...]”. A autora destaca ainda que “a oralidade e a escrita têm mostrado o papel que as palavras orais e escritas ocupam na sociedade”.

No que diz respeito ao sistema vocálico, Scantamburlo (2013) afirma que a LG apresenta nove (9) vogais, número equivalente ao do português. No entanto, Stein (2021) contrapõe essa classificação, argumentando que o sistema vocálico da LG é composto por apenas oito (8) vogais.

Além disso, de acordo com Siga (2025), embora a LG e as línguas étnicas exerçam fortes influências, a LG ainda conserva cerca de 80% de seu léxico com base no português, o que evidencia a presença marcante da LP na construção da variedade linguística local.

Apesar de não haver um consenso formal entre os especialistas guineenses (linguistas, estudiosos, professores etc.) da variedade do português guineense, há evidências claras nos falantes que mostram a existência de uma variedade portuguesa neste país (**vide a seção 5**), assim como noutros países de PALOP. Há estudiosos, como Couto e Embaló (2010) e Intumbo (2004), que entendem que os portugueses que se falam nos PALOP não são semelhantes em relação aos restantes das Comunidade dos Países das Línguas Oficiais Portuguesa (CPLP), nomeadamente Portugal e Brasil. Para Couto e Embaló (2010, p. 45), "tais apresentações são muito enganadoras quando se entende que é igual. Elas deixam em nós a impressão de que nesses países se fala português como se fala em Portugal ou no Brasil". Com essa declaração de Couto e Embaló, pode-se concluir que na Guiné-Bissau os falantes têm uma forma particular da expressão da LP – PGB, o que distancia estes falares dos outros países do mundo lusófono.

A falta de descrição sistemática da variedade padrão do PGB dificulta aos decisores políticos do país a tomada de decisão da variedade a que se deveria ensinar nas escolas, o que as obriga a ensinar em paralelo às variedades padrão do PP e PB. Enfim, existe uma grande quantidade de especificidades nessa variedade do português que ainda aguarda um estudo mais aprofundado. Concordamos com Intumbo (2004, p.12) em afirmar que "é chegada a hora de se fazer estudos da variante do português falado na Guiné-Bissau". O linguista afirma que "existem trabalhos muito interessantes sobre a variante de Moçambique e há trabalhos a decorrer sobre a de Angola".

De uma forma geral, podemos afirmar que a diferença que se pode ver entre o PP e o PGB está, primeiramente, no fato de os falantes do PP terem em contato com a língua portuguesa desde ao nascimento ou adquirir a língua por meio de contatos contínuo e permanente, o que lhes facilita ter acesso ao português padrão. Em contrapartida, a maioria dos falantes do PGB chocam com textos multilíngues desde o nascimento, pelo que enfrenta com problema complexo de aquisição da LO. A realidade da aquisição da LP varia de pessoa para pessoa, do grupo étnico e da região de habitação.

A língua de comunicação (LC) pode não ser, inicialmente, a língua de origem de alguns falantes, que sistematicamente aprendem as línguas africanas (étnicas) da comunidade em que vivem, para, em seguida, adquirirem a LG. Somente depois disso é que esses indivíduos ingressam no ensino formal, onde têm contato com o português enquanto língua de escolarização, ou seja, a LO. Essa é a trajetória linguística comum à maioria dos falantes do PGB.

Por esse motivo, quando um falante do PGB compreende o sotaque de outro falante da mesma variedade, por exemplo, falante do PP, isso revela traços que os distinguem desse(a)

falante, evidenciando as particularidades fonéticas e sociolinguísticas dessa variedade. Couto e Embaló (2010, p. 51) afirmam: "cremos que já é possível detectar algumas características específicas do português usado na Guiné-Bissau. A esse português foi dado o nome de português acrioulado". As características específicas dessas diferenças são linguisticamente marcadas por diferentes ordens. Couto e Embaló afirmam haver uma diferenciação:

> No nível fonético-fonológico, há uma série de tendências. Uma delas é a neutralização da distinção entre a consoante vibrante simples (como em "caro") e a vibrante múltipla (como em "carro", pronúncia sulina). Assim, quando um guineense diz "caro", temos a impressão de que o "r" vibra mais do que deveria; quando ouvimos "carro", parece que ele vibra menos do que o faria alhures. Neutralização tende a haver também entre as vogais /e, o/ (fechadas), por um lado, e /è, ò/ (abertas), por outro. Ou seja, se dizem "ele" (pronome), parece que ouvimos "ele" (nome da letra); e vice-versa (Couto; Embaló, 2010, p. 51 e 52).

Quanto a todas essas características de diferenciação que se podem notar nesta variedade em relação ao PP e em outras variedades de CPLP, os autores ainda afirmaram que "existe uma grande quantidade de especificidades nessa variedade de português (PGB) que ainda aguarda um estudo mais aprofundado" (Couto; Embaló, 2010, p. 52). Por conseguinte, a nossa contribuição será uma avalia adicional no estudo dessa variedade em imersão, apesar que o nosso objetivo não é de fazer um estudo específico a estes aspectos (fonético e fonológico do PGB), mas, a partir deste ponto, apresentar algumas características mais visíveis na comunicação oral do PGB em comparação mínima com o PP, o que não significa que, tais características não se encontram na comunicação escrita de português do guineense, uma vez que os seus cotidianos são influenciados pelas línguas étnicas e guineense.

Portanto, adicionadas às abordagens de Couto e Embaló (2010) e Mendes (2023), vamos trazer, a partir destas abordagens, nossa contribuição no nível fonológico, morfossintático, semântico e lexical, que poderão esclarecer as nossas dúvidas sobre outras diferenças existentes entre o PGB e o PP:

No nível fonológico, segundo Mendes (2023, p. 23-41), pode-se notar diferenças a níveis de seguintes estruturas vocálicas:

1. Na vogal oral, baixa, central e não-arredondada **[a]**, observa-se uma tendência entre os falantes do PGB de mantê-la aberta, independentemente de sua posição na palavra, seja no início, meio ou final. Essa característica fonética diferencia a pronúncia do PGB em relação ao PP. Por exemplo, nas palavras *água* e *gato*, a realização fonética no PGB ocorre como ['agwa] e ['gatʊ], enquanto no PP as formas correspondentes são ['agwɐ] e ['gatu]. Essa diferença é especialmente notável na produção da vogal final em *água*, evidenciando uma distinção entre os alofones [a] e [ɐ]. No contexto do PP, ambos são variantes fonéticas do

mesmo fonema /**a**/, mas no PGB essa variação não ocorre da mesma forma, o que contribui para distinções perceptíveis na pronúncia.

2. Em relação à vogal oral, média-alta, central e não-arredondada **[ɐ]**, observa-se no PGB uma tendência à abertura dessa vogal, o que impede a sua realização como vogal média-fechada, característica do PP. Essa preferência articulatória é evidente em palavras como ***cama*** e ***banana***, que no PGB são foneticamente realizadas como ['k**a**m**a**] e [b**a**'n**a**n**a**], enquanto no PP correspondem a ['k**ɐ**m**ɐ**] e [b**ɐ**'n**ɐ**n**ɐ**]. Essa diferença demonstra a não ocorrência do timbre reduzido **[ɐ]** no PGB, reforçando o uso de uma vogal plena e aberta **[a]**, típica dessa variedade linguística.

3. No caso da vogal oral, média-baixa, anterior e não-arredondada **[ɛ]**, observa-se entre os falantes do PGB uma tendência ao fechamento dessa vogal, independentemente de sua posição na palavra, seja no início, meio ou final. Essa característica pode ser ilustrada com os exemplos das palavras ***terrestre*** e ***janela***. No PGB, essas palavras são foneticamente realizadas como [tɛ'Rɛʃtr**i**] e [zɐ'n**e**l**a**], enquanto no PP as realizações correspondentes são [tɛ'Rɛʃtr**ɨ**] e [zɐ'nɛnl**ɐ**]. A diferença torna-se especialmente evidente na penúltima e última sílabas dessas palavras, onde há variação nas vogais: no PGB ocorrem as vogais **[i]** e **[a]**; no PP aparecem **[ɨ]** e **[ɐ]**. Essa variação indica que o falante do PGB tende a pronunciar as palavras de forma mais próxima à grafia alfabética, o que reflete um padrão de oralidade característico dessa variedade. Suponha-se que essas diferenças fonológicas no PGB em relação ao PP podem ter origens às características particulares das línguas locais.

4. Na Vogal oral, alta anterior ou palatal e não-arredondada [i], verifica-se a diferença na pronúncia nas seguintes palavras entre o PGB e PP: **e**leito /p**e**dir. No PGB são foneticamente representados: [**ɛ**'lɛitʊ̃] /[p**ɛ**'dir]; e PP: [**i**'lit**ɛ**ʊ̃] /[p**ɨ**'dir]. A vogal da primeira sílaba é pronunciada no PGB [**ɛ**] e no PP é [**ɨ**], ambos sendo alofones de [e].

5. A vogal alta, central e não-arredondado [ɨ] inobservado a sua ocorrência natural no PGB, que existe no PP. Exemplo: p**e**dir/p**e**cados. Representado foneticamente assim no PGB: [p**e'**dir]/ [p**ɛ**'kaduʃ]; e no PE: [p**ɨ'**dir]/ [pɨ'kaduʃ].

6. Verifica-se a diferença no uso oral da vogal oral, alta, posterior e arredondado **[u]** em ambas as variedades. Essas diferenças podem ser percebidas nas seguintes palavras: c**o**zinha/j**o**rnal. Representado foneticamente da seguinte forma no PGB: [k**o**'ziɲɐ]/ ['ʒ**o**rnal]; e da seguinte forma no PP: [k**u**'ziɲɐ]/ ['ʒ**u**rnal]. Verifica-se a variação na antepenúltima e última sílaba da palavra "cozinha" /[k**o**'ziɲ**a**], no PGB, e [k**u**'ziɲɐ], no PP, os alofones de [**o**] e [**a**], respectivamente. E, na produção da palavra "j**o**rnal", como referimos no ponto 4, cuja variação

se ocorre na primeira sílaba átona da palavra, ['ʒ**o**rnal] no PGB e ['ʒ**u**rnal] no PP, são alofones do fonema [**o**].

Quantos às pronúncias de sons nasais no PGB, para Couto e Embaló (2010, p. 52), elas "[...] tendem a virar V + consoante nasal, como em [kanta], em vez [kãta]. O '**l**' final parece mais débil do que em PP, dando até mesmo a impressão de que há uma pausa mínima entre a vogal anterior e **'l'**, como em 'Senegal', que sai como [sene'ga-l]". A partir das características ora abordadas, percebe-se que o PGB apresenta características e ritmos próprios que o diferencia das demais variedades de outros territórios da lusofonia, pelo que, os autores, "[...] o português guineense, isto é, o português acrioulado, é falado com o ritmo do crioulo que, por sua vez provém do ritmo das línguas africanas" (Couto; Embaló, 2010, p. 52). Nota-se, ainda, a perda da nasalidade "glides nasais" na pronúncia das palavras do PGB. Por exemplo, as palavras c**ã**o/s**ã**o são representadas da seguinte forma no PGB [k**ã**w]/ [s**ã**w].

No nível morfossintático, Couto e Embaló (2010) explicaram ainda, de forma aprofundada, as origens das particularidades dessa variedade, afirmando que, devido ao fato de o português não ser a língua do cotidiano dos guineenses, é natural que as línguas nativas apresentem suas particularidades morfossintáticas no falante do PBG. É óbvio que o PGB apresente a cosmovisão africana, uma vez que os guineenses têm suas línguas do cotidiano.

> Todas elas são típicas de língua dominada apenas em nível veicular. Assim sendo, ocorrem vários erros de concordância, tanto nominal quanto verbal. No nível da concordância nominal, registramos, entre outras, frases como "o minha irmã", "meu mãe", "ele tem três filho fêmia" etc. No que tange à concordância verbal anotamos, inter alia, os seguintes exemplos: "eu não ouve português" (por "eu não entendo por tuguês"), "eu não tinha tempo" (por "tive"), "a minha namorada estive em Portugal" (por "está"), "eu tens mas tris história" etc. (Couto e Embaló, 2010, p. 52).

Para os autores, as diferenças do PGB devem-se ao "ritmo da Língua Guineense" que, por sua vez, provém do "ritmo das línguas africanas" pelo que as suas influências são notórias.

No nível semântico, há casos em que os léxicos do PBG apresentam sentidos diferentes do PP, PB e demais variedades. Segundo Cabi (2023):

> Temos o caso de algumas palavras como **pimenta** que é repetida pelos informantes, e essa palavra podemos considerar como uma variação semântica, porque ela não tem o mesmo significado que tem no Brasil. Quando um falante da variedade do Português Guineense (PG) fala **pimenta** para se referir a "pimentão" e não a malagueta (Cabi, 2023, p.62).

Não só nestas palavras, mas também o mesmo se pode notar com a palavra "obi" (de "ouvir/ouve"), que significa tanto "ouvir" quanto "entender", segundo Couto e Embaló (2010, p. 53). Quando um guineense diz "eu ouvi", isto pode significar "ouvir" ou "entender" dependendo do contexto e o tom do emissor – o que é equivalente ao perceber/entender no PP

e PB, respectivamente. Caso semelhante acontece com a palavra “banda”, que possui plurissignificação, tais como: “além de onde se encontra”, “colegas de passeio”, “elenco musical”, “partes de pano usadas para esconder a parte íntima do corpo”. No PP, a palavra “banda” significa “além de onde se encontra”, “elenco musical”; e no PB significa “elenco musical” (**vide a Seção 5**).

No nível lexical, pode-se constatar profundas renovações das bases lexicais em diferentes níveis da estrutura do PGB, o que o torna lexicalmente variado e rico. A cosmovisão da realidade dos falantes do PGB, Couto e Embaló (2010) e Cabi (2023), “são provenientes de diversas línguas africanas”, ou seja, as Línguas Guineense e étnicas.

Eessas inúmeras “palavras específicas” no PGB são utilizadas em diferentes contextos de uso, “para se referir à fauna, à flora e a outros aspectos da natureza e da sociedade local” (Couto; Embaló, 2010, p. 53), cujos termos não existem noutras variedades do português a que se pode fazer empréstimos lexicais para exprimir diferentes contexto situacionais e/ou sociais. Contextos de comunicação para se referir a vida social, econômica, política, religiosa, entre outros, obriga-os a importar léxicos das suas línguas nativas para o português. Os autores Couto e Embaló (2010, p. 53, 54) e Cabi (2023, p. 62 – 67) trazem diferentes contextos em que o léxico das línguas étnicas e guineenses influencia as estruturas lexicais do PGB. Situações para se exprimir “aspectos da natureza” e “ social”, como: **candonga** (pequeno veículo de transporte popular interurbano), **poilão** (árvore típica, grandiosa), **tabanca** (agrupamento típico de casas africanas, nos arrabaldes das cidades e na zona rural), **lala** (espaço plano, rodeado de mato, onde se pode plantar arroz), **chebéu** (dendê, ou a pasta extraída da polpa do dendê), **bajuda** (moça, rapariga), **jugudé** (tipo de abutre), **irã** (espíritos que podem ser protetores ou maléficos), **bolanha**, (arrozal), **baloba** (local sagrado dos animistas, templo), **choro** (choro, mas também velório, cerimónias à volta do enterro), **mandjua** (pessoa da mesma geração, muitas vezes que cresceu junto com alguém), **mandjuandade** (grupo de mandjuas), mantenhas (cumprimentos, saudações), **mofineza** (desventura, azar), **mouro** (curandeiro, feiticeiro muçulmano), **djambacosse** (curandeiro, feiticeiro animista), **codé** (o[a] mais novo[a]), **Djambó** (folhas de plantas que se misturam para cozer molho de um dos pratos tradicionais), **Djambadon** (estilo musical de etnia mandinga), **djidiu** (músico de Djambadon), **bus** (carcaça de marisco), **Broksa**, **Kussundé** (manifestações culturais [com fase etárias e períodos de tempos diferentes] da etnia balanta), **Kansaré** (uso/costume de etnia papel), **Primanpatch** (prático típico de etnia mancanha), **Ndulé-ndulé** (um dos tipos de jogos das crianças entre as etnias).

São esses e outros elementos lexicais que caracterizam a variedade do PGB, o que pode provocar uma sensação de estranheza por parte de falantes de outras variedades do português

ao ouvirem o modo de falar do guineense. Para Cabi (2023, p. 62), “esse mecanismo da língua é interessante porque a língua não quer barreiras ou limitações”.

Em qualquer língua, quando faltam termos equivalentes que expressem ou representem determinado referente, é comum recorrer a outros processos lexicais para suprir essa lacuna. No caso do PGB, isso se manifesta pelo uso de estrangeirismos e pela integração de elementos das línguas autóctones que estão em constante contato com o português na Guiné-Bissau.

Dessa forma, pode-se afirmar que toda a comunicação do falante guineense, tanto na modalidade oral quanto na escrita, carrega marcas evidentes das línguas étnicas e guineense. Isso o distingue dos falantes de outras variedades do português, embora, muitas vezes, o próprio guineense pensa que sua fala se assemelha fortemente a do falante nativo do PP.

Como destacam Hamers e Blanc (2000, p. 12), “as formas da linguagem não são estáticas, mas sofrem constantes mudanças devido às transformações sociais; por exemplo, uma mudança de sotaque como um sinal de distinção [...]”, processo que marca qualquer língua de outra que comungam o mesmo espaço, como, por exemplo, o português na Guiné-Bissau com as línguas guineenses.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Como já mencionado, para o desenvolvimento deste trabalho partimos, principalmente, da Teoria Variacionista, como pesquisas de Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1972, 1974, 1982, 1994), Guy (2000), em discussões sobre normas e políticas linguísticas (Faraco, [2008]; Freitag, Severo e Görski, [2016]; Bagno [2001, 2002], Lagares [1971], Lagares e Bagno [2011] etc.), e em estudos já realizados no contexto da Guiné-Bissau, como de Cabi (2023) e outros. Assim, nesta subseção, apresentamos, sucintamente, alguns dos pontos relevantes do referencial teórico deste trabalho de mestrado.

3.1 A relação Língua e Sociedade

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística, responsável pelos estudos e descrições da variação em línguas naturais e a relação entre língua e sociedade. Nesta ótica, a Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa estabelece uma das abordagens mais preeminente na compreensão da variação e mudança linguística, considerando fatores de diferentes níveis linguísticos (como fonético-fonológico, morfológico, sintático, lexicais, semânticos, estilístico-pragmáticos) e fatores sociais/extralinguísticos (como classe social, idade, sexo/gênero, espaço geográfico, escolarização, redes sociais, mercado de trabalho, etnia etc.).

Os primeiros trabalhos, como de Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1972, 1974, 1982, 1994) e tantos outros posteriormente, como de Guy (2000), buscaram evidenciar como essa teoria e metodologia[17] não só busca compreender como as variedades linguísticas são operadas em diferentes contextos sociais e como essas variações podem evoluir ao longo do tempo, mas, também, a Teoria Variacionista estabelece uma abordagem teórica e metodológica que foca no estudo da variação e mudanças linguísticas de uma determinada língua, tanto na perspectiva diacrônica quanto na sincrônica. A partir dessa ótica, é possível analisar os mecanismos que impulsionam as mudanças contemporâneas na comunidade de fala, reconhecendo a importância da interação entre fatores sociais e linguísticos.

Essa teoria parte do princípio de que a língua não é um fato estanque, mas, sim, um veículo dinâmico, heterogêneo, passível de variações contínuas. Já a mudança, segundo Labov (1972), acontece quando certas variantes se tornam mais recorrentes em certos grupos sociais ou contextos específicos dos falantes, refletindo processos de adaptação social ou de busca por

[17] Trata-se da Teoria Variacionista

identidade linguística, todavia a comunidade linguística atua em um ambiente no qual as alterações são discutidas e divulgadas.

Um aspecto central dessa abordagem é a percepção de que as mudanças linguísticas não acontecem de forma arbitrária, pois apresentam padrões particulares que podem ser identificados por meio de estudos sociolinguísticos. Weinreich, Labov e Herzog (1968) salientam que a implementação dessas mudanças depende de fatores como a aceitação social das variantes inovadoras e o grau de importância atribuída a elas. Ademais, a disseminação dessas mudanças ocorre por meio de mecanismos de difusão social, em que indivíduos influentes ou grupos com maior prestígio desempenham papel fundamental na adoção das novas formas linguísticas.

Outro aspecto importante ainda sobre o problema da implementação das mudanças linguísticas, como apontado por Weinreich *et al*. (1968) e, posteriormente, por Labov (1972, 1982), existem desafios na concretização dessas mudanças no uso habitual da língua. A resistência à mudança pode surgir, de um lado, por causa do conservadorismo linguístico ou das normas que existem na comunidade. Por outro lado, fatores sociais, como hierarquia social, o contato com outras comunidades e as transformações culturais, podem ajudar a impulsionar esse processo. Assim, compreender os fatores que facilitam ou dificultam a implementação das mudanças é essencial para entender o dinamismo da língua em sociedades contemporâneas.

Como podemos observar, a Teoria Variacionista oferece embasamento teórico e ferramentas valiosas para investigar como as variações e mudanças linguísticas ocorrem dentro das comunidades de fala. Tal teoria e metodologia indicam que esses processos são complexos e heterogêneos, envolvendo aspectos sociais, culturais e psicológicos dos falantes. Sendo assim, estudar esses fenômenos permite não só compreender a evolução da língua ao longo do tempo, mas também refletir sobre as dinâmicas sociais que acomodam nossas formas de comunicação no presente. A Sociolinguística apresenta grandes contribuições teóricas e metodológicas nos estudos e descrições linguísticas, tal como acontece em um país multilíngue como a Guiné-Bissau.

3.2 A língua como fato social e heterogêneo

A língua é um fato social manifestado por seus falantes, cujas variações operam em diferentes estratificações. Essa heterogeneidade resulta de tensões históricas e sociais, exigindo que o pesquisador analise não apenas a evolução temporal (diacronia), mas também as interações e conexões presentes dentro da comunidade de fala (sincronia). Para Guy (2000), essa unidade social é definida por características linguísticas comuns, alta frequência de

comunicação interna e normas avaliativas compartilhadas. Assim, a comunidade de fala torna-se o espaço de adaptação em que semelhanças e diferenças sociais se materializam no uso da linguagem, permitindo a união de dialetos individuais em conjuntos abstratos denominados línguas.

Estudos fundamentais, como os de William Labov (1962) em Nova Iorque, demonstraram que o uso de variantes – como o fonema /r/ pós-vocálico – reflete diretamente o *status* social do falante. Labov comprovou que vendedores de lojas de luxo utilizavam formas mais monitoradas do que aqueles em estabelecimentos de menor prestígio, confirmando que a fala é uma ferramenta de identidade e estratificação. Complementarmente, as pesquisas de Guy (2000), em cidades como Filadélfia e Toronto, revelaram que normas fonológicas e lexicais são estritamente locais, funcionando como marcadores de pertencimento a grupos específicos.

Essa dinâmica é observada na Guiné-Bissau, onde o contato do português com línguas locais (*Fula*, *Balanta*, *Mandinga*, *bijagó*, *Manjaco*, *Papel*, *Banhum*, língua guineense etc.) gera variações léxico-semânticas únicas. No contexto da Escola Superior de Educação/Unidade "Tchico Té", os docentes utilizam uma variedade do português culto influenciada por essa diversidade étnica e geográfica. Reconhecer tais particularidades é essencial para evitar o preconceito linguístico, conforme proposto por Marcos Bagno (2012), e para validar a norma própria de cada comunidade.

Diante do exposto, compreendemos que a língua não pode ser concebida como um sistema homogêneo, estático e independente das práticas sociais dos falantes. Ao contrário, trata-se de um fenômeno essencialmente social, dinâmico e heterogêneo, cuja estrutura se organiza por meio de diferentes subsistemas que coexistem e se encontram em permanente variação e possibilidade de mudança. Nessa perspectiva, as diferentes formas linguísticas observadas em uma comunidade não constituem desvios ou imperfeições, mas refletem a diversidade social, cultural e histórica dos grupos que a utilizam.

Tal compreensão é particularmente relevante para o contexto da Guiné-Bissau, cuja realidade multilíngue e multicultural favorece intensos processos de contato linguístico e, consequentemente, a emergência de características próprias no PGB. Assim como o PB consolidou, ao longo do tempo, uma identidade linguística própria e passou a ser objeto de descrição científica sistemática, consideramos fundamental o estudo do PGB, tanto para a compreensão de suas especificidades linguísticas quanto para o reconhecimento de sua relevância como patrimônio cultural e linguístico no conjunto dos países lusófonos.

Nesse sentido, os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, desenvolvidos por Labov (1972, 1994) e por Weinreich, Labov e Herzog (1968), mostram-se particularmente

importantes para esta investigação. Ao reconhecerem a heterogeneidade como característica inerente às línguas naturais e a variação como parte constitutiva de sua organização, esses autores oferecem instrumentos teóricos e metodológicos fundamentais para a análise dos fenômenos linguísticos observados no PGB. Desse modo, os conceitos de variação, mudança linguística e condicionamento social constituem bases essenciais para compreendermos a constituição lexical dessa variedade e sua relação com a realidade sociocultural guineense.

3.3 Normas linguísticas e o reconhecimento da variedade do PGB

O estudo do Português da Guiné-Bissau (PGB), especificamente na fala dos docentes da Escola Superior de Educação, exige uma revisão do conceito de norma. Em qualquer comunidade linguística, os falantes utilizam a língua desenvolvendo particularidades geográficas e sociais que os distinguem. Quando essas variações ocorrem dentro de um território (“variação diatópica”) e definem um uso comum, surge a necessidade de estabelecer uma norma linguística. Contudo, como aponta Monteagudo (2011), qualquer padrão é uma criação histórica e política, fruto de processos de codificação que o imaginário social acaba confundindo com a própria língua.

É relevante ponderar que a terminologia "norma" é ambígua, o que leva pesquisadores como Faraco (2008), Bagno (2012), Azeredo *et al*. (2014) e outros a estabelecerem distinções. Uma das relevantes distinções é a de norma linguística e norma padrão (Faraco, 2008):

(i) Norma-padrão: É um constructo artificial e idealizado. Baseia-se em modelos literários do passado ("os clássicos") e funciona como um manual de "correção" rígido, muitas vezes distante do uso real.

(ii) Norma Linguística (ou "Normal"): refere-se ao uso habitual e tradicional de uma comunidade. É o conjunto de hábitos linguísticos reais, independentemente de prescrições gramaticais. Entre as possibilidades de normas linguísticas, temos a norma culta, também plural, representante dos usos presentes nas variedades efetivamente utilizada por falantes escolarizados em contextos formais de fala e escrita. É, segundo Faraco (2008), uma manifestação viva da língua.

Bagno (2012) destaca a oposição entre o "normativo" (o que deve ser, a regra) e o "normal" (o que é, a prática). Essa distinção é vital para evitar o preconceito linguístico, que é a crença de que apenas a norma escolarizada é legítima, rotulando outras variedades como "erros".

À semelhança do que ocorre em qualquer território nacional, como no Brasil, o cenário sociolinguístico da Guiné-Bissau é caracterizado pela coexistência de múltiplas normas

linguísticas que se tensionam e se influenciam mutuamente. Nesta dissertação, buscamos focalizar as influências das línguas étnicas e da LG no PGB, especificamente na produção oral de sujeitos falantes da norma culta: os professores da Escola Superior de Educação/Unidade "Tchico Té". A análise volta-se, portanto, para a identificação de marcas de substrato e de contato linguístico que emergem mesmo em discursos formalmente monitorados, evidenciando como a identidade linguística local reconfigura a "norma padrão" em contextos de formação acadêmica e profissional.

Cabe relembrar que a expansão lusitana entre os séculos XV a XX disseminou o português pela África, Ásia e América, gerando variedades ricas e distintas. Embora a variedade PB e do PP sejam uma das mais estudadas, as variedades africanas também afirmam suas identidades.

Na Guiné-Bissau, a realidade é marcada pelo multilinguismo e pela coexistência do português com mais de 30 línguas étnicas e a LG. Segundo Couto e Embaló (2010), a maioria da população é bilíngue ou multilíngue, o que gera marcas explícitas na fonética, sintaxe e, principalmente, no léxico. Por exemplo, na LG e em variedades locais, a substituição do som fricativo /v/ pelo oclusivo /b/ (como em baranda por varanda) reflete a influência fonológica das línguas de substrato. Para Timbane (2013, p. 99), "dependendo de variáveis sociais a língua pode variar".

Por isso, o reconhecimento do PGB como uma variedade com normas próprias é um passo contra a hegemonia de modelos externos (como o PP). A pesquisa com os docentes da Unidade "Tchico Té" busca mapear essas influências léxico-semânticas, validando o PGB não como um "desvio", mas como um sistema linguístico complexo e soberano, moldado pelas necessidades e pela cultura do povo guineense. Falar de língua é falar de política.

3.4 Léxico e Cultura: a relevância de estudar o léxico de uma língua

Todas as línguas naturais são formadas com base no léxico base (primitivo), à medida que ela está a ser usada, incorpora-se sempre novas palavras, o que faz com que a sua estrutura se torna lexicalmente rica. Neste ponto, vamos trazer os conceitos básicos de **léxico**, **palavra** e **vocábulo**, sendo objetos do nosso estudo nesta pesquisa do mestrado. Discutir esses conceitos, para Barros (2004), elucida as dúvidas entre os principiantes na matéria.

Entende-se por **léxico**, segundo Azeredo *et al*. (2014, p. 276) "o conjunto de todas as palavras ou constituintes morfológicos portadores de significados possíveis numa língua". Para as autoras, o léxico de uma língua não só engloba as palavras atuais utilizadas pelos seus falantes, mas também as que anteriormente eram usadas cuja**s** suas ocorrências estão em desuso

e que, tardiamente, poderão ser ou não recuperadas pelos seus falantes. A essa base lexical contemplam outras palavras ainda por se formar dentro da língua.

Essas portadoras de significados "léxico", no seu grosso modo, é que suportam a base existencial de qualquer língua viva que tendem ser criadas, renovadas e enriquecidas constantemente a partir dos processos de formações lexicais. Para Timbane (2013), qualquer língua viva é passível ao processo de renovação lexical e fornece aos consulentes um conjunto de "palavras variadas" para se exprimirem em diferentes contextos, para diversas realidades socioculturais.

A noção de **palavra** refere-se ao hipônimo do léxico. Para Barros (2004), a palavra, como modelo de realização a nível do sistema linguístico, pode ser definida como "uma unidade léxica (ou unidade lexical), ou seja, é um signo linguístico, composto de expressão ou conteúdo, que pertence a uma das grandes classes gramaticais (substantivos, verbos, adjetivos ou advérbio)" (Barros, 2004, p. 40). Para Timbane (2013), não há uma definição única do conceito da palavra, "[...] ela apresenta ideias transcendentes à cultura e ao tempo. Alegando que, o conceito da 'palavra' é relativo e varia de língua para língua" (Timbane, 2013, p. 119).

Por último, **o vocábulo**, para Barros (2004), a conceituação da quantidade de vocábulos presentes num texto implica o levantamento das palavras possuídas no texto. Pais (1984) afirma:

> Integrando um discurso semiótico de discurso, um vocábulo ocorre no texto várias vezes, realizando-se como um conjunto de palavras. Tal fato permite que consideraremos o vocábulo como uma classe de equivalência que reúne uma séria de palavras-ocorrência, caracterizadas, quando não estiverem em combinatória, pelos mesmos traços pertinentes semémicos, lexémicos e fonológicos. Assim, VI = (Pla, P1b, ... P1n) ou se preferirmos, V = P1/E, isto é, o vocábulo é igual ao conjunto consciente das palavras-ocorrências, reunidas pela relação de equivalência E, onde o E compreende traços semânticos, lexémicos e fonológicos. Cada vez que um vocábulo ocorre num enunciado e se torna, desse modo, uma palavra, uma unidade de texto, intervêm vários processos de atualização (Pais, 1984, p. 70).

Para Timbane (2013, p. 120), o vocábulo "[...] é o conjunto dos vocábulos realmente existentes em determinado lugar e tempo ocupados por uma comunidade linguística". Esses vocábulos, por sua vez, ganham significados próprios a partir do processo convencional de cada comunidade. As diferenças ente o **léxico** e o **vocabulário**, segundo Biderman (1996, p. 32), são que "[...] **léxico** é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; **vocabulário** é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades".

No plano das realizações discursivas (Biderman, 1996), qualquer ocorrência significativa será denominada indiferente e imprecisamente de palavra, também intitulado de "lexias" ou vocábulo. A linguista conclui que "o léxico é constituído por todos os elementos

lexicais da língua, quer dizer, os lexemas de valor lexical (as palavras plenas) e os lexemas de valor gramatical (as palavras gramaticais, vocábulos-morfema), que alguns linguistas chamam gramemas" (Biderman, 1996, p. 33).

Voltando à questão do processo de renovação/manutenção lexical de qualquer língua, enquanto patrimônio social, é assegurada pelo conjunto de pessoas que falam essa língua, denominado "comunidade linguística" que, no seu cotidiano, usam um conjunto ilimitado de palavras de diferentes naturezas. Para Azeredo *et al*. (2014, p. 278), "todos os processos de criação/renovação de palavras ou expressões ou ainda a atribuição de novos sentidos às já existentes, muitas vezes movidos pela necessidade da língua se adaptar a novas situações e contextos culturais, constituem a neologia". Todavia, para Lagares (1971, p. 34) "[…] toda sociedade é linguareira e que toda prática de linguagem é social. Para isso, a sociolinguística deveria prestar atenção às interações verbais", isso porque o processo de variação e mudanças linguística acontece no uso e nas dinâmicas linguísticas dos falantes de cada comunidade linguística. No português da Guiné-Bissau (PGB), usam-se palavras como *candja* e *badjigue*, enquanto no português de Portugal (PP) e português Brasileiro (PB) se usam as seguintes palavras para os mesmos referentes: **quiabo** e **rosela**, respectivamente. *Djagatu* no PGB, **jiló** no PB e **beringela** no PP; *mandiple* no PGB, **seriguela**, **ameixa-da-espanhã** ou **cajá-vermelha** ou **jocote** no PP e **siriguela**/**ciriguela** ou **ciribuela/ciruela** (variação na escrita) no PB; *tabanca* no PGB, **aldeia**, no PP e PB, *papaia* no PGB e PP, *mamão* no PB; *contas* no PGB, **missangas** no PP e **miçangas** no PB (**vide os dados da pesquisa na seção 5**).

Há casos em que ocorrem os arcaísmos dentro de uma língua. Esse processo só acontece, segundo Azeredo *et al*. (2014), quando a língua incorpora um novo vocábulo, ou seja, quando um novo léxico se implementar na língua e o vocábulo que anteriormente era usado para se exprimir o mesmo sentido se torna obsoleto. Essa comunidade linguística acaba por a classificar de vocábulo arcaico.

Segundo Timbane (2013, p. 118), na observância do processo de renovação léxica dentro de uma comunidade linguísticas é que se pode perceber o processo de mudanças linguística, por se considerar que o léxico é um sistema aberto, imprevisível e ilimitado.

Salienta-se que, pelas necessidades situacionais e culturais de variações, há casos simultâneos em que o mesmo referente se refere novo(s) vocábulo(s) concorrente(s) para um único referente dentro da mesma variedade. Nesta ótica, não ocorre(m) o(s) arcaísmo(s), mas, sim, o(s) neologismo(s). Os neologismos no PGB ocorrem nas seguintes palavras: *barite* que significa **boné/touca/gorro**; *fanado* que significa circuncisão ou postectomia; *mancara* que significa amendoim etc. (**consultar a seção 5**). Ambas ou mais palavras ocorrem nesta

variedade de português para se referir aos mesmos referentes. Para Lagares (1971, p. 43), "nesse caso, a situação sociolinguística parece mais complexa do que de fato é, por criar fronteiras linguísticas onde, muitas vezes, os falantes empregam repertórios verbais com elementos de distintas variedades".

Retomando o assunto de criação, renovação e enriquecimento lexical, rotulado por Azeredo *et al*. (2014), este processo apresenta diferentes processos morfológicos de formação de palavras. Em primeiro lugar, a criação de novos vocábulos consiste em adicionar novos constituintes morfológico "afixo"(s)[18] a partir da(s) palavra(s) de base(s), denominado de derivação. O processo de derivação compreende-se de quatro (4) formas. (i) **Prefixação** – é visto em acrescentar um constituinte morfológico "prefixo" (elementos que se acrescenta à esquerda da forma de base cujos valores semânticos diferenciados à[s] da[s] palavra[s] base[s]). Por exemplo, o adjetivo "perfeito", para as autoras, pode se acrescentar um afixo ***"im"*** à esquerda da palavra "perfeito", passando a ser **"im**perfeito**"**; (ii) **sufixação** – consiste em acrescentar um afixo à direita após a eliminação do sufixo de flexão da forma de base. Por exemplo, a palavra "perfeito" pode-se acrescentar o sufixo **"mente"**, passando a ser **"**perfeit***a*****mente"**; (iii) **sufixação e prefixação** – visa os acrescentamentos de afixos de ambos os processos anteriores. Por exemplo, ***im*** **+** *perfeito* **+** ***mente*** **=** **im**perfeit***a*****mente** e (iv) **parassíntese ou parassintética** – consiste em acrescentar, simultaneamente, o prefixo e o sufixo à forma de base (compreende-se o processo de parassíntese só quando retirarmos o sufixo ou o prefixo à palavra base, tornando a palavra semanticamente inexistente), resultando em um verbo com valor significativo. Por exemplo, **a** + manhã + **ecer = a**manh**ecer**.

Refere-se que o processo de parassíntese não só resulta em infinitivo verbal, mas também em um adjetivo, como se pode ver nos exemplos a seguir: **E +** magro + **ecer** = **E**magr**ecer**; **en** + velho + **ecer** = **en**velh**ecer**; **des** + alma + **ado** = **des**alm**ado**[19]. Nota-se que, nos dois primeiros casos, ocorrem os fenômenos da elisão e, no segundo, assimilação das vogais temáticas de gêneros/números. Conclui-se que, a perda de um dos afixos à palavra base, no processo de parassíntese, torna o léxico semanticamente nulo.

Outro processo que as autoras (Azeredo *et al*., 2014) abordam é o complexo processo de composição de palavras. Nesse processo ocorrem as junções de duas ou mais formas de base,

[18] Elementos que se acrescentam à direita ou à esquerda de uma forma de base.

[19] É um adjetivo da base substantiva **"alma"** em que se acrescenta os afixos à esquerda e à direita da palavra base. A adição ou derivação desses constituintes morfológicos são de natureza imprópria, visto que, todos eles constituem na formação de palavras novas e nas mudanças das classes gramaticais. Essas palavras apesar de ganharem novos valores semânticos diferentemente dos de palavras bases, mantêm-se as suas formas de base categorial.

podendo ser radicais ou palavras e, além disso, nele distinguem-se três processos de composição, a **fonológica**, a **morfossintática** e a **reduplicação**. Para as autoras, "no processo de composição morfológica formam-se palavras complexas associando um radical a outro radical ou a uma palavra com a ocorrência habitual de uma vogal de ligação entre elas" (Azeredo *et al*., 2014, p. 288). Muitas das palavras desses compostos em língua portuguesa são de bases e, segundo elas, contemplam compostos eruditos gregos e latinos. Todavia, a palavra "telemóvel" é formada de *"tele"* que, do grego, significa "longe" e a palavra "móvel", do latim, *"mobile"*. Outros exemplos são as composições de palavras como arqueologia, psicologia, uníssono monóculo, bibliografia, equilátero, velocípede, televisão, hipódromo, quadrúpede, automóvel. Nesses compostos, segundo Azeredo *et al*. (2014), as composições fonológicas quanto ao gênero e número só afetam os elementos que ficam à direita das palavras: homograma(s), luso-brasileiro(s), biblioteca(s) e neurocirurgião(ões).

Quanto as composição morfossintática, as autoras afirmam serem formadas por compostos associando duas ou mais palavras. Estes compostos podem ser de diferentes estruturas, o que implica diferenças a nível de interpretação semântica da palavra e da flexão em gênero e número. Em relação a formação de gêneros e números dos compostos morfossintáticos, Azeredo *et al.* (2014) explicam que:

> - Se as duas palavras que formam o composto têm a igual contribuição para o seu valor semântico, o contraste de género e a flexão de número atingem ambas as palavras: (surdo/a(s)-mudo/a(s), trabalhador(es)/a(s)-estudante(s), rádio(s)-gravador(es).
> - Se o valor semântico da palavra da esquerda é modificado pelo valor semântico da que está à direita, o contraste do género e a flexão do número afetam só nome da esquerda: bomba(s)-relógio, aluna/a(s)-modelo, hemem(ns)-rã.
> - Se o composto é constituído por uma forma verbal na terceira pessoa do singular do presente do indicativo seguida de um nome (e raramente de um adjetivo), quando há flexão de número, quebra-noz(es), conta gota(s), pica-pau(s) (Azeredo *et al*, 2014, p. 289).

Por fim, as autoras concluíram suas abordagens com o terceiro e último dessa composição. Para Azeredo *et al*. (2014, p. 290), os compostos por reduplicação são "formados pela duplicação de uma palavra ou partes dela, dizem-se formadas por reduplicação. Têm um caráter onomatopaico (truz-truz, chichi) e familiar, infantil (dói-dói, papá, titi, vovó)".

Existe ainda um outro processo de formação de palavras, denominado de palavras cognatas ou famílias de palavras. Para Azeredo *et al*. (2014, 290), é o "conjunto de palavras formadas por afixação ou composição que têm origem num mesmo radical ou palavra (e que, por isso, são morfologicamente aparentadas)". As autoras apresentaram a palavra **água** que, ao

seu conjunto são assemelhadas às palavras **aguadeiro**, **desaguar**, **aguado**, **aguadilha**, **aguardente**, **água-pé**.

Outro processo que se envolve na formação de palavras de um conjunto de palavras, reportando valores de uma única realidade semântica, ainda segundo Azeredo *et al*. (20214), é o processo denominado de campo lexical. Por exemplo, a partir da palavra **"campo"** pode-se formar outras novas palavras cujos valores léxico-semânticos reportam os mesmos valores semânticos relacionados a ela. Por exemplo, **campo:** bola, jogadores, relvado, camisolas, botas, meias, árbitros, laineres, balizas, treinadores etc.

Para além dos processos acima mencionados, outro processo que mereceu destaque das autoras na formação de palavras é o processo intitulado "processos irregulares de formação de palavras". Esse processo compreende as "palavras onomatopeias" (Azeredo *et al*., 2014, p. 296) – palavras que se assemelham aos sons da natureza (palavras como ***tcham***!, imitando som musical, ***tilintar***, sons de moedas); **Acrónimo e sigla** – palavras formadas com as letras iniciais das palavra, em que a primeira se lê como uma palavra inteira, por exemplo, SA (Sociedade Anônima) e a segunda corresponde a uma palavra que se lê por cada letra dessa junção, por exemplo, OMS (Organização Mundial de Saúde); **truncação** – palavras formadas por apagamento da parte da palavra, formando uma nova: metro (que significa metropolitano); **amálgama** – palavras formadas a partir de dois afixos diferente, como: expofarma (**expo**sição + **farmá**cia); **empréstimos ou estrangeirismos**[20] – palavras emprestadas de outras línguas, por exemplo, do francês e inglês, tais como: *dossiê*, *hambúrguer*, *lanche*, *futebol* (destaca-se que os estrangeirismos podem ou não sofrer modificações dos falantes dessa nova comunidade linguística); **Extensão semântica** – atribuição de novo conceito a uma palavra já existente na língua, por exemplo, rato (para além de referir-se a um pequeno animal roedor e mamífero, o termo é também aplicado para se referir a um acessório de computador).

Os empréstimos e estrangeirismos, em cada comunidade linguística, surgem por necessidades da comunicação, carregando valores sociais dos seus falantes. De certa forma, elas carregam e ganham ou não novas feições semânticas a partir dos contextos situacionais, espaciais e temporais dos falantes de uma determinada comunidade linguística. Os processos de formações e renovações lexicais acontecem em todas as línguas naturais, principalmente

[20] O termo **empréstimo** refere-se à extenção lexical e samânticas adquiridas a partir das línguas de circulações internas que comungam o mesmo espaço geográfico com a língua em uso. Os **estrangeirismos** referem-se às palavras emprestadas de línguas de circulações internacionais e que não são línguas de uma determinada comunidade linguística, mas elas circulam nas comunidades desses falantes.

devido a sua intrínseca relação com dinâmicas sociais em diferentes domínios de comunicação (práticas sociais).

Na variedade do PGB também são notórios tais processos de formações e renovações lexicais. Durante a nossa pesquisa, encontramos diferentes itens e unidades lexicais específicas guineenses, oriundos de línguas étnicas e guineense, tais como: ***djambó***, ***warga***, ***cibe***, ***futi***, ***sukulbembe***, ***caldo de chabéu***, ***caldo de mancarra***, ***coronkondé***, ***nghayé***, ***nhés***, ***kfur***, ***teinha***, ***bentana***, dentre outros.

Esse léxico é encontrado nas falas de diferentes informantes da nossa pesquisa para se referir a algo específico durante o seu dia a dia. Este fato revela relações existentes entre o léxico e a cultura de uma determinada comunidade linguística. Cada comunidade linguística cria palavras específicas para se nomear algo, como, por exemplo, palavras relacionadas à natureza (fauna e flora), gastronomia, manifestações culturais, saúde, educação etc. O emprego de léxico específico pelos falantes de uma determinada comunidade comprova o pressuposto de que a mudança acontece quando certas variantes se tornam mais recorrentes em certos grupos sociais ou contextos específicos dos falantes, refletindo processos de adaptação social ou de busca por identidade linguística (Labov, 1972).

Um estudo detalhado de qualquer língua, como o PGB, requer adoção de uma metodologia adequada que facilite fornecer informações suficientes de tal língua ou variedade do português, o que permite, assim, a compreensão das mudanças operadas em diferentes estruturas da língua. A seção a seguir apresenta os procedimentos metodológicos adotados nesta nossa pesquisa para levantamento das interferências das línguas étnicas e LG na variedade culta do português de Guiné-Bissau.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com os objetivos definidos, utilizamos dois tipos de metodologias para as recolhas de informações: revisão bibliográfica e coleta de dados. Primeiro, fizemos revisão bibliográfica sobre autores que escreveram acerca do tema, revisando livros, teses, dissertações, artigos e revistas. A pesquisa bibliográfica, como afirmam Ludke e André (2018), constitui processo importante na pesquisa qualitativa, seja para complementar informações obtidas por outras técnicas, seja para descobrir aspectos novos de um tema ou problema. Esses são avaliados adequadamente e com um olhar crítico de modo que eles possam nos esclarecer sobre uma determinada situação. A pesquisa bibliográfica permitiu-nos encontrar elementos informativos, o que nos torna capaz de elaborar esta dissertação.

Além disso, para a etapa da coleta de dados, elaboramos um roteiro semiestruturado e, a partir dele, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa[21], realizamos gravações de falas de dezesseis (16) docentes, pertencentes às etnias majoritárias, ou seja, etnias com maiores números de falantes (*Fula, Balanta, Mandinga* e *Manjaco*), professores da Escola Superior de Educação/Unidade "Tchico Té", com base nos dados do último censo populacional de 2009, do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2009), Ministério da Economia do Plano e da Integração Regional da Guiné-Bissau (MEPIR/GB).

De posse desse material, foram selecionados e analisados itens ou unidades lexicais que apresentam influências das línguas étnicas e guineense. Por meio deste estudo, foi possível observar algumas influências léxico-semânticas das línguas étnicas e LG no falar do português falado em Guiné-Bissau por pessoas escolarizadas, ou seja, falantes da variedade culta do PGB.

As análises envolvem abordagem mista, ou seja, quantitativa e qualitativa. Utilizamos a abordagem quantitativa nas análises de frequências e proporções, incluindo as tabelas e gráficos. De acordo com Morais e Neves (2003, p. 3), a metodologia mista "assenta numa linguagem externa de descrição, derivada de uma linguagem interna de descrição, em que o teórico e o empírico são vistos de forma dialética". Segundo as autoras, "rejeita-se quer a análise do empírico sem uma base teórica quer a utilização da teoria que não permita a sua transformação com base no empírico" (Morais; Neves, 2004, p. 3). Nesta senda de ideias, considera-se que, no estudo em que é aplicada a metodologia mista, o objetivo é "[…] generalizar os resultados qualitativos e aprofundar a compreensão dos resultados quantitativos, ou corroborar os resultados" (Galvão; Pluye; Ricarte, 2017, p. 8). Trata-se de um trabalho com

[21] O presente projeto foi aprovado pelo Comité de Ética em Pesquisa, sob sob o Cetificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº: 91681919.0.0000.5154.

"metodologia mista", como diz Coutinho (2022, p.105), na medida em que nos guia por dois tipos de métodos para a recolha e tratamento de informação. Neste estudo, os métodos quantitativos e qualitativos dialogam entre si na construção do conhecimento, de forma alternada ou de forma sequencial, de acordo com a forma como é organizado o trabalho. Nas análises buscamos identificar as "interferências léxico-semânticas e a ordem dos constituintes frasais das línguas étnicas e guineense no falar do português de docentes da ESE/Unidade "Tchico Té".

Para os estudos dos fenômenos de variação linguística de uma determinada língua natural, como o português, a sociolinguísticas requer as envolvências dos informantes que desencadeiam uma interação entre eles e/ou com o pesquisador, o que torna possível ao investigador identificar os fenômenos em variação dentro de uma língua. A subseção a seguir vai apresentar os participantes dessa pesquisa.

4.1 Participantes da Pesquisa

A amostra de fala foi coletada na Guiné-Bissau, em uma das escolas públicas de formação dos professores na capital Bissau-guineense, a Escola Superior da Educação/ Unidade "Tchico Té", durante o período de março a julho de 2025.

Conforme mencionado anteriormente, analisamos entrevistas gravadas com 16 docentes da Escola Superior de Educação/ Unidade "Tchico Té" (ESE/UTT), sendo uma participante do sexo feminino e quinze participantes do sexo masculino. Para compor o *corpus*, selecionamos quatro docentes pertencentes a cada um dos grupos étnicos contemplados pela pesquisa. Todos os participantes atuam como professores do ensino superior e apresentam diferentes graus de formação acadêmica: cinco possuem título de mestre, nove são licenciados e dois são bacharéis. Apesar dessas diferenças formativas, os participantes compartilham o mesmo grau de escolaridade e o mesmo estatuto profissional, uma vez que exercem à docência no ensino superior.

Cabe destacar que não foi possível alcançar maior equilíbrio entre os sexos na composição da amostra em razão das características do contexto investigado. Na Escola Superior da Educação/Unidade "Tchico Té", o número de mulheres docentes é significativamente inferior ao de homens, totalizando apenas nove professoras efetivas. Além disso, a maioria dessas docentes não pertence aos grupos étnicos selecionados para esta pesquisa, o que restringiu sua inclusão no *corpus*. Dessa forma, a distribuição desigual entre participantes do sexo masculino e feminino reflete a realidade institucional observada no campo de investigação.

Ressaltamos, contudo, que a variável sexo/gênero não constitui fator de controle nem variável analítica nesta pesquisa de mestrado. O foco da investigação recai sobre as influências léxico-semânticas das línguas étnicas guineenses e da LG no PGB. Em estudos futuros, especialmente em pesquisas de maior amplitude, consideramos pertinente a ampliação da amostra e o estabelecimento de maior equilíbrio entre os participantes quanto às variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

Elegemos três (3) critérios para as seleções dos nossos informantes da pesquisa. Primeiro, selecionamos aleatoriamente docentes da Unidade "Tchico Té"/ESE; segundo, cujas permanências mínimas de cinco (5) anos no país; e, por último, pertencentes aos quatro (4) grupos étnicos majoritários (*Fula* com 28,5%, *Balanta* com 22,5%, *Mandinga* com 14,7%, e *Manjaco* com 8,3% (INE, 2009/III RGPH)[22].

A tabela a seguir apresenta os dados descritivos dos participantes da pesquisa, ou seja, etnias que serão objetos da nossa pesquisa:

Tabela 6 - Números dos informantes da pesquisa por etnia.

Nº	Etnia	Quantidade do(a)s entrevistado(a)s	
1	Fula	4	
2	Balanta	4	
3	Mandinga	4	
4	Manjaco	4	
Total Geral		16	

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2 Contextualização e perfil da Unidade "Tchico Té"

A história da instituição "Tchico Té" remonta ao período pós-independência da Guiné-Bissau e está intimamente ligada à visão do partido libertador "PAIGC", que defendia a formação de um "homem novo", sendo futuro quadro comprometido com o desenvolvimento do país, cujo objetivo de iniciar a reconstrução nacional por meio do recrutamento e da formação de quadros, especialmente professores, foi uma decisão política baseada nas necessidades sentidas na época.

[22] Na seleção dos informantes da pesquisa, não consideramos apenas os professores da UTT pertencentes aos quatro grupos étnicos identificados, segundo os dados do III RGPHP/INE (2009), mas também falantes representativos desses mesmos grupos étnicos.

Figura 4: Unidade de Ensino “Tchico Té”



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Nessa escola, entre os anos de 1978 e 1979, observou-se um aumento significativo na procura pelo ensino liceal. Entretanto, a oferta de vagas no então Ensino Secundário Complementar (designação anterior à Lei de Bases do Sistema Educativo, instituída pelo Decreto nº 4/2011, de 29 de março) era limitada, com apenas um liceu em funcionamento no país: o Liceu Kwame Nkrumah. Diante dessa limitação e da crescente necessidade de formação de professores para atender à expansão do ensino, o Ministério da Educação decidiu criar uma estrutura. Os estudantes interessados na docência eram inscritos no “Destacamento Pedagógico de Vanguarda Tchico Té” (DPVTT) – atual Unidade “Tchico Té” (UTT) para formação no período da tarde, enquanto frequentavam o liceu no período da manhã.

O DPVTT foi criado em novembro de 1979, ainda sem nenhum diploma que instituísse legalmente a sua criação, com a missão principal de formar professores qualificados para as disciplinas do Ensino Secundário Geral, como Física, Matemática, Química, Biologia, Geografia, História, Português, Inglês e Francês. Os formandos saíam com monovalência em uma área curricular e estavam aptos a lecionar do 7º ao 9º ano, após quatro anos de formação, com certificação de professor do Ensino Secundário Geral. O perfil de entrada exigia a conclusão da 9ª classe.

Entre 1982 e 1983, surgiu a proposta de transformar o DPVTT no Instituto de Formação e Aperfeiçoamento do Pessoal da Educação (IFAPE), que não se limitaria à formação de professores, mas também incluiria a formação de técnicos do Ministério da Educação. Essa proposta evoluiu para a criação do atual INDE em 1987. Inicialmente, o DPVTT funcionou no atual Liceu Rui Barcelos da Cunha, sendo transferido no ano seguinte para a Escola 14 de Novembro (atualmente Escola Justado Vieira, no bairro de Ajuda). Em 1987, com a conclusão

das obras do INDE, o DPVTT foi deslocado para o seu edifício próprio, construído com financiamento do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD).

Durante o ano letivo de 1995/1996, foi criada a Escola Normal Superior "Tchico Té", com um novo modelo de formação de professores com bivalência. Essa escola possuía orçamento próprio, incluindo subsídios de transporte, materiais didáticos e alimentação fornecidos pelo Ministério das Finanças. Apesar disso, a profissão docente não era atraente para os finalistas do Ensino Secundário Geral, exigindo incentivos para atraí-los à formação. A falta crônica de professores persistia, obrigando muitos a lecionarem duas ou mais disciplinas – situação que, em parte, continua até os dias atuais.

Destaca-se, nesse período, a criação de um laboratório de Biologia e Química com o apoio do professor alemão André Asbul, que, após retornar ao seu país, mobilizou recursos para a sua instalação. Infelizmente, o laboratório foi danificado durante os conflitos da guerra civil de 7 de junho de 1998.

O primeiro reconhecimento legal da escola ocorreu com a criação da Escola Superior de Educação (ESE), instituída pelo Decreto-Lei nº 13/2010, de 29 de março, que passou a abranger todas as instituições públicas formadoras de professores. Nessa ocasião, a Escola Normal Superior Tchico Té passou a denominar-se oficialmente Unidade "Tchico Té" (UTT).

Em 2022, foram implementadas licenciaturas nas áreas de Matemática, Física, Biologia, Química, História, Geografia e Língua Francesa, extinguindo-se o grau de bacharelado e o modelo de bivalência nessas áreas, conforme o Despacho nº 04/2022 do Diretor-Geral do Ensino Superior, datado de 9 de maio de 2022. O curso de bacharelato permanece apenas para a área de Desenho, recentemente introduzido.

A licenciatura em Língua Inglesa já vem sendo oferecida há alguns anos, enquanto a de Língua Portuguesa está em funcionamento desde 2002, fruto de um protocolo de cooperação entre os governos da Guiné-Bissau e de Portugal, com apoio do Instituto Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, IC, que também mantém um Centro de Língua Portuguesa com uma biblioteca na instituição.

Por fim, a UTT, sendo a maior unidade de formação de professores da Guiné-Bissau, é a única com múltiplas especializações e com oferta de cursos em nível de licenciatura. Atualmente, a unidade conta com os cursos de mestrado em **Português, Língua Não Materna – Português Língua Estrangeira e Língua Segunda**, cujo início se deu no passado mês de novembro de 2025 e em **Ensino de Matemática**, cujo início se deu no passado mês de março de 2026. Dentre os projetos de mestrados, o primeiro é financiado pelo Instituto Camões de

Portugal e o segundo, pela Fundação Calouste Gulbenkian/Portugal, ambos pedagogicamente assegurados pela Universidade de Minho, com colaborações de alguns professores nacionais.

Durante o período da pesquisa, os pesquisadores utilizaram diferentes instrumentos da coleta de dados, o que o facilitou hoje concretizar o objetivo da sua pesquisa (a elaboração desse material sob a sua posse). O ponto a seguir apresenta os instrumentos utilizados durante todo o período de coleta dos dados da pesquisa.

4.3 Constituição de *corpus* das entrevistas

Para a recolha de dados das entrevistas, foram utilizados os telefones para as gravações, partindo do modelo de entrevistas semiestruturadas com professores de todas as áreas curriculares e disciplinas transversais da UTT.

Em relação ao roteiro de entrevistas, utilizamos tipos de questionário: com característica de abordagens quantitativas (questionários sociolinguísticos), destinado a obter informações mais gerais, envolvendo uma amostra mais alargada dos informantes sobre seus dados pessoais, como por exemplo: **nome**, **idade**, **sexo**, **etnia**, **local de nascimento**, **morada/bairro**, **língua materna**, **escolaridade**, **outras línguas faladas** e **tempo da permanência no país**, além de entrevistas socialinguísticas com questões mais abertas (característica da abordagem qualitativa). Nesta segunda parte, utilizamos questionários para as apropriações aprofundadas de informações sobre o *corpus* relacionados aos fenômenos em estudos e que são objetos das nossas análises. As respostas observadas permitem-nos interpretar profundamente e chegar às conclusões mais aprofundadas. A entrevista é uma das melhores formas de adquirir informação, fundamentalmente nas áreas das Ciências Sociais e Humanas, pois ela permite ao pesquisador um relacionamento direto com o grupo estudado (Lüdke; André, 2018; Coutinho, 2022).

A recolha de dados das entrevista foi feita por terceiros – Vladimir Augusto Djata - doutorando em Ciências da Educação: Literacias e Ensino de Português, no Instituto de Educação, na Universidade de Minho/Portugal e Xavier Afonso Bunha, licenciado em Língua Portuguesa, pela ESE/Unidade ”Tchico Té”, ambos, professores afetos à UTT – devido à falta de verba para as compras de passagens aérea para o lugar da pesquisa, o que nos obrigou a mudança do projeto e estratégias face à realidade presente, nisto que consideramos representativo o número de informantes da pesquisa. As análises dos dados são tratadas de duas formas: uma vez utilizados os dois paradigmas (racionalista e naturalista)[23], recorremos ao

[23] Foram aplicados conhecimentos racionalistas, o que nos permitiu utilizar as abordagens filosóficas, o uso da razão, para a obtenção dos conhecimentos verdadeiros e universais e naturalista, usando a ciência e a observação

método estatístico que nos permite, por um lado, transformar os fenômenos encontrados em dados numéricos, permitindo reunir informações e as tratar de forma quantitativa e, por outro lado, os dados são tratados utilizando a análise interpretativa dos conteúdos, de forma a inferir sobre os aspectos observados durante a descrição dos fenômenos. Portanto, consideramos que é um estudo com uma abordagem mista, porque nesta metodologia de investigação se mobilizam características associadas a cada uma dessas formas. É claro que não podem ter todo o mesmo peso, de modo que o estudo tem mais pendor qualitativo do que quantitativo.

Nas identificações das palavras de origens das línguas étnicas e LG e suas significações no português, variedades de Portugal e brasileira, foram utilizados os seguintes dicionários: dicionários bilíngues português-crioulo da Guiné-Bissau, de Scantamburlo (2002), Cirineu Cecote Stein (Volume I e II, 2021), Vocabulários Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), Dicionário De Usos Do Português Do Brasil, de Francisco S. Borba (2002) e Dicionário Porto Editora "Infopédia".

A consulta a esses dicionários permitiu realizar análises comparativas entre itens lexicais e seus respectivos significados nas variedades do PGB, do PP e do PB. Essas comparações possibilitaram identificar aproximações e distanciamentos semânticos entre as variedades, bem como formular reflexões acerca das relações de proximidade lexical existentes entre o PGB e as demais variedades do português analisadas (**cf. Seção 5**).

4. 4 Instrumentos de coleta de dados

Para a coleta de dados (falas dos docentes da UTT), elaboramos perguntas como se fossem uma ficha para identificação do perfil social dos informantes e um roteiro semiestruturado (**Apêndice nº 03**) com perguntas sobre costumes e relatos da vida social guineense. Os áudios de entrevistas dos participantes da pesquisa, docentes da Escola Superior de Educação/Unidade "Tchico Té", têm a duração de 09 a 30 minutos cada, a partir de uma seleção aleatória dos entrevistados.

Buscamos, sempre que possível, manter uma relativa homogeneidade na duração das entrevistas, de modo a garantir maior equilíbrio na constituição do *corpus*. Entretanto, em razão das condições de campo e da disponibilidade dos participantes, nem sempre foi possível obter gravações com tempos semelhantes. Dessa forma, a duração das entrevistas não constituiu critério de inclusão ou exclusão dos dados analisados.

---

de comportamentos em seu ambiente natural, o que nos permitiu fazer análises de comportamentos dos fenômenos em causa.

Um exemplo é o informante identificado como “MJ58”, cuja entrevista possui duração de apenas 9 minutos e 57 segundos. Apesar do tempo reduzido de gravação, optamos por manter esse material no *corpus* porque ele apresentou elevada relevância para os objetivos da pesquisa. Em termos quantitativos e qualitativos, identificamos nessa entrevista, como adiante se vê, um número expressivo de ocorrências léxico-semânticas relacionadas ao fenômeno investigado, superior, inclusive, ao encontrado em algumas entrevistas de maior duração. Assim, consideramos que a riqueza linguística dos dados produzidos e sua pertinência para a análise constituíram critérios mais relevantes do que a extensão temporal da gravação.

Na ficha de entrevistas, como atrás referimos, coletamos dados pessoais dos informantes, como nome completo, idade, sexo, etnia, local de nascimento, morada/bairro, língua materna, escolaridade, outras línguas faladas e tempo da permanência no país. Já no roteiro semiestruturado, foram feitas perguntas distribuídas a cinco campos semânticos, relacionadas à gastronomia (ingredientes usados para fazer esses pratos), medicamentos de cura tradicionais, frutas, cultura e pesca, educação guineense. As diferentes palavras desses campos léxico-semânticos é que constituíram o *corpus* e objetos das nossas análises.

Para a gravação das entrevistas, foram utilizados os telefones Samsung Galaxy A 25 e A 9 para gravar as falas dos informantes. Já para as transcrições dos áudios, utilizamos o programa da Inteligência Artificial (IA) “Transcribe”[24] para converter alguns áudios em palavras escritas e, outros (áudios), foram manualmente transcritos pelo pesquisador devido à indisponibilidade e/ou não reconhecimento de alguns deles pelo aplicativo. Revemos todos os áudios transcritos pelo “Transcribe”, corrigindo todos os erros cometidos ao longo de suas transcrições, como, por exemplo, algumas palavras que são locais, desconhecidas pelo aplicativo, palavras cujos sons são impercetíveis devido ao ambiente e espaços em que as entrevistas foram conduzidas, dentre outros.

Por conseguinte, por questões éticas que envolvem o pesquisador e os informantes da pesquisa (**apêndice nº 02**), como a seguir se constata, optamos por usar as letras (consoantes iniciais) dos nomes de cada etnia e números que equivalem à idade de cada informante para codificar suas identidades. As duas últimas etnias receberam duas letras de codificação por haver coincidência nas suas letras iniciais, por isso adicionamos a consoante da segunda e terceira sílabas dessas etnias.

[24] Programa de transcrição disponível em: https://www.clipto.com/pt/transcribe-audio-video-to-text-free. Versão gratuita.

Quadro 4: Quadro descritivo de informantes

Informante	Sexo/ Gên.	Grau de Escolaridade	Local de Nasc.	Morada	Líng. Mater.	+Líng. Faladas	T./Grav
F57	M	Mestre	Pitche/Gabú	B. Militar/ Bissau	Fula	Não informado	15´, 06´´
F59	M	Mestre	Bissalanca/Biombo	B. Luanda/Bissau	Fula/Guineense	Balanta, Russa/ Português	22´, 49´´
F49	M	Mestre Mestre	Cató/ Tombali	B. Lala Quema/Bissau	Fula	Balanta, Guineense, português, espanhol	30´, 00´´
F46	M	Mestre	Bissau	Cuntum Madina/ Bissau	Fula/Manjaco	Crioula, Português e Francês	16´, 09
B41	M	Licenciado	Nhinté/ Bula/Caheu	Matandim/ Bissau	Balanta	Guineense e português	13´, 51´´
B46	M	Bacharel	Bambadinca/Bafatá	Bessaque/ Bissau	Balanta	Mandinga, Guineense, português, Francês, inglês	17´, 45´´
B59	M	Licenciado	Bulel Samba/ Quínara	B.Quelelé /Bissau	Balanta	Guineense, português	24´, 32´´
B47	M	Licenciado	São Domingos/ Cacheu	PlackII/Bissau	Balanta	Guineense, Português e Francês	15´, 41´´
Mg43	M	Licenciado	Biassu	B.Qulelé/ Bissau	Manginga/Fula	Guineense, portuguê e Fula	18´, 40´´
Mg56	M	Licenciatura	Binar/Oio	Quepul/Bissau	Mandinga/ Balanta	Guineense, português, Djacanca, Francês	19´, 43´´
Mg60	F	Licenciada	Dacar/Senegal	B. Míssira/Bissau	Mandinga	Guineense, português, francês, Inglês, Serer	13´,43´´
Mg54	M	Bacharel	Canquelifa	B.Qulelé/ Bissau	Mandinga	Guineense, Francês, wolof e Inglês	14´, 14´´
Mj58	M	Licenciado	Cacheu	B. Djaal/Bissau	Manjaco	Português, Guineense e Francês	09´, 57´´
Mj57	M	Mestre	Canchungo	B. Cuplilum de Baixo	Manjaco	crioula, português, russa e francês	29´, 38´´
Mj59	M	Licenciado	Farim/Oio	B. Bissak/Bissau	Manjaco	Portugês, francês, crioulo, fula, mandinga e wolof	15´, 33´´
Mj55	M	Licenciado	Canchungo	B. Canátiria/ Bissau	Manjaco	Guineense, português, francês e Walof	28´, 25´´
Total Geral de *corpus* encontrados							35 332

Fonte: Os autores (2026).

Os dados apresentados no **Quadro 4** permitem observar a diversidade linguística e sociocultural dos participantes da pesquisa. Embora os informantes pertençam a diferentes grupos étnicos, localidades de origem e repertórios linguísticos, todos compartilham uma característica fundamental para os objetivos deste estudo: atuam como docentes do ensino superior e pertencem ao segmento mais escolarizado da sociedade guineense. Nesse sentido, a variável escolaridade constituiu um dos principais critérios para a seleção dos participantes, uma vez que buscamos investigar as influências léxico-semânticas das línguas étnicas e da Língua Guineense na variedade culta do PGB.

Conforme discutido anteriormente, não estabelecemos equilíbrio entre os participantes quanto à variável sexo. Tal decisão decorre, conforme já apontamos anteriormente, por um lado, da reduzida presença de mulheres no corpo docente da instituição investigada e, por outro, do fato de essa variável não constituir fator de controle ou categoria de análise nesta pesquisa. Nosso interesse concentrou-se na constituição de um *corpus* representativo de falantes pertencentes ao ensino superior, considerando especialmente sua formação acadêmica, trajetória sociolinguística e pertencimento etnolinguístico.

Outro aspecto que merece destaque refere-se ao repertório plurilíngue dos participantes. Observamos que todos os informantes utilizam, além da língua materna, a LG, a língua portuguesa e, em muitos casos, outras línguas africanas e internacionais, como francês, inglês, espanhol, *wolof*, *Djacanca*, *Serer* e russo. Esse perfil evidencia a natureza multilíngue da sociedade guineense e reforça a hipótese de que o contato permanente entre diferentes sistemas linguísticos favorece a circulação de unidades lexicais e semânticas entre as línguas em uso no país.

Por fim, o material (arquivos com áudios) com as gravações encontram-se reunidos e organizados em uma pasta no drive e poderá ser disponibilizado para futuras pesquisas pelo Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR). O *link* de acesso ao material será disponibilizado na seção adiante (**cf. seção 6**).

4.4 Critérios de Análise dos dados

Para análises, como foi destacado no ponto anterior sobre os critérios de seleções dos informantes, foram consideradas as gravações de falas dos professores de ESE/UTT pertencentes aos quatro (4) grupos étnicos, selecionados pelo pesquisador, assinantes de termos de livres consentimentos em participar na pesquisa, não só, mas também, residentes, com a permanência mínima de cinco (5) anos no país.

Todos os dados foram criteriosamente verificados pelo pesquisador, sendo observado que todos os informantes da pesquisa atendiam aos critérios de classificação definidos nesta pesquisa. Após as gravações, seguimos com as transcrições dos áudios das entrevistas.

Em seguida, de posse desse material, realizamos a coleta de itens e/ou unidades lexicais, influenciadas pelas línguas étnicas e LG, utilizadas pelos informantes ao falarem português. Esses dados foram organizados em uma planilha de Excel, como se segue o modelo do cabeçalho abaixo:

Quadro 5: Modelo do cabeçalho da planilha do Excel para a extração dos dados:

Informante	Item lexical ou expressão	Significado no contexto de uso	Dicionário língua portuguesa em uso	Influência linguística (língua de origem)	Dicionário Crioulo ou OUTRO	Campo lexical	Classificação gramatical	Observações

Fonte: Os autores (2026).

Nessas planilhas, identificamos os fenômenos lexicais e semânticos, objetos de estudos desta pesquisa, na fala de cada informante. Sendo assim, ao construir e preencher essa planilha, o objetivo central foi o de realizar o levantamento e a sistematização do contato linguístico no PGB variedade culta falada. Como pode ser observado, o processo vai além da simples listagem de palavras; trata-se de um exercício de lexicografia e análise sociolinguística.

As categorias analisadas ou de controle, presentes na planilha, foram:

a) Informante: Permite cruzar os dados com o perfil sociolinguístico (idade, etnia, tempo de docência);

b) Item lexical ou expressão: Identifica a unidade de análise (pode ser uma palavra única ou uma locução);

c) Significado no contexto de uso: É a análise da pragmática. Muitas vezes, uma palavra do português ganha um novo sentido (neologismo semântico) em Guiné-Bissau;

d) Dicionário de língua portuguesa em uso: Serve como ponto de contraste. Aqui verificamos se o sentido usado pelo informante já está dicionarizado em algum dicionário (como Crioulo ou OUTRO) ou se é uma inovação local. Foram consultados os Dicionários Bilíngues, Portugês-Crioulo da Guiné-Bissau, de Scantamburlo (2002) e os de Cirineu Cecote Stein (Volume I e II, 2021);

e) Influência linguística (língua de origem): Analisamos a gênese do termo, identificando se a unidade provém da LG ou de línguas étnicas como o *Fula*, *Balanta*, *Mandinga*, *Manjaco*, *Papel* etc.;

f) Campo lexical: Analisamos a esfera da vida social a que o termo pertence (ex.: família, religião, alimentação, política). Isso ajuda a identificar em quais áreas as línguas étnicas são mais presentes no discurso docente;

g) Classificação gramatical: Observamos como o termo se comporta morfossintaticamente (se funciona como substantivo, verbo, adjetivo etc.), verificando se houve mudança de classe no processo de empréstimo.

Portanto, ao preencher esse quadro, como atrás referimos, não estamos apenas listando palavras, mas, sim, mapeando o fenômeno lexical, investigando como o PGB é reocupado e ressignificado pelas línguas de herança dos falantes, revelando uma norma culta guineense que é, por natureza, híbrida e multicultural.

5 ANÁLISES E RESULTADOS DOS DADOS DA PESQUISA

Os itens e/ou as unidades lexicais extraídos nos áudios das entrevistas de informantes da pesquisa foram relacionados a cinco campos semânticos: gastronomia (ingredientes usados para fazer esses pratos), medicamentos de cura tradicionais, frutas, cultura e pesca, educação guineense (**consultar apêndices nº 04**).

Esses itens e unidades lexicais são extraídos tomando em conta às funções sintáticas pré e pós aos fenômenos em influências. A partir desses contextos é que são retirados os valores semânticos desses itens/unidades lexicais cujas influências das línguas como doravante apresentaremos.

Os recortes textuais que agora vamos apresentar são retirados a partir dos textos de áudios transcritos de diferentes informantes da pesquisa. A seguir (**Apêndice 5**), serão disponibilizados todos os fenômenos identificados de cada informante e que se pode ver os fenômenos e suas posições em relação aos elementos sintáticos que envolvem os itens e unidades lexicais em análises:

F46: "A minha língua materna é Fula, mas também, falo ***Manjaco...***". /" O aquilo que aparece, enquanto ***matabicho*** nós dizemos, eu como. Se aparecer um ***futi*** de manhã, eu como."/"...eu posso ***dubriar*** como se faz....". /" Ao jantar, eu costumo comer, como dizem, não sei o nome assim, ***cuntchur de mancara***..."./ " He... por exemplo, essa, esse ***jogo de cabra-cega***, ***trinta e um (31)***, ***surumba***, ***bilas***...".

F57: "... é da minha preferência, ***kuntchur*** é da minha preferência ou ***moni***".

F49: "Eh... eu conheço ***kanafistra***...".//"... quem está deparando tipo problema de rins se usa aquele como tratamento e conheço também ***belencufan*** aquele usa mais...".//"... dores de barriga, na época da chuva aquele também se usa, o mesmo ***kulembé*** que a gente usa...". /" Sim, como se disse, dizem ***kunelate***, parece aquele não sei, ah, nome que eles chamam, mas aquele está aí...".

B46: *"*... e com sacolas que, em crioulo, nós chamamos de ***barkafon***...". /"... o ***esqueiro*** antigamente era ***fuzil*** e próprio faca...".

B41: "...outro mais para baixar a temperatura para as crianças. Tem mais outro, ***kulembé***. Dar energia... fazem na ***uarga***, no chá, à noite, ainda se estamos na ***djumbai***...".

B59: "Assistir uma tradição tanto da nossa ***tabanca*** é a mesma coisa que se faz do outro lado. Por exemplo, danças tradicionais, como ***kussundé***, ***broska***, o próprio ***fanado***".

Mg43: "...que é da nossa tradição, ***fléia mandinga***...". /"... há aquele prato que se chama ***siga***...".

Mg54: "... ***caldo de tchebem***..."./"Tem tipos tipos, por exemplo, pude fazer caldo de mancara com carne ou c***om pix modjado***..."./"... ***djambadon***".

Mg56: "Eu a minha bebida preferida é o ***sumo***, sobretudo natural..."./"...sumo natural de ***cabaceira***..."./"...de limão, ***foli***..."./"...de limão, foli, ***mandiple***, como sabe..."./"...para o almoço, eu preferia um prato natural com ***caldo de chabéu***...".

Mj55: "Aqui em ***Bissau***, Canária, ***Fera cinho***..."./"Eu tomo raramente o ***pon***.*"*/"... o milho é como, e tá fácil ***pate*** sim..."!...diz ***mone***, mas é uma coisa mais leve, ou ***tcheré***".

Mj58: "... o único prato que eu consigo fazer quando eu era solteiro era só ***kuntangu***, mais nada, rsrsrsrsrsrs."/"... ***peixe seco*** não é?"/"... como camarões e ***badjigui*** não é?"

Em função dos critérios tidos em conta na seleção – dados de último censo populacional de 2009, Instituto Nacional de Estatística (INE), III Recenseamento Geral da População e Habitação, Ministério da Economia do Plano e da Integração Regional da Guiné-Bissau (MEPIR/GB) – das línguas étnicas que serão objetos dos nossos estudos nesta pesquisa de mestrado, as nossa análises seguirão nesse formato, ou seja, por grupos étnicos dos informantes da pesquisa: *Fula*, *Balanta*, *Mandinga* e *Manjaco*, respectivamente.

Importa salientar que, nos usos de falas pelos nossos informantes ao longo das entrevistas, não só se constatam as variações fonéticas em algumas palavras no PGB, como: *caldo de chabéu*/*caldo de tchebem*; *sukulbembe/suklubembe*; *teínha/taínha*; *carapau/garapau*; *djagatu/djacatu*; *Kselebisonh/selebessonh*, *Pano de pente/panu de Pinti*, *corvina/corbina*, *bilas/bilhas*, etc. e repetições de itens e unidades lexicais por informante da pesquisa, mas também se constatam repetições dos mesmos termos entre informantes e grupos étnicos. Os itens/unidades lexicais que apresentam, sobretudo, variações fonológicas, também são condicionadas às alterações gráficas e não semânticas. Os termos repetidos pelo informante, consideramo-los como um só em nossas análises (**vide a seção de anexos, apêndice 5**), caso diferente quando as repetições se ocorrem entre os grupos étnicos dos informantes.

Ao longo dessa pesquisa, conclui-se que tais variações fonéticas são condicionadas por diferentes fatores sociais. Primeiro, **fator idade**: há uma forte tendência por alguns informantes mais idosos em conservar certas pronúncias de palavras acomodadas na LG[25], oriundas de outras línguas, por exemplo, a LP. Quando são empregados no PGB, esses falantes tentam

[25] Palavras vindas por processos de empréstimos/estrangeirismos.

conservar a estrutura da LG. Por exemplo: na LG, as palavras no português, iniciadas com consoantes dígrafos "***CH***" passam para "***tch***": chabéu → *Tchebem*. As palavras do português, iniciadas com **consoante vozeada fricativa labiodental** "***v***" passam para consoante **vozeada plosiva bilabial** "**b**": corvina → *curbina*. O segundo fator é o da **escolaridade:** houve um processo de aportuguesamento fonético de certas palavras por alguns informantes da pesquisa, sobretudo, informantes com mais domínio em português. Por exemplo, as palavras *teínha/taínha, Pano de pente/panu de Pinti*, *bila/bilhas* e *sukulbembe/suklubembe*. Por último, **fator etnia (língua étnica)**: houve trocas de consoantes em certas palavras, sobretudo, com informantes do grupo étnico *Balanta*, visto que, nesse grupo étnico, há sempre uma forte tendência de os seus falantes trocar a **consoante plosiva velar vozeada** "***g***" por **consoante plosiva velar não vozeada** "***k***" e vice-versa: *carapau/garapau, djagatu/djacatu.*

A lista de *corpus* que apresentamos neste texto ilustra os itens e unidades lexicais de línguas étnicas, LG e outras línguas usadas pelos nossos informantes ao longo das suas comunicações. Ao lado de cada item está disposto o seu valor semântico em função de cada grupo étnico.

5.1 Análise por etnias

Nesta subseção, apresentamos resultados gerais, por grupo étnico.

5.1.1 Os informantes do grupo étnico Fula

Nos informantes *Fulas* são encontrados os seguintes itens ou unidades lexicais, alguns dos quais são repetidos entre informantes do mesmo grupo étnico (*Fula*). Os itens e unidades lexicais repetidos, neste nível de análise, são eliminados da lista, mantendo apenas um em representação como se pode constatar na lista abaixo apresentada:

Ananás: fruta de ananaseiro, da família das bromeliáceas.

Arroz de pilão: arroz descascado em pilão.

Bagre: espécie de peixe da família dos silurídeos, denominado também bagre da Guiné-Bissau, cujas caraterísticas principais são a pele nua, a presença de barbilhões e a barbatana dorsal espinhosa.

Bailava: dançavam, do verbo dançar.

Balafons: instrumento musical de teclas que se toca com duas varinhas; xilofone.

***Balanta(s)*:** um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Atlântico.

Barbo: espécie de peixe, com barbilhões, muito frequente sobretudo nos rios da Guiné-Bissau.

Becuda**:** peixe marinho, da família dos esferénidas, de rosto alongado e muito voraz; barracuda.

Bentaínha**:** espécie de peixes pequenos; tilápias pequenas.

Bentana: espécie de peixes; tilápia.

Bica: peixe teleósteo percomorfo da família dos esparídeos; luciano-da-goreia.

Bijagó(s)**:** termo comum para indicar os membros do povo bijagó, pertencente ao grupo linguístico Bijagó, da subfamília Oeste-atlântico.

Biombo**:** uma das oito regiões da Guiné-Bissau.

Belencufan**:** planta herbácea cuja raízes são medicinária.

Bissalanca**:** nome de uma das vilas da região de Biombo, muito próximo da capital Bissau-*guineense.*

Bissau**:** capital da Guiné-Bissau e sede da região autónoma de Bissau desde 1941.

Broska**:** tipo de baile dos Balantas.

Bulungudjubá: raiz de uma espécie de planta muito usada para os tratamentos tradicionais.

Cabaceira**:** fruto da planta do baobá com polpa seca, ácida e rica em cálcio, nome derivado do formato característico do seu fruto, semelhante a cabaça ou abóbora pequena.

Cabaco**:** invólucro dessa planta "nduli"; casca.

Cabra-cega**:** jogo de criança, usam-se um pano ou a mão para tapar a cara, o que não lhe permite ver ou reconhecer outras crianças e adivinhar uma de cada quem é. Ela terá que passa a sua mão em cima de cada para reconhecer quem é.

Caldo de Chabéu**:** nome de um dos pratos típicos tradicionais guineense, preparada com molho feito de polpa de chabéu cozida e triturada em pilão.

Caldo de Mancara**:** nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancara/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense.

Carapau**:** nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas da Guiné-Bissau; tilápia.

Catió**: C**apital da região de Tombali.

Caudo**:** nome dado a várias espécies de peixes seláquios de grande porte e muito vorazes; tubarão.

***Chabéu*:** fruta e semente da palmeira de óleo ou palmeira dendê ou palmeira do azeite; coconote.

***Cuntchur*:** prato de arroz mole com molho de mancara, açúcar de leite coalhado.

***Curbina*:** espécie de peixe da família da tilápia.

***Dal*:** forma verbal do verbo "dar".

Barbo: Espécie de peixe, com barbilhões, muito frequente sobretudo nos rios da Guiné.

***Djafal*:** variedade de peixe da família dos clupeídeos; espécie de arenque, famosa pelas numerosas espinhas; galocha.

***Djambo*:** tipo de planta, cujas folhas são comestíveis.

***Dubriar*:** arranjar-se; desenrascar-se.

***Esquilão*:** variedade de bagre.

***Fanado*:** ritual de iniciação que prepara os jovens e as jovens à vida adulta, à responsabilidade *social, ao contacto com os antepassados e à habilidade de continuar a cultura do próprio povo.*

***Foli*:** fruto de uma planta trepadeira borracheira; fruto silvestre, de polpa amarela e sabor acidulado.

***Forroba*:** fruta comestível da planta alfarrobeira.

***Fufu*:** nome de um dos pratos típicos tradicionais nigeriano.

***Fula*:** membro do povo Fula, muito numeroso na Guiné-Bissau e habitantes de várias regiões da África Ocidental, pertencente ao grupo linguístico Norte do Senegal, da subfamília Oeste-atlântica.

***Fulupe(s)*:** termo comum para indicar os membros do povo *felupe*, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak da subfamília Oeste-Atlântico.

***Futi*:** prato guineense com bentaninha secas e defumadas cozidas e piladas com óleo de palma, cebola em escabeche pilada à parte, arroz branco a acompanhar.

***Guiné*:** nome que designa a grande região da África Ocidental entre o rio da Casamansa e o rio Gabon. Nome truncado que designa a Guiné-Bissau, Guiné-Conakri e Guiné Equatorial. Língua papel ´´Djinè´´ que significa chão de pretos.

***Guiné-Bissau*:** país da África Ocidental, antiga Guiné Portuguesa, independente desde 24 de setembro de 1973, depois de uma luta de libertação nacional contra o colonialismo.

***Huh-huh*:** forma de aceitação.

***Kanafistra*:** planta da família das leguminosas.

***Korocondó*:** espécie de planta medicinal na Guiné-Bissau.

***Kselébissonh*:** bentaninha secas e defumadas cozidas.

***Kulembé*:** raiz de planta medicinal tradicional da Guiné-Bissau.

***Kunelate*:** planta medicinal tradicional da Guiné-Bissau.

***Kuntchurbedja*:** espécie de mariscos muito comum na Guiné-Bissau.

***Kussundé*:** dança tradicional da etnia Balanta.

Masite: planta medicinal na Guiné-Bissau.

***Malgueta*:** espécie de pimenta muito picante da Guiné, Madagascar e Ceilão; malegeta de Guiné.

***Mancanh*:** termo comum para indicar os membros do povo Mancanha, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak, da subfamília Oeste-atlântico.

***Mancrra bijagó*:** espécie de amendoim designado como mancara bambara.

***Mancara*:** planta americana da família das leguminosas, que produz frutos subterrâneos e cujas sementes fornecem óleo; amendoim.

***Mandinga(s)*:** termo comum para indicar os membros do povo Mandinga, pertencente ao grupo linguístico Mande Tan ou Norte, da subfamília Mande.

***Mandioca*:** aipim, macaxeira.

***Mango*:** fruto da mangueira, da família das anacardiáceas; manga.

***Mangos saralhons*:** variedade de manga, importada da Serra Leoa e Guiné-Conacri.

***Manjaco*:** termo comum para indicar os membros do povo Manjaco, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak da subfamília Oeste-Atlântico.

***Matabicho*:** café da manhã; pequeno-almoço.

***Mbó*:** palavra que se repete inconscientemente na conversa ou escrita e tem como efeito chamar atenção para a frase seguinte; bordão. Advérbio de modo “bem".

***Moni*:** papa de bolinha de arroz farinhado e edulcorado, consumida especialmente no mês de Ramadão para "cortar o jejum".

***Nalú(s)*:** termo comum para indicar os membros do povo Nalú, pertencente ao grupo linguístico Norte Nalú, da subfamília Oeste-atlântica.

***Nduli*:** planta medicinal na Guiné-Bissau.

***Nghaie*:** faixa etária na etnia balanta.

***Nhambe*:** tubérculo comestível de polpa feculenta; inhame da Guiné.

***No*:** forma de negação.

***Óleo de palma*:** gordura ou substância que é tirada dos frutos ou do tronco de algumas variedades de palmeiras.

***Padja santa*:** planta utilizada na medicina tradicional como febrífugo; os grãos, torrados, servem como sucedâneo do café.

***Pano de pinti*:** peça de pano tecida com o tear tradicional.

***Papéis*:** termo comum para indicar os membros do povo papel, pertencente ao grupo linguístico Norte Bac, da subfamília Oeste-atlântico.

***Pilada*:** descascado; moído com pilão.

***Pilar*:** pisar no grol com o pilão, quer para descascar, quer moer.

***Pó-de-conta*:** essência florestal, planta medicinal.

***Safim*:** nome de um dos sectores da região de Biombo.

***Si*:** forma de aceitação.

***Site*:** óleo de palmiste ou coconote; azeite.

***Suleimane*:** nome próprio de pessoa, usualmente atribuído aos meninos muçulmanos da etnia fula.

***Sumo de cabaceira*:** suco feito com o fruto do imbondeiro.

***Sumos*:** bebida que se extrai de algumas substâncias vegetais, suco.

***Surumba*:** modelo de um jogo de criança cujo riscos quadradinhos ou retangular no chão.

***Tabancas*:** da etnia temne´´ta-banka´´ que significa fortificações, aldeia; povoação. Local defendido por paliçada em estacaria de pau-a-pique ou com fosso e da LG "tabanka".

***Teínha*:** nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas costeiras.

***Tifa*:** espécie de inhame, com tubérculos de tamanho muito pequeno.

***Trinta e cinco (35)*:** jogos recreativos de crianças.

Trinta e um (31): espécie de jogo recreativos para as crianças.

***Sumo de Veludo*:** suco feito de fruta da planta do veludo.

***Ya*:** forma de aceitação.

Após as compilações e constituições dos itens e unidades lexicais acima apresentados, foram consultados, como já mencionado, os Dicionários Bilíngues, Portugês-Crioulo da Guiné-Bissau, de Scantamburlo (2002), e os de Cirineu Cecote Stein (Volume I e II, 2021), verificamos que alguns deles foram dicionarizados nestas obras como se pode ver no quadro a seguir:

Quadro 6: Dados do grupo étnico *Fula*, encontrados em dicionários Guineense-português (Scantamburlo, 2002; Stein, 2021, V. I e II):

Ananás	Fruta de ananaseiro, da família das bromeliáceas (Scantamburlo, 2002, p. 76; Stein, 2021, V.II, p. 27).
Arroz de pilão	Arroz descascado em pilão (Scantamburlo, 2002, p. 91).
Bagre	Espécie de peixe da família dos silurídeos, denominado também bagre da Guiné-Bissau, cujas características principais são a pele nua, a presença de barbilhões e a barbatana dorsal espinhosa (Scantamburlo, 2002, p. 105).
Balafons	Instrumento musical de teclas que se toca com duas varinhas; xilofone (Scantamburlo 2002, p. 107).

Balanta(s)	Um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 108).
Barbo	Espécie de peixe, com barbilhões, muito frequente sobretudo nos rios da Guiné-Bissau (Scantamburlo, 2002, p. 115).
Becuda	Peixe marinho, da família dos esferénidas, de rosto alongado e muito voraz; barracuda (Scantamburlo, 2002, p. 122).
Bentaínha	Espécie de peixes pequenos; tilápia pequenas (Scantamburlo, 2002, p. 123).
Bentana	Espécie de peixes; tilápia (Scantamburlo, 2002, p. 123).
Bica	Peixe teleósteo percomorfo da família dos esparídeos; luciano-da-goreia (Scantamburlo, 2002, p. 128).
Bijagó(s)	Termo comum para indicar os membros do povo bijagó, pertencente ao grupo linguístico Bijagó, da subfamília Oeste-atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 128).
Biombo	Uma das oito regiões da Guiné-Bissau (Scantamburlo 2002, p. 130).
Bissau	Capital da Guiné-Bissau e sede da região autónoma de Bissau desde 1941 (Scantamburlo, 2002, p. 119).
Broska	Tipo de baile dos Balantas (Scantamburlo, 2002, p. 141).
Cabaceira	Fruto da planta do baobá com polpa seca, ácida e rica em cálcio, nome derivado do formato característico do seu fruto, semelhante a cabaça ou abóbora pequena (Scantamburlo, 2002, p. 278).
Cabaco	Invólucro dessa planta "nduli"; casca (Scantamburlo, 2002, p. 277; Stein, 2021, V.II, p. 121).
Cabra-cega	Jogo de criança (Scantamburlo, 2002, p. 280).
Caldo de Chabéu	Nome de um dos pratos típicos tradicionais guineense, preparada com molho feito de polpa de chabéu cozida e triturada em pilão (Scantamburlo, 2002, p. 285).
Caldo de Mancarra	Nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancarra/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense (Scantamburlo, 2022, p. 285).
Catió	Capital da região de Tombali (Scantamburlo, 2002, p. 304).
Caudo	Nome dado a várias espécies de peixes seláquios de grande porte e muito vorazes; tubarão (Scantamburlo, 2002, p. 122).
Chabeu	Fruta e semente da palmeira de óleo ou palmeira dendê ou palmeira do azeite; coconote (Scantamburlo, 2002, p. 622).
Cuntchur	Prato de arroz mole com molho de mancarra, açúcar e leite coalhado (Scantamburlo, 2002, p. 349).
Curbina	Espécie de peixe (Scantamburlo, 2002, p. 350).
Barbo	Espécie de peixe, com barbilhões, muito frequente sobretudo nos rios da Guiné (Scantamburlo, 2002, p. 115).
Djafal	Variedade de peixe da família dos clupeídeos; espécie de arenque, famosa pelas numerosas espinhas; galocha. (Scantamburlo, 2002, p. 188).
Djambo	Tipo de planta, cujas folhas são comestíveis (Scantamburlo, 2002, p. 189).
Dubriar	Arranjar-se; desenrascar-se (Scantamburlo, 2002, p. 185).
Esquilão	Variedade de bagre (Scantamburlo, 2002, p. 571).
Fanado	Ritual de iniciação que prepara os jovens e as jovens à vida adulta, à responsabilidade social, ao contacto com os antepassados e à habilidade de continuar a cultura do próprio povo (Scantamburlo, 2002, p. 211; Stein, 2021, V. II, p. 91).
Foli	Fruto de uma planta trepadeira borrachifera; fruto silvestre, de polpa amarela e sabor acidulado (Scantamburlo, 2002, p. 230).
Forroba	Fruta comestível (Scantamburlo, 2002, p. 212).
Fula	Membro do povo Fula, muito numeroso na Guiné-Bissau e habitantes de várias regiões da África Ocidental, pertencente ao grupo linguístico Norte do Senegal, da subfamília Oeste-atlântica (Scantamburlo, 2002, p. 238).
Fulupe(s)	Termo comum para indicar os membros do povo felupe, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak da subfamília Oeste-Atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 217).
Futi	Prato guineense com bentaninha secas e defumadas cozidas e piladas com óleo de palma, cebola em escabeche pilada à parte, arroz branco a acompanhar (Scantamburlo, 2002, p. 242).
Guiné	Nome que designa a grande região da África Ocidental entre o rio da Casamansa e o rio Gabon. Nome truncado que designa a Guiné-Bissau, Guiné-Conakri e Guiné Equatorial. Língua papel ´´Djinè´´ que significa chão de pretos (Scantamburlo, 2002 p. 254).
Guiné-Bissau	País da África Ocidental, antiga Guiné Portuguesa, independente desde 24 de Setembro de 1973, depois de uma luta de libertação nacional contra o colonialismo (Scantamburlo, 2002, p. 254).
Kanafistra	Planta da família das leguminosas (Scantamburlo, 2002, p. 291).
Kussundé	Dança tradicional da etnia Balanta (Scantamburlo, 2002, p. 254).

Masite	Planta medicinal na Guiné-Bissau (Scantamburlo, 2002, p. 389).
Malgueta	Espécie de pimenta muito picante da Guiné, Madagascar e Ceilão; malegeta de Guiné (Scantamburlo, 2002, p. 378; Stain, 2021, V. II, p. 182).
Mancanh	Termo comum para indicar os membros do povo Mancanha, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak, da subfamília Oeste-atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 383).
Mancara de bijagó	Espécie de amendoim designado como mancarra bambara (Scantamburlo, 2002, p. 383).
Mancara	Planta americana da família das leguminosas, que produz frutos subterrâneos e cujas sementes fornecem óleo; amendoim (Scantamburlo, 2002, p. 383; Stein, 2021, V. II, 187).
Mandinga(s)	Termo comum para indicar os membros do povo Mandinga, pertencente ao grupo linguístico Mande Tan ou Norte, da sub-família Mande (Scantamburlo, 2002, p. 380).
Mandioca	Aipim, macaxeira (Scantamburlo, 2002, p. 380; Stain, 2021, V. II, p. 183).
Mango	Fruto da mangueira, da família das anacardiáceas; manga (Scantamburlo, 2002, p. 382).
Mangos saralhons	Variedade de manga, importada da Serra Leoa e Guiné-Conakri (Scantamburlo, 2002, p. 382).
Manjaco	Termo comum para indicar os membros do povo Manjaco, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak da subfamília Oeste-Atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 381).
Matabicho	Pequena refeição que se toma de manhã; pequeno-almoço (Scantamburlo, 2002, p. 390; Stein, 2021, V. II, p. 191).
Mbó	Palavra que se repete inconscientemente na conversa ou escrita e tem como efeito chamar atenção para a frase seguinte; bordão. Advérbio de modo “bem" (Scantamburlo, 2002, p. 394).
Moni	Papa de bolinha de arros farinado e edulcorado, consumida especialmente no mês de Ramadão para "cortar o jejum" (Scantamburlo, 2002, p. 408).
Nalú(s)	Termo comum para indicar os membros do povo Nalú, pertencente ao grupo linguístico Norte Nalú, da subfamília Oeste-atlântica (Scantamburlo, 2002, p. 420).
Nhambe	Tubérculo comestível de polpa feculenta; inhame da Guiné (Scantamburlo, 2002, p. 439).
Óleo de palma	Gordura ou substância que é tirada dos frutos ou do tronco de algumas variedades de palmeiras (Scantamburlo, 2002, p. 130).
Padja santa	Planta utilizada na medicina tradicional como febrífugo; os grãos, torrados, servem como sucedâneo do café. (Scantamburlo, 2002, p. 458).
Pano de pinti	Peça de pano tecido com o tear tradicional (Scantamburlo, 2002, p. 464).
Papéis	Termo comum para indicar os membros do povo papel, pertencente ao grupo linguístico Norte Bac, da subfamília Oeste-atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 476).
Pilada	Descascado; moído com pilão (Scantamburlo, 2002, p. 479).
Pilar	Pisar no grol com o pilão, quer para descascar, quer moer (Scantamburlo, 2002, p. 479).
Pó-de-conta	Essência florestal, planta medicinal (Scantamburlo, 2002, p. 488).
Site	Óleo de palmiste ou coconote; azeite (Scantamburlo, 2002, p. 570; Stein, 2021, V. II, p. 297).
Sumos	Bebida que se extrai de algumas substâncias vegetais, suco (Scantamburlo, 2002, p. 588; Stain, 2021, V. II, p. 308).
Tabancas	Da etnia temne´´ta-banka´´ que significa fortificações, aldeia; povoação. Local defendido por paliçada em estacaria de pau-a-pique ou com fosso e da LG “tabanka” (Scantamburlo, 2002, p. 592; Stein, 2021, V. II, p. 311).
Teínha	Nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas costeiras (Scantamburlo, 2002, p. 598).
Tifa	Espécie de inhame, com tubérculos de tamanho muito pequeno (Scantamburlo, 2002, p. 603).
Trinta e cinco (35)	Jogos recreativos de crianças (Scantamburlo, 2002, p. 280).
Sumo de Veludo	Suco feito de fruta da planta do veludo (Scantamburlo, 2002, p. 635; Stein, 2021, V. II, p. 337).

Fonte: Elaboração própria.

Nas identificações das palavras que pertencem às línguas étnicas e guineense não dicionarizadas e/ou não identificadas suas origens no Scantamburlo (2002) e Stein (2021, Volume I e II), sendo línguas não do domínio do pesquisador, são consultados os informantes da pesquisa e outras individualidades pertencentes a essas línguas ou não para o efeito de identificação das suas origens. Para outras identificações dos conceitos em outras línguas foram

aplicados os conhecimentos linguísticos do pesquisador, nomeadamente, na LG *e Balanta*, esta última, sendo a sua língua étnica e, a LG, a sua L2.

Todos os itens e unidades lexicais ora apresentados e dicionarizados nos três (3) Dicionários Bilíngues (Scantamburlo, 2002; Stein, 2021, V. I e II) são empréstimos/estrangeirismos que estão em permanentes contactos com a variedade do PGB.

O quadro que se segue apresenta as influências léxico-semânticas de *corpus* de línguas étnicas, guineense e outras línguas presentes na Guiné-Bissau.

Quadro 7: Os itens ou unidades lexicais das línguas presentes nas falas dos informantes *Fulas* no PGB

Item/unidade lexical	Língua de origem	Item/unidade lexical	Língua de origem	Item/unidade lexical	Língua de origem
1. Ananás	Guineense	***30. Balanta(s)***	Mandinga	***59. Biombo***	Papel
2. Arroz de pilão	Guineense	***31. Barbo***	Guineense	***60. Belencufan***	Mandinga
3. Bagre	Guineense	***32. Becuda***	Bijagó	***61. Bissalanca***	Balanta
4. Bailava	Espanhola	***33. Bentaínha***	Guineense	***62. Bissau***	Papel
5. Balfons	Mandinga	***34. Bentana***	Guineense	***63. Broska***	Balanta
6. Bica	Guineense	***35. Bijagó(s)***	Bijago	***64. Bulungudjubá***	Papel
7. Cabaceira	Guineense	***36. Dal***	Guineense	***65. Futi***	Fula
8. Cabaco	Guineense	***37. Djafal***	Guineense	***66. Guiné***	Papel
9. Cabra-cega	Guineense	***38. Djambo***	Mandinga	***67. Guiné-Bissau***	Guineense
10. Caldo de Chabeu	Guineense	***39. Dubriar***	Guinense	***68. Huh-huh***	Balanta
11. Caldo de Mancara	Guineense	***40. Esquilão***	Guineense	***69. Kanafistra***	Balanta
12. Carapau	Guineense	***41. Fanado***	Guineense	***70. Korocondó***	Balanta
13. Catió	Balanta	***42. Foli***	Mandinga	***71. Kselébissonh***	Balanta
14. Caúdo	Bijagó	***43. Forroba***	Guineense	***72. Kulembé***	Mancanha
15. Chabeu	Guineense	***44. Fufu***	Nigerina	***73. Kunelate***	Fula
16. Cuntchur	Fula	***45. Fula***	Fula	***74. Kuntchurbedja***	Guineense
17. Curbina	Guieense	***46. Fulupe(s)***	Felupe	***75. Kussundé***	Balanta
18. Masite	Mandinga	***47. Mancanh***	Mancanh	***76. Mancara***	Guineense
19. Malgueta	Guieense	***48. Mancara bijagó***	Guineense	***77. Mandinga(s)***	Mandinga
20. Mandioca	Guineense	***49. Mbó***	Balanta	***78. Nhambe***	Mandinga
21. Mango	Guineense	***50. Moni***	Mandinga	***79. Óleo de palma***	Guineense
22. Mangos saralhons	Guineense	***51. Nalú(s)***	Nalú	***80. Padja santa***	Guineense
23. Manjaco	Manjaco	***52. Nduli***	Balanta	***81. No***	Espanhola
24. Matabicho	Guieenese	***53. Nghaie***	Balanta	***82. Pano de pinti***	Gineense
25. Papéis	Guineense	***54. Si***	Espanhol	***83. Surumba***	Guineense
26. Pilada	Guineense	***55. Suleimane***	Fula	***84. Tabancas***	Timené
27. Pilar	Guineense	***56. Site***	Guineense	***85. Teínha***	Guineense

28. Pó-de-conta	Guineense	***57.Sumo de cabaceira***	Guineense	***86. Tifa***	Balanta
29. Safim	Balanta	***58. Sumos***	Guineense	***87.Trinta cinco (35)***	Guineense
88. Trinta e um (31)	Guineense	***89. Sumo de Veludo***	Guineense	***90. Ya***	Espanhola

Fonte: Elaboração própria.

Os itens e unidades lexicais apresentados nesta seção correspondem aos dados levantados entre os informantes pertencentes ao grupo étnico *Fula*. Assim como realizado nas demais análises, consideramos tanto as ocorrências individuais registradas em cada entrevista quanto as repetições de itens lexicais identificadas ao longo do *corpus*. O objetivo é verificar a presença e a frequência de influências léxico-semânticas provenientes da Língua Guineense e de outras línguas faladas na Guiné-Bissau, no Português da Guiné-Bissau (PGB) utilizado pelos participantes da pesquisa.

A Tabela 7 apresenta a distribuição quantitativa e percentual de *corpus* identificados nas entrevistas dos quatro informantes pertencentes ao grupo étnico Fula. Os dados permitem visualizar tanto a frequência de ocorrência em cada informante quanto a participação relativa de cada língua na constituição do *corpus* analisado.

Tabela 7: Dados dos fenômenos de informantes do Grupo étnico *Fula*

	Informantes								
	F46		**F57**		**F59**		**F49**		
Línguas	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	**∑**
Guineense	18	60,0%	11	64,7%	16	41,0%	22	46,8%	67
Balanta	3	10,0%	1	5,9%	8	20,5%	9	19,1%	21
Mandinga	1	3,3%	1	5,9%	5	12,8%	2	4,3%	9
Fula	2	6,7%	3	17,6%	4	10,3%	5	10,6%	14
Manjaco	1	3,3%	0	0,0%	1	2,6%	0	0,0%	2
Felupe	0	0,0%	0	0,0%	1	2,6%	0	0,0%	1
Papel	3	10,0%	1	5,9%	2	5,1%	1	2,1%	7
Mancanha	0	0,0%	0	0,0%	1	2,6%	1	2,1%	2
Bijagó	1	3,3%	0	0,0%	1	2,6%	2	4,3%	4
Nalú	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	2,1%	1
Timené	1	3,3%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1
Espanhol	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	4	8,5%	4
Subtotal	----------								
	30	100,0%	17	100,0%	39	100,0%	47	100,0%	133

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da **Tabela 7** apontam o predomínio da Língua Guineense (LG), responsável por 67 ocorrências, correspondendo a 50,4% do total de itens lexicais identificados.

Esse resultado confirma o papel central desempenhado pela LG na sociedade guineense, funcionando como principal língua de comunicação interétnica e como importante fonte de influências sobre o PGB. A elevada frequência de itens provenientes da LG reforça a hipótese de que essa língua exerce influência significativa na constituição lexical do PGB. Em segundo lugar, destaca-se a língua *Balanta*, com 21 ocorrências (15,8%). Embora os informantes analisados pertençam ao grupo étnico *Fula*, verificamos uma presença expressiva de itens lexicais oriundos da língua *Balanta*. Esse resultado pode ser explicado pela ampla circulação dessa língua em diferentes espaços sociais e pelo intenso contato existente entre falantes de diferentes grupos etnolinguísticos na capital Bissau e em outras regiões do país.

A língua *Fula*, por sua vez, apresentou 14 ocorrências (10,5%), ocupando a terceira posição entre as influências identificadas. Considerando que os participantes pertencem ao grupo étnico *Fula*, esse resultado demonstra que a língua materna continua a desempenhar papel relevante na constituição do repertório linguístico desses falantes, ainda que sua influência seja inferior à observada para a LG.

A língua *Mandinga* registrou 9 ocorrências (6,8%), enquanto a língua *papel* apresentou 7 ocorrências (5,3%). Esses resultados evidenciam que o contato linguístico entre diferentes grupos étnicos constitui uma característica marcante da realidade sociolinguística guineense. Mesmo pertencendo a um grupo étnico específico, os participantes mobilizam em suas práticas linguísticas elementos provenientes de diversas línguas presentes no território nacional.

As demais línguas apresentaram frequências menos elevadas, mas igualmente relevantes para a compreensão da diversidade lexical observada no *corpus*. Identificamos ocorrências provenientes das línguas *Bijagó* (4 ocorrências; 3,0%), Espanhol (4 ocorrências; 3,0%), *Manjaco* (2 ocorrências; 1,5%), *Mancanha* (2 ocorrências; 1,5%), *Felupe* (1 ocorrência; 0,8%), *Nalú* (1 ocorrência; 0,8%) e *Timené* (1 ocorrência; 0,8%). A presença do Espanhol merece destaque, uma vez que demonstra que as influências lexicais no PGB não se restringem às línguas nacionais, mas podem resultar também do contato com línguas internacionais por meio da escolarização, dos meios de comunicação e das trajetórias acadêmica e profissional de um dos participantes da pesquisa (F49).

De modo geral, os dados revelam que o PGB utilizado pelos informantes do grupo étnico *Fula* é fortemente marcado pelo multilinguismo característico da sociedade guineense. A predominância da LG, associada à presença de unidades lexicais provenientes de diferentes línguas guineenses e estrangeiras, evidencia que o léxico do PGB resulta de processos contínuos de contato linguístico. Tais resultados corroboram com os pressupostos da Sociolinguística

Variacionista, segundo os quais a língua constitui um sistema heterogêneo e dinâmico, cujas mudanças e variações refletem as interações sociais e culturais estabelecidas pelos seus falantes.

5.1.2 Os Informantes do grupo étnico Balanta

Nos informantes da etnia Balanta são encontrados os seguintes itens e unidades lexicais:

***Alante**:* um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Atlântico.

***Ananás*:** fruto de ananaseiro, da família das bromeliáceas.

Badodos: medicamento tradicional.

Bagre: espécie de peixe da família dos silurídeos, denominado também bagre da Guiné, cujas características principais são a pele nua, a presença de barbilhões e a barbatana dorsal espinhosa.

Balanta: um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Atlântico.

Bambadinca: uma das sedes sectoriais da região de Bafatá.

Banda: peça estreita e longitudinal de tecido; faixa de pano tecido em tear; pano.

***Barkafon**:* espécie de mala de mão ou cesto, com tiracolo e normalmente com tampa, para transportar os artigos de uso pessoal e os seus mantimentos; algibeira.

Bentana: espécie de peixe; tilápia; carpa.

***Bica**:* peixe teleósteo percomorfo da família dos esparídeos; luciano-da-goreia.

Bidão: vasilha de plástico, de média e grande capacidade.

Bisilon: árvore tropical, da família das meliáceas, cuja madeira é muito apreciada na marcenaria; mogno da Guiné.

Bissack: nome de localidade, ou seja, um dos bairros periféricos da capital guineense.

Bissau: capital da Guiné-Bissau e sede da região autónoma de Bissau desde 1941.

Bolama: na língua beafada ´´Bulama´´ ir para nunca mais volta, quer dizer ´´morte´´. A cidade de Bolama foi antiga capital da GB entre os anos de 1959-1941, hoje é sector e sede da região de Bolama-Bijagós.

***Broska**:* tipo de baile tradicional para uma faixa etária do grupo étnico *Balantas*.

***Cabra-sego*:** jogo de criança, usam-se um pano ou a mão para tapar a cara, o que não lhe permite ver ou reconhecer outras crianças e adivinhar uma de cada quem é. Ela terá que passa a sua mão em cima de cada para reconhecer quem é

Caldo brancos: água fervida com carne, peixe, hortaliça, ou outra substância nutritiva, molho.

***Caldo de chabéu*:** nome de um dos pratos típicos tradicionais guineense, preparada com molho feito de polpa de chabéu cozida e triturada em pilão.

Caldo de mancarra: nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancarra/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense.

***Carapau*:** nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas da Guiné-Bissau.

Cor-cor: nome comum de peixes, muito frequentes em águas da Guiné-Bissau.

***Djafal*:** variedade de peixe da família dos clupeídeos; espécie de arenque, famosa pelas numerosas espinhas; galucha.

***Djacatu*:** berinjela africana; legume de sabor amargo, muito usado na culinária da Guiné-Bissau como ingrediente em vários tipos de pratos.

Djumbai: conversa; passatempo, especialmente durante a noite; convívio agradável; serão.

Doneti: doce pequeno e redondo, com um buraco no meio.

Fanadu: ritual de iniciação que prepara os jovens e as jovens à vida adulta, à responsabilidade social, ao contacto com os antepassados e à habilidade de continuar a cultura do próprio povo.

Farim: cidade da capital da região de Oio.

Faroba: fruta comível.

Fufu: nome de um dos pratos típicos tradicionais nigeriano, molho preparado com folhas torturadas de mandioca ou de batata.

Fula: membro do povo *fula*, muito numeroso na Guiné-Bissau e habitantes de várias regiões da África Ocidental, pertencente ao grupo linguístico Norte do Senegal, da subfamília Oeste-atlântica.

Fundo: planta graminácia; fonio; painço; milho-miúdo.

***Fuzil*:** isqueiro, acendedor.

Garopa: peixe da família dos serranídeos, que normalmente se encontra no fundo marinho rochoso.

Guiné: língua papel ´´Djinè´´ que significa chão de pretos.

Huh: forma de aceitação.

Ialá: sobrenome da etnia Balanta, o que também pode ser dado a um nome próprio.

Kabacus: invólucro das plantas, qualquer invólucro; casca.

Kabaseira: fruto da planta do baobá com polpa seca, ácida e rica em cálcio.

kandja: fruto de quiabeiro, arbusto da família das malváceas; quiabo.

Kanta pó: festa tradicional balanta.

Kfur: faixa etária na etnia balanta.

Kulembé: ráiz de planta medicinal tradicional da Guiné-Bissau.

Curbinas: espécie de peixe, da família tilápia.

Kussundé: tipo da festa da sociedade Balanta, onde os vários grupos de jovens competem com cantigas, danças e críticas aos mais velhos. "kussundé" que significa instrumento musical de percussão.

Linguados: peixe de família dos pleuronéctidas, que vive no fundo, deitado sobre o lado que não tem olho.

Mafé: acompanhamento do alimento base, normalmente arroz ou milho; molho de peixe ou carne.

Magi**:** refere-se aos cubos de caldo de galinha ou glutamato de sódio. São largamente utilizados na culinária local para dar sabor aos molhos e pratos.

Malila: espécie de liana, parasita, que produz látex.

Mandinga: termo comum para indicar os membros do povo Mandinga, pertencente ao grupo linguístico Mande Tan ou Norte, da subfamília Mande.

Mandioca: do crioulo ´´mandioca´´ tubérculo ou raiz comestível da planta da família das euforbiáceas, originária do Brasil e muito cultivado em África.

Mangos: fruta de mangueira, da família das anacardiáceas; manga.

Mancarra: planta americana da família das leguminosas, que produz frutos subterrâneos e cujas sementes fornecem óleo; amendoim.

Masite: planta herbácia cuja raizes são utilizidados para as curas medicinárias.

Mbo: palavra que se repete inconscientemente na conversa ou escrita e tem como efeito chamar atenção para a frase seguinte; bordão.

Milho-cavalo: planta graminácia, denominado também sorgo.

Milho basil: planta graminácia, denominado também milho americano ou milho-rei.

Nenê Badath: medicamento de cura tradicional.

Ngh: forma de aceitação, ou seja, advérbio de confirmação/aceitação.

Nghaies: faixa etária na etnia balanta.

Nghes: faixa etária na etnia balanta.

Nguath: faixa etária na etnia balanta.

Nhambe: espécie de tubérculo muito comum na Guiné-Bissau.

Nkuman: uma das faixas etárias na etnia Balanta.

Palmera: árvores da família das palmáceas, muito comum na Guiné-Bissau, que produz os frutos do chabéu; palmeira-do-azeite; dendezeiro.

Pis reia: peixe da família dos ralídeos; arraia; raia.

Plack2: nome de um dos bairros periféricos da capital Bissau-guineense.

Pó-de-kankuram: essência florestal utilizada para vestimentas/trajes culturais.

Samba: nome próprio de pessoa.

Sibi*:* planta da família palmácea, muito utilizado como material de madeiramento das casas, palmeira leque.

Sugundi-sugundi: esconde-esconde, esconder em lugar oculto.

Sukulbembe*:* espécie de pimentão, cujos frutos são muito picantes quando maduros.

Sum: sobrenome do grupo étnico Balanta. Significa "gostoso/saboroso ou boca" dependendo do contexto do seu uso.

Sumos: bebida que se extrai de algumas substâncias vegetais, suco.

Tabanca: da etnia temne ´´ta-banka´´ que significa fortificações, aldeia; povoação. Local defendido por paliçada em estacaria de pau-a-pique ou com fosso e da LG “tabanka”.

Tchico: nome de pessoa, alcunha. Este nome próprio resulta do nome Francisco.

Tchifri: do crioulo ´´tchifre´´ apêndice duro na testa dos ruminantes; cornos.

Té: sobrenome do grupo étnico.

Teinha: nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas costeiras. Scantamburlo.

Uarga: bebida preparada com folhas de chá verde e servida muito quente.

Veludo: suco feito de frutas da planta do veludo.

Vinho de palmo: seiva de cor branca que é tirada dos frutos ou do tronco de algumas variedades de palmeiras.

O quadro que se segue apresenta os itens e unidades lexicais das línguas presentes na fala dos informantes do grupo étnico *Balanta* na variedade do PGB, encontrados nos Dicionários Bilíngues de Scantamburlo (2002) e Stein (2021, V. I e II).

Quadro 8: Dados do grupo étnico *Balanta*, encontrados nos dicionários Guineense-português (Scantamburlo, 2002; Stein, 2021, V. I e II)

Alante	Um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 108).
Ananás	Fruto de ananaseiro, da família das bromeliáceas (Scantamburlo, 2002, p. 76; Stein, 2021, V. II, p. 27).

Bagre	Espécie de peixe da família dos silurídeos, denominado também bagre da Guiné, cujas características principais são a pele nua, a presença de barbilhões e a barbatana dorsal espinhosa (Scantamburlo, 2002, p. 105; Stein, 2021, V. II, p. 37).
Balanta	Um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 108).
Banda	Peça estreita e longitudinal de tecido; faixa de pano tecido em tear; pano (Scantamburlo, 2002, p. 111).
Barkafon	Espécie de mala de mão ou cesto, com tiracolo e normalmente com tampa, para transportar os artigos de uso pessoal e os seus mantimentos; algibeira (Scantamburlo, 2002, p. 116).
Bentana	Espécie de peixe; tilápia; carpa (Scantamburlo, 2002, p. 123).
Bica	Peixe teleósteo percomorfo da família dos esparídeos; luciano-da-goreia (Scantamburlo, 2002, p. 128).
Bidão	Vasilha de plástico, de média e grande capacidade (Scantamburlo, 2002, p. 128).
Bisilon	Árvore tropical, da família das meliáceas, cuja madeira é muito apreciada na marcenaria; mogno da Guiné (Scantamburlo 2002, p. 131; Stein, 2021, v. II, p. 51).
Bolama	Na língua beafada ´´Bulama´´ ir para nunca mais voltar, quer dizer ´´morte´´. A cidade de Bolama foi antiga capital da GB entre os anos de 1959-1941, hoje é sector e sede da região de Bolama-Bijagós (Scantamburlo, 2002 p. 135).
Bissau	Capital da Guiné-Bissau e sede da região autónoma de Bissau desde 1941 (Scantamburlo, 2002, p. 1319).
Broska	Tipo de baile dos Balantas (Scantamburlo, 2002, p. 141).
Cabra-sego	Jogos de brincadeiras de crianças (Scantamburlo, 2002, p. 280).
Caldo brancos	Água fervida com carne, peixe, hortaliça, ou outra substância nutritiva, molho (Scantamburl, 2002, p. 285).
Caldo de chabéu:	Nome de um dos pratos típicos tradicionais guineense, preparada com molho feito de polpa de chabéu cozida e triturada em pilão (Scantamburlo, 2002, p. 285).
Caldo de mancara	Nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancara/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense (Scantamburlo, 2022, p. 285).
Djafal	Variedade de peixe da família dos clupeídeos; espécie de arenque, famosa pelas numerosas espinhas; galucha. (Scantamburlo, 2002, p. 188).
Djacatu	Berinjela africana; legume de sabor amargo, muito usado na culinária da Guiné-Bissau como ingrediente em vários tipos de pratos (Scantamburlo, 2002, p. 189).
Djumbai	Conversa; passatempo, especialmente durante a noite; convívio agradável; serão (Scantamburlo, 2002, p. 197).
Doneti	Doce pequeno e redondo, com um buraco no meio (Scantamburlo, 2002, p. 184).
Fanadu	Ritual de iniciação que prepara os jovens e as jovens à vida adulta, à responsabilidade social, ao contacto com os antepassados e à habilidade de continuar a cultura do próprio povo (Scantamburlo, 2002, p. 211; Stein, 2021, V. II, p. 91).
Farim	Cidade da capital da região de Oio (Scantamburlo, 2002, p. 212).
Faroba	Fruta comestível (Scantamburlo, 2002, p. 212).
Fula	Membro do povo Fula, muito numeroso na Guiné-Bissau e habitantes de várias regiões da África Ocidental, pertencente ao grupo linguístico Norte do Senegal, da subfamília Oeste-atlântica (Scantamburlo, 2002, p. 238).
Fundo	Planta graminácia; fonio; painço; milho-miúdo (Scantamburlo, 2002, p. 240).
Fuzil	Isqueiro, acendedor (Scantamburlo, 2002, p. 274).
Garopa	Peixe da família dos serranídeos, que normalmente se encontra no fundo marinho rochoso (Scantamburlo, 2002, p. 247).
Guiné	Língua papel ´´Djinè´´ que significa chão de pretos (Scantamburlo, 2002 p. 254).
Kabacus	Invólucro das plantas, qualquer invólucro; casca (Scantamburlo, 2002, p. 277; Stein, 2021, V. II, p. 121).
Kabaseira	Fruto da planta do baobá com polpa seca, ácida e rica em cálcio (Scantamburlo, 2002, p. 278).
Kandja	Fruto de quiabeiro, arbusto da família das malváceas; quiabo (Scantamburlo, 2002, p. 291; Stein, V. I, p. 252).
Curbinas	Espécie de peixe (Scantamburlo, 2002, p. 350).
Kussundé	Tipo da festa da sociedade Balanta, onde os vários grupos de jovens competem com cantigas, danças e críticas aos mais velhos. "kussundé" que significa instrumento musical de percussão (Scantamburlo, 2002, p. 338).
Linguados	Peixe de família dos pleuronéctidas, que vive no fundo, deitado sobre o lado que não tem olho (Scantamburlo, 2002, p. 368).
Mafé	Acompanhamento do alimento base, normalmente arroz ou milho; molho de peixe ou carne (Scantamburlo 2002, p. 375).

Magi	Refere-se aos cubos de caldo de galinha ou glutamato de sódio. São largamente utilizados na culinária local para dar sabor aos molhos e pratos (Scantamburlo, 2002, p. 255).
Malila	Espécie de liana, parasita, que produz látex (Scantamburlo, 2002, p.378).
Mandinga	Termo comum para indicar os membros do povo Mandinga, pertencente ao grupo linguístico Mande Tan ou Norte, da subfamília Mande (Scantamburlo, 2002, p. 380).
Mandioca	Do crioulo ´´mandioca´´ tubérculo ou raiz comestível da planta da família das euforbiáceas, originária do Brasil e muito cultivada na África (Scantamburlo, 2002, p. 380; Stein, 2021, V. II, p. 183).
Mangos	Fruta de mangueira, da família das anacardiáceas; manga. Scantamburlo (2002, p. 382).
Mancara	Planta americana da família das leguminosas, que produz frutos subterrâneos e cujas sementes fornecem óleo; amendoim. Scantamburlo (2002, p. 383, Stain,2021, V.II, p. 187).
Masite	Planta medicinal. Scantamburlo (2002, p. 389).
Mbo	Palavra que se repete inconscientemente na conversa ou escrita e tem como efeito chamar atenção para a frase seguinte; bordão. Scantamburlo (2002, p. 394).
Milho-cavalo	Planta graminácia, denominado também sorgo. Scantamburlo (2002, p. 400, Stein, 2021, V.II, p. 196).
Milho basil	Planta graminácia, denominado também milho americano ou milho-rei. (Scantamburlo, 2002, p. 400).
Nhambe	Espécie de tubérculo muito comum na Guiné-Bissau (Scantamburlo, 2002, p. 440).
Palmera	Árvores da família das palmáceas, muito comum na Guiné-Bissau, que produz os frutos do chapéu; palmeira-do-azeite; dendezeiro (Scantamburlo, 2002, p. 461; Stein, 2021, V. II, p. 232).
Pis reia	Peixe da família dos ralídeos; arraia; raia (Scantamburlo, 2002, p. 485).
Pó-de-kankuram	Essência florestal utilizada para vestimentas/trajes culturais (Scantamburlo, 2002, p. 293).
Sibi	Planta da família palmácea, muito utilizado como material de madeiramento das casas, palmeira leque (Scantamburlo, 2002, p. 560).
Sugundi-sugundi	Esconde-esconde, esconde em lugar oculto. Scantamburlo (2002, p. 586, Stein, 2021, V.II, p. 307).
Sukulbembe	Espécie de pimentão, cujos frutos são muito picantes quando maduros. Scantamburlo (2002, p. 587, Stein, 2021, v. II, p. 307).
Sumos	Bebida que se extrai de algumas substâncias vegetais, suco. Scantamburlo (2002, p. 588).
Tabanca	Da etnia temne´´ta-banka´´ que significa fortificações, aldeia; povoação. Local defendido por paliçada em estacaria de pau-a-pique ou com fosso e da LG "tabanka" (Scantamburlo, 2002, p. 592; Stein, 2021, V. II, p. 311).
Tchifri	Do crioulo ´´tchifre´´ apêndice duro na testa dos ruminantes; cornos (Scantamburlo, 2002, p. 623).
Teinha	Nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas costeiras (Scantamburlo, 2002, p. 598).
Uarga	Bebida preparada com folhas de chá verde e servida muito quente (Scantamburlo, 2002, p. 629).
Veludo	Suco feito de frutas da planta do veludo (Scantamburlo, 2002, p. 635).
Vinho de palmo	Seiva de cor branca que é tirada dos frutos ou do tronco de algumas variedades de palmeiras (Scantamburlo, 2002, p. 130).

Fonte: Elaboração própria.

O quadro seguinte apresenta o *corpus* das línguas usadas pelos falantes do grupo *Balanta* na variedade do PGB.

Quadro 9: Os itens ou unidades lexicais das línguas presentes nas falas pelos informantes *Balantas* no PGB.

Item/unidade lexical	Língua de origem	Item/unidade lexical	Língua de origem	Item/unidade lexical	Língua de origem
1.Alante	Balanta	***29. Carapau***	Guineense	***56. Kulembé***	Mancanha
2. Ananas	Guineense	***30. Cor-cor***	Guineense	***57. Curbinas***	Guineense
3. Badodos	Guineense	***31. Djafal***	Guineense	***58. Kussundé***	Balanta
4. Bagre	Guineense	***32. Djacatu***	Mancanha	***59. Linguados***	Guineense

5. Balanta	Mandinga	***33. Djumbai***	Guineense	***60. Mafé***	Mandinga
6. Bambadinca	Mandinga	***34. Doneti***	Françesa	***61. Magi***	Guineense
7. Banda	Guineense	***35. Fanadu***	Guineense	***62. Malila***	Guineense
8. Barkafon	Guineense	***36. Farim***	Mandinga	***63. Mandinga***	Mandinga
9. Bentana	Guineense	***37. Faroba***	Guineense	***64. Mandioca***	Guineense
10. Bica	Guineense	***38. Fufu***	Negerina	***65. Mangos***	Guineense
11. Bidão	Guineense	***39. Fula***	Fula	***66. Mancara***	Guineense
12. Bisilon	Guineense	***40. Fundo***	Guineense	***67. Masite***	Mandinga
13. Bissack	Balanta	***41. Fuzil***	Guineense	***68. Mbo***	Balanta
14. Bissau	Papel	***42. Garopa***	Guineense	***69. Milho-cavalo***	Guineense
15. Bolama	Beafada	***43. Guiné***	Papel	***70. Milho basil***	Guineense
16. Broska	Balanta	***44. Huh***	Balanta	***71. Nenê Badath***	Mancanha
17. Cabra-sego	Guineense	***45. Ialá***	Balanta	***72. Ngh***	Balanta
18. Caldo brancos	Guineense	***46. Cabaseira***	Guineense	***73. Nghaies***	Balanta
19. Caldo de chabéu	Guineense	***47. Kandja***	Mandinga	***74. Nghes***	Balanta
20. Caldo de mancara	Guineense	***48. Kanta pó***	Guineense	***75. Nguath***	Balanta
21. Kabacus	Guineense	***49. Kfur***	Balanta	***76. Nhambe***	Mandinga
22. Nkuman	Balanta	***50. Samba***	Fula	***77. Sumos***	Guineense
23. Palmera	Guineense	***51. Sibi***	Guineense	***78. Tabanca***	Timené
24. Pis reia	Guineense	***52. Sugundi-sugundi***	Guineense	***79. Tchico***	Guineense
25. Plack2	Papel	***53. Sukulbembe***	Mandinga	***80. Tchifri***	Guineense
26. Pó-de-kankuram	Guineense	***54. Sum***	Balanta	***81. Té***	Papel
27. Teinha	Guineense	***55. Veludo***	Guineense	***82. Vinho de palmo***	Guineense
18. Uarga	Fula				

Fonte: Dados da pesquisa

A tabela seguinte apresenta os dados numéricos e percentuais dos itens e unidades lexicais das línguas usadas nas falas dos informantes do grupo étnico *Balanta*, encontrados na variedade do PGB:

Tabela 8: Informantes do grupo do étnico *Balanta*.

Línguas	**Informantes**								
	B41		**B46**		**B47**		**B59**		∑
	Itens	**%**	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	
Guineense	23	54,8%	13	50,0%	11	57,9%	16	55,2%	63
Balanta	7	16,7%	5	19,2%	6	31,6%	5	17,2%	23
Mandinga	4	9,5%	6	23,1%	1	5,3%	4	13,8%	15
Fula	1	2,4%	1	3,8%	0	0,0%	1	3,4%	3
Francesa	1	2,4%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1
Nigerina	1	2,4%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1

Papel	2	4,8%	0	0,0%	1	5,3%	1	3,4%	4
Mancanha	1	2,4%	1	3,8%	0	0,0%	2	6,9%	4
Beafada	1	2,4%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1
Timené	1	2,4%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1
Subtotal	----------								
	42	100,0%	26	100,0%	19	100,0%	29	100,0%	116

Fonte: Elaboração própria.

Os dados apresentados na **Tabela 8** evidenciam algumas particularidades do repertório lexical mobilizado pelos informantes pertencentes ao grupo étnico *Balanta*. Assim como observado no grupo étnico *Fula*, a LG apresenta a maior frequência de ocorrências, totalizando 63 registros, o que corresponde a 54,3% do total de 116 itens identificados. Esse resultado reforça o papel central desempenhado pela LG na sociedade guineense, funcionando como principal língua de comunicação interétnica e constituindo uma das principais fontes de influência lexical sobre o PGB.

A língua *Balanta* aparece em segundo lugar, com 23 ocorrências (19,8%). Considerando que todos os participantes deste grupo têm origem étnica *Balanta*, esse resultado evidencia a permanência da língua materna no repertório linguístico dos informantes, mesmo entre falantes pertencentes ao segmento mais escolarizado da população guineense. Tal fato demonstra que o acesso à escolarização formal e ao português não implica o abandono das línguas de herança, que continuam desempenhando papel importante nas práticas linguísticas cotidianas.

A língua *Mandinga* ocupa a terceira posição, com 15 ocorrências (12,9%), revelando a intensidade do contato linguístico entre diferentes grupos etnolinguísticos da Guiné-Bissau. Esse dado confirma que os usos linguísticos dos participantes não se restringem às suas línguas maternas e à LG, mas refletem uma realidade social caracterizada pela convivência constante entre diferentes comunidades linguísticas.

As demais línguas apresentaram frequências mais reduzidas, mas igualmente significativas para a compreensão da constituição lexical do PGB. Foram identificadas ocorrências provenientes das línguas *Papel* e *Mancanha*, ambas com 4 registros (3,4%), da língua *Fula*, com 3 ocorrências (2,6%), além de ocorrências isoladas das línguas Lrancesa, Nigeriana, *Beafada* e *Timené*, cada uma correspondendo a 0,9% do *corpus* analisado. Embora menos frequentes, esses dados evidenciam a ampla rede de contatos linguísticos que caracteriza a realidade guineense.

Outro aspecto relevante refere-se à diversidade de línguas registradas entre os próprios informantes do grupo *Balanta*. Verificamos que nem todos os participantes apresentaram influências provenientes das mesmas línguas, o que demonstra que os percursos sociais,

familiares, profissionais e educacionais dos falantes influenciam diretamente a constituição de seus repertórios linguísticos. Dessa forma, cada informante apresenta uma combinação particular de influências lexicais, ainda que todos compartilhem a mesma pertença étnica.

De modo geral, os resultados indicam que o PGB utilizado pelos informantes *Balanta* é fortemente influenciado pela LG e étnicas, evidenciando a natureza multilíngue da sociedade guineense. Os dados corroboram, assim, com os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, segundo os quais a heterogeneidade constitui uma característica inerente às línguas naturais e reflete os diferentes contextos sociais de interação dos seus falantes.

5.1.3 Os Informantes do grupo étnico *Mandinga*

Os itens e as unidades lexicais a seguir foram extraídas das entrevistas de informantes do grupo étnico *Mandinga*:

Ananás: fruto de ananaseiro, da família das bromeliáceas.

Arus: planta da família das gramíneas, cultivada em terrenos pantanosos ou nas regiões quentes com chuvas abundantes.

Bagre fumado: espécie de peixe da família dos silurídeos, denominado também bagre da Guiné-Bissau, cujas caraterísticas principais são a pele nua, a presença de barbilhões e a barbatana dorsal espinhosa, defumado, ou seja, expor à fumaça.

Bagre: nome de espécie de peixe da família dos silurídeos, denominado também bagre da Guiné, cujas características principais são a pele nua, a presença de barbilhões e a barbatana dorsal espinhosa.

Balanta: um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Atlântico.

Barbo: espécie de peixe, com barbilhões, muito frequente sobretudo nos rios da Guiné.

Barite: cobertura para cabeça; boné da cor vermelha.

Barrete vermelho: cobertura pela cabeça; espécie de boné sem pala.

Beafada: termo comum para indicar os membros do povo Beafada, pertencente ao grupo linguístico Norte Tanda-Jaad-Nun, da subfamília Oeste-atlântico.

Bentana: espécie de peixe ; tilápia.

Bicilom: árvore tropical, da família das meliáceas, cuja madeira é muito apreciada na marcenaria; mogno da Guiné.

Bijagó: termo comum para indicar os membros do povo bijagó, pertencente ao grupo linguístico Bijagó, da subfamília Oeste-atlântico.

Bissau: capital da Guiné-Bissau e sede da região autónoma de Bissau desde 1941.

Blufu garande: jovem inexperiente porque ainda incircuncidado; faixa etária na etnia Balanta.

Buco: espécie de planta medicinal na Guiné-Bissau.

Cabaceira: fruta da planta de baobá; embondeiro, com polpa seca, ácida e rica em cálcio. O nome derivado do formato característico do seu fruto, semelhante a cabeça ou abóbora pequena.

Cabacos: invólucro das plantas, qualquer invólucro; casca.

Cabra cegu: jogos de brincadeiras de crianças.

Cachureta: espécie de peixe da família dos escombríos; cavala; sarda.

Caldo branco: água fervida com carne, peixe, hortaliça, ou outra substância nutritiva, molho.

Caldo de mancarra: nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancarra/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense.

Caldo de chabéu: nome de um dos pratos típicos tradicionais guineense, preparada com molho feito de polpa de chabéu cozida e triturada em pilão.

Canafistra: planta da família das leguminosas.

Canta-pó: festa tradicional da etnia balanta, dedicada a cantares e danças de competições entre as aldeias.

Carapau: nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas da Guiné-Bissau.

Cucu-nete: fruta ressequida do coqueiro.

Cuntchur: prato de arroz mole com molho de mancarra, açúcar e leite coalhado.

Cupul: um dos bairros periféricos da capital Bissau-guineense.

Curbina: espécie de peixe.

Dança de lubu: jogos de brincadeiras de crianças.

Djafal: variedade de peixe da família dos clupeídeos; espécie de arenque, famosa pelas numerosas espinhas; galocha.

Djambadon: baile de fanado ou de cerimônias de iniciação; dança ao ritmo de vários tambores.

Djambó: tipo de planta, cujas folhas são comestíveis.

Djindjer: espécie de tubérculo.

Esquilão: variedade de bagre.

Essis: pronome demonstrativo, no plural, que designa a pessoa ou coisa que está perto de quem fala.

Fanado: ritual de iniciação que prepara os jovens e as jovens à vida adulta, à responsabilidade social, ao contacto com os antepassados e à habilidade de continuar a cultura do próprio povo.

Fléia mandinga: prato típico guineense.

Foli: folha molhada de uma planta medicinal trepadeira borrachifera; fruto silvestre, de polpa amarela e sabor acidulado.

Francis: relativo à França, a língua francesa.

Fula: membro do povo Fula, muito numeroso na Guiné-Bissau e habitantes de várias regiões da África Ocidental, pertencente ao grupo linguístico Norte do Senegal, da subfamília Oeste-atlântica.

Futi: prato guineense com bentaninha secas e defumadas cozidas e piladas com óleo de palma, cebola em escabeche pilada à parte, arroz branco a acompanhar.

Garopa: peixe da família dos serranídeos, que normalmente se encontra no fundo marinho rochoso.

Gosto: refere-se aos cubos de caldo de galinha ou glutamato de sódio. São largamente utilizados na culinária local para dar sabor aos molhos e pratos.

Guiné: nome que designa a grande região da África Ocidental entre o rio da Casamansa e o rio Gabon. Nome truncado que designa a Guiné-Bissau, Guiné-Conakri e Guiné Equatorial. Língua papel ´´Djinè´´ que significa chão de pretos.

Guiné-Bissau: país da África Ocidental, antiga Guiné Portuguesa, independente desde 24 de Setembro de 1973, depois de uma luta de libertação nacional contra o colonialismo.

Huh: forma de aceitação.

Iaiboi: variedade de peixe da família dos clupeídeos; espécie de arenque, famosa pelas numerosas gorduras; galocha.

Kakandjá: nome comum de peixes ciprínidos, frequentes em águas costeiras.

Kfur: faixa etária na etnia Balanta.

Kobó: planta medicinal muito comum na Guiné-Bissau.

Koroncondo: espécie de planta medicinal na Guiné-Bissau.

Ku: preposição que indica companhia.

Kussa lebi: comidas leves, tipo sopa.

kussa pisadu: comidas pesadas.

Kussundé: dança tradicional da etnia Balanta.

La: artigo definido, feminino no singular.

Lantché: refeição "lanche".

Lite: líquido branco, segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos mamíferos e destinado à alimentação dos filhos.

Mancanh: termo comum para indicar os membros do povo Mancanha, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak, da subfamília Oeste-atlântico.

Mancarra: planta americana da família das leguminosas, que produz frutos subterrâneos e cujas sementes fornecem óleo; amendoim.

Mandinga: termo comum para indicar os membros do povo Mandinga, pertencente ao grupo linguístico Mande Tan ou Norte, da sub-família Mande.

Mandiple: bebida extraída de frutas siriguelas, com água e açúcar.

Mango de faca: fruta da mangueira, da família das anacardiáceas; manga.

Mango: fruta de mangueira, da família das anacardiáceas; manga.

Masite: planta medicinal.

Milho bacil: planta graminácia, denominado também milho americano ou milho-rei.

Nbague fan: cobertura para cabeça; boné da cor vermelha, usada por homens circuncidados por certas etnias guineenses.

Nbim-pa nbai: jogos de brincadeiras de crianças.

Nbó: significa "bem".

Nené badadje: medicamento de cura tradicional.

Nghaiê: faixa etária na etnia *Balanta*.

Nguatch: faixa etária na etnia *Balanta*.

Nhambi: tubérculo comestível de polpa feculenta; inhame da Guiné.

Nkbebe: faixa etária na etnia *Balanta*.

Nkpum: faixa etária na etnia *Balanta*.

Nkuman: faixa etária na etnia *Balanta*.

Óleo de palma: gordura ou substância que é tirada dos frutos ou do tronco de algumas variedades de palmeiras.

Padja de algudon: folhas de algodão molhadas.

Padja de banana seco: folhas de bananeira seca ou molhada.

Padja de forroba: folhas de alfarrobeira seca ou molhada.

Papel: termo comum para indicar os membros do povo papel, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak, da subfamília Oeste-atlântico; papel.

Peixe fumado: peixe defumadas.

Peixe mantchado: espécie de peixe.

Pix: vertebrado aquático com o corpo coberto de escamas e com respiração branquial.

Pix modjado: peixe fresca.

Pó-de-sangue: essência florestal, com madeira castanho-avermelhada, muito apreciada para trabalhos de marcenaria.

Pon: alimento feito com farinha de trigo ou de outros cereais, água, sal e fermento e cozido no forno.

Saia bidjugu: roupa de mulher, na etnia Bijagós, feita de palhas de palmeiras ou de plantas semelhantes, apertada na cintura e pendente para baixo.

Santcho: termo genérico do grupo de alguns mamíferos da ordem dos primatas; macaco.

Siga: nome de um dos prátos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancarra/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense.

Sintcham suló: medicamento de cura tradicional.

Situation: ato ou efeito de uma ação ou estado de coisa(s).

Sukundi-sukundi: esconde-esconde, esconde em lugar oculto.

Sumo de cabacera: suco feito, água e açúcar, com fruta de calabaceira/imbondeiro.

Sumo de tambarina: suco feito com fruta da tamarindeira - planta da família das leguminosas, cuja polpa das vagens é usada no fabrico de sorvete.

Sumo de wondjó: suco feito com flor seca de baguiche ou rosela, água e açúcar.

Sumo: bebida que se extrai de algumas substâncias vegetais, suco.

Teinha: nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas costeiras.

Toca palma: bater palmas para dar sinal a alguém.

Udju na ceu: fixar os olhos no céu.

Os *corpus* acima apresentados "itens ou unidades lexicais dos falantes de grupo étnicos Mandingas" foram analisados e alguns deles são encontrados em Scantamburlo (2002) e Stein (2021, V.II), o que se constata no quadro abaixo:

Quadro 10: Dados do grupo étnico *Mandinga*, encontrados nos dicionários Guineense-português (Scantamburlo, 2002; Stein 2021, V. I e II).

Ananás	Fruto de ananaseiro, da família das bromeliáceas (Scantamburlo, 2002 p. 76; Stein, 2021, V. II, p. 27).
Arus	Planta da família das gramíneas, cultivada em terrenos pantanosos ou em regiões quentes com chuvas abundantes (Scantamburlo, 2002, p. 91).

Bagre	Nome de espécie de peixe da família dos silurídeos, denominado também bagre da Guiné, cujas características principais são a pele nua, a presença de barbilhões e a barbatana dorsal espinhosa (Scantamburlo 2002, p. 105; Stein, 2021, V. II, p. 37).
Balanta	Um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 108).
Barbo	Espécie de peixe, com barbilhões, muito frequente sobretudo nos rios da Guiné (Scantamburlo, 2002, p. 115).
Barite	Cobertura para cabeça; boné da cor vermelha (Scantamburlo, 2002, p. 116).
Barrete vermelho	Cobertura pela cabeça; espécie de boné sem pala (Scantamburlo, 2002, p. 115).
Beafada	Termo comum para indicar os membros do povo Beafada, pertencente ao grupo linguístico Norte Tanda-Jaad-Nun, da subfamília Oeste-atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 124).
Bentana	Espécie de peixe; tilápia (Scantamburlo, 2002, p. 123).
Bicilom	Árvore tropical, da família das meliáceas, cuja madeira é muito apreciada na marcenaria; mogno da Guiné (Scantamburlo, 2002, p. 131; Stein, 2021, V. II, p. 51).
Bijagó	Termo comum para indicar os membros do povo bijagó, pertencente ao grupo linguístico Bijagó, da subfamília Oeste-atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 128).
Bissau	Capital da Guiné-Bissau e sede da região autónoma de Bissau desde 1941 (Scantamburlo, 2002, p. 131).
Cabaceira	Fruta da planta de baobá; embondeiro, com polpa seca, ácida e rica em cálcio. O nome derivado do formato característico do seu fruto, semelhante a cabeça ou abóbora pequena (Scantamburlo, 2002, p. 278).
Cabacos	Invólucro das plantas, qualquer invólucro; casca (Scantamburlo, 2002, p. 277; Stein, 2021, V.II, p. 121).
Cabra cegu	Jogos de brincadeiras de crianças (Scantamburlo, 2002, p. 280).
Cachureta	Espécie de peixe da família dos escombros; cavala; sarda (Scantamburlo, 2002, p. 303).
Caldo branco	Água fervida com carne, peixe, hortaliça, ou outra substância nutritiva, molho (Scantamburlo, 2002, p. 285).
Caldo de mancarra	Nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancarra/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense (Scantamburlo 2022, p. 285).
Caldo de chabéu	Nome de um dos pratos típicos tradicionais guineense, preparada com molho feito de polpa de chabeu cozida e triturara em pilão (Scantamburlo, 2002, p. 285).
Canafistra	Planta da família das leguminosas (Scantamburlo, 2002, p. 291).
Cucu-nete	Fruta ressequida do coqueiro (Scantamburlo, 2002, p. 342).
Cuntchur	Prato de arroz mole com molho de mancarra, açúcar e leite coalhado (Scantamburlo, 2002, p. 349).
Curbina	Espécie de peixe (Scantamburlo, 2002, p. 350).
Djafal	Variedade de peixe da família dos clupeídeos; espécie de arenque, famosa pelas numerosas espinhas; galocha (Scantamburlo, 2002, p. 188).
Djambadon	Baile de fanado ou de cerimônias de iniciação; dança ao ritmo de vários tambores (Scantamburlo, 2002, p. 189).
Djambó	Tipo de planta, cujas folhas são comestíveis (Scantamburlo, 2002, p. 189).
Djindjerer	Espécie de tubérculo (Scantamburlo, 2002, p. 193).
Esquilão	Variedade de bagre (Scantamburlo, 2002, p. 571).
Essis	Pronome demonstrativo, no plural, que designa a pessoa ou coisa que está perto de quem fala (Scantamburlo, 2002, p. 206).
Fanado	Ritual de iniciação que prepara os jovens e as jovens à vida adulta, à responsabilidade social, ao contacto com os antepassados e à habilidade de continuar a cultura do próprio povo (Scantamburlo, 2002, p. 211; Stein, 2021, V.II, p. 91).
Foli	Folha molhada de uma planta medicinal trepadeira borrachifera; fruto silvestre, de polpa amarela e sabor acidulado (Scantamburlo, 2002, p. 230).
Francis	Relativo à França, a língua francesa (Scantamburlo, 2002, p. 235).
Fula	Membro do povo Fula, muito numeroso na Guiné-Bissau e habitantes de várias regiões da África Ocidental, pertencente ao grupo linguístico Norte do Senegal, da subfamília Oeste-atlântica (Scantamburlo, 2002, p. 238).
Futi	Prato guineense com bentaninha secas e defumadas cozidas e piladas com óleo de palma, cebola em escabeche pilada à parte, arroz branco a acompanhar (Scantamburlo, 2002, p. 242).
Garopa	Peixe da família dos serranídeos, que normalmente se encontra no fundo marinho rochoso (Scantamburlo, 2002, p. 247).

Gosto	Refere-se aos cubos de caldo de galinha ou glutamato de sódio. São largamente utilizados na culinária local para dar sabor aos molhos e pratos (Scantamburlo, 2002, p. 255).
Guiné	Nome que designa a grande região da África Ocidental entre o rio da Casamansa e o rio Gabon. Nome truncado que designa a Guiné-Bissau, Guiné-Conakri e Guiné Equatorial. Língua papel ´´Djinè´´ que significa chão de pretos (Scantamburlo, 2002 p.254).
Guiné-Bissau	País da África Ocidental, antiga Guiné Portuguesa, independente desde 24 de Setembro de 1973, depois de uma luta de libertação nacional contra o colonialismo (Scantamburlo, 2002, p. 254).
Kakandjá	Nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas costeiras (Scantamburlo, 2002, p. 598).
Ku	Preposição que indica companhia (Scantamburlo, 2002, p. 338).
Kussundé	Dança tradicional da etnia Balanta (Scantamburlo, 2002, p. 254).
Lite	Líquido branco, segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos mamíferos e destinado à alimentação dos filhos (Scantamburlo, 2002, p. 369).
Mancanh	Termo comum para indicar os membros do povo Mancanha, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak, da subfamília Oeste-atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 383).
Mancara	Planta americana da família das leguminosas, que produz frutos subterrâneos e cujas sementes fornecem óleo; amendoim (Scantamburlo, 2002, p. 383; Stein, 2021, V. II, p. 187).
Mandinga	Termo comum para indicar os membros do povo Mandinga, pertencente ao grupo linguístico Mande Tan ou Norte, da sub-família Mande (Scantamburlo, 2002, p. 380).
Mandiple	Bebida extraída de frutas siriguelas, com água e açúcar (Scantamburlo, 2002, p. 380).
Mango de faca	Fruta da mangueira, da família das anacardiáceas; manga (Scantamburlo, 2002, p. 382).
Mango	Fruta de mangueira, da família das anacardiáceas; manga (Scantamburlo, 2002, p. 382).
Masite	Planta medicinal (Scantamburlo, 2002, p. 389).
Milho bacil	Planta graminácia, denominado também milho americano ou milho-rei (Scantamburlo, 2002, p. 400).
Óleo de palma	Gordura ou substância que é tirada dos frutos ou do tronco de algumas variedades de palmeiras (Scantamburlo 2002, p. 130).
Nhambi	Tubérculo comestível de polpa feculenta; inhame da Guiné (Scantamburlo, 2002, p. 440).
Papel	Termo comum para indicar os membros do povo pepel, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak, da subfamília Oeste-atlântico; pepel (Scantamburlo, 2002, p. 476).
Peixe mantchado	Espécie de peixe (Scantamburlo, 2002, p. 485).
Pix	Vertebrado aquático com o corpo coberto de escamas e com respiração branquial (Scantamburlo, 2002, p. 484).
Pó-de-sangue	Essência florestal, com madeira castanho-avermelhada, muito apreciada para trabalhos de marcenaria (Scantamburlo, 2002, p. 489).
Pon	Alimento feito com farinha de trigo ou de outros cereais, água, sal e fermento e cozido no forno (Scantamburlo, 2002, p. 490).
Saia bidjugu	Roupa de mulher, na etnia Bijagós, feita de palhas de palmeiras ou de plantas semelhantes, apertada na cintura e pendente para baixo (Scantamburlo, 2002, p. 543).
Santcho	Terno genérico do grupo de alguns mamíferos da ordem dos primatas; macaco (Scantamburlo, 2002, p. 538; Stein, 2021, V. II, p. 285).
Siga	Nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancarra/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense (Scantamburlo, 2002, p. 561).
Sukundi-sukundi	Esconde-esconde, esconde em lugar oculto (Scantamburlo, 2002, p. 586; Stein, 2021, V. II, p. 307).
Sumo de tambarina	Suco feito com fruta da tamarindeira - planta da família das leguminosas, cuja polpa das vagens é usada no fabrico de sorvete (Scantamburlo, 2002, p. 594).
Sumo de wondjó	Suco feito com flor seca de baguiche ou rosela, água e açúcar (Scantamburlo, 2002, p. 632).
Sumo	Bebida que se extrai de algumas substâncias vegetais, suco (Scantamburlo, 2002, p. 588; Stein, 2021, V. II, p. 308).
Teinha	Nome comum de peixes ciprínidas, frequentes em águas costeiras (Scantamburlo, 2002, p. 598).

Fonte: Elaboração própria.

O quadro a seguir apresenta os itens e unidades lexicais das línguas usadas pelos falantes do grupo *Mandinga* na variedade do PGB.

Quadro 11: O léxico das línguas presentes nas falas dos informantes *Mandingas* no PGB

Item/unidade lexical	Língua de origem	Item/unidade lexical	Língua de origem	Item/unidade lexical	Língua de origem
1. Ananás	Guineense	***15. Curbina***	Guineense	***29. La***	Francesa
2. Arus	Guineense	***16. Dança de lubu***	Guineense	***30. Lantché***	Francesa
3. Bagre fumado	Guineense	***17. Djafal***	Guineense	***31. Lite***	Guineense
4. Bagre	Guineense	***18. Djambadon***	Mandinga	***32. Mancanh***	Mancanha
5. Balanta	Mandinga	***19. Djambó***	Mandinga	***33. Mancara***	Guineense
6. Barbo	Guineense	***20. Djindjerer***	Guineense	***34. Mandinga***	Mandinga
7. Barite	Guineense	***21. Esquilão***	Guineense	***35. Mandiple***	Mancanha
9. Beafada	Balanta	***22. Fanado***	Guineense	***36. Mango***	Guineense
10. Bentana	Guineense	***23. Fléia mandinga***	Mandinga	***37. Masite***	Mandinga
11. Bicilom	Guineense	***24. Foli***	Mandinga	***38. Milho bacil***	Guineense
12. Bijagó	Bijagó	***26. Francis***	Guineense	***39. Nbague fan***	Balanta
13. Bissau	Papel	***27. Fula***	Fula	***40. Nbim-pa nbai***	Guineense
14. Blufu garande	Guineense	***28. Futi***	Fula	***41. Nbó***	Balanta
42. Buco	Mandinga	***62. Garopa***	Guineense	***83. Nené badadje***	Mancanha
43. Cabaceira	Guineense	***63. Gosto***	Guineense	***84. Nghaiê***	Balanta
44. Cabacos	Guineense	***64. Guiné***	Papel	***85. Nguatch***	Balanta
45. Cabra cegu	Guineense	***65. Guiné-Bissau***	Guineense	***87. Nhambi***	Mandinga
46. Cachureta	Guineene	***66. Huh***	Balanta	***88. Nkbebe***	Balanta
47. Caldo branco	Guineense	***67. Iaiboi***	Wolof	***89. Nkpum***	Balanta
48.Caldo de mancara	Guineense	***68. Kakandjá***	Guineense	***90. Nkuman***	Balanta
49. Caldo de chabéu	Guineense	***69. Kfur***	Balanta	***91. Óleo de palma***	Guineense
50. Kanafistra	Balanta	***70. Kobó***	Bijagó	***92. Udju na ceu***	Guineense
51. Canta-pó	Guineense	***71. Koronkondo***	Balanta	***93.Santcho***	Guineense
52. Carapau	Guineese	***72. Ku***	Guineense	***94. Papel***	Guineense
53. Cucu-nete	Guineense	***73. Kussa lebi***	Guineense	***95.Peixe fumado***	Guineense
54. Kuntchur	Fula	***74. Kussa pisadu***	Guineense	***96. Kussundé***	Balanta
55. Cupul	Balanta	***75. Peixe mantchado***	Guineense	***97. Pix***	Guineense
56.Padja de banana seco	Guineense	***76. Sukundi-sukundi***	Guineense	***9Sumo***	Guineense
57. Siga	Balanta	***77. Sumo de cabacera***	Guineense	***99. Teinha***	Guineense
58. Sumo de wondjó	Guineense	***78. Sumo de tambarina***	Guineense	***100. Sintcham suló***	Mandinga
59. Pix modjado	Guineense	***79. Pó-de-sangue***	Guineense	***101. Saia bidjugu***	Guineense
60. Pon	Guineense	***80. Padja de forroba***	Guineense	***102. Situation***	Francesa
61. Toca palma	Guineense	***81. Padja de algudon***			

Fonte: Elaboração própria.

A **Tabela 9** apresenta a distribuição dos itens e unidades lexicais identificados nas entrevistas dos informantes pertencentes ao grupo étnico *Mandinga*. Ao todo, registramos 137

ocorrências de unidades lexicais provenientes da Língua Guineense, de outras línguas guineenses e de línguas estrangeiras que mantêm contato com o Português da Guiné-Bissau.

Tabela 9: Informantes do grupo étnico *Mandinga*

Línguas	Informantes								∑
	Mg43		Mg60		Mg56		Mg54		
	Itens	%	Itens	%	Itens	%	Itens	%	
Guineense	18	58,1%	21	67,7%	16	43,2%	25	65,8%	80
Balanta	2	6,5%	1	3,2%	13	35,1%	2	5,3%	18
Mandinga	4	12,9%	3	9,7%	5	13,5%	4	10,5%	16
Fula	2	6,5%	1	3,2%	0	0,0%	1	2,6%	4
Beafada	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	2,6%	1
Francesa	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	3	7,9%	3
Papel	3	9,7%	2	6,5%	1	2,7%	0	0,0%	6
Mancanha	0	0,0%	1	3,2%	1	2,7%	1	2,6%	3
Bijagó	2	6,5%	2	6,5%	1	2,7%	0	0,0%	5
Wolof	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	2,6%	1
Subtotal	----------								
	31	100,0%	31	100,0%	37	100,0%	38	100,0%	137

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da **Tabela 9** evidenciam, mais uma vez, a predominância da LG, responsável por 80 ocorrências, correspondendo a 58,4% do total do *corpus* analisado. Trata-se do maior percentual registrado entre os três grupos étnicos analisados até o momento (*Fula*, *Balanta* e *Mandinga*), o que reforça o papel da LG como principal língua de comunicação interétnica da Guiné-Bissau e como uma das mais importantes fontes de influência lexical sobre o PGB.

A segunda língua mais representativa no *corpus* foi a língua *Balanta*, com 18 ocorrências (13,1%). Esse resultado chama a atenção pelo fato de os participantes pertencerem ao grupo étnico *Mandinga*. Tal ocorrência demonstra que a influência linguística no PGB não se restringe à língua materna dos falantes, mas resulta das intensas relações de convivência e interação entre diferentes grupos linguísticos presentes no país. Destaca-se, sobretudo, o informante Mg56, que apresentou 13 ocorrências de itens provenientes da língua *Balanta*, representando 35,1% de seu repertório lexical identificado. Cabe destacar que a mãe desse informante era da etnia *Balanta* e essa língua também é a sua LM.

A língua *Mandinga*, língua materna da maioria dos participantes desse grupo, registrou 16 ocorrências (11,7%). Embora apresente frequência inferior à da LG e ligeiramente inferior a da língua *Balanta*, sua presença confirma a manutenção de traços linguísticos associados à

identidade étnica dos falantes. Esse resultado sugere que, mesmo entre indivíduos altamente escolarizados e usuários frequentes do português, as línguas de herança continuam exercendo influência significativa sobre suas práticas linguísticas.

As demais línguas apresentaram frequências menos expressivas, mas contribuem para evidenciar a complexidade do repertório linguístico dos participantes. Foram identificadas ocorrências provenientes das línguas *Papel* (6 ocorrências; 4,4%), *Bijagó* (5 ocorrências; 3,6%), *Fula* (4 ocorrências; 2,9%), Francesa (3 ocorrências; 2,2%), *Mancanha* (3 ocorrências; 2,2%), além de registros isolados das línguas *Beafada* e *Wolof*, ambas com 1 ocorrência (0,7%).

A presença do Francês e do *Wolof* merece destaque por indicar que as influências lexicais observadas no PGB ultrapassam o âmbito das línguas nacionais. Essas ocorrências refletem os contatos históricos, culturais e educacionais da Guiné-Bissau com outros países da África Ocidental, especialmente aqueles pertencentes ao espaço francófono, reforçando o caráter plurilíngue e transnacional das experiências linguísticas dos falantes investigados.

De modo geral, os resultados obtidos entre os informantes do grupo étnico *Mandinga* corroboram a hipótese central desta pesquisa: o léxico do PGB é fortemente influenciado pelo contato entre a LG, as diferentes línguas étnicas e outras línguas presentes no repertório dos falantes. A predominância da LG, associada à presença de itens oriundos de múltiplas línguas, evidencia que o PGB se constitui em um contexto de intenso multilinguismo, no qual diferentes sistemas linguísticos coexistem, interagem e contribuem para a formação de uma variedade linguística com características próprias.

5.1.4 Os informantes do grupo étnico *Manjaco*

Os seguintes dados obtidos são das gravações feitas com informantes do grupo étnico *Manjaco* que apresentam as palavras das outras línguas usadas na variedade do PGB:

Apple in English: fruta da macieira, planta da família das arecáceas.

Baceral: nome de umas localidades periféricas do setor de Cachundo, região de cacheu.

Badjam: forma do verbo dançar.

Badjigui: espécie de plantas de folhas verdes, usada para a cozinha; resala.

Badodós: raiz de uma espécie de planta medicinal guineense.

Bagre: nome de espécie de peixe da família dos silurídeos, denominado também bagre da Guiné, cujas características principais são a pele nua, a presença de barbilhões e a barbatana dorsal espinhosa.

Balanta(s): um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Atlântico.

Banana: espécie de jogo infantil, de escode-esconde. Quando quem esconde dizer "banana verde", a outra tem que procurá-la até a achar.

Barbinha: espécie de vertebrado com o corpo coberto de escamas.

Barbo: espécie de peixe, com barbilhões, muito frequente sobretudo nos rios da Guiné.

Beafada(s): termo comum para indicar os membros do povo beafada, pertencente ao grupo linguístico Norte Tanda-Jaad-Nud, da subfamília Oeste-atlântico.

Becuda: peixe marinho, da família dos vorazes; barracuda.

Bentana: espécie de peixes; tilápia.

Bijagó(s): termo comum para indicar os membros do povo Bijagó, pertencente ao grupo linguístico, da subfamília Oeste-atlântico.

Bilas: berlinde; pequena esfera de vidro.

Bindi: recipiente que se usa para cozer cuscus e outros cereais triturados.

Bissau: capital da Guiné-Bissau e sede da região autónoma de Bissau desde 1941.

Blungudjubá: raíz de uma espécie de planta muito usada para os tratamentos tradicionais.

Cabeceira: suco feito com as frutas da planta do baobá de polpa seca.

Cabra-cega: jogos de brincadeiras de crianças.

Cada kim: é uma expressão usada para se referir a cada um dos elementos do grupo já anteriormente referido, enaltecendo a individualidade de cada um.

Cakáu: cerimônia tradicional manjaca, envolve práticas culturais distintas, como o uso de pano de pinti e danças tradicionais.

Caldo branco: água fervida com carne, peixe, hortaliça, ou outra substância nutritiva, molho.

Caldo Chabéu: nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com molho feito de polpa de chabéu cozida e triturada em pilão.

Caldo de mancarra: nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancarra/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense.

Canafistra: planta da família dos legumes.

Candja: fruto do quiabeiro, arbusto da família das malváceas; quiabo.

Cantchungo: um dos sectores da região de Cacheu.

Carapau: espécie de peixe.

Cassapai: espécie de peixe.

Caúdu: nome dado a várias espécies de peixes seláquios de grande porte e muito vorazes; tubarão.

Chabéu: nome de uma das frutas do da planta de palmeira; dendê.

Cite malgós: tipo de óleo utilizado na medicina tradicional para friccionar as partes doentias do corpo.

Contas: jóias de pérola; miçangas.

Cupilum: nome de um dos bairros urbanos da capital guineense mais popular.

Correr chucha: jogos infantil.

Cuntangu: arroz sem molho de peixe ou de carne.

Curbina: espécie de peixe.

Dar-dar: espécie de jogos infantis.

Dipus: advérbio de tempo que indica o tempo futuro.

Djafal: variedade de peixe da família dos clupeídeos; espécie de arenque, famosa pelas numerosas espinhas; galocha.

Djagatu: fruta jacatú.

Djambadom: baile de fanado ou de cerimônias de iniciação; dança ao ritmo de vários tambores.

Djambo: tipo de planta, cujas folhas são comestíveis.

Djinti: refere-se a seres humanos.

Djol: nome de umas localidades periféricas do setor de Cachundo, região de cacheu.

Djoló: nome de um dos bairro periférico de Bissau

Djoto: espécie de peixe semelhante à corvina, mas com a boca maior; rainha-bobo.

Esquilão: variedade de bagre.

Fanado: ritual de iniciação que prepara os jovens e as jovens à vida adulta, à responsabilidade social, ao contacto com os antepassados e à habilidade de continuar a cultura do próprio povo.

Farim: cidade da capital da região de Oio.

Faroba: suco feito da fruta da cor amarela da planta da família leguminosa, comestível.

Fera Sinho: pequeno mercado informal em um dos bairros periféricos da capital guineense.

Ferber: cozer algo em líquido fervente; ferver alguma fruta. Folha ou coisa.

Fole: fruto de uma planta trepadeira borracheira; fruto silvestre, de polpa amarela e sabor acidulado.

Fula: membro do povo Fula, muito numeroso na Guiné-Bissau e habitantes de várias regiões da África Ocidental, pertencente ao grupo linguístico Norte do Senegal, da subfamília Oeste-atlântica.

Fundo: planta graminácea; fonio; painço; milho-miúdo.

Gós: advérbio que indica o tempo.

Gosto: refere-se aos cubos de caldo de galinha ou glutamato de sódio. São largamente utilizados na culinária local para dar sabor aos molhos e pratos.

Guiné: nome que designa a grande região da África Ocidental entre o rio da Casamansa e o rio Gabon. Nome truncado que designa a Guiné-Bissau, Guiné-Conakri e Guiné Equatorial. Língua papel ´´Djinè´´ que significa chão de pretos.

Guiné-Bissau: país da África Ocidental, antiga Guiné Portuguesa, independente desde 24 de Setembro de 1973, depois de uma luta de libertação nacional contra o colonialismo.

Hu-huh: forma de aceitação.

Kafak: cerimônia tradicional da etnia manjaca, em que se manifesta com cantares e danças tradicionais.

Kakáu: festa tradicional da etnia manjaca.

Kanafistra: planta da família das leguminosas, usada para os tratamentos tradicionais.

Kassundé: dança tradicional da etnia Balanta.

Kor-cor: espécie de peixe da família dos hemulídeos; angelina ou xaputa.

Kukuh: interjeição que exprime admiração, impossibilidade, socorro.

Kulumbé: ráiz de planta medicinal tradicional da Guiné-Bissau.

Lite: líquido branco segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos mamíferos e destinado à alimentação dos filhos.

Madronha: planta vermífuga das famílias das rutáceas, usada para o tratamento caseiro.

Malha: jogos infantis.

Mamas: órgão de secreção de leite nas fêmeas dos mamíferos; teta; seio.

Mandingas: termo comum para indicar os membros do povo Mandinga, pertencente ao grupo linguístico Mande Tan ou Norte, da sub-família Mande.

Mandioca: tubérculo ou raiz comestível da planta das euforbiáceas, originário do Brasil e muito cultivado na África. S

Manduku: pau de extremidade arredondada e mais grossa, utilizado como arma; cacete; bordão; bengala.

Manfafa: espécie de tubérculo.

Mangos: fruto da mangueira, da família das anacardiáceas; manga.

Manjacos: termo comum para indicar os membros do povo Manjaco, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak da subfamília Oeste-Atlântico.

Masite: planta medicinal.

Mecinho tradicional: todo o tipo de medicamentos; remédio.

Milho bacil: nome de espécie planta da família graminácea.

Mis: cada uma das doze partes do ano civil.

Mone: papa de bolinha de arroz farinhado e edulcorado, consumida especialmente no mês de Ramadã para "cortar o jejum".

Mudju: condimento líquido com carne, peixe ou outras substâncias, que serve como acompanhamento do alimento base, arroz ou milho.

Mustrar: juntar cereais com água.

Nbom: palavra que se repete inconscientemente na conversa ou escrita e tem como efeito chamar atenção para a frase seguinte; bordão.

Nené badadje: espécie de planta, usada para os tratamentos tradicionais.

Nghaié: penúltima faixa etária para a cerimónia da iniciação da etnia Balanta.

Nhambes: tubérculo comestível de polpa feculenta; inhame da Guiné.

Nka pudi dja sibi kila: já não consigo mais saber disso.

Okay: interjeição de confirmação ou concordância.

Padja santa: planta utilizada na medicina tradicional como febrífugo; os grãos, torrados, servem como sucedâneo do café.

Padja-de-papaia: folhas de papaia; mamão, secas ou molhadas, utilizadas para as curas tradicionais.

Panos-de-pente: peça de pano tecido com tear tradicional.

Papeis: termo comum para indicar os membros do povo pepel, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak, da família Norte Bak, da subfamília Oeste-atlântico; papel.

Pate: pisar no grol com o pilão, quer para descascar, quer para moer.

Peixe mantchado: espécie de peixe.

Peixe seco: qualquer espécie de peixe defumado, usados para as cozinhas.

Peixe-areia: peixe da família dos ralídeos; arraia; raia.

Peixe-prata: espécie de vertebrado com o corpo coberto de escamas e com a respiração branquial.

Pelundo: nome de umas localidades periféricas do setor de Cachundo, região de cacheu.

Peu-rut: cerimônia tradicional da etnia manjaca, em que se manifesta com cantares e danças tradicionais.

Pó-de-sangue: essência florestal, com madeira castanho-avermelhada, muito apreciada para trabalhos de marcenaria.

Pon: alimento feito com farinha de trigo ou de outros cereais, água, sal e fermento e cozido no forno.

Pumba-de-mar: espécie de peixe, da família talípia, em formato de uma pomba.

Rebenta-conta: espécie de peixe muito comum nas águas da Guiné-Bissau..

Saia bijagó: roupa de mulher, na etnia Bijagós, feita de palhas de palmeiras ou de plantas semelhantes, apertada na cintura e pendente para baixo.

Siga: variedade de comida com óleo de palma, quiabo e jacatú.

Sinapa: espécie de peixe da família dos esparídeos; pargo.

Sindir: acender o fogo.lume.

Sumos: bebida que se extrai de algumas substâncias vegetais, suco.

Tabanca: da etnia tamne ´´ta-banka´´ que significa fortificações e do crioulo ´´tabanka´´.

Tcheré: milho triturado.

Teinha: nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas costeiras.

Toka-palmo: espécie de jogos infantis.

Trinta e cinco (35): jogo infantil.

Tudu: pronome indefinido que pode significar "qualquer" ou "inteiro".

Tuteur: refere-se a alguém que guia, dirige ou aconselha um indivíduo ou grupo.

Veludo: suco feito da fruta veludo.

Vinho de palmo: vinho extraído de palmeiras ou espécie de palmeiras.

Os itens ou unidades lexicais que agora se apresentam são os que encontramos em Scantamburlo (2002) e Stein (2021, V. II).

Quadro 12: Dados do grupo étnico *Manjaco*, encontrados nos dicionários Guineense-português (Scantamburlo, 2002; Stein, 2021, V. I e II)

Apple in english	Fruta da macieira, planta da família das arecáceas (Scantamburlo, 2002, p. 389).
Badjigui	Espécie de plantas de folhas verdes, usada para a cozinha; resala (Scantamburlo, 2002, p. 104).
Bagre	Nome de espécie de peixe da família dos silurídeos, denominado também bagre da Guiné, cujas características principais são a pele nua, a presença de barbilhões e a barbatana dorsal espinhosa (Scantamburlo 2002, p. 105; Stein, 2021, V.II, p. 37).
Balanta(s)	Um dos grupos étnicos mais numerosos da Guiné-Bissau, pertencente ao grupo linguístico Oeste Altântico (Scantamburlo, 2002, p. 108).

Barbo	Espécie de peixe, com barbilhões, muito frequente sobretudo nos rios da Guiné (Scantamburlo, 2002, p. 115).
Beafada(s)	Termo comum para indicar os membros do povo beafada, pertencente ao grupo linguístico Norte Tanda-Jaad-Nud, da subfamília Oeste-atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 124).
Becuda	Peixe marinho, da família dos vorazes; barracuda (Scantamburlo, 2002, p. 122).
Bentana	Espécie de peixes; tilápia (Scantamburlo, 2002, p. 123).
Bijagó(s)	Termo comum para indicar os membros do povo Bijagó, pertencente ao grupo linguístico, da subfamília Oeste-atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 128).
Bilas	Berlinde; pequena esfera de vidro (Scantamburlo, 2002, p. 129).
Bissau	Capital da Guiné-Bissau e sede da região autónoma de Bissau desde 1941 (Scantamburlo, 2002, p. 131).
Cabeceira	suco feito com as frutas da planta do baobá de polpa seca (Scantamburlo, 2002, p. 278).
Cabra-cega	Jogos de brincadeiras de crianças (Scantamburlo, 2002, p. 280).
Caldo branco	Água fervida com carne, peixe, hortaliça, ou outra substância nutritiva, molho (Scantamburlo, 2002, p. 285).
Caldo Chapéu	Nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com molho feito de polpa de chabéu cozida e triturada em pilão (Scantamburlo, 2002, p. 285).
Caldo de mancarra	Nome de um dos pratos típicos tradicionais guineenses, preparada com ingrediente à base de polpa de mancarra/amendoim concentrado, muito utilizado na cozinha guineense (Scantamburlo, 2022, p. 285).
Candja	Fruto do quiabeiro, arbusto da família das malváceas; quiabo (Scantamburlo, 2002. p. 291).
Caúdu	Nome dado a várias espécies de peixes seláquios de grande porte e muito vorazes; tubarão (Scantamburlo, 2002, p. 305).
Cite malgós	Tipo de óleo utilizado na medicina tradicional para friccionar as partes doentias do corpo (Scantamburlo, 2002, p. 570).
Cuntangu	Arroz sem molho de peixe ou de carne (Scantamburlo, 2002, p. 189).
Curbina	Espécie de peixe (Scantamburlo , 2002, p. 350).
Djafal	Variedade de peixe da família dos clupeídeos; espécie de arenque, famosa pelas numerosas espinhas; galocha (Scantamburlo, 2002, p. 188).
Djagatu	Fruta jacatú (Scantamburlo, 2002, p. 188).
Djambadom	Baile de fanado ou de cerimônias de iniciação; dança ao ritmo de vários tambores (Scantamburlo, 2002, p. 189).
Djambo	Tipo de planta, cujas folhas são comestíveis (Scantamburlo, 2002, p. 189).
Djoto	Espécie de peixe semelhante à corvina, mas com a boca maior; rainha-bobo (Scantamburlo, 2002, p. 195).
Esquilão	Variedade de bagre (Scantamburlo, 2002, p. 571).
Fanado	Ritual de iniciação que prepara os jovens e as jovens à vida adulta, à responsabilidade social, ao contacto com os antepassados e à habilidade de continuar a cultura do próprio povo (Scantamburlo, 2002, p. 211; Stein, 2021, V. II, p. 91).
Farim	Cidade da capital da região de Oio (Scantamburlo, 2002, p. 212).
Faroba	Suco feito da fruta da cor amarela da planta da família leguminosa, comestível (Scantamburlo, 2002, p. 233).
Fole	Fruto de uma planta trepadeira borracheira; fruto silvestre, de polpa amarela e sabor acidulado. Scantamburlo (2002, p. 230).
Fula	Membro do povo Fula, muito numeroso na Guiné-Bissau e habitantes de várias regiões da África Ocidental, pertencente ao grupo linguístico Norte do Senegal, da subfamília Oeste-atlântica (Scantamburlo, 2002, p. 238).
Fundo	Planta graminácea; fonio; painço; milho-miúdo (Scantamburlo, 2002, p. 240).
Gosto	Refere-se aos cubos de caldo de galinha ou glutamato de sódio. São largamente utilizados na culinária local para dar sabor aos molhos e pratos (Scantamburlo, 2002, p. 255).
Guiné	Nome que designa a grande região da África Ocidental entre o rio da Casamansa e o rio Gabon. Nome truncado que designa a Guiné-Bissau, Guiné-Conakri e Guiné Equatorial. Língua papel ´´Djinè´´ que significa chão de pretos (Scantamburlo, 2002 p.254).
Guiné-Bissau	País da África Ocidental, antiga Guiné Portuguesa, independente desde 24 de Setembro de 1973, depois de uma luta de libertação nacional contra o colonialismo (Scantamburlo, 2002, p. 254).
Kanafistra	Planta da família das leguminosas, usada para os tratamentos tradicionais (Scantamburlo, 2002, p. 291).

Kassundé	Dança tradicional da etnia Balanta (Scantamburlo, 2002, p. 254).
Kor-cor	Espécie de peixe da família doS hemulídeos; angelina ou xaputa (Scantamburlo, 2002, p. 330).
Lite	Líquido branco segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos mamíferos e destinado à alimentação dos filhos (Scantamburlo, 2002, p. 369).
Mamas	Órgão de secreção de leite nas fêmeas dos mamíferos; teta; seio (Scantamburlo, 2002, p. 379).
Mandingas	Termo comum para indicar os membros do povo Mandinga, pertencente ao grupo linguístico Mande Tan ou Norte, da sub-família Mande (Scantamburlo, 2002, p. 380).
Mandioca	Tubérculo ou raiz comestível da planta das euforbiáceas, originário do Brasil e muito cultivado na África. (Scantamburlo, 2002, p. 380; Stien, 2021, V. II, p. 183).
Manduku	Pau de extremidade arredondada e mais grossa, utilizado como arma; cacete; bordão; bengala (Scantamburlo, 2002, p. 381).
Manfafa	Espécie de tubérculo (Scantamburlo, 2002, p. 382).
Mangos	Fruto da mangueira, da família das anacardiáceas; manga (Scantamburlo, 2002, p. 382).
Manjaco(s)	Termo comum para indicar os membros do povo Manjaco, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak da subfamília Oeste-Atlântico (Scantamburlo, 2002, p. 381).
Masite	Planta medicinal (Scantamburlo, 2002, p. 389).
Mecinho tradicionais	Todo o tipo de medicamentos; remédio (Scantamburlo, 2002, p. 399).
Milho bacil	Nome de espécie planta da família graminácea (Scantamburlo, 2002, p. 400).
Mone	Papa de bolinha de arroz farinhado e edulcorado, consumida especialmente no mês de Ramadã para "cortar o jejum" (Scantamburlo, 2002, p. 408).
Mudju	Condimento líquido com carne, peixe ou outras substâncias, que serve como acompanhamento do alimento base, arroz ou milho (Scantamburlo, 2002, p. 414).
Nbom	Palavra que se repete inconscientemente na conversa ou escrita e tem como efeito chamar atenção para a frase seguinte; bordão (Scantamburlo, 2002, p. 394).
Nhambes	Tubérculo comestível de polpa feculenta; inhame da Guiné. Scantamburlo (2002, p. 439).
Padja santa	Planta utilizada na medicina tradicional como febrífugo; os grãos, torrados, servem como sucedâneo do café (Scantamburlo, 2002, p. 458).
Panos-de-pente	Peça de pano tecido com tear tradicional (Scantamburlo, 2002, p. 464).
Papeis	Termo comum para indicar os membros do povo pepel, pertencente ao grupo linguístico Norte Bak, da família Norte Bak, da subfamília Oeste-atlântico; papel (Scantamburlo, 2002, p. 476).
Pate	Pisar no grol com o pilão, quer para descascar, quer para moer (Scantamburlo, 2002, p. 479).
Peixe mantchado	Espécie de peixe (Scantamburlo, 2002, p. 485).
Peixe-areia	Peixe da família dos ralídeos; arraia; raia (Scantamburlo, 2002, p. 485).
Pó-de-sangue	Essência florestal, com madeira castanho-avermelhada, muito apreciada para trabalhos de marcenaria (Scantamburlo, 2002, p. 489).
Pon	Alimento feito com farinha de trigo ou de outros cereais, água, sal e fermento e cozido no forno (Scantamburlo, 2002, p. 490).
Saia bijagó	Roupa de mulher, na etnia Bijagós, feita de palhas de palmeiras ou de plantas semelhantes, apertada na cintura e pendente para baixo (Scantamburlo, 2002, p. 543).
Siga	Variedade de comida com óleo de palma, quiabo e jacatú (Scantamburlo, 2002, p. 561).
Sinapa	Espécie de peixe da família dos esparídeos; pargo (Scantamburlo, 2002, p. 565).
Sumos	Bebida que se extrai de algumas substâncias vegetais, suco (Scantamburlo , 2002, p. 588; Stein, 2021, V. II, p. 308).
Tabanca	Da etnia temne´´ta-banka´´ que significa fortificações, aldeia; povoação. Local defendido por paliçada em estacaria de pau-a-pique ou com fosso e da LG “tabanka” (Scantamburlo, 2002, p. 592; Stein, 2021, V. II, p. 311).
Tcheré	Milho triturado (Scantamburlo, 2002, p. 623).
Teinha	Nome comum de peixes ciprinídeos, frequentes em águas costeiras (Scantamburlo, 2002, p. 598).
Veludo	Suco feito da fruta veludo (Scantamburlo, 2002, p. 635).
Vinho de palmo	Vinho extraído de palmeiras ou espécie de palmeiras (Scantamburlo, 2002, p. 130).

Fonte: Elaboração própria.

Agora se apresenta o quadro de dados gerais das línguas usadas pelos informantes do grupo *Manjacos* na variedade do PGB.

Quadro 13: O léxico das línguas presentes nas falas dos informantes *Manjacos* no PGB

Item/unidade lexical	língua de origem	Item/unidade lexical	língua de origem	Item/unidade lexical	língua de origem
1. Apple in english	Inglesa	***26. Candja***		***51. Faroba***	Guineen
2. Baceral	Manjaca	***27. Cantchungo***	Manjaca	***52. Fera Sinho***	Guineense
3. Badjam	Guineense	***28. Carapau***	Guineense	***53. Ferber***	Guineense
4. Badjigui	Banhum	***29. Cassapai***	Balanta	***54. Fole***	Mandinga
5. Badodós	Mancanha	***30.Caúdu***	Guineense	***55. Fula***	Fula
6. Bagre	Guineense	***31. Chabéu***	Guineense	***56. Fundo***	Guineense
7.Balanta(s)	Mandinga	***32.Cite malgós***	Guineense	***57. Gós***	Guineense
8. Banana	Guineense	***33. Contas***	Guineense	***58. Gosto***	Guineense
9.Barbo	Guineense	***34. Cupilum***	Papel	***59. Guiné***	Papel
10.Beafada(s)	Balanta	***35. Correr chucha***	Guineense	***60.Guiné-Bissau***	Guineense
11. Becuda	Bijagó	***36. Cuntangu***	Bijagó	***61. Hu-huh***	Balanta
12.Bentana	Guineense	***37. Curbina***	Guineense	***62.Kafak***	Manjaca
13. Bijagó(s)	Bijagó	***38.Dar-dar***	Guineense	***63. Kakáu***	Manjaca
14. Bilas	Guineense	***39. Dipus***	Guineense	***64. Veludo***	Guineense
15. Bindi	Guineense	***40.Djafal***	Guineense	***65. Kassundé***	Balanta
16.Bissau	Papel	***41. Djagatu***	Guineense	***66. Kor-cor***	Guineense
17. Blungudjubá	Papel	***42. Djambadom***	Mandinga	***67. Kukuh***	Balanta
18.Cabeceira	Guineense	***43. Djambo***	Mandinga	***68. Kulumbé***	Mancanha
19. Cabra-cega	Guineense	***44. Djinti***	Guineense	***69. Lite***	Guineense
20. Cada kim	Guineense	***45. Djol***	Manjaca	***70. Malha***	Guineense
21.Cakáu	Manjaca	***46. Djoló***	Papel	***71. Mamas***	Guineense
22. Caldo branco	Guineense	***47. Djoto***	Guineense	***72. Mandingas***	Mandinga
23.Caldo Chabeu	Guineense	***48. Esquilão***	Guineense	***73. Mandioca***	Guineense
24.Caldo de mancara	Guineense	***49. Fanado***	Guineense	***74. Manduku***	Guineense
25. Kanafistra	Balanta	***50. Farim***	Mandinga	***75.Manfafa***	Guineese
76. Mangos	Guineense	***91. Mudju***	Guineense	***106. Padja santa***	Guineense
77.Manjaco(s)	Manjaca	***92.Mustrar***	Guineense	***107. Papeis***	Guineense
78. Vinho de palmo	Guineense	***93. Nbom***	Balanta	***108. Pate***	Manjaca
79. Mecinho tradicionais	Guineense	***94. Nka pudi dja sibi kila***	Guineense	***109.Padja-de-papaia***	Guineense
80. Masite	Mandinga	***95. Nené badadje***		***110. Peixe seco***	
81. Milho bacil	Guineense	***96. Nghaié***	Balanta	***111. Peixe-areia***	Guineense
82. Mis	Guineense	***97. Nhambes***	Mandinga	***112. Peixe-prata***	Guineense
83.Mone	Mandinga	***98. Okay***	Inglesa	***113. Pelundo***	Manjaca

84. Panos-de-pente	Guineense	***99. Peixe mantchado***	Guineense	***114.Pumba-de-mar***	Guineense
85.Peu-rut	Manjaca	***100. Pó-de-sangue***	Guineense	***115. Pon***	Guineense
86. Saia bijagó	Guineense	***101. Rebenta-conta***	Guineense	***116. Siga***	Balanta
87. Sinapa	Guineense	***102. Sindir***	Guineense	***117. Sumos***	Guineense
88.Tabanca	Timené	***103. Tcheré***	Wolof	***118. Teinha***	Guineense
89. Toka-palmo	Guineense	***104. Trinta e cinco (35)***	Guineense	***119. Tudu***	Guineense
90.Tuteur	Francesa	***105. Madronha***	Guineense	***120. Mandiple***	Papel

Fonte: Elaboração própria.

A **Tabela 10** apresenta a distribuição dos itens e unidades lexicais identificados nas entrevistas dos informantes pertencentes ao grupo étnico *Manjaco*. Ao todo, registramos 156 ocorrências de unidades lexicais provenientes da Língua Guineense, de outras línguas guineenses e de línguas estrangeiras que circulam no contexto sociolinguístico da Guiné-Bissau.

Tabela 10 : Informantes do grupo étnico *Manjaco*

Línguas	**Informantes**								**∑**
	Mj57		**Mj59**		**Mj58**		**Mj55**		
	Itens	**%**	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	
Guineense	16	57,1%	14	46,7%	29	63,0%	31	59,6%	90
Balanta	1	3,6%	5	16,7%	4	8,7%	4	7,7%	14
Mandinga	3	10,7%	4	13,3%	3	6,5%	4	7,7%	14
Fula	0	0,0%	1	3,3%	0	0,0%	1	1,9%	2
Manjaco	2	7,1%	4	13,3%	1	2,2%	7	13,5%	14
Papel	4	14,3%	0	0,0%	2	4,3%	2	3,8%	8
Beafada	1	3,6%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1
Mancanha	1	3,6%	0	0,0%	2	4,3%	1	1,9%	4
Bijagó	0	0,0%	0	0,0%	3	6,5%	0	0,0%	3
Banhum	0	0,0%	0	0,0%	1	2,2%	0	0,0%	1
Timené	0	0,0%	0	0,0%	1	2,2%	0	0,0%	1
Francesa	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	1,9%	1
Wolof	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	1,9%	1
Inglesa	0	0,0%	2	6,7%	0	0,0%	0	0,0%	2
Subtotal	----------								----
	28	100,0%	30	100,0%	46	100,0%	52	100,0%	156

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da **tabela 10** evidenciam, novamente, a predominância da LG, responsável por 90 ocorrências, correspondendo a 57,7% do total dos itens identificados. Assim como observado nos grupos *Fula*, *Balanta* e *Mandinga*, a LG constitui a principal fonte de

influência lexical sobre o PGB utilizado pelos participantes da pesquisa. Esse resultado reforça o papel sociolinguístico desempenhado pela LG como língua de comunicação interétnica e como elemento de integração entre os diferentes grupos linguísticos do país.

Em segundo plano, destacam-se as línguas *Balanta*, *Mandinga* e *Manjaco*, todas com 14 ocorrências, correspondendo individualmente a 9,0% do *corpus* analisado. A presença equilibrada dessas três línguas revela um aspecto importante da realidade sociolinguística guineense: embora os participantes pertençam ao grupo étnico *Manjaco*, seus repertórios linguísticos refletem intensas relações de contato com falantes de outras comunidades linguísticas. Tal resultado evidencia que as influências observadas no PGB não decorrem exclusivamente da língua materna dos falantes, mas também das redes sociais e dos espaços de convivência construídos ao longo de suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais.

A ocorrência de itens provenientes da própria língua *Manjaca* merece atenção especial. Embora os informantes pertençam a esse grupo étnico, a frequência de itens identificados (9,0%) permanece significativamente inferior à da LG. Esse dado sugere que, mesmo entre falantes que mantêm vínculos identitários com sua língua de origem, a LG exerce maior influência sobre as práticas linguísticas cotidianas, especialmente em contextos urbanos e de interação entre grupos distintos.

A língua *Papel* apresentou 8 ocorrências (5,1%), enquanto a língua M*ancanha* registrou 4 ocorrências (2,6%). Também identificamos ocorrências oriundas das línguas *Bijagó* (1,9%), *Fula* (1,3%), Inglês (1,3%), *Beafada* (0,6%), *Banhum* (0,6%), *Timené* (0,6%), Francês (0,6%) e *Wolof* (0,6%). Embora apresentem frequências reduzidas, essas ocorrências revelam a amplitude das influências linguísticas presentes no repertório dos participantes e demonstram que o PGB se constitui em um ambiente marcado pela circulação simultânea de múltiplas línguas.

A presença de línguas internacionais, como o *Francês*, o *Inglês* e o *Wolof*, merece destaque por refletir processos históricos e contemporâneos de mobilidade, escolarização e integração regional. No caso do *Wolof*, por exemplo, sua ocorrência pode estar relacionada aos contatos mantidos com o Senegal, país vizinho da Guiné-Bissau. Já as ocorrências de Francês e Inglês podem estar associadas à formação acadêmica dos participantes e ao acesso a diferentes espaços de circulação do conhecimento.

Outro aspecto relevante refere-se à heterogeneidade interna do grupo analisado. Observamos que cada informante apresentou combinações particulares de influências linguísticas, o que demonstra que a pertença ao mesmo grupo étnico não implica, necessariamente, repertórios linguísticos idênticos. As diferenças encontradas refletem

experiências individuais distintas de socialização, escolarização, mobilidade e contato linguístico.

De modo geral, os resultados obtidos entre os informantes do grupo étnico *Manjaco* reforçam a hipótese central desta pesquisa de que o PGB é fortemente influenciado pelo contato entre a LG, as demais línguas étnicas e línguas de circulação regional e internacional. A predominância da LG e a diversidade de influências identificadas evidenciam que o léxico do PGB resulta de um complexo processo de interação linguística, característico de uma sociedade profundamente multilíngue e multicultural. Tais resultados corroboram os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, segundo os quais a heterogeneidade linguística constitui uma característica inerente às línguas naturais e reflete as múltiplas experiências sociais dos seus falantes.

A tabela a seguir vai apresentar a distribuição geral dos itens e unidades lexicais provenientes da LG, das línguas étnicas e de outras línguas em contato com o português, identificados nas falas dos dezesseis (16) informantes que compõem o *corpus* desta pesquisa. Os dados permitem visualizar, de forma integrada, quais línguas exercem maior influência léxico-semântica na constituição do PGB.

Tabela 11: Classificações gerais das línguas com maiores influências lexicais no PGB

Grupo étnico	Grupo F		Grupo B		Grupo Mg		Grupo Mj		∑	
Línguas	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**	**Itens**	**%**
Guineense	67	50,4%	63	54,3%	80	58,4%	90	57,7%	300	55,4%
Balanta	21	15,8%	23	19,8%	18	13,1%	14	9,0%	76	14,0%
Mandinga	9	6,8%	15	12,9%	16	11,7%	14	9,0%	54	10,0%
Papel	7	5,3%	4	3,4%	6	4,4%	8	5,1%	25	4,6%
Fula	14	10,5%	3	2,6%	4	2,9%	2	1,3%	23	4,2%
Manjaco	2	1,5%	0	0,0%	0	0,0%	14	9,0%	16	3,0%
Mancanha	2	1,5%	4	3,4%	3	2,2%	4	2,6%	13	2,4%
Bijagó	4	3,0%	0	0,0%	5	3,6%	3	1,9%	12	2,2%
Francesa	0	0,0%	1	0,9%	3	2,2%	1	0,6%	5	0,9%
Espanhola	4	3,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	4	0,7%
Beafada	0	0,0%	1	0,9%	1	0,7%	1	0,6%	3	0,6%
Timené	1	0,8%	1	0,9%	0	0,0%	1	0,6%	3	0,6%
Inglesa	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	2	1,3%	2	0,4%
Wolof	0	0,0%	0	0,0%	1	0,7%	1	0,6%	2	0,4%
Banhum	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,6%	1	0,2%
Felupe	1	0,8%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,2%
Nalú	1	0,8%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,2%

Nigerina	0	0,0%	1	0,9%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,2%
Soma Total	133	100,0%	116	100,0%	137	100,0%	156	100,0%	542	100,0%

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da **Tabela 11** revelam que, das 542 ocorrências registradas, a LG ocupa posição amplamente dominte, com 300 ocorrências, correspondendo a 55,4% do *corpus* analisado. Esse resultado confirma o papel central da LG na sociedade guineense e corrobora sua função de principal língua de comunicação interétnica do país. Mais do que uma língua veicular, a LG configura-se como uma importante fonte de transferência lexical e semântica para o PGB, influenciando significativamente o repertório linguístico dos falantes, independentemente de suas origens étnicas.

Em um segundo nível de influência encontram-se as línguas *Balanta* (14,0%) e *Mandinga* (10,0%), que juntas representam aproximadamente um quarto das ocorrências identificadas. Esses resultados refletem não apenas o peso demográfico desses grupos na composição da população guineense, mas também a intensa interação sociolinguística existente entre diferentes comunidades linguísticas. A presença expressiva dessas línguas demonstra que os processos de contato linguístico ultrapassam as fronteiras étnicas e se manifestam nas práticas cotidianas de comunicação dos falantes.

Na sequência, observamos a contribuição das línguas *Papel* (4,6%), *Fula* (4,2%) e *Manjaco* (3,0%), seguidas pela língua *Mancanha* (2,4%) e pela língua *Bijagó* (2,2%). Embora apresentem percentuais inferiores aos da LG, da *Balanta* e da *Mandinga*, essas línguas participam ativamente da constituição lexical do PGB, evidenciando o caráter plurilíngue da sociedade guineense e a coexistência de diferentes tradições linguísticas em um mesmo espaço social.

Os resultados também revelam a presença de línguas não nacionais, como o Francês (0,9%), o Espanhol (0,7%), o Inglês (0,4%) e o *Wolof* (0,4%). Ainda que pouco frequentes, essas ocorrências indicam que as influências linguísticas observadas no PGB não se limitam às línguas faladas no território guineense. Elas refletem igualmente processos históricos, educacionais, migratórios e geopolíticos que inserem a Guiné-Bissau em redes mais amplas de circulação linguística e cultural, especialmente no contexto da África Ocidental e dos países de língua portuguesa.

De modo geral, os dados evidenciam que o PGB se desenvolve em um contexto de intenso contato linguístico. A predominância da LG, associada à expressiva participação das línguas *Balanta*, *Mandinga*, *Fula*, *Papel* e *Manjaco*, demonstra que essa variedade do português

é resultado de contínuos processos de interação entre diferentes sistemas linguísticos. Tais resultados reforçam os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov, 1972, 1994), segundo os quais a heterogeneidade constitui uma característica inerente às línguas naturais e a variação representa um reflexo das dinâmicas sociais, históricas e culturais vivenciadas pelos seus falantes.

Os dados analisados permitem ainda compreender que o PGB possui características próprias que o distinguem de outras variedades da língua portuguesa. Assim como ocorreu com outras variedades nacionais do português, as influências resultantes do contato linguístico contribuem para a constituição de uma identidade linguística específica, marcada por processos de empréstimo lexical, estrangeirismos, extensão semântica, inovação vocabular e ressignificação de unidades lexicais.

Nesse contexto, concordamos com Couto e Embaló (2010) e Cabi (2023) ao considerar que muitas palavras presentes no PGB passam por processos de adaptação e ampliação semânticas, adquirindo sentidos particulares associados à realidade sociocultural local. Em diversos casos, palavras já existentes na língua portuguesa passam a designar novos referentes ou assumem significados específicos no contexto guineense, resultado da interação entre o português, a LG e as demais línguas faladas no país.

Segundo Cabi (2023), a incorporação de empréstimos e a atribuição de novos sentidos às palavras podem estar relacionadas a diferentes fatores. Entre eles destacam-se: (i) as limitações no domínio da língua portuguesa por parte de alguns falantes; (ii) a valorização de elementos linguísticos associados à identidade cultural e étnica; e (iii) necessidades comunicativas específicas, especialmente quando os falantes não encontram na língua portuguesa recursos lexicais capazes de expressar adequadamente determinadas realidades socioculturais do contexto guineense.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de itens lexicais identificados no *corpus* que ilustram esses processos de mudança, ampliação e especialização semântica observados no PGB. Essas palavras, para além de serem dicionaridas em Scantamburlo (2002) e Stein (2021, V. I e II), também são dicionarizados nos dicionários *Vocabulários Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), *Dicionário De Usos Do Português Do Brasil*, de Francisco S. Borba (2002) e *Dicionário Porto Editora "Infopédia"*.

Ex. 1: "nghayes ou kfur tem aquela ***banda*** que se coloca, que se amarra na cintura…". A palavra ***banda***, para além dos sentidos comuns em todas as variedades como, por exemplo, lado; margem do rio, grupo de pessoas; grupo musical, parte lateral de um objeto, faixa ou risca

larga, dentre outros, nesta ocorrência, é usada pelo informante B41 para se referir à peça estreita e longitudinal de tecido; em tear; pano, usa para só cobrir as partes íntimas do corpo.

Ex. 2: *"*Para o almoço, prefiro kaldu branku ou kaldu di ***mancara***". A palavra ***mancara*** tem mais ocorrência na variedade PGB do que o termo ***amendoim***[26] que é mais usado na variedade do PP e PB. Ambos os termos ("mancara" e "amendoim") também são usados na variedade do PP, caso diferente na variedade do PB (ambos os termos são encontrados no *Dicionário Porto Editora "Infopédia*).

Ex. 3: *"*...mas dentro fazem uma construção e depois colocam ***tchifres***". A palavra ***"tchifres"*** se refere ao apêndice duro que se localiza na testa dos animais ruminantes; cornos. É usado nas testas das máscaras de desfiles de alguns grupos étnicos e no carnaval. Nas variedades do PP e PB ocorre o único termo "corno" nessas variedades.

Ex. 4: "Para mim é quase, ***mandioca****, batata, nhambe…"*. A palavra ***mandica*** é única e comum nas variedades do PGB e PP. É usada para se referir ao arbustro tropical de caule fino, folhas em hastestes em forma de dedos, flores pequenas e amarelas ou tubérculo/raiz comestível da planta da família das euforbiáceas, originário do Brasil e muito cultivada em África. Na variedade do PB, ocorrem três (3) temos em diferentes Estados do Brasil, *mandioca*, *macaxeira* e *aipim*.

Ex. 5: *"*...tínhamos horta de ***ananás****"*. Neste contexto, a palavra **ananás**, no contexto guineense, nas línguas portuguesa e brasileira significa fruta do ananaseiro, da família das bromeliáceas. No PB, para além da palavra ananás, também ocorre outra palavra, ***"abacaxi"***, termo que não encotramos sua ocorrência nas duas anteriores variedades do português.

Ex. 7: "Pode ser ***camisola interior***, só aquilo que usam…". O item léxical "***camisola interior"***, na variedade do PBG é usado para se referir a camisa do vestuário masculino ou feminino, com mangas curtas ou longas, ou sem mangas, feita de tecido de malha de algodão, usada debaixo da outra.

Ex. 8: "... não sei se já viu, no momento de ***fanado***…". No português da Guiné-Bissau a palavra ***"fanado"*** é usada para se referir ao ritual de iniciação que prepara os jovens à vida adulta, à responsabilidade social, ao contacto com os antepassados e a habilidade de continuar a cultura do próprio povo. Nesta variedade de português também ocorre a palavra "circuncisão" ou "excisão". No PP e PB é a palavra "Circuncisão".

[26] O termo amendoim é pouco conhecido pela maioria da população guineense.

Ex. 9: “O jantar, pegando algo como arroz não é, com ***mafé*** que lá está e nada mais.” A palavra “***mafé***”, no PGB, se refere ao acompanhante do alimento base, normalmente arroz ou milho; molho de peixe ou carne. “**Molho (ô)**” no PP e PB.

Ex. 10: “De manhã, o que eu gosto, como bebidas, pelo menos uns ***sumos***, uns sumos natural”. Neste contexto, o termo “***sumos***”, no PGB e PP, é usado para se referir a variedades de bebidas que se extrai de algumas substâncias vegetais. No PB emprega-se o termo “suco”. Em todos essas variedades do português o termo ***“sumo”***, enquanto adjetivo superlativo, também é utilizado para se referir ao “alto”; “supremo”; o mais elevado; supremo, máximo; excelso; extraordinário etc.

Ex. 11: “… leva ***gosto*** e outras coisas”. A palavra ***“gosto (ô)”***, neste contexto, é usado para se referir a caldo de galinha ou glutamato de sódio. O **“*gosto (ó)*”** também se refere a prazer; satisfação; um dos cinco sentidos que se situa na língua; capacidade de apreciar o que é belo; gosto; opinião. No PGB, a diferença fônica e semântica é eleita a partir do contexto da comunicação. No PP e PB usam-se o termo “caldo de galinha”.

Há outros exemplos ainda cujos léxico-semânticos se diferem com as variedades do PE e PB. Seguem-se as ocorrências dos léxicos no PGB:

Ex. 1: “...mais o repolho, cenoura, ***sukulbembe***...”

Ex. 2: “...crioulo nós chamamos de ***barkafon***, pendurado nos ombros…”

Ex. 3:”... no almoço, já vários tipos de comida, pode ser, caldo branco, caldo ***tchebem***, caldo de mancarra, mas eu muito gosto de caldo de mancarra.”

Ex. 4: “... alimentos mais produzidos no país em tormos das atividades agrícolas são: arroz, milho, ***candja***, pepino, mancarra, manga, ***badjique***, alface, inhame, manfafa, mandioca, batata e outros.”

Ex. 5: “Cozinhamos rápido, de forma simples, e juntamos com outras verduras como o quiabo, que chamamos candja, ***djagatu*** e mais outros.”

Ex. 6: “Raízes e folhas, por exemplo, o ***Nenê Badatch***, Nenê Badatch é um remédio tradicional não é? Multifaceta, multifaceta, Nené Badatch. Suas frutas também é bom para as hipertensões.”

A partir do quadro comparativo a seguir, vamos trazer alguns itens e unidades lexicais que apresentam algumas diferenças e semelhanças semânticas entre as variedades do PGB, PP e PB.

Quadro 14: Quadro léxico-semântico comparativo entre as variedades do PGB com PP e PB

LÉXICO	PGB	PP	PB
Sukulbembe	L. Sc. 2002 Espécie de pimenta grande, cujos frutos são muito picantes quando maduros. p. 587 • **S. C. St., 2021, V. II** n. pimentão vermelho**.** p. 307.	Pimenta: pi.men.ta **.** piˈmẽtɐ **nome feminino** 1.BOTÂNICA *(Piper nigrum)* planta trepadeira de porte arbustivo, da família das Piperáceas, nativa do sudeste asiático, tem raízes adventícias, pequenas flores agrupadas em espigas e frutos drupáceos com uma só semente, usados como condimento culinário pelo seu aroma e sabor picante; pimenta-do-reino; pimenteira 2. fruto dessa planta 3. pó resultante da trituração desse fruto 4. designação comum, extensiva a outras plantas com frutos e/ou sementes de sabor picante 5. designação comum, extensiva a diferentes substâncias de origem vegetal, de sabor picante, usadas como condimento *6. figurado* malícia Etimologia: Do latim *pigmenta*, plural de *pigmentu-*, «substância corante».	• **F. S. Borba** Pimentão. **NF** **nome feminino** 1.BOTÂNICA*)* planta da família das Piperáceas com pequenas flores agrupadas em espigas e frutos drupáceos com uma só semente, usados como condimento culinário pelo seu aroma e sabor picante. 1540.
Bentana	• **L. Sc., 2002** Espécie de peixe; tulipa; carpa. p. 123.	**nome feminino:** da Guiné-Bissau: ben.ta.na **.** bɐ̃'tana ICTIOLOGIA *(Tilapia senegalensis)* peixe teleósteo, da família dos Ciprinídeos, encontrado em rios, lagos e cursos de água doce Etimologia: Do crioulo *bentana*, «idem».	• ***F. S. Borba*** **tilápia**. ***Nf.*** peixe que se alimenta de vegetais e detritos, e que pode ser criado em viveiro. 1540.
Bentainha	Bentanas pequenas; espécie de carpa que vive nas bolanhas ou lagoas e é utilizada na culinária de Balantas.	**diminutivo feminino, singular** de bentana.	diminutivo feminino, singular de tilápia.
Tabanca	• **L. Sc. 2002** Aldeia; povoação, fortificações. Antigamente tabanca significa local definido por paliçada em estacaria de pau-a-pique ou com fosso. p. 592**.** **C. C. St. 2021** n. aldeia; distrito; área rural; país. p.311.	**ta.ban.ca .** tɐˈbɐ̃kɐ **nome feminino** 1.*Guiné-Bissau* povoação, aldeia 2. *Cabo Verde* associação hierarquizada que funciona como sistema de ajuda mútua, com prestação de apoio moral, material, familiar e profissional 3. MÚSICA *Cabo Verde* forma musical de temática repetitiva, apoiada em búzios, cornetas de latão e tambores Etimologia: Do crioulo guineense *tabanka*, «povoação».	• ***F. S. Borba*** **aldeia** [Nf]. **1**. agrupamento de casas de índios. **2.** povoação rústica. **3.** pequena povoação sem categoria de vila ou cidade. **4.** agrupamento. p. 54.
	Fruto e semente da palmeira de óleo ou palmeira dendê ou • **L. Sc. 2002**	**chabéu:** *Guiné-Bissau* cha.béu **.** ʃɐˈbɛw nome masculino	• ***F. S. Borba*** **dendê.** *Nf.* [contável]**1.** dendezeiro. (BEB) [não

Tchebem	palmeira de azeite; coconote. p. 622.	1. fruto do dendezeiro (*Elaeis guineensis*), de formato ovoide e cor vermelha, alaranjada ou amarela, de que se extrai óleo muito usado na alimentação 2.CULINÁRIA prato preparado com óleo desse fruto Etimologia: Do crioulo *cabéu* ou *cebén*, «idem».	contável] **2**. gordura semi-sólida, comestível, de cor vermelha ou marrom-amarelada, obtida das amêndoas ou da polpa do dendezeiro. p. 455.
Site	• **L. Sc. 2002** Óleo de palmiste ou coconote (azeite de caroço). 570. • **C. C. St. 2021** n. óleo**.** 297.	Óleo de palma ou de coconote.	Óleo de palma/ dendê. p. 455.
Nenê badatch	Árvore moringa, milagrosa pelo seu efeito medicinal.	**Moringa** mo.rin.ga**.** muˈrĩgɐ **nome feminino** 1.BOTÂNICA designação comum, extensiva às plantas do gênero *Moringa*, nativas das regiões quentes da África e da Ásia 2. BOTÂNICA *(Moringa oleifera)* árvore própria de regiões tropicais e subtropicais, pode atingir cerca de 10 metros de altura e tem flores brancas ou amareladas, madeira de qualidade e frutos de cujas sementes se extrai um óleo aromático usado para fins medicinais e industriais; acácia-branca, moringueiro Etimologia: Do latim científico *Moringa*.	• ***F. S. Borba*** **oliveira.** ***N. f.*** Árvore originária da região mediterrânea, de pequenas folhas acinzentadas, frutos (azeitonas) que são drupas oleaginosas e servem na alimentação humana em espécie e servem na alimentação humana em espécie e sob a forma de azeite deles extraído; oliva. p. 1120.
Djagatu	• **L. Sc. 2002** Bringela africana; legume de sabor amargo, muito usado na culinária da Guiné-Bissau como ingrediente em vários tipos de pratos. p. 189.	Jagato: *Guiné-Bissau* BOTÂNICA *(Solanum indicum)* planta arbustiva, da família das Solanáceas, comum em regiões tropicais, onde é cultivada pelos seus frutos bacáceos, de sabor um pouco amargo, semelhantes à beringela, utilizados na alimentação como legume e para a produção de farinha Etimologia: Do crioulo guineense *djagatu*, «idem».	• ***F. S. Borba*** Jiló.*Nm.* ***1.*** fruto pequeno, redondo ou comprido, casca fina, polpa com grande quantidade de sementes pequenas, sabor amargo: quiabos, maxixes e jiló. ***2.*** planta que produz…: não se sabe se o jiló é nativo da África (GRE). p. 923.
Candja	• **L. Sc. 2002** Fruto de quabeiro arbustro da família das malváceas; quiabo. p. 291. • **C. C. St. 2021** n. *quiabo.* p. 129.	**Quiabo:** qui.a.bo **.** ˈkjabu BOTÂNICA fruto comestível do quiabeiro (*Abelmoschus esculentus*), capsular, de formato alongado e coloração verde, com interior mucilaginoso e com diversas sementes; nafé, quigombô, quingombo, quingombô.	• ***F. S. Borba*** **Quiabo.** ***Nf. 1.*** fruto comprido e cônico, verde e peludo, de sementes brancas produzido pelo quiabeiro. **2.** quiabeiro. p. 1311.
Bilas	• **L. Sc. 2002** Berlinde; pequena esfera de vidro. p. 129.	**Berlinde** ber.lin.de **.** bərˈlĩd(ə) nome masculino 1. pequena esfera de vidro, metal ou madeira com que jogam as crianças 2. jogo infantil em que se procura introduzir pequenas bolas de vidro (berlindes) em buracos feitos na terra.	• ***F. S. Borba*** Bolinha de gude. *Nf.* bolinhas de vidro ou outro material que as crianças usam para tirar dentro de pequenos buracos enfileirados no chão. p. 791.

Badjigue	• **L. Sc. 2002** Rosela. p. 104**.**	**ba.gui.che .** baˈgiʃ(ə) **nome masculino** *1.Guiné-Bissau* BOTÂNICA *(Hibiscus sabdariffa)* planta arbustiva, da família das Malváceas, de caule avermelhado, cujas fibras são usadas em cordoaria, folhas comestíveis, de sabor azedo, e flores róseas, violáceas ou amarelas, cujos cálices, carnosos e de cor vermelha, são usados na preparação de licores, geleias, infusões, etc.; hibisco *2.Guiné-Bissau* CULINÁRIA esparregado preparado com folhas dessa planta, quiabo e beringela.	***Badjigue; rosela***
Barkafon	• **L. Sc. 2002** Espécie de mala de mão ou cesto, com tiracolo e normalmente com tampa, para transportar os artigos de uso pessoal e os seus mantimentos; algibeira. p. 116**.**	**Alforge** al.for.ge **.** alˈfɔrʒ(ə) nome masculino 1.saco fechado nas extremidades e aberto ao meio, formando dois compartimentos, que se traz ao ombro ou sobre a montada. 2. porção contida neste saco. 3. *figurado* volume grande. 4. *figurado* grande quantidade de algo. 5. pequena refeição que se leva para uma viagem, para o trabalho ou para a escola; farnel, merenda. 6. NÁUTICA *antiquado* [mais usado no plural] estrutura saliente, existente em cada uma das alhetas do navio, para servir de acomodação do comandante e/ou casa de banho Etimologia: Do árabe *al-khurj*, «saco; sacola».	• ***F. S. Borba*** **alforge.** *Nf.* saco duplo, fechado nas extremidades e aberto no meio, transportado no de alimárias ou em ombro humano. p. 57.

Fonte: Elaboração própria.

Constata-se no quadro anterior (**Quadro 14**) que o PGB apresenta vários léxicos de diferentes línguas, com maior destaque às línguas guineense, étnicas e outras de circulação internacional, apresentando variados significados próprios. Lagares e Bagno (2011, p. 225) afirmam que "os empréstimos se fazem ao sabor dos acontecimentos por falantes que utilizam e/ou propõem palavras emprestadas por falantes que adotam e/ou aceitam essas palavras" dentro das suas línguas ou variedades. As palavras podem ou não serem (re)significadas pelos falantes de uma determinada língua ou variedade. Os empréstimos e estrangeirismos acontecem de forma natural na língua, razão pela qual, como afirmam Lagares e Bagno (2011), não se trata, portanto, de um simples combate a esses empréstimos a favor do determinismo "purismo" linguístico. Constata-se, ainda, que a maioria das palavras encontrada nas falas dos informantes dessa pesquisa na variedade do PGB apresentam aproximações tanto do ponto de vista lexical

quanto semântico com o PP. Essa proximidade pode ser atribuída à relação pedagógica histórica existente entre a Guiné-Bissau e Portugal.[27]

Há ainda outros empréstimos semânticos, nessa variedade do português, com alguns itens/unidades lexicais cujas significações comuns em todas as variedades do português, por exemplo, *contas* (com valor de miçangas), *banana* (um tipo de jogos específico, recriativo para crianças) etc. Os falantes do PGB, como adiante se vê, em maioria dos casos, também recorrem ao processo de decalques semânticos da LG e étnicas para exprimir certas ideias em portugês. Eis alguns exemplos de trechos textuais que comprovam o processo de decalque semântico:

B41 ⇒ Ex. 1: "… caldo de mancarra leva o próprio mancarra, prepara- se com…, com a mancarra, mais carne... pode ser de preferência… como é que vocês chamam aquilo? Nós dizemos coisas dentro…". O termo sublinhado é uma unidade lexical que se refere aos órgãos internos de animais aproveitáveis para alimentação, sendo um decalque direto do guineense **"*kusas di dentru*"**.

Ex. 2: "Lá em Cumura, quando éramos pequenos tínhamos horta de ananás". A expressão **"quando éramos pequenos"** é usada para marcar temporalidade (fase da infância/ fase da vida) e não apenas a estatura física do indivíduo no momento de fala: **"*Otchanu pikininu*"** na Língua Guineense.

Ex. 3:"Nbó, é dança tradicional que se organiza, até fazem isso "de terra para terra..." O termo **"de terra para terra"** é um termo semântico usado na Língua Balanta "***Botche botche***"ou "***kintede kintede***", mas que passou a ser usado no Guineense "***di tera pa tera***" para se referir às atividades que fazem "de aldeia para aldeia", neste caso em concreto, competições culturais Balanta que se fazem em diferentes aldeias, ou seja, fazem-nas de aldeia para aldeia.

Ex. 4: " Porque dizem que "dá mais força" se beber aquilo, por exemplo, à noite ainda se estamos na "***djumbai***". A expressão **"dá mais força"** refere-se à **"estimular energia"**. Na língua guineense "i ta dá mas forsa". Há contextos em que também pode ser equivalente a dar força física, dependendo do contexto da comunicação.

5.2 Considerações gerais sobre as análises por etnias

[27] Após a independência, as autoridades políticas governativas do país adotam acordos políticos com Portugal no domínio educativo até à presente data, pelo que, Portugal, através de Fê e Cooperação (FEC), Instituto Camões etc., auxilia o país nas produções de materiais pedagógicos para os ensinos públicos e privados. Cabe salientar que existem outras iniciativas individuais/particulares para produzir seus próprios materiais pedagógicos, outros com apoios de alguns países ou organizações, como por exemplo, acordo existentes entre a Universidade Amílcar Cabral com o Brasil no domínio da sua adoção e implementação curricular.

Olhando aos resultados desta pesquisa pode-se constatar que o português falado na Guiné-Bissau apresenta características próprias e particulares, bem diferentes das demais variedades do português. Essa diferença deve-se à confluência dessa variedade do português com as línguas presentes nesse território[28], línguas pelas quais não se mantêm nenhum elo entre elas e o português. A LG, por ser a língua que muitos dos seus léxico-semânticos se aparentam com os de português, é a única língua intermediadora entre as línguas étnicas e o português nesse país (Scantamburlo, 2013; Djata, 2022; Siga, 2025). Perante essas situações, Lagares (2018) afirma ser primordial compreender as relações existentes ao longo dos tempos, em diferentes espaços geográficos, entre as práticas sociolinguísticas e a concepção de língua na comunidade de fala. Tais práticas e concepção linguísticas são notórias nessa variedade linguística, em que, constantemente, ocorrem processos de empréstimos léxico-semânticos e/ou outros processos linguísticos na variedade do PGB.

Além disso, os resultados advindos de análises comparativas entre os dados dos informantes da pesquisa, bem como os valores médios obtidos a partir das análises de frequências e proporções entre grupos étnicos, confirmaram a existência de diferenças percentuais significativas entre itens e unidades lexicais das línguas locais e de outras línguas no PGB, tendo em conta às diferentes realidades sociolinguísticas dos informantes da pesquisa. Assim, confirmam-se que:

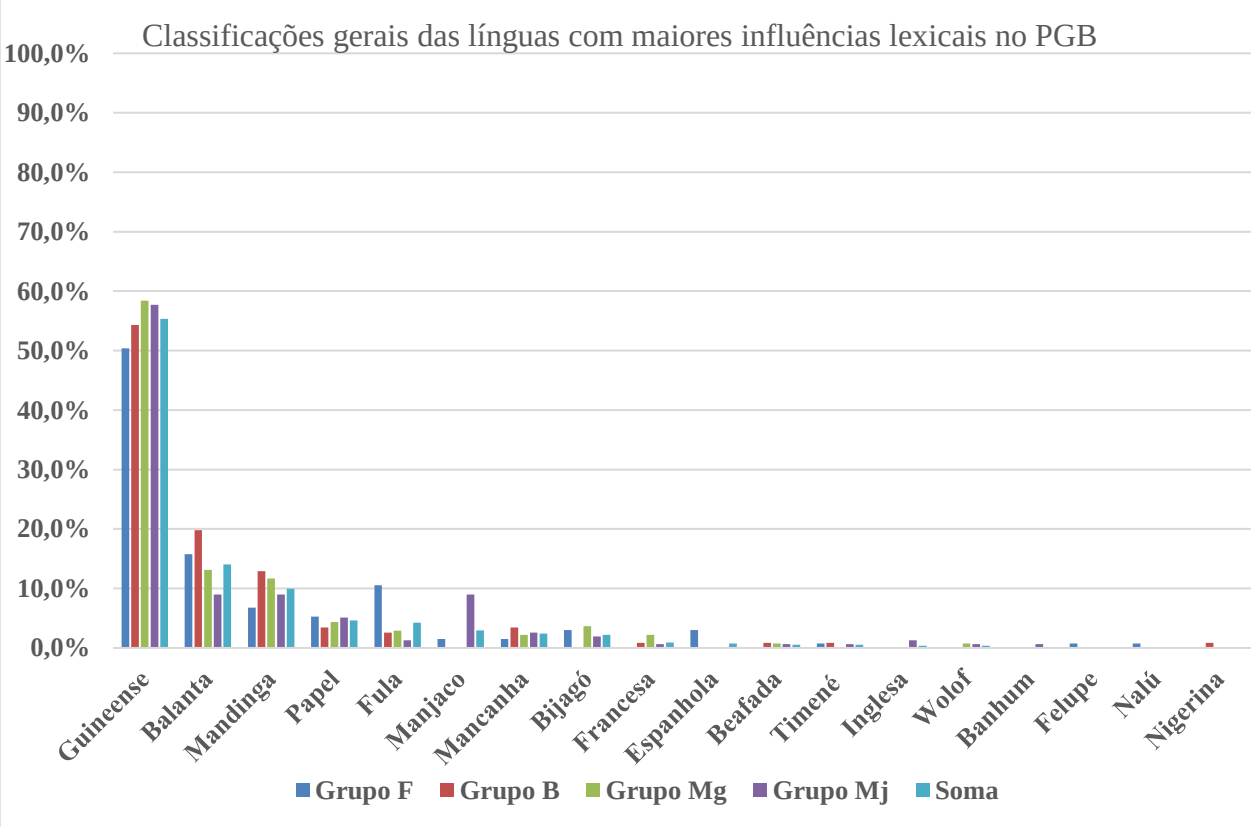
1. Nos informantes do grupo étnico *Fula*, num total de dados de 133 itens e unidades lexicais, a LG possui 67; seguidas de língua *Balanta* com 21*; Fula* com 14; *Mandinga* com 9; *Papel* com 7; *Bijagó* com 4; Espanhola com 4; *Manjaco* com 2; *Mancanha* com 2; *Felupe* com 1; *Nalú* com 1 e *Timené* com 1.
2. Na etnia *Balanta*, numa soma de 116 itens e unidades lexicais, LG possui 63 dados; *Balanta* 23; *Mandinga* 15; *Papel* 4; *Mancanha* 4; *Fula* 3; Francesa 1; Nigeriana 1; *Beafada* e *Timené* 1.
3. Na etnia *Mandinga*, em 137 itens e unidades lexicais, a LG possui 80 *corpus*; *Balanta* 18; *Mandinga* 16; *Papel* 6; *Bijagó* 5; *Fula* 4; *Mancanha* 3; Francesa 3; *Beafada* 1 e *Wolof* 1.
4. Por último, na etnia *Manjaca*, numa soma total de 156, a LG contem 90 itens e unidades lexicias; *Balanta* 14; *Mandinga* 14; *Fula* 2; *Manjaco* 14*; Papel* 8; *Beafada* 1; *Mancanha* 4; *Bijagó* 3; Inglesa; 2 *Banhum* 1; Francesa 1; *Wolof* 1 e *Timené* 1.

[28] Refere-se a mais de trinta grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau.

Os resultados obtidos nesta pesquisa revelam um padrão relativamente estável de distribuição das influências lexicais entre os diferentes grupos étnicos analisados. De modo geral, observamos que as posições ocupadas pelas principais línguas presentes no *corpus* tendem a se repetir em todos os grupos investigados, ainda que com pequenas variações percentuais. Tal regularidade sugere que determinadas línguas exercem influência mais ampla sobre o PGB, independentemente da pertença étnica dos falantes.

Como pode ser observado no **Gráfico 3**, as cinco línguas com maior representatividade no *corpus* – LG, *Balanta*, *Mandinga*, *Papel* e *Fula* — mantêm, em linhas gerais, as mesmas posições hierárquicas nos diferentes grupos étnicos. A única exceção ocorre no grupo *Fula*, em que a língua *Fula* apresenta frequência superior a da língua *Papel*. Ainda assim, a ordem geral de predominância permanece relativamente constante ao longo de todo o *corpus*.

Gráfico 3: Distribuição de Línguas por Grupo Étnico da Guiné-Bissau



Fonte: Elaboração própria.

Os dados gerais da pesquisa demonstram que a LG ocupa posição amplamente dominante, representando 55,4% das ocorrências identificadas. Em seguida aparecem as línguas *Balanta* (14,0%), *Mandinga* (10,0%), *Papel* (4,6%) e *Fula* (4,2%). As demais línguas

apresentam percentuais inferiores, entre elas *Manjaco* (3,0%), *Mancanha* (2,4%), *Bijagó* (2,2%), Francês (0,9%), Espanhol (0,7%), *Beafada* (0,6%), *Timené* (0,6%), Inglês (0,4%), *Wolof* (0,4%), *Banhum* (0,2%), *Felupe* (0,2%), *Nalú* (0,2%) e *Nigerina* (0,2%).

A predominância da LG em todos os grupos confirma seu papel como principal língua de comunicação interétnica do país e reforça sua relevância na constituição lexical no PGB. Da mesma forma, a forte presença das línguas *Balanta* e *Mandinga* parece refletir não apenas a expressividade demográfica desses grupos, mas também sua importância histórica e sociolinguística na configuração do espaço linguístico guineense.

Outro aspecto relevante é que os resultados foram obtidos a partir de um grupo relativamente homogêneo do ponto de vista sociocultural, composto por docentes do ensino superior, pertencentes ao segmento mais escolarizado da população. Tal característica pode ter contribuído para a relativa estabilidade observada na distribuição das influências linguísticas entre os diferentes grupos étnicos.

Nesse sentido, os resultados suscitam novas questões de pesquisa. Perguntamo-nos, por exemplo, se a mesma distribuição seria observada em amostras compostas por falantes com menores níveis de escolaridade, residentes em outras regiões do país ou pertencentes a diferentes grupos socioprofissionais? É possível que a ampliação do universo de informantes revele novos padrões de influência lexical e diferentes graus de participação das línguas guineenses na constituição do PGB.

Dessa forma, embora os dados aqui apresentados permitam identificar tendências importantes sobre o comportamento lexical do PGB entre falantes altamente escolarizados, consideramos necessária a realização de estudos futuros com amostras mais amplas e socialmente diversificadas. Tais investigações poderão contribuir para uma compreensão mais abrangente dos processos de contato linguístico e da dinâmica da variação lexical no contexto multilíngue da Guiné-Bissau, comparativamente com os dados linguísticos das principais línguas majoritárias na Guiné-Bissau, gráfico atrás apresentado na **Subseção 2.5.2**, dos dados de Namone (2020). Os dados desta pesquisa apresentam resultados muitos aparentados aos do estudioso, mantendo as LG e *Balanta* como as principais línguas que introduzem maiores números de itens e unidades lexicais no PGB (2020, p. 27).

Nota-se uma ligeira diferença entre eles, visto que, nos resultados desta pesquisa, na terceira posição, figura a língua *Mandinga* em vez de *Fula* na de Namone. Tal fato talvez possa

se justificar porque dois dos nossos informantes "*Fulas*" (F59 e F46) não possuírem essa língua como as suas LM, mas, sim, as línguas *Balantas* e *Manjacas*, respectivamente[29].

Outra ligeira diferença ainda é a superação lexical da língua *Papel* à *Fula*, posicionando-a assim, na quarta posição, o que faz a língua *Fula* figurar na quinta posição. Essas superações lexicais do *Papel* à *Fula*, suponha-se que pode ser influenciada pela situação geográfica da etnia *Papel* em relação ao lugar em que a pesquisa foi realizada. Como atrás se pode constatar, as zonas geográficas do Setor Autônimo de Bissau – SAB (capital do país, lugar em que a pesquisa foi realizada) e Biombo (região vizinha da capital do país) ambos os territórios, tradicionalmente, são de pertenças da etnia *papel*. O uso constante dessa língua étnica nesses territórios de uma ou outra maneira pode interferir positivamente nas práticas linguísticas dos falantes de outras línguas étnicas ali residentes, sobretudo na capital Bissau-guineense, contrariamente à etnia *Fula*, considerando que os seus falantes majoritariamente residem no Leste do país.

Nos resultados gerais desta pesquisa atrás observada (**Tabela 11 e Gráfico 3**), também se observam ligeiras diferenças no posicionamento das línguas em relação ao gráfico apresentado na **subseção 2.5.2**. No entanto, essas diferenças não anulam a presença dessas línguas no gráfico classificatório das línguas majoritárias guineenses apresentado por Scantamburlo (2013). As línguas *Banhuns* e *Timenés* são duas outras línguas guineenses que aparecem aqui nos resultadas desta pesquisa. Estas tratam-se de línguas que, segundo Scantamburlo, na sua tabela classificatórias, são denominadas de "línguas inválidas".

Outrossim, nos resultados gerais desta pesquisa, pode-se notar uma boa quantidade de dados de itens e unidades lexicais das línguas de circulações regionais e internacionais no PGB, nomeadamente, as línguas francesa, inglesa, espanhola, *wolof* e nigeriana. As presenças dessas línguas devem-se ao que acima abordamos (**subseção 2.3)** que, na Guiné-Bissau, para além das línguas africanas (as étnicas e o guineense) e português, os guineenses, no seu grosso modo, são muito fluentes em outras línguas estrangeiras. Suponha-se que isso aconteça devido às questões geográficas com países da ex-colônias francesas e inglesa, ou por razões migratórios e de constantes contatos entre os povos dos países membros da organização sub-regional da CEDEAO da União Africana (UA), organizações que facilitam as livres circulações de pessoas

[29] Sabe-se que o informante F59 a mãe é da etnia Balanta e F46 a mãe e Manjaca, ambos educados pelas comunidades das mães, apesar de sua estrutura étnica é do tipo patriarcal. Nota-se que, o informante F59 usou mais itens e unidades lexicais da etnia Balanta do as da Fula e de igual modo ao informante F46 (consultar a tabela 10).

e bens. Razão pelo qual muitos dos quadros guineenses são formados em muitos dos países membros dessas organizações, sobretudo nos países francófonos. Para Scantamburlo (2013):

> A língua francesa, que tem ocupado um lugar de prestígio na Guiné-Bissau, sobretudo depois da liberalização do Comércio, e, em 1997, a adesão do País à União Económica e Monetária da África ocidental, adoptando o franco CFA como moeda. A forte imigração dos países vizinhos, maioritariamente francófonos, tem levado alguns a afirmar que essa língua está a igualar, em percentagem de locutores, a língua portuguesa (Scantamburlo, 2013, p. 29).

Por fim observa-se, nos resultados gerais da pesquisa, a presença da língua espanhola. Num total de dados de 542 *corpus* desta pesquisa, foram encontrados quatro (4) ocorrências da língua espanhola, o que corresponde a 0,7%. Esses dados foram encontrados na fala do **informante F49**. Destaca-se que este é ex-estudante de um dos países da ex-colônia espanhola.

Outras comparações possíveis ainda são os dados da pesquisa de Djata (2022), realizada no âmbito do mestrado em Português Língua Não Materna (PLNM): Português Língua Estrangeira (PLE) e Português Língua Segunda (PL2), na Universidade do Minho/Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, que confirmam que a LG possui mais léxicos na fala dos seus informantes da pesquisa (p. 114), razão pela qual Siga (2025) justifica que o português não é praticamente usado no cotidiano do guineense, por isso, há fortes tendências haver, constantemente, as presenças de aspectos linguísticos de outras línguas nessa variedade do português, o que lhe obriga a construir uma norma de uso particular que orienta toda a prática linguística nesse país. Guy (2000) considera as normas estritamente locais, funcionando como marcadores de pertencimento a grupos específicos.

As prescrições de uso comum de uma norma para as diferentes comunidades linguísticas do português "representa uma política de imposição cultural muito mais intensa do que às vezes se imagina" (Lagares, 1971, p. 92). Para isso, a definição de uma norma de uso comum pelos falantes de uma determinada comunidade são definidas pelas práticas linguísticas de cada comunidade em particular, visto que, as variações podem ocorrer em variados níveis linguísticos e sociais, a título de exemplo, a variedade do PGB. As variações não só são observadas nos níveis léxico-semanticos, mas também nos nível dos constituintes frasais como adiante se vê.

5.3 Considerações sobre aspectos morfossintáticos observados no *corpus*

Embora o foco desta pesquisa recaia sobre as influências léxico-semânticas das línguas étnicas e da LG no PGB, durante a análise do *corpus* observamos algumas ocorrências relacionadas à organização morfossintática dos enunciados produzidos pelos informantes.

Ressaltamos, entretanto, que tais fenômenos não constituem objeto de análise desta dissertação, motivo pelo qual serão apenas brevemente apresentados, sem aprofundamento analítico.

Conforme discutimos na **subseção 3.3**, o PGB apresenta particularidades em diferentes níveis linguísticos. Segundo Couto e Embaló (2010), por não ser a língua de uso cotidiano da maioria da população guineense, o português encontra-se em permanente contato com a LG e com as demais línguas faladas no país, situação que favorece transferências linguísticas em diversos níveis da estrutura da língua.

Nesse contexto, observamos algumas ocorrências relacionadas à concordância nominal e verbal. Entre elas destacam-se exemplos como:

(01) “Também grupo *Balanta* vestem pano preto e também vestem blusa chamada roupão.”
“Temos que buscar o perfil do professor, buscar perfil do professor não é criar um bom condição para o professor.”
(02) “Sim, a nível nacional, os conteúdos tem que ser mesmas.”

Nos exemplos acima, verificamos ocorrências que divergem das normas gramaticais do português padrão, especialmente no que se refere às marcas de gênero, número e concordância verbal. Entretanto, não realizaremos uma análise detalhada desses fenômenos, uma vez que eles extrapolam os objetivos desta investigação. Também identificamos alguns casos relacionados ao emprego de pronomes demonstrativos e de elementos dêiticos espaciais, como nos seguintes trechos:

(03) “Nbó, eu gosto desses encontros de tradições que se fazia antes...”
(04) “Você chega aí e você está num nível inferior a uma vendedeira que vende no passeio aqui.”

Além disso, registramos ocorrências de dupla negação e de ordenação dos constituintes frasais que se afastam dos padrões mais frequentes do português europeu e brasileiro, como em:

(05) “Você vê que nenhum peixe não tem sabor.”
(06) “Mas eu muito gosto de caldo de mancarra.”

Consideramos que tais ocorrências podem estar relacionadas aos processos de contato linguístico entre o português, a LG e as demais línguas guineenses, bem como às

especificidades sociolinguísticas que caracterizam essa variedade da língua portuguesa. Contudo, uma investigação mais aprofundada dessas estruturas exigiria um tratamento teórico-metodológico específico voltado para aspectos morfossintáticos e discursivos do PGB.

Dessa forma, optamos por apenas registrar a ocorrência desses fenômenos no *corpus*, reconhecendo sua relevância para a descrição do PGB e indicando-os como possibilidades para futuras pesquisas. Nosso interesse central nesta dissertação permaneceu voltado para a análise das influências léxico-semânticas identificadas nas falas dos participantes e para a compreensão do papel do contato linguístico na constituição lexical dessa variedade do português.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta sessão, são apresentadas as principais conclusões que são retiradas a partir desta pesquisa, das quais, nos permitem fazer profundas reflexões sobre as realidades sociolinguísticas da Guiné-Bissau. Também permite às entidades políticas educativas guineenses a tomada de decisões e/ou medidas adequadas que poderão auxiliar as implementações das práticas pedagógicas pertinentes às particularidades sociais guineense.

Por ser um estudo sociolinguístico com um público homogêneo do ponto de vista sociocultural, apesar de refletir a realidade sociolinguística guineense, este estudo é efetuado apenas com os professores da Escola Superior da Educação/"Unidade Tchico Té"/Bissau. A falta de estudos sociolinguísticos com públicos heterogêneos da variedade PGB nos move para os próximos tempos: no nível acadêmico próximo, fazer estudos do gênero, com um público mais abrangente, em todo o território guineense, incluindo os fatores linguísticos e sociais selecionados.

A necessidade de haver outros estudos sociolinguísticos com informantes de perfis sociais mais heterogêneos tende saber se os resultados daquela serão diferentes aos resultados dessa pesquisa? Por isso tencionamos fazer um estudo de gênero, o que nos permitirá chegar a uma conclusão mais abrangente do estado real dessa variedade do português. Por outro lado, com outros estudos adicionais, tencionamos futuramente produzir dicionário monolíngue do PGB, o que irá descrever não só as particularidades do PGB, mas também disponibilizará aos consulentes um leque de léxico dessa variedade do português para as futuras consultas em diferentes áreas do saber.

O presente estudo procurou analisar as influências léxico-semânticas das línguas éticas e LG no português falado na Guiné-Bissau, com 16 professores da ESE/UTT. Os dados deste estudo confirmam algumas influências léxico-semânticas das línguas étnicas e LG no falar do português falado na Guiné-Bissau por pessoas escolarizadas, ou seja, falantes do potuguês culto da Guiné Bissau. Os dados também indicam para uma tendência de os falantes do PGB procederem constantes criatividades lexicais das línguas dos seus cotidianos, fato esse que aponta que continuará havendo constantes alterações em diferentes estruturas da língua, provocando, assim, as mudanças linguísticas. Essas mudanças contribuem para a formação de uma variedade particular do português, o PGB, cada vez mais diferente das demais variedades lusófonas.

Essa investigação fomenta reflexões sobre a realidade sociolinguística guineense e contribui para o reconhecimento da diversidade linguística de Guiné-Bissau e características

lexicais do português desse país. Além disso, pode auxiliar no planejamento de políticas linguísticas e em ações que reflitam sobre como a língua portuguesa pode/deve ser ensinada perante o contexto multilíngue e multicultural deste país.

Elegemos esse tema porque compreendemos os ganhos que este terá após as pesquisas, os benefícios que serão conseguidos dentro da comunidade lusófona, em particular, o povo da Guiné-Bissau e do mundo,. Trata-se de uma obra que apresenta um estudo aprofundado da variedade do PGB, dando a sua contribuição para a "Educação de qualidade".

Por outro lado, será um contributo importante para o progresso científico não só para guineenses, mas também, servirá de acervo para as consultas no âmbito dos *corpus* da Sociolinguística do PGB, no campo científico e entre outros fins. Por isso foi elaborado o presente trabalho, visando informar acerca da realidade sociolinguística guineense.

Além disso, os resultados da pesquisa e das análises de frequências e proporções feitas entre os grupos étnicos, confirmaram a existência de diferenças percentuais significativas entre os itens e unidades lexicais das línguas das circulações internais, regionais e internacionais no PGB. A razão dessas diferenças se deve às diferentes formações sociolinguísticas, profissionais e experiências de vida, como atrás se constata, dos informantes da pesquisa.

Todavia, O PGB, sendo um português que está em acelerada construção, emerge-se, cada vez mais, dos processos de criatividades léxico-semânticas mediante empréstimos e estrangeirismos, processos que nunca deixarão de ocorrer nessa variedade do português, razão pela qual, segundo Timbane (2013), resulta de cenários sociolinguísticos que englobam conjunturas e fatores de diferentes origens. Na realidade sociolinguística guineense, observa-se os seguintes fatores: (a) contato entre as línguas locais com o português, o francês (incluindo línguas locais dos países francófonos cujas fronteiras com a Guiné-Bissau) e o inglês; (b) valorização das tradições étnicas, da cultura e das línguas guineense; (c) alto índice de analfabetismo; (d) fraco domínio da língua portuguesa pela maioria dos professores; (e) inexistências de termos em português para nomear certos referentes, tendo em conta às situações sociais, culturais e geográfica do país.

No que tem a ver com o conhecimento linguístico em português, registram-se diferenças significativas nos domínios da LP, tendo em conta os diferentes perfis sociais (diferentes áreas de formações e experiências de vida) de cada informante. Por exemplo: (a) registram-se mais vocabulários das línguas étnicas e LG nos professores informantes de áreas filológicas e áreas exatas, sobretudo os professores de Francês, Inglês e História, formados no estrangeiro que os professores informantes das mesmas áreas, localmente formados; (b) mais casos ainda se registram com professores informantes com menos anos de serviços na docência, exceto

professores informantes da LP; (c) mais casos de outras línguas também se registram com professores informantes que têm domínio maior da LG e outras do que os professores informantes com menos domínio dessas línguas; por último, (d) registram-se desiquilíbrios nos domínios da LP entre informantes da pesquisa.

Diante dos resultados advindos das análises comparativas entre os grupos étnicos, registram-se dados significativos dos empréstimos e dos estrangeirismos no PGB. É possível observar ligeiras diferenças nas classificações e nos posicionamentos das principais línguas guineenses, conforme apresentado por Scantamburlo (2013, p. 28) e Namone (2020, p. 27). A LG classifica-se como a língua com maiores itens e unidades lexicais no PGB, tendo 55,4% de itens e unidades lexicais, seguida das línguas *Balanta*, com 14,0%; *Mandinga*, com 10%; *Papel*, com 4,6%; *Fula*, com 4,2%; *Manjaca*, com 3%; *Mancanha*, com 2,4%; *Bijagó*, com 2,2%; Francesa, com 0,9%; Espanhola, com 0,7%; *Beafada*, com 0,6%; *Timené*, com 0,6%; Inglesa, com 0,4%; *Wolof*, com 0,4%; *Banhum*, com 0,2%; *Felupe*, com 0,2%; *Nalú*, com 0,2% e Nigeriana, com 0,2%.

As razões dessas interferências justificam-se porque a Guiné-Bissau, por ser um país multilíngue e multicultural onde as diversidades linguísticas e culturais são fortemente manifestadas em todo o território nacional, é óbvio que o uso dessas práticas e das diferenças linguísticas em diferentes áreas geográficas resultam em fatores cujos efeitos interferem no português enquanto a LO e a única língua no setor de ensino, o que ainda pode provocar cada vez mais as aliterações em diferentes estrutura da LP, devido às constantes presenças das caraterísticas e de práticas linguísticas das comunidades guineenses.

As interferências léxico-semânticas dos itens e unidades lexicais verificadas na pesquisa, à semelhança de estudo já feito na área da sociolinguística, como os estudos de Cabi (2023), registram fortes presenças dos aspectos de fatores linguísticos das línguas guineenses no PGB, dado que os falantes bilingues ou multilíngues, no uso de uma determinada língua, tendem a conservar os aspectos linguísticos das línguas de suas mundividências, ou seja, ficam mais explícitos os fatores linguísticos de línguas de maiores domínios desses informantes na utilização da outra, sobretudo a língua que não é de seus usos cotidianos ou LNM, o caso do português na Guiné-Bissau. Para a maioria dos falantes guineenses, as línguas guineenses (as étnicas e a LG) são as principais línguas de interação, fundamentalmente a LG enquanto a língua da identidade nacional. O português tem uso restrito: na escola, em algumas instituições públicas/privadas e em algumas poucas estruturas familiares.

Conclui-se que, na Guiné-Bissau, a relação entre a LP com a população guineense é profundamente influenciada pelo seu passado colonial, como apontam Cá (2000), Siga (2022)

e Namone (2023). Na Guiné-Bissau, como país colonizado por Portugal, a população local muitas vezes associa o português a esse período de dominação, o que contribui para que o idioma seja percebido principalmente como uma LE. Essa percepção não é apenas uma questão de história, mas também reflete na prática diária, onde o uso do português é relativamente limitado e muitas vezes resistido, seja de forma consciente ou inconsciente. Essa resistência pode estar relacionada ao desejo de manter as línguas e culturas locais, bem como ao impacto emocional e social que a colonização deixou na sociedade. Assim, a relação populacional com o português na Guiné-Bissau é marcada por uma complexa mistura de história, identidade cultural e resistência, que influencia a forma como a língua é percebida e utilizada atualmente. Salienta-se que a resistência face à LP não só é vista no campo acadêmico como também em todas as estruturas organizacionais do país.

Ademais, esta pesquisa, portanto, permitiu confirmar que o PGB constitui uma variedade linguística fortemente marcada pelo contato entre o português, a LG, as demais línguas faladas no país e as línguas de ocorrências regionais e internacionais. Os resultados evidenciaram que as influências léxico-semânticas dessas línguas se manifestam de forma significativa mesmo entre falantes pertencentes ao segmento mais escolarizado da população, demonstrando que o multilinguismo constitui um dos principais fatores responsáveis pela configuração atual no PGB. Nesse sentido, os dados analisados corroboram os pressupostos da Sociolinguística Variacionista ao evidenciarem que a heterogeneidade reflete diretamente as condições históricas, sociais e culturais vivenciadas pelos falantes.

Neste estudo ainda se constata que boa parte dos itens e unidades lexicais encontrados nos resultados dessa pesquisa não estão dicionarizados nas obras de Scantamburlo (2002) e de Stein (2021, V. I e II), de “Dicionários bilingues” (Português-Crioulo de Guiné-Bissau). Outros estudos poderão auxiliar nos levantamentos lexicais e nas elaborações dos dicionários que incluirão essas e mais outras entradas lexicais ainda. Os permanentes estudos sociolinguísticos são importantes em todas as línguas naturais, sobretudo em países cujas realidades são marcadas palas realidades multilíngues e pelo multiculturalismo, o que irão permitir as promoções das práticas corretivas nos usos e nos ensinos das línguas naturais.

Assim, esta pesquisa também contribui para a descrição do PGB, ampliando o conhecimento sobre a diversidade linguística existente em Guiné Bissau, reforçando a necessidade de reconhecimento das especificidades linguísticas dos PALOP. Nesse sentido, a pesquisa dialoga diretamente com os princípios de valorização da diversidade linguística e cultural e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, especialmente o ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 10 (Redução das Desigualdades).

Reconhecemos, contudo, que esta investigação contemplou um grupo específico de falantes – docentes da Escola Superior de Educação da Unidade “Tchico Té” – , não permitindo generalizações para toda a população guineense. Dessa forma, consideramos fundamental a realização de novos estudos que incluam participantes de diferentes regiões do país, níveis de escolaridade, faixas etárias, sexo/gênero e grupos socioprofissionais. Pesquisas futuras poderão verificar se os padrões observados nesta dissertação se mantêm em amostras mais amplas e diversificadas, contribuindo para uma descrição ainda mais abrangente do PGB.

Por fim, destacamos que um dos produtos desta pesquisa consiste na constituição de um *corpus* oral organizado e documentado do PGB. Os arquivos de áudio das entrevistas, acompanhados das fichas sociolinguísticas dos participantes e demais materiais produzidos durante a investigação, encontram-se reunidos e organizados em repositório digital vinculado ao Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR). Esse material poderá servir de base para futuras pesquisas sobre o PGB, ampliando as possibilidades de investigação nos campos da Sociolinguística, da Linguística do Contato, da Lexicologia, da Lexicografia e do ensino de línguas. O acesso ao acervo poderá ser realizado por meio do seguinte endereço eletrônico: https://drive.google.com/drive/folders/1zU54hDR5XmKCQ0MjmJILEH5DNN8GD114, disponibilizado em modo de consulta para pesquisadores interessados no tema.

Esperamos que esta dissertação represente não apenas uma contribuição para os estudos sobre o PGB, mas também um incentivo à realização de novas pesquisas voltadas para a documentação, descrição e valorização da diversidade linguística guineense. Compreendemos que conhecer e registrar essa realidade linguística constitui um passo fundamental para o fortalecimento da identidade cultural do país e para a consolidação do PGB como objeto legítimo de investigação científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGEL, Johannes. O crioulo da Guiné-Bissau. Resenha de: BENSON, Carolyn Joe. Teaching beginning literacy in the mother tongue: a study of the experimental crioulo/portuguese primary project in Guinea-Bissau. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 19/20, p. 251-254, 1997. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20957/13560. Acesso em: 26 fev. 2025.

AZEREDO, Maria Olga; PINTO, Maria Isabel Freire; LOPES, Maria do Carmo. **Da Comunicação à Expressão:** Gramática Prática de Língua Portuguesa: 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário. Lisboa: Raiz Editora, 2014. 480 p.

BACHMANN, Agnes Caroline Silva. **O multilinguismo no contexto escolar da Guiné-Bissau**. 2014. 51 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNB-2_c5bac4a60fa7687ed5dd72f81e929e9f. Acesso em: 26 set. 2026.

BAGNO, Marcos. **Norma Linguística, hibridismo & tradução**. Traduzires, Brasília, n. 1, maio 2012. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/20891/19261. Acesso em: 25 abr. 2025.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. revista e ampliada - São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 352 p. (Parábola Breve, 6).

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. 54. ed. São Paulo: Loyola, 2011. 224 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Bakhtin-Marxismo_filosofia_linguagem.pdf. Acesso em: 12 out. 2025.

BALDÉ, Baró. **Formação de professores de língua portuguesa na Escola Superior Tchico Té – Guiné-Bissau.** 2013. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa: Língua Estrangeira/Língua Segunda) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/109489105/Forma%C3%A7%C3%A3o_de_professores_de_l%C3%ADngua_portuguesa_na_Escola_Normal_Superior_Tchico_T%C3%A9_Guin%C3%A9_Bissau. Acesso em: 31 mar. 2024.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. (Acadêmica, 54). Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=whN51Lj-7GoC. Acesso em: 6 mar. 2026.

BICARI, Lino (1990) – "Guiné-Bissau: un mosaico humano". **Terra Solitária, Revista de Questões Internacionais**, Lisboa, n. 24, Set-Out: 3-6.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa: Revista de Linguística**, Araraquara, v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664. Acesso em: 23 mar. 2026.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora?***:* sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 263 p.

BULL, Benjamim Pinto. **O crioulo da Guiné-Bissau**: filosofia e sabedoria. 1ª ed., Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1989.

CÁ, Cristina Mandau Ocuni; CÁ, Lourenço Ocuni. **A questão da formação dos professores do ensino básico na Guiné-Bissau:** desafios e perspetivas do governo nos anos de 1975-1986. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 2, n. 5, p. 20-32, maio/ago. 2017.

CÁ, Lourenço Ocuni. A educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973). **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 2, n. 4, p. 1-19, out. 2000. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10576/ssoar-etd-2000-1-ca-a_educacao_durante_a_colonizacao.pdf. Acesso em: 19 fev. 2025.

CÁ, Segunda; TIMBANE, Alexandre António. **A variação léxico-semântica e o ensino do português guineense.** Revista Internacional em Língua Portuguesa, Lisboa, n. 39, p. 129-152, 2021. Disponível em: https://www.rilp-aulp.org/index.php/rilp/article/view/265. Acesso em: 12 mar. 2025.

CÁ, Virgínia José Baptista. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural:** o caso da Guiné-Bissau. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br. Acesso em: 28 jan. 2025.

CABI, Lucas Augusto. **A variação léxico-semântica do português guineense: o caso de Bissau.** 2023. Monografia (Graduação em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2023. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3572/1/2023_mono_lucascabi.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

CALVET, Louis Jean. As Políticas Linguísticas. In: CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. p. 133-146.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p.

CONSTITUIÇÃO (1996). **Constituição da República da Guiné-Bissau. Bissau, 1996.** Disponível em: https://biblioteka.sejm.gov.pl/wp-content/uploads/2017/04/Gwinea_Bissau_port_010117.pdf. Acesso em: 31 mar. 2025.

COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas:** teoria e prática. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2014.

COUTO, Hildo Honório do. **Política e planejamento linguístico na Guiné-Bissau**. Papia, Brasília, n. 1, p. 47-57, 1990. Disponível em:

https://www.academia.edu/66532394/Pol%C3%ADtica_e_planejamento_lingu%C3%ADstico_na_Guin%C3%A9_Bissau. Acesso em: 10 set. 2024.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau**. Papia, Brasília, n. 20, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/66532404/Literatura_l%C3%ADngua_e_cultura_na_Guin%C3%A9_Bissau. Acesso em: 17 jan. 2025.

DA SILVA, Ciro Lopes; SAMPA, Pascoal Jorge. **A língua portuguesa na Guiné-Bissau: influência do crioulo e a identidade cultural no português**. Revista Internacional em Língua Portuguesa, Lisboa, n. 31, p. 231-247, 2017. Disponível em: https://www.rilp-aulp.org/index.php/rilp/article/view/RILP2017.31.10. Acesso em: 14 dez. 2025.

DJALÓ, Ibrahaima (1987). Contribuição para uma Reflexão: Educação, Multilinguismo e Unidade Nacional. In: Soronda, **Revista de Estudos Guineenses**. Nº 3, janeiro de 1987, INACEP (Bissau).

DJALÓ, Mamadú Saliu; RUBIO, Cássio Florêncio. **Guineense**: a língua de identidade nacional da Guiné-Bissau. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/guineense-a-lingua-de-identidade-nacional-da-guine-bissau/. Acesso em: 20 fev. 2025.

DJALÓ, Mamadú Saliu; RUBIO, Cássio Florêncio. Contextualização sociolinguística do "crioulo" guineense em Guiné-Bissau. **Fórum Linguístico**, v. 21, p. 10994-11008, 2024.

DJATA, Vladimir Augusto. **DESENVOLVIMENTO LEXICAL DE FALANTES BILINGUES NA GUINÉ-BISSAU**. 2022. Dissertação (Mestrado em Português Língua Não Materna) – Universidade do Minho, Braga, 2022. Disponível em: https://repositorium.uminho.pt. Acesso em: 7 abr. 2026.

EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e fator da identidade nacional. **Papia**, Brasília, v. 18, p. 101-107, 2008. Disponível em: http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/62/56. Acesso em: 11 jan. 2025.

FONSECA, Serafina P. B. da. Educação para a cidadania na Guiné-Bissau. In: **REVISTA GUINEENSE DE EDUCAÇÃO E CULTURA**. O estado da educação na Guiné-Bissau. n. 1, p. 83-95, mar. 2011.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_cartas_a_guine_bissau.pdf. Acesso em: 29 fev. 2025.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; PLUYE, Pierre; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Métodos de pesquisa mistos e revisões de literatura mistas: conceitos, construção e critérios de avaliação. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, Uberaba, v. 8, n. 2, p. 4-24, set. 2019/fev. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net. Acesso em: 13 jun. 2024.

GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de integração. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/886/771. Acesso em: 24 fev. 2025.

GUY, Gregory R. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetal nos padrões de variação linguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 17-32, 2000. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30194/18703. Acesso em: 20 abr. 2025.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and bilingualism (Bilinguismo e Bilinguismo)**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. 484 p.

INTIPE, Bernardo Alexandre; TIMBANE, Alexandre António. O papel do kriol nas narrativas guineenses: aspectos sócio-históricos. **Revista Coralina**, Cidade de Goiás, v. 1, n. 2, p. 36-46, jul. 2019.

INTUMBO, Incanha. **Estudos comparativos do crioulo guineense, do balanta e do português**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007. Disponível em: https://www.uc.pt/ciuc/creolistics/research/guine/intumbo_2007. Acesso em: 6 mar. 2026.

INTUMBO, Incanha. Guiné-Bissau: um "retrato" de línguas e cultura. In: **Congresso afro-luso-brasileiro**, Coimbra, 2024. Anais [...]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2024. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel66/IncanhaIntumbo.pdf. Acesso em: 15 mar. 2025.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 392 p. (Linguagem, 26).

LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística?**: desafios geopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola Editorial, 2018. 256 p. (Linguagem, 82).

LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (org.). **Políticas das normas e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 392 p.

LOPES, Carlos. **Para uma leitura sociológica da Guiné-Bissau.** Bissau: INEP, 1988.

LUCCHESI, Dante. Crioulística. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JÚNIOR, Celso (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016. p. 73-85.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013. 128 p.

MENDES, Aldair. **A Distinção Fonética e Fonológica dos sons vocálicos no português europeu e no português da República da Guiné-Bissau**, 2023. Monografia (Graduação em Língua Portuguesa) – Escola Superior de Educação da Guiné-Bissau, Unidade de Ensino "Tchico Té", 2023, 61p.

MONTEAGUDO, Ricardo. Contrato, moral e política. In: MONTEAGUDO, Ricardo. **Retórica e política em Rousseau**. São Paulo: Editora UNESP, 2021. p. 113-125. Disponível em: https://doi.org/10.7476/9786557140499.0009. Acesso em: 30 abr. 2026.

MORAIS, Ana Maria; NEVES, Isabel Pestana. **Processos de intervenção em contextos pedagógicos**. Educação, Sociedade & Culturas, Porto, n. 19, p. 49-87, 2003. Disponível em:

https://repositorio.ulisboa.pt/bitstreams/14a19c97-3c99-4844-bce2-e1c6e445f8e7/download. Acesso em: 10 ago. 2024.

MORGADO, Marta; MARTINS, Mariana. **Dicionário escolar de língua gestual guineense**. 1. ed. Lisboa: Surd'Universo, 2008. 146 p.

NAMONE, Dabana. **Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali**. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020. Acesso em: 17 out. 2024.

NAMONE, Dabana; TIMBANE, Alexandre António. Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau 43 anos após a independência. Mandinga: **Revista de Estudos Linguísticos**, Redenção, v. 1, n. 1, p. 39-57, jan./jun. 2017. Disponível em: https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/34/24. Acesso em: 11 mar. 2025.

NARO, Anthony Julius (1978). **A study on the origins of pidginization. Language**. 54.2, p. 314-347.

N'TCHIGNA, M'bana. **A educação no processo de libertação da Guiné-Bissau: a percepção de Amílcar Lopes Cabral**. 2017. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local) – Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, Vitória, 2017. Disponível em: https://emescam.br/wp-content/uploads/2021/03/16_m_bana_n_tchigna.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

PEREIRA, Luísa Teotónio. **Guiné-Bissau:** 3 anos de independência. Lisboa: CIDAC, 1977.

RUBIO, Cássio Florêncio; CÁ, João Fernando. A avaliação do português e das demais línguas de Guiné-Bissau por estudantes guineenses do ensino secundário. **CADERNO DE LETRAS** (UFPEL), v. 33, p. 147-182, 2019. Disponível em: https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=DJALO%2C+M.+S.%3B+RUBIO%2C+C%C3%81SSIO+FLOR%C3%8ANCIO.+Guineense%3A+a+l%C3%ADngua+de+identidade+nacional+da+Guin%C3%A9-Bissau.+&btnG=. Acesso em: 06. 08. 2026.

SANÉ, Samba. Os desafios da educação na Guiné-Bissau. **Temas em Educação**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 55-77, jan./jun. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/39717/20424. Acesso em: 1 mar. 2025.

SANTOS, Manuel dos. **Guiné-Bissau: a formação da nação**. In: A Construção da Nação em África: os exemplos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Bissau: INEP, 1989. p. 188-197.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do Guineense:** dicionário guineense – português; dicionário guinensi-purtuguis. v. 2. Lisboa: Colibri; Guiné-Bissau: FASPEBI, 2002.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do guineense-português**. 2. ed. Lisboa: Colibri, 2018.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português:** o ensino bilíngue português-crioulo guineense. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

SIGA, Júlio Mário. **Divulgação e consolidação do português L2 na Guiné-Bissau: uma proposta a partir da análise do sistema literário guineense**. São Paulo: Editora Dialética, 2025. 164 p.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil**. Contingentia, Porto Alegre, v. 1, p. 1-10, 2006. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20578/000639062.pdf. Acesso em: 1 jan. 2025.

STEIN, Cirineu Cecote. **Dicionário bilíngue português–crioulo da Guiné-Bissau**. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. v. 1. 315 p.

STEIN, Cirineu Cecote. **Dicionário bilíngue português–crioulo da Guiné-Bissau**. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. v. 2. 347 p.

TIMBANE, Alexandre António. **Variação e mudança da língua portuguesa em Moçambique**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/6c620f6b-7acf-4881-81d0-f291422a420c/content. Acesso em: 6 mar. 2026.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 152 p. (Linguagem, 18).

APÊNDICES 01: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Araraquara, SP, Brasil, 14 de março de 2025.

Assunto: Pedido de autorização.

1. Solicitamos, respeitosamente, autorização para realização de pesquisa a ser realizada com docentes da Unidade "Tchico Té"/Escola Superior de Educação - ESE de Guiné Bissau como parte da pesquisa de mestrado "**As influências léxico-semânticas das línguas étnicas e crioula no falar de docentes da Escola Superior de Educação da Guiné-Bissau: o caso de Tchico Té"**, de Carlitos Maca, sob minha orientação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP, Campus de Araraquara, São Paulo, Brasil. O objetivo principal dessa pesquisa é investigar as ***influências léxico-semânticas das línguas étnicas e do crioulo no falar do português de docentes.*** Para atingirmos os resultados dessa pesquisa, necessitamos realizar uma entrevista gravada, de aproximadamente 45 minutos, em formato remoto e individual, com os docentes com a temática relacionada à experiência como docente.

2. Salientamos que esta autorização é indispensável para a submissão do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP, órgão responsável pela apreciação ética em pesquisa com seres humanos no Brasil. E conforme prevê a Resolução 466/12 CNS, a pesquisa somente será iniciada a partir da aprovação do referido comitê.

3. Sem mais para o momento, agradecemos a atenção e nos colocamos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

_____

Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa
Professora orientadora

De acordo com a realização da pesquisa:
( ) deferido ( ) indeferido

_____ _____

Assinatura do Responsável Local e data

APÊNDICE 02: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto de Pesquisa de Mestrado: **As influências léxico-semânticas das línguas étnicas e crioula no falar de docentes da Escola Superior de Educação da Guiné-Bissau: o caso de Tchico Té**

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento ao qual serei submetida (o). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que eu sou livre para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo.

Bissau, _____/_____/_____

Assinatura do responsável legal: _____
Documento de Identidade do responsável legal: _____
Assinatura do pesquisador mestrando: _____

Telefones de contato:

Pesquisador (Responsável) 1: Juliana Bertucci Barbosa
Telefone: (34) 999160550
E-mail: julianabertucci@gmail.com
Pesquisador 2: Carlitos Maca
Telefone: (16) 997893852
E-mail: carlitos.maca@unesp.br/carlitosmaca017@gmail.com

Em caso de dúvida em relação a este documento, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da UNESP. E-mail: ppllp.fclar@unesp.br

APÊNDICE 03: QUESTIONÁRIOS DE INFORMAÇÕES E ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO

1.1. DADOS PESSOAIS/PERFIL LINGUÍSTICO

Nome Completo:	**Idade:**
Sexo:	**Étnia:**
Local de Nascimento:	**Língua materna:**
Nível de escolaridade:	**Morada:**
Para álem da sua língua étnica/materna, que outra(s) língua(s) fala (mencionar): **Já morou fora da Guiné-Bissau por um período do tempo?** **Caso for sim.** **Onde e quanto tempo?**	

FASES DA ENTREVISTA:

2.1. **AS REFEIÇÕES TÍPICAS DA GUINÉ-BISSAU**

2.1.1. Quais são os seus pratos e bebidas favoritos para o pequeno-almoço, almoço, lanche e jantar?

2.1.2. E o que não gosta de tomar ao pequeno-almoço, almoço, lanche e jantar?

2.1.3. Modos de preparados: quais são os ingredientes usados na preparação desses pratos, cita um ou dois deles?

2.1.4. Quais são as frutas que já conhece e que gosta de comer?

2.1.5. E quais delas é que são mais vendidas no local em que você mora?

2.2. **A CULTURA**

2.2.1. Relate as tradições culturais interétnicas existentes na Guiné-Bissau que conhece.

2.2.2. Das tradições culturais que já viu, pode nos informar como estes grupos se vestem nos momentos dessas manifestações?

2.2.3. As crianças do seu bairro/aldeia têm muitas brincadeiras? Se for sim, mencione nomes de algumas delas?

2.3. **AGRICULTURA E PESCA**

2.3.1. Nas atividades agrícolas, quais os alimentos mais produzidos no país?

2.3.2. Quais são os tipos de peixe que conhece e que mais gosta?

2.4. **MEDICAMENTOS E CURA TRADICIONAL**

2.4.1. Mencione os nomes dos medicamentos tradicionais guineense que você conhece.

2.4.2. Em alguma (s) vez (es) usou um(ns) desse (s) medicamento(s) para o seu tratamento? (***em caso da resposta sim***)

2.4.3. Qual(is) e por quê?

2.5. EDUCAÇÃO

1. Relate, de acordo com o seu ponto de vista, os maiores entraves do sistema educativo guineense e aponte as possíveis saídas.

APÊNDECE Nº 04: TRECHOS TEXTUAIS DE CADA INFORMANTES DOS ÁUDIOS TRANSCRITOS

Informante F46

Eu sou da étnia ***Fula***...
A minha língua materna é Fula, mas também, falo ***Manjaco***.
Nbó, como é sabido, a Guiné-Bissau tendo que a nossa diversidade linguística.
Nbó, como é sabido, a ***Guiné-Bissau*** tendo que a nossa diversidade linguística.
O aquilo que aparece, enquanto ***matabicho*** nós dizemos, eu como.
Se aparecer um ***futi*** de manhã, eu como.
Hu-huh, não tenho preferência, mas só que eu gosto de beber alguma coisa.
...eu posso ***dubriar*** como se faz....
...se, por exemplo, no almoço, depois de eu almoçar, eu pego, tipo uma bebida, tipo um ***sumo***...
Ah... por exemplo, o ***caldo de chabeu***, o ***caldo de mancara***, ou futi, isso eu consigo, isso eu consigo!
...esses mariscos, mariscos, ou peixe, peixe, peixe já... como é que se chama esse peixe? ***Kselébissonh***...
...pega ***malgueta***, pega, pega mais o quê?
Pega, você pega malagueta, você pega conturbedja...
...você pega he..., você pega uma coisa, uma diversidade e tudo hu..., para fazer, depois, ali você vai, como ***pilar*** não é?
...fazer o arroz, depois do arroz, pôr ao prato e pegar o ***óleo de palma***...
Eu conheço a ***mango***...
Lá, essa altura, vendem-se mais a manga, também ***foli***...
He... por exemplo, essa, esse ***jogo de cabra-cega***, ***trinta e um (31)***, ***surumba***, ***bilas***...
Mas, mas você vê ***bagre***...
você vê você vê ***bentana***...
você vê ***esquilão***.
É essa coisa toda, ***curbina***...
Você vê... quando alguém vai fazer cozinha de bagre com ***chabéu***...
Por mais que o peixe... diz-se, por exemplo, de ***djafal***, há pessoas que não gostam...
...há uma planta ali ***Bulungudjubá***...

Informante F57

Heh…, heh… para o pequeno-almoço costumo comer mais ***fute***...
...para o almoça, a minha preferência sempre é e também gosto de ***djambo***...
… ao contrário costumo tomar ***mancara***...
Ao jantar, eu costumo comer, como dizem, não sei o nome assim, ***cuntchur de mancara***...
As bebidas preferidas heh… heh... ***sumo***...
… a mancara crua digamos assim, ***pilada***, misturada com o arroz e ingrediente...
Conheço manga, laranja, caju, banana, ***ananás***...
...mas as que eu gosto mais, ***nbó***, como já disse depende do período…
...nbó talvez conheço um pouco mais a cultura ***fula*** não é?
Conheço ***fanado***, conheço o casamento...
...costumo ouvir as menininhas a dizer, a chamar um jogo que é não sei ***trinta e cinco (35)*** lançaram-se sandálias uns aos outros...
No país, podemos pensar que é o arroz, o milho, o feijão, a ***mancara***/amendoim, heh… ***nhambe***, mandioca, batata-doce. Essas são em abundância.
Não é então, oiço a falarem de ***djafal***, ***teínha***, ***bentaínha***...

...como, por exemplo, muitas plantas na ***Guiné*** são medicinais não é.
Utilizam-se para diferentes fins, caso de ***padja santa***, conheço, heh…

Informante F59

Huh-huh.
Sou ***fula***.
...em ***Bissalanca***, Sector de ***Safim***, região de ***Biombo***...
Realmente, o que eu mais prefiro, é o ***caldo de chabeu***...
Então, bebidas também, eu prefiro o ***cabaceira***...
...prefiro mais ah... o ***veludo***...
...sim, esses ***sumos*** que eu prefiro...
...também gosto muito de ***forroba***...
...***Caldo de mancara***, sim.
Mas a minha preferência é como dizem em crioulo, ***cuntchur***...
... é da minha preferência, contchur é da minha preferência ou ***moni***.
Eu prefiro mais o ***óleo de palmo***, que nós denominamos site.
Eu prefiro mais o óleo de palmo, que nós denominamos ***site***.
... aqui é ***Bissau*** não é?
Nbó, Manga, eu gosto...
Mangos como são diferentes, todo o tipo eu gosto de mango, diferentes tipos.
Bom, na ***Guiné-Bissau*** há vários, quer dizer, segundo dizem, mosaicos étnicos.
Eu conheço de ***fulas***, conheço dos bijagôs...
... conheço ***mancanh***...
... conheço dos ***papéis***...
... ***mandingas*** também, mas é que isso é um pouco, porque emitem com fulas, quase são as mesmas. E mais qual...?
mandingas também, mas é que isso é um pouco, porque emitem com ***fulas***, quase são as mesmas. E mais qual...?
... e os ***manjacos*** também.
E outra também que eu esqueci que, são ***balantas*** também.
Eu, de fato, assisti muitas ***kussundés***, que se fazem balantas...
Também de fulas que utilizam mais tambores e ***balafons***...
E ***fulupes***, bom, cada um faz as suas danças.
... porque o arroz que nós utilizávamos anteriormente, tanto ***arroz de pilão***...
Mas eu conheço bentana...
...eu gosto muito, ***teinha***...
Eu gosto mais de ***bentana*** e a seguir de teinha, porque ouvi falar também de, he... como que é chamado esse peixe? ***Carapau***.
...mas ouvi falar de ***korocondó***, ***macite***, ***pó-de-conta***...
...porque esse é também ***cabaco*** de ***nduli***.

Informante F49

Hu-huh.
Eu sou ***Suleimane Só***...
... da étnia ***Fula***.
...***nbó*** em Direito...
Nbó o que eu falo em pouco línguas tradicionais é ***Balanta***.
Eh... ***si***...
Ah... nbó para o pequeno-almoço, realmente eu gosto de mais de comer eh... ***mandioca***...

Como é temporal, entra o ***futi***, para comer fute.
... ou ***nhambe*** ou fute assim...
... mas como outro ***sumo*** assim, não.
... gosto mais de ***caldo de mancara***...
... ***sumo de cabaceira***, sim que eu faço...
O que mais não gosto é como... o nosso famoso ***cuntchur***.
... sumo de cabaceira, às vezes, é.. bom para a saúde ***no***?
Eu, não, eu sou especialista desde ***Guiné-Bissau***, ya!
Eu, não, eu sou especialista desde Guiné-Bissau, ***ya***!
...eu gosto de mandioca com ah... ó***leo de palma***...
...eu faço como espécie de ***fufu***, como preparamos fufu...
... eu compro cenoura, compro... como é que se chama? ***Kuntchurbedja***...
... eu gosto embora esse aí, ***ananás***...
sou fã de goiaba eh... ***mango***...
... ***mangos saralhons*** assim, aquele como sempre...
Aquele grupo teatral, realmente eles se apresentavam multicultural, ***bailava*** baile fula, nalú, he... balanta, ***bijagó*** se fazia...
Aquele grupo teatral, realmente eles se apresentavam multicultural, bailava baile fula, ***nalú***, he... balanta, bijagó se fazia...
...no ***Catió***, e de onde se identifica mais cultura é ***broska***...
...baile não era aquele beile como *Kussundé* não...
Eu gostava de ir ver aquele até se fazia tipo concurso de ***tabancas***.
... porque ***pano de pinti***, usam pano de pinti...
Eh... usam ***nghaie***...
... parece é ***trinta é cinco (35)*** ...
...temos aquele coisa que a gente se cultiva e também ***tifa*** se cultiva aí.
Uma outra coisa que somente desapareceu aí, aquele que se chama ***mancara de bijagó***.
.. eu conheço vários. Nbó eu vou chamar aquele de ***Bissau***, mas que não como ***djafal***, ***barbo***, ***becuda***, ***bica***, ***curbina***, eh... ***carapau***, ***caudo***. O peixe que mai me encanta é a ***becuda***...
Eh... eu conheço ***kanafistra***...
... quem está deparando tipo problema de rins se usa aquele como tratamento e conheço também ***belencufan*** aquele usa mais...
... dores de barriga, na época da chuva aquele também se usa, o mesmo ***kulembé*** que a gente usa...
Sim, como se disse, dizem ***kunelate***, parece aquele não sei, ah, nome que eles chamam, mas aquele está aí...
... quando a criança está a passar diarreica ou algo se cozinha aquele e mistura aquele com pouco de arroz você ***dal*** para comer...

Informante B46

Sou da etnia ***Balanta***.
Nasci em ***Bambadinca*** na zona Leste...
Bissau, concretamente ***Bissack***.
Quanto às bebidas, he... dou a preferência, principalmente, ao vinho, ***vinho de palmo***...
O almoço, meu prato mais preferido, ***caldo de mancara***, ***caldo de chabeu***.
Hu-huh!
...para mim, o que eu mais gosto é ***bagre***...
... ***sukulbembe***, mais ou menos.
Ngh.

Conhece também um pouco da etnia ***mandinga*** porque vivo em ***Farim***...
E também a etnia ***fula***.
... e com sacolas que, em crioulo, nós chamamos de ***barkafon***...
... o esqueiro antigamente era ***fuzil*** e próprio faca...
Muitos mesmos nascidos lá não conhecem ***fundo*** nem milho.
Temos dois tipos de milho, milho preto, ***milho basil*** e ***milho cavalo***.
Para mim, peixe preferido, ***bagre*** e ***bentana***.
próprio ***farroba*** é um medicamento, porque o combate é febre.
Tipo de ***mafé***, entre aspas, usar, isso já depende de você, mas que seja a comida de fundo.
... ***cabaseira***, cabaceira, também evita quando a pessoa está com problemas de diarreia...
E a ***cabaco*** da mangueira combate a diarreia.

Informante B41

Para o almoço, prefiro ***caldo branco*** ou ***caldo de mancara***...
Mancara, ***Ngh***...
Chá, mais ***donetie*** donete preparado...
No almoço, também, comida de, como é que é, ***fufu***...
Nbó, não gosto de tomar fruta...
... mais o repolho, cenoura, ***sukulbembe***...
Calo branco, mais com ***bagre***...
...tínhamos horta de ***ananás***...
Pronto, eu vou começar com a cultura ***balanta***. Temos ***kussundé***...
Temos kussundé, dizem ***kanta pó***...
Entre os mais pequenos, chamam-se ***nkfur.***..
Mais crescidos são ***nghaies***...
Tem ainda mais pequenos são ***nghes***...
...aqueles de nghayes ou ***kfur*** tem aquela ***banda*** que se coloca...
Como, não sei se já viu, no momento de ***fanadu***...
depois colocam ***tchifri***...
Às vezes fazem com palha de, não é de ***palmeira***...
Às vezes fazem com palha de, não é de palmeira, mas da vossa zona, ***sibi***...
Às vezes colocam também ***malila***...
começando o jogo de futebol. Lá, ***cabra-sego***...
... no fim da tarde, ***sukundi-sukundi***
Nos últimos tempos fazemos produção de ***nhambe***...
Para mim é quase, ***mandioca***, batata, nhambe...
Eu, Nbó, na nossa zona, porque lá tínhamos dificuldade de peixe. Mais ***djafal***...
Mais conheço djafal, ***garropa***, ***sarreia***, ***bagre***, ***linguado***
Eu trabalhei lá em ***Bolama***, mais ***teinha*** ainda...
Lá em Bolama tem mais ***bentana***...
Mas eu gosto mais de s***arreia***, ***sarreia***, ***carapau***...
Tem aquele outro de gripe, ***badodos***...
Outro mais para baixar a temperatura para as crianças. Tem mais outro, ***kulembé***.
Dar energia... fazem na ***uarga***, no chá
à noite ainda se estamos na ***djumbai***...
Não é prato da ***Guiné*** também.
Até fazem isso de terra para terra, de uma aldeia para outra aldeia, para mostrar disputa, mostrar qual é a ***tabanca*** que pode ganhar o kussundé.
Não é prato da ***Guiné-Bissau*** também.

Informante B47

Balanta.
He... Aeroporto, ***Plack 2***...
Huh.
He..., quarta comida mais favorita é ***caldo de chabeu***...
...***caldo de mancara***...
He... ***sumu*** de limão e sumo de laranja...
Para saborear, também, pode também levar o que se chamam de ***magi***, né?
... mbo, é aquele da etnia ***balanta, Kussundé***...
... *Nghaie*, ***Nkuman*** he... ***nguath***, por vezes, mudam o tom, rsrsrsrss...
Têm mais um traje, alguns usam, por vezes, eles têm um saco, disse ***barkafom***, né?
... ***Bentana*** e tem ali ***djafal***, tem ***teinha***, tem ***carapau*** e tem ***cor-cor*** e já perdi com outros nomes.
Mistura-se com limão, tem que torturar a ***palha de papaia***, torturar a palha de limão, depois mistura e coloca num ***bidão*** e põe no Sol.

Informante B59

Balanta.
Hu-huh.
Sum.
Samba.
Para o almoço, ***nbó*** esses pratos, por exemplo, os caldos, não é?
Os ***caldos brancos***...
De manhã, o que eu gosto, como bebidas, pelo menos uns ***sumos***, uns sumos natural...
Natural limão, por exemplo, eh... ***veludo***,
esses sumos naturais que não têm gaz.
O jantar, pegando algo como arroz não é, com ***mafé*** que lá está e nada mais, he... nada mais...
É cozinhamos rápido, de forma simples, e juntamos com outras verduras como o quiabo, que chamamos ***candja***, ***djagatu*** e mais outros...
Eu gosto muito de ***papaia***, ***mangus***.
Assistir uma tradição tanto da nossa ***tabanca*** é a mesma coisa que se faz do outro lado.
Por exemplo, danças tradicionais, como ***kussundé***, ***broska***, o próprio ***fanado***.
Mandioca e batata e podemos até ***mancara***, também contamos mancara...
Bom, eu não sou bom nos nomes dos peixes, mas eu começo por ***bagre*** não é?
As ***curbinas***...
Pis reia, hu... as ***teinhas***...
... ***Bica***, bi... bi... bica.
... raízes e folhas, por exemplo, o ***Nenê Badatch***, Nenê Badatch é um remédio tradicional não é?
Por exemplo, como é que é... os ***cabacos*** também de... de... plantas...
Hu-huh, de ***bisilon***, de... aquele ***pó de cancuram*** é que se usam também, he.., ***pó de sangue***, os cabacos de pó de sangue também é usados.
... eu usei porque fui recomenendada também aquelas de ***masite***...
Não sei, prova disto, estamos a assistir aquilo que estamos a assistir aqui na ***Tchico Té***.

Informante Mg43

... ***futi*** é o meu prato preferido.
... ***sumo*** ali, se é para ser o sumo, não é problema, mas de preferência, de manhã cedinho, apanho um copo de chá quente...

O meu prato preferido, na verdade que é o ***caldo branco***, na verdade.
O caldo branco é o meu prato preferido, um dos pratos típicos da ***Guiné***.
...depois vem ali o ***caldo de mancara***...
... vem também o ***djambó***, que é da nossa tradição...
...que é da nossa tradição, ***fléia mandinga***...
... há aquele prato que se chama ***siga***...
Hu-huh.
Caso de porco, ah... não sei como se diz, carne do ***santcho*** também, essas coisas eu evito.
...há ***djambô*** também que leva óleo, óleo de palma...
...que é da nossa tradição, fléia mandinga...
Ok. tirando a minha, que é a da ***Mandinga*** e a ***Fula***...
... eu conheço um pouco da cultura ***balanta***, ***bijagô***, e de cultura ***papel***...
...saia que se diz ***saia bidjugu***...
... eu pensava que todo homem de etnia Balanta podia usar aquele ***barrete vermelho***...
...aquela que se disse ***cabra cegu***, etc.
...a ***Guiné-Bissau*** está situado em uma zona favorecida em termos de chuva...
...mas dali que eu consegui assegurar alguns nomes, caso de ***teinha***...
...caso de ***bentana***...
...caso de ***peixe mantchado***...
...***barbinho*** e conheço também aquele peixe que se diz como?
... ***esquilão***?
É esquilão, que é muito parecido com o ***bagre***.
...***djinger*** que nós chamamos.
peixe fresco ou ***peixe fumado***...

Informante Mg54

Mandinga.
... ***la*** língua francesa
Hu-huh.
... tenho costume de tomar ***fute***...
... tenho costume de tomar fute e o ***sumo de wondjó***...
... ***caldo de mancara***...
... ***sumo de cabacera***...
...e para o ***lantche***...
... ***pix grelhado*** mais alface com sumo de caju fresco...
... para o jantar, ***caldo branco***...
...para o jantar, caldo branco e o ***sumo de tambarina***...
Para o almoço no costumo tomar um ***kussa lebi***...
... ***kussa pisadu***...
...***pon ku lite***, não, não gosto.
por exemplo, ***arus***...
... ***caldo de tchebem***...
Tem tipos tipos, por exemplo, pude fazer caldo de mancara com carne ou c***om pix modjado***...
... ***djambadon***.
... ***beafada***...
... o jogo ***cabra-cego***...
... o jogo ***sukundi-sukundi***...
... o jogo de ***toca palma***...
.. .jogo ***udju na ceu***.

... mais produzidos aqui e depois outas, ***nhambi***...
... muitos tipos de peixes como ***carapau***...
... ***djafal***, outro nome, outro peixe...
... outro peixe chamado ***teinha***...
... e por fim, ***iaiboi***...
Huh.
Temos, por exemplo, ***nené badadje***...
por exemplo, temos he... ***sintcham suló***...
... temos ***cabacos*** de árvores, por exemplo, ***bisilom***...
... cabco de ***pó-de-sangue***...
... cabacos ***essis*** todos são medicamentos tradicionais.
... para melhorar a ***situation*** podemos, o ensino secundário, primeiro plano, deve ser organizada...

Informante Mg60

Mandinga.
Hu-huh
Guiné-Bissau... Senegal.
Francis, inglês, português, ***mandinga***...
... sopa, ***cuntchur***...
… eu uso cebola, ***gosto***, sal, verduras...
... ***mango***, ***fole***, ***cucu-nete*** e também ***ananás***, ***banana***...
Eu conheço a cultura ***balanta***, ***mancanh***, mandinga e também ***bijagó***.
... ***cabra-cego*** e também dançam...
... ***dança de lubu***, eles chamaram dança de lubu...
...também ***dança de frutas banana***, pa ***nbim-pa nbai***...
Arroz, milho preto, ***milho bacil***...
...***mancara***, feijão, e também verduras.
... garopa, djafal, barbo, bagre fumado, ***bentana***, e também ***cachureta***, sim.
Kobó, ***padja de algudon***.
... ***padja de banana seco***...
...também ***padja de forroba***...
Bebida, ***sumo*** natural de limão ou ***fole***.

Informante Mg56

Nbó, obrigado pela confiança...
Eu a minha bebida preferida é o ***sumo***, sobretudo natural...
...sumo natural de ***cabaceira***...
...de limão, ***foli***...
...de limão, foli, ***mandiple***, como sabe...
...para o almoço, eu preferia um prato natural com ***caldo de chabéu***...
...sobretudo pratos naturais, ***mancara***, ***siga***...
... os temperos vêm aí, pode ser com peixe ***bagre***...
Nbó, aliás, frutas aqui da ***Guiné***...
...por exemplo, ***mango***, ***mango de faca***...
Moro em ***Cupul***, aí mango.
... o meu pai é ***mandinga***, a minha mãe é ***balanta***...
Portanto, começa-se por danças, por exemplo, de ***Kussundé***...

Os mais pequenos, dos 5, 6, 7, até 10 anos, eles são colocados dentro de um grupo. E esse grupo são chamados de ***nkpum***.
... uma outra fase, que é chamada de ***nguatch***.
... nguatch, depois para ***kfur***...
...o kfur para ***nkbebe***.
Porque como se vestem, vestem assim de mais fixe e depois disso, passam para, para ***nkuman***...
Portanto, esses são os humanos, depois vai para ***nghaiê***...
... ***blufu garande***, já está preparado para ir à circuncisão.
Quem dizem ***nbague fan***...
... portanto, ***barite vermelho***, não, isso é proibido mesmo, a colocação de quem não foi circuncisado...
...a circuncisão já você antes da fase da circuncisão, você chega e vai ao ***canta-pó***.
Canta-pó depois é que vai ao próprio ***fanado*** para demonstrar a bravura do homem...
E arroz também. Arroz, milho, feijão e ***mancara***...
... mas o peixe que eu mais conheço vulgarmente é a ***bentana***...
...depois eu conheço, por exemplo, a ***teinha***...
Portanto, as mulheres chamam sim, aliás, ***kakandjá***...
Depois conheço, por exemplo, outro peixe que é chamado de ***curbina***.
Eu conheço alguns, portanto, os medicamentos tradicionais que as nossas mães utilizavam, que eu vejo que são ***massite***, ***koroncondo***, ***buco***...
... ***kanafistra*** desde as folhas até as raízes são medicamentos que eu vejo.
Utilizei também folhas de folha de ***foli***, portanto para o tratamento de hepatite.

Informante Mj57

Eu tenho 57 anos, sexo masculino, ah... da etnia ***manjaca***, haaaaa, nascido em ***Bissau***.
... haaaa, moro em ***Copilum de Baixo***, casa número 141.
He..., ***nbó***, pratos preferidos?
O ***chabéu***, nbó, não por ser aí, rsrsrsrs, da minha etnia.
Mandioca. Nbó, pão, farinha, assim, em último lugar, quando não encontro.
Pode ser inhame, em primeiro lugar, ***manfafa***, bom, não sei, não conheço o nome científico da manfafa.
He..., na ausência de leite, ***sumos***...
Mistura de... ***cabeceira***, he..., ***veludo***...
e ***faroba***...
... ***peixe seco***, por exemplo, é mais saboroso aí com peixe seco...
... aquela outra aí ***djagatu***, portanto nome científico também, rsrsrs...
Manga, depois, nbó, aquela outra aí, silvestre e ***fole***.
... existe, por exemplo, a manifestação de uma cultura aí, por exemplo, designada de ***cakáu***...
...são exibidas aí trajes tradicionais manjacos, ***panos-de-pente***, por exemplo...
... moro com doutras etnias, por exemplo, ***mandingas***...
... moro com doutras etnias, por exemplo, mandingas, mandinga, ***beafadas***...
...tem aquela dança aí designada de ***djambadom***.
Dançamas, as mulheres dançam, e o próprio ***fanado***.
... nbó, eu gosto muito de... da ***teinha***.
Gosto também de ***bagre***...
Gosto também de bagre, bagre, ***curvina***...
por exemplo, ***barbo***...
... depois aí, conheço, por exemplo, ***kanafistra***...

... ***blungudjubá***, por exemplo...

... ***badodós***, por exemplo, he... e depois as raízes.

Informantes Mj59

... as línguas nacionais: crioulo, ***fula***, ***mandinga***, wolof, no senegal..
Nbó, no pequeno almoço eu sempre gosto de ***pon*** com ovos e leite.
Hu-huh.
No almoço, já vários tipos de comida, pode ser, ***caldo branco***, ***caldo tchebém***, ***caldo de mancara***, mas eu muito gosto de ***caldo de mancara***.
... esparguete, ***mone*** ou...
... tempo do ***vinho de palmo***, eu bebo vinho de palmo...
Kukuh! Isso é o problema não.
... ***okay***, nbó eu não sei cozinhar, isso é outro problema.
... ***gosto*** e outras coisas.
... as frutas importantes, como, como é que é? hã...toranja, não toranja está aqui, vamos, ***apple***...
...como é que é? hã...toranja, não toranja está aqui, vamos, apple, ***apple in english***... Hã... ***nka pudi dja sibi kila***...
A cultura ***manjaca*** é a dança manjaca organizada, às vezes, durante a festa de coleta, ou a festa gós, eles dizem que a cultura manjaca, cultura...
... a semana manjaca, organizada também em diferentes partes da região onde as manjacas morram, ***Djo***l, ***Pelundo*** e ***Baceral***...
Não, quando eu era muito jovem assisti várias vezes a cultura de ***Balanta***...
onde é que eles ***badjam kassundé***...
Ha-hah, é muito interessante, muito interessante, he... com... com ***nghayé***.
...às vezes sobre jogar bola, principalmente falam de bola, de bola e ***bilhas***.
... nas zonas de ***Farim***...
Tenho ***djafal***...
...djafal e ***teinha***...
... ***bagre*** e outros peixes que não conhecem o nome.
...as vezes, eu bebo ***mecinho tradicionais***..
.
Informante Mj58

Hu-huh.
Ah... os meus pratos favoritos para o pequeno almoço são: ***caldo branco***, ***siga***...
No almoço são: ***caldo de mancara***, ***caldo de chabeu***, ***djambo***...
E, então, as bebidas favoritas para o pequeno-almoço são: ***sumo***..
... o único prato que eu consigo fazer quando eu era solteiro era só ***kuntangu***, mais nada, rsrsrsrsrsrs.
... ***peixe seco*** não é?
... como camarões e ***badjigui*** não é?
... as frutas que eu já conheço e que gosto de comer são: ***mango***...
... para mim, as tradições culturais interétnicas existentes na ***Guiné-Bissau*** que conheço são: ***papeis***, ***bijagós***, ***balantas***, ***manjacos e*** outras tradições.
E os bijagós, vestem com ***saia de bijagó***...
...vestem com saia de bijagó e cabaça no peito para cobrir ***as mamas***.
E os manjacos vestem-se de ***panos-de-pente*** de uma cor, de uma corda na cintura e usam também ***contas***...
Entre elas, temos ***trinta e cinco (35)*** ...
Jogam também ***cabra-cega***, ***correr chucha***, ***malha***, ***banana***, ***dar-dar***, ***toka-palmo*** e outras.

... alimentos mais produzidos no país em tornos das atividades agrícolas são: arroz, milho, ***candja***, pepino, ***mancara***, manga, ***badjique***...
Ah. Eu conheço ***bentana***, ***cor-cor***, ***bagre***, ***teinha***, ***djafal***, ***sareia***, ***carapau***, ***peixe mantchado***, ***esquilão***, ***becuda***.
Mas os que eu conheço são: ***kanafistra***, ***nené badadje***, ***madronha*** que cura a dor de barriga, ***massite***, aquilo que chamamos de ***kulumbé***...

Informante Mj55

Hu-huh.
Manjaco.
Cantchungo.
Aqui em ***Bissau***, Canária, ***Fera cinho***...
Sim, ou ***Djoló***...
... como nós guineenses, às vezes, posso pegar batatas, ***mandiocas*** ou ***nhambes***...
Eu tomo raramente o ***pon***.
... o milho é como, e tá fácil ***pate*** sim...
Diz ***mone***, mas é uma coisa mais leve, ou ***tcheré***.
Prefiro pegar um copo de ***lite*** ou um nhame, mas arroz, não.
...tirar um parte que você vai preparar para a comida, pôr água e ***mustrar***...
...você vai ***sindir*** o fogo com aquele objeto que é ***bindi***, não sei...
Então ***dipus***, aos certos tempos, podem tirar.
Então vai ter para preparar também he... ***mudju***...
Eu gosto talvez ***papaia***, **mangos**...
... ***nbom***, he... espera só.
... conhece a cultura é ***nghaie***... é do lado do ***balanta***...
...mas a nós também temos uma atividade, estamos a falar de ***pneu-rut***, tem he... ***kakáu***, tem também ***kafak***.
... ***cada quem*** tem que escolher quem vai ser o seu ***tuteur***...
Então, aquele orientador que vai tomar a responsabilidade daquela criança vai ficar aquela jovem durante ***um mis***.
eles vão celebrar uma festa, onde vão convidar todos, ***tudu djinti***...
... espada, ou aquele ***manduku***...
Há certas zonas que cultivam ***fundo***.
...milho, um pouco de ***milho bacil***.
... o peixe temos ***tienhas***, ***becuda***, ***sinapa***, ***curbina***, ***bentana***, ***rebenta-conta***, ***peixe-areia***, ***pumba-de-mar***, ***caúdu***, ***cassapai***, ***carapau***, ***djoto***, ***peixe-prata***, ***barbinha***, ***djafal***.
... mais simples temos ***padja de papaia*** e ***pó-de-sangue*** também...
... tem que ir na mata para tirar isso e ***ferber***...
Há certas crianças, depois de ter concluído o sexta classe, na sua ***tabanca***, aquele nível superior não existe...